



*No truque:*

**Transnacionalidade e distinção entre travestis  
brasileiras.**

**Maria Cecília Patrício.**

**Recife, 2008.**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

*NO TRUQUE*: TRANSNACIONALIDADE E DISTINÇÃO ENTRE TRAVESTIS  
BRASILEIRAS.

Maria Cecília Patrício  
Orientador Prof. Phd Russel Parry Scott

Recife, Pernambuco  
Dezembro de 2008.

TESE DE DOUTORADO

*NO TRUQUE*: TRANSNACIONALIDADE E DISTINÇÃO ENTRE TRAVESTIS  
BRASILEIRAS.

Maria Cecília Patrício

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Antropologia.  
Orientador: Professor Phd. Russell Parry Scott.

Recife – Pernambuco.

Dezembro de 2008.

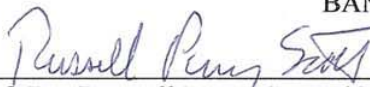
**MARIA CECÍLIA PATRÍCIO**

**No truque: Transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras**

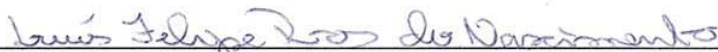
Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Antropologia.

Aprovada em: 22/12/ 2008.

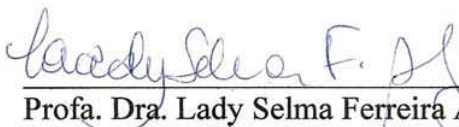
**BANCA EXAMINADORA**



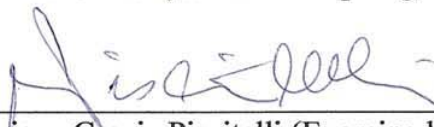
Prof. Dr. Russell Parry Scott (Orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Prof<sup>o</sup> Dr Luís Felipe Rios do Nascimento (Examinador Titular Interno)  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Profa. Dra. Lady Selma Ferreira Albernaz (Examinador Titular Interno)  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFPE



Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Gracia Piscitelli (Examinador Titular Externo - UNICAMP)



Prof Dr. Duval Magalhães Fernandes (Examinador Titular Externo - PUC/MG)

## Resumo

Este estudo tem como fundamental objetivo entender como e porque as travestis brasileiras circulam entre países, especificamente Brasil e Espanha. É uma categoria de análise para as travestis brasileiras que depois da primeira viagem à Europa, estruturada através de *habitus*, são nomeadas *européias*. Neste sentido, elas constroem uma identificação de brasileiras e travestis, com o intuito de se firmarem no mercado de trabalho, o que realmente vão realizar por lá. Para se manterem no mercado precisam ir à Europa, mas, além disso, precisam se manter no mercado europeu com distinção dentre as demais, pois, hierarquicamente se destacam mais quando alcançam maior proximidade com a cultura européia. Para se destacarem, participam de eventos e concursos que aumentam as “páginas de seu curriculum” enquanto pessoa e travesti. Assim, se mantêm distintas e reconhecidas socialmente, principalmente entre os seus familiares, deixados no Brasil, assim como seus pares. No movimento transnacional, modificam-se em termos de nomeamentos – de travestis para trans e transex – em termos de comportamentos, adotando, neste trajeto ora uma negação da nacionalidade de brasileiras, ora um reforço desta identidade nacional, mas, ao mesmo tempo, mostram toda uma ambigüidade que preservam sendo ao mesmo tempo *travestis* brasileiras e *européias*.

Palavras – chave: Travestis, Travestilidade, Brasil e Espanha, Migração internacional, Transnacionalidade, Identidade, Nacionalidade.

## Summary

The principal aim of this study is to understand how and why Brazilian travesties circulate in different countries, with special emphasis on circulation between Brazil and Spain. The study discusses transnationality using representations produced by travesties heard in Recife and in Madrid concerning their trajectory of migration in Europe. It is innovative because of its emphasis on international migrations and transvestalism in Brazil. It also innovates using *distinction* as an analytical category, structured in a specific *habitus*, in which the migrants are called *Europeans*. In this way, they construct their own identity as Brazilian and as travesties. In order to maintain their participation in local labor markets, they need to go to Europe, and, in addition, they need to establish their own distinction among others in the European market. In terms of hierarchy, they become more visible in the degree to which they come closer to European culture. To gain more visibility, they participate in events and in competitions which can contribute to their “curriculum vitae” as persons and as travesties. In this way, they obtain distinction and are socially recognized especially by their own family members in Brazil, as well as by other travesties. In the transnational movement, change is in terms of appointment - from transvestites to cross and transex - in terms of behavior, adopting in this path of being a denial of Brazilian nationality, now a strengthening of national identity, but at the same time, show an ambiguity that preserve all while being transvesties Brazilian and European.

Key-words: travesties, transvestalism, Brazil and Spain, international migrations, transnationality, identity, nationality,

## DEDICATÓRIA

Dedico esta tese a uma pessoa mais que importante em minha vida. Ele foi desde muito cedo o exemplo de persistência e relativismo que alguém pode ter. Me ensinou, através de ações simples e diárias, que posso seguir sem medo em qualquer lugar que exista, sendo preciso apenas conversar com as pessoas e ser educada com elas, como sempre fez ao adentrar nos espaços proibidos e perigosos.

Foi um migrante em sua juventude e retornado quando adulto. Aprendeu, com sua experiência no lugar do outro, a ver e calar sobre muitas situações de sua época.

Ele foi enganado inicialmente, pois, não sabia que eu tinha aprendido com suas atitudes. Desconhecia sobre o quanto eu poderia estar segura em ambientes freqüentados apenas por pessoas desejosas de sexo, de drogas e diversão noturna. Foi iludido por não ter idéia de que eu estava pesquisando junto a prostitutas, travestis e policiais. Continuou assim pelos meus truques de trocar as informações da pesquisa quando dizia que homens eram o meu alvo, homens que trabalhavam naquela avenida durante o dia e eram por mim ouvidos em suas casas com suas famílias à noite. Em uma destas noites, até ele quis me conceder entrevista para falar de seu trabalho, o que não pude negar e lancei mão de minhas dúvidas sobre seu passado enquanto migrante. Na verdade eu fazia o contrário, conversava com estes “homens” durante o dia, em suas casas e com sua *familia de convivência*, e os via trabalhar no *trottoir* à noite.

Lembro que, em uma de minhas realizações como pessoa adulta, ele, contente, disse estar pronto para sair mais uma vez daquele lugar, o que só compreendi seis meses depois.

Infelizmente não continuou vivo para ver que pude viajar, mais uma vez, para uma terra tão distante e bonita, e entender que através de seus exemplos pude acessar tantas pessoas que me poderiam ser más, como ele costumava afirmar em seus conselhos de pai.

Dedico esta tese ao meu pai Abdias Miguel Patrício, de quem sinto muitas saudades.



## AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese é, das tarefas que realizei em minha vida, a mais difícil. Mas, pior do que conceituar e interligar as informações dos interlocutores aos autores e torná-la original, é agradecer de forma satisfatória à todas as pessoas que contribuíram para seu feito. Espero que ninguém tenha ficado ignorado aqui, pois a lista é grande, nem tampouco que alguém se sinta iludido quanto a minha trajetória de estudo (isso vai para as interlocutoras), embora, de antemão, saliento que não pude acolher todas as histórias, e histórias, que ouvi.

Agradeço a Deus pelo que almejei, pelo que conquistei, e pelo que consegui construir nesse período de intensas descobertas e incertezas que se firmaram desde 2004.

Aos meus familiares: Mãe, que soube esperar meu retorno e com sua coragem e paciência se manter íntegra e segura quanto ao meu sucesso. As minhas irmãs Lúcia e Ceiza pela saudade que senti de vocês. Aos cunhados Tiquinho e Everaldo. Aos sobrinhos Netinho, Estefânia e Lilian, Felipinho e Aninha (que dizia para todos que eu estava em *Madriz*, sem saber que estava falando corretamente), amores pequeninos que alegram qualquer um ao seu redor. A Caco, meu irmão único que luta por uma vida digna.

Agradeço a Russell Parry Scott, meu orientador. Desde que cheguei em Recife, ele me aceitou como orientanda. E acreditou em um projeto cheio de lacunas que pareceu, aos seus olhos, frutífero, após um período muito difícil depois do mestrado em 2002. Me sinto grata também porque, além de Recife, ele esteve comigo acompanhando a construção e realização do campo na Espanha.

Agradeço a uma pessoa iluminada: Luiz (in memoriam) que forneceu os contatos com a Ong Gestos e o Grupo Oxumaré em Recife. Infelizmente ele não poderá ler estas considerações.

Foi naquela Ong que consegui traçar as linhas dos primeiros dados da pesquisa. Ali conheci Francine, Gleice Andrade, Ana Paula, Patrícia (in memoriam), Flávia Desirée, Denise Jordan, Morgana e Roberta Vendramini.

A Tony Lima, coordenador do Grupo Oxumaré, pelo acesso e simpatia com que me recebeu na equipe tão coesa da Gestos.

A Eder por ter me acompanhado nos lugares em Recife como Cinemix, Cine Imperador Cine Especial e Fun Fashion. Você que sempre tem respostas para tudo. Meu eterno aluno.

Ao Sr. Luiz e Marise pela recepção tão simpática e acolhedora no Cine Imperador.

As travestis e trans em Recife: Cris Falcão, Ellen Roche (juntamente com seus *filhos* Daniele, Manuel e Melissa), Elaine Bom Bom, Melissa, Paloma e seu companheiro Márcio, Monique (atualmente Ronaldo), Flávia, Sara (atualmente Thiago), Shara, Ramona, Angel, Doris, Macela, Cinthia e Aleika. Sem elas não seria possível a conclusão deste trabalho.

A Dra. Nair Cristina, pelo tempo dedicado a uma conversa cheia de dúvidas minhas sobre o processo endocrinológico no corpo de travestis.

A Adriana Piscitelli pelos contatos com as Ongs e OGs na Espanha, que me fizeram descobrir um mundo muito diferente em termos de direitos, acessos e presença de travestis brasileiras.

A Angel Espina Barrio, meu tutor em Salamanca. Pessoa imprescindível para a minha pesquisa e, principalmente para o meu movimento naquele país.

A Capes pelo apoio financeiro durante todo o curso no Brasil.

Ao Cnpq pelo apoio financeiro durante pesquisa na Espanha.

A Zênia, Catarina e Rafael por ter nos acolhido de forma especial em Salamanca. Por ter se divertido de situações tão comuns para mim: os deslocamentos geográficos. A Henrique (Caperozito Rojo), por ter me mostrado o quanto uma pessoa pode se dedicar a outra.

A Lola Martin, do Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid (PIAHTCM). Com ela mantive uma amizade que percorreu toda a minha trajetória na Espanha. Através dela conheci Paola, transexual brasileira naturalizada espanhola, que conversei por muitas vezes e entendi como o sistema de saúde e as Ongs lidam com as nomenclaturas destinadas a identidades de travestis e transexuais na Espanha.

A Érica e Roberto, casal que conquistou nossa confiança à duras penas. Eles são o exemplo de que o amor não tem sexo, gênero, idade nem depende de fronteira alguma. Gostaria de dizer que ficaria muito feliz em revê-los para colocarmos a conversa em dia e saber que deram certo em sua trajetória migratória.

A Yanca, Cris Couto e Vivian, com quem ri bastante e interliguei dados importantíssimos entre Espanha e Brasil.

A Grazy, Grazita e Lorena, que não pude conhecer pessoalmente, mas pessoalmente considero suas contribuições importantes até hoje, pois nosso campo não findou. Principalmente por ser virtual. Muito obrigada a elas.

Novamente a Aleika, por ter me indicado lugares e pessoas na Espanha, em especial por ter me apresentado a Thara Wells que, por seu intermédio, me convidou para a sua festa de aniversário em Barcelona. A apoteose de todas elas naquele país.

Aos amigos desde o Brasil Jorge Lyra (Jordi) e Luiz Mello pelas dicas, trocas

acadêmicas, e principalmente pela companhia nos momentos de diversão que mantivemos juntos.

A Joselma, Lucinha e Regina, amigas que conheci na Espanha. Pessoas riquíssimas em humor e amor para dar.

A Leonardo Cavalcanti, um amigo que não via há anos, pela recepção de forma fraterna e, como qualquer outra pessoa em Barcelona, sem tempo para muita conversa.

A Alberto da Felgt, que me indicou a pessoa e o lugar onde eu realmente fui totalmente aceita em Madrid: Lola Martin e o PIAHTCM.

A Claudia León, ativista da Transexualia e figura acolhedora que sempre me atingiu com suas extremas características femininas.

A Rebeca Rullán, presidenta da Transexualia que me recebeu com grande simpatia nas reuniões que presenciei naquela Ong.

A Martín Berenguer, advogado transexual da Felgt, que me mantém informada sobre os acontecimentos do coletivo na Espanha e no mundo.

A Lizethe, transexual colombiana, ativista da Cogam e atualmente responsável pelo coletivo de imigrantes daquela Ong. Grande batalhadora e figura chave para entender a luta pessoal e coletiva de uma trans migrante na Espanha.

A todas as participantes do Taller Cogam, trans espanholas e latinas, pesquisadores e ativistas, médicos e advogados que não fizeram alguma distinção sobre minha sexualidade ou identidade, nem tampouco nacionalidade.

A Alex, meu vizinho de andar. Grande amigo que vivia circulando pelo país como se fosse também um migrante. Pessoa que conquistou minha afeição logo na primeira semana da *Barco 13*, a quem serei grata pelo resto da vida. Pelas festas, produtos à venda e desabafos de vizinhança. Foi ele que me indicou boates e bares onde se encontravam travestis do mundo todo.

A Igor, Jay e Netto, amigos brasileiros que me apoiaram em Madrid, me fornecendo dados, pessoas e interligando informações entre o mundo das travestis brasileiras na Europa em comparação com os *chaperos*. Às conversas que tivemos, aos passeios e confidências.

A Carolina, filha de espanhol com colombiana, que como trans espanhola me mostrou como funcionava a zona de trottoir de Madrid, principalmente a Calle Castellana.

A Yuri, que conheci apenas no final da pesquisa em Madrid, mas que não media esforços em me conceder qualquer informação sobre as diferenças entre Espanha e Itália.

A Aprampt (Ana), Hetaira, e Triângulo (Iván Zaro), importantes para eu entender que através deles a pesquisa seria outra.

A Diogo e Reis, amigos apaixonados que muito nos ensinou a relativizar a situação de brasileiros fora de casa.

A Thara Wells, pela recepção em sua festa, e às inúmeras informações indicadas apenas

pelo fato de ter me concedido entrada em sua fenomenal festa de aniversário em Barcelona. Parabéns mais uma vez.

Aos alunos que ficaram aqui torcendo por mim: Sandro *Bom, Mal*, Cristina, Grasiela e Eder, mais uma vez me mantendo informada sobre as novidades na travestilidade aqui no Brasil.

As amigas que sempre me escutam, me acolhem e a quem tenho especial afeto: Fátima Paz e Fabiana Pereira. Aos seus também agradeço, em especial ao Sr. Geraldo Pereira, Dona Zaina e Gonzalo.

As amigas de curso e de turma Tânia Falcão, Elaine Müller, Márcia Longhi, Márcia Karina e Conceição Lafayette. Por elas que estiveram e estão também em momentos de fim de etapa. Por elas que, assim como eu, tiveram de fazer escolhas e por isso se retiraram do convívio de muitas pessoas amigas.

Aos meus sogros, D. Valdete e Seu Nido, Cunhados Cecinha, Ricardo, Clarissa, Betinho e Valéria, e os sobrinhos Eder, Marisa, Artur e Guilherme por terem ficado torcendo pelo nossas conquistas juntos. E, principalmente, por ter ficado contando os dias para nosso retorno ao Brasil.

A toda as pessoas que ficaram acompanhando nosso trajeto fora de casa: Valmir, Shirley, Kilzy e Wesley, Valter, Romero e Joelma, Dona Dida (in memoriam) e Betinha, Vanessa, Suellen e Maria Eduarda, Alexandre, Lu e Duda, Beto, Jaque e Milena, Paulo e Etiene. A todos eles agradeço a amizade e os momentos que compartilhamos juntos.

A Regina de Souza Leão, que soube ouvir, entender e aconselhar-me nas horas difíceis. Confesso que sinto um amor muito grande por ela.

A Míriam e Ana Maria, pelo trabalho dispendido na Secretaria do PPGA – UFPE.

A todos os professores e colegas, de corredor, do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Em especial a Roberta Campos, Luis Felipe Rios, Lady Selma, Maria Aparecida Nogueira, Renato Athias e Maria do Carmo Brandão.

As amigas Maria Eduarda Kittiner e Letícia Querette, que se mostraram fiéis e para quem agradeço as ligações e o apoio positivo.

E, finalmente, ao meu marido Eduardo Galdino da Silva que, de última hora, resolveu me acompanhar e vivenciou comigo as angústias e descobertas de um mundo novo: estranho e encantador para uma principiante, principalmente na terra dos outros. A ele que soube aprender sobre a temática, se empenhando em ficar atento e observar o que eu não podia registrar naquele momento, e depois me ajudar nas lembranças para o Diário, após noites inteiras de intensas badalações.

## SUMÁRIO

<b>1. No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras.....</b>	<b>16</b>
1.1 Apresentação.....	16
1.2 Para entender o estudo.....	16
1.3 Problematizações.....	19
1.4 Sobre números.....	19
1.5 Acessos ao outro mundo: A Europa.....	22
1.6 Sobre negações – de nome e origem.....	26
1.7 O Ato de nomear.....	27
1.8 O ato de migrar.....	28
1.9 Ser <i>brasileira</i> e <i>européia</i> .....	30
1.10 Sobre ambigüidades.....	32
1.11 O mundo das misses, empresárias e famosas.....	33
<b>2. Metodologia.....</b>	<b>40</b>
2.1 Recife: inserções (des) encontradas.....	42
2.2 Outros contatos e desencontros.....	50
2.3 Lugares: Fun Fashion.....	53
2.3.1 Cinemas eróticos.....	54
2.3.2 Cinemix.....	55
2.3.3 Cine Sex Imperador.....	56
2.3.4 MKB.....	58
2.3.5 Sex Shop Loja 7.....	59
2.4 Em Madrid: Acessos na Espanha.....	60
2.5 Etnografia multisituada.....	67

<b>3. Nomes que ousamos dizer.....</b>	<b>72</b>
3.1 Para distingüí-las.....	75
3.2 Para lê-las. Pequena revisão bibliográfica sobre travestis e travestilidade.....	75
3.3 Descobrimdo o Velho Mundo.....	88
3.4 Ampliando fronteiras: Significados dos nomes que interessam. Transexualidade....	92
3.5 Adequações de cada local.....	96
3.6 Como a Espanha pensa a América Latina.....	96
3.7 Sobre Transgênero e seu uso na Espanha.....	100
3.8 Cabe unir os nomes às pessoas? .....	104
<b>4. No Truque: Fluxos migratórios de travestis brasileiras a Espanha. Uma perspectiva transnacional.....</b>	<b>111</b>
4.1 E por falar em Brasil... Espanha: nova rota na história dos fluxos migratórios.....	115
4.2 Espanha destino.....	116
4.3 Sobre Tráfico de Seres Humanos.....	119
4.4 Por que valorizar a Espanha? .....	126
4.5 Por que migrar? .....	132
4.6 Tempo e Identificações.....	138
<b>5. Como ser <i>brasileira</i> lá e <i>européa</i> aqui.....</b>	<b>141</b>
5.1 Contextualizando o campo. Recife.....	143
5.2 Imagens de Brasil e brasileiras fora de casa.....	147
5.3 A Ambigüidade do corpo.....	158
5.4 O fazer a Europa.....	163
5.5 A cidade de Madrid: Lugar de passagem.....	169
5.6 As desvantagens da Europa.....	171
5.7 Érica e Byanca.....	173
5.7.1 Prisão ou liberdade? .....	175
5.8 Ser <i>européa</i> .....	179

<b>6. Misses, Empresárias e famosas. Fazendo da atividade uma distinção.....</b>	<b>185</b>
6.1 As famosas de Recife: Aleika, Ellen e Eline.....	186
6.2 Pânico moral acerca da prostituição.....	189
6.3 Prostituição como forma de estar na vida do outro.....	195
6.4 A famosa do Ceará.....	199
6.5 Concursos de misses: o caso do MIQ 2007.....	203
6.6 O caso do Miss Transexual Internacional.....	212
<b>7. Considerações Finais: A apoteose de Wells.....</b>	<b>226</b>
<b>8.BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>244</b>

## 9. ANEXO

### *Quadros, imagens e fotos*

Quadro 1. Grupo Oxumaré.....	p. 49
Quadro 2. Trans no Brasil.....	p. 50
Quadro 3. Trans na Espanha.....	p. 65
Imagem 1. Carteira de motorista de Cris Falcão.....	p.150
Imagens 2, 3, 4. Revista Folha do Turismo.....	p. 155
Imagens 5,6,7,8,9,10. Guia para Profesionales del turismo 2007.....	p 156
Imagem 11 Revista Antenamix 2007.....	p.199
Imagem 12 Revista RKMagazín Jun.2007, p.26.....	p.199
Imagem 13 Revista RKMagazín Jun.2007, p.28.....	p.199
Imagem 14 Outdoor de lançamento da II Parada Gay.....	p. 202
Imagem 15 Brasileiras misses no MIQ 2007.....	p. 207
Imagem 16 Reportagem Aleika Folha de Pernambuco.....	p.209
Imagem 17 Panfleto do Miss transexual Internacional Madrid 2007.....	p. 212
Imagem 18 Microfone estilizado para a festa de Thara Wells.....	p. 226
Foto 1. Érica e a pesquisadora.....	p. 167
Foto 2. Vívian em uma construção medieval.....	p. 167
Foto 3. Vivian no Salão de Beleza Marco Aldani em Madrid.....	p. 167
Foto 4. Casa dos pais de Vívian no Ceará.....	p. 176
Foto 5. Pais de Vívian em frente ao seu banner.....	p. 176
Foto 6. Aleika no Miss Transex Brasil 2002.....	p. 186
Foto 7. Ellen nas escadas da Locadora Sex Loja 7.....	p. 186

Foto 8. Eline na UTI de um dos hospitais onde trabalha em Recife.....p.	186
Foto 9. Vívian representando sua coroação.....p.	200
Foto 10. Aleika no MIQ 2007 Traje típico.....p.	206
Foto 11. Cris Couto segurando a coroa de miss.Madrid 2007.....p.	224
Foto 12. Cris Couto e a famosa saudação de miss.....p.	224
Foto 13. Imagem da festa de aniversário de Wells em Barcelona.....p.	232
Foto 14. Imagem da festa de aniversário de Wells em Barcelona.....p.	232

### **SIGLAS:**

**Trottoir:**

Prostituição realizada em zonas públicas, como ruas, becos e avenidas. Significa movimento em espaços, em que pessoas e automóveis circulam, com o intuito de fazer programas

**Pisos:**

Espaço que pode ser traduzido como apartamento. Aquí significa lugar onde várias pessoas vivem por um período curto de tempo, 21 dias por exemplo, com o objetivo de oferecerem à clientes satisfação sexual.

**Calle:**

Rua em espanhol.

**Escorte:**

**Européas:**

designação de identidade de europeias escrita e falada na Espanha.

**Brasileras:**

designação de identidade de brasileiras, da forma como as travestis se identificam, a si e as pares do Brasil, quando estão na Espanha.

**Estúdio:**

Espaço de moradia pouco maior que uma quitinete.

**Rayas:**

As linhas feitas no pó da cocaína para seu uso.

**Drogadictos:**

A forma como na Espanha se chama a pessoa usuária de substâncias que causam dependência, como cocaína, hachiche, etc.



## 1. *NO TRUQUE*: TRANSNACIONALIDADE E DISTINÇÃO ENTRE TRAVESTIS BRASILEIRAS

### 1.1. APRESENTAÇÃO

Desde o início da última década, especificamente desde o ano 2000, me questiono sobre os motivos das travestis brasileiras estarem circulando com tanta frequência em direção à Europa. Esta frequência nas viagens me deixou inquieta quando constatei, no retorno ao *campo* de estudo em Campina Grande (PATRÍCIO, 2002), que não poderia me encontrar mais com aquelas com as quais conversara alguns meses antes, para completar lacunas nas entrevistas: elas haviam ido para a Espanha. E a informante me dizia que a próxima seria ela própria, quando a colega retornasse. Aquilo me preocupou, principalmente por me impossibilitar preencher as lacunas nas entrevista acerca de um dado importante sobre a temática, mas sobretudo me intrigou sobre o porquê de tanta mobilidade. Daí parti para mais questionamentos, o que fez surgir uma nova amante da temática.

### 1.2 PARA ENTENDER O ESTUDO

O objetivo maior deste estudo é entender o movimento de travestis brasileiras que circulam entre Brasil e Europa. O destaque é a construção de identificação de travestis, enquanto travestis e brasileiras, que transitam pela Espanha.

É um estudo que inova no tocante a pensar migrações internacionais e travestilidade no Brasil. Assim como pensar a *distinção* como categoria de análise para as travestis brasileiras que, depois da primeira viagem à Europa, estruturada através do *habitus*, são nomeadas *européias*.

Para entender estas categorias, questiono inicialmente o porquê das travestis brasileiras migrarem com tanta constância para a Europa, analisando aqui a Espanha como segundo lugar para

a pesquisa de campo. Procuo entender a realidade brasileira a partir da análise da brasilidade, estando no território nacional, e investigando o Recife como microcosmo social, e Madrid, no território espanhol.

Busco saber por que as trans<sup>1</sup> circulam tanto e como vão para a Espanha, já que este país, de acordo com os dados atuais acerca de migração internacional de brasileiros, tem pouca quantidade de travestis brasileiras no grosso de migrantes que entram todos os dias em seus aeroportos e estações rodoviárias e metroviárias.

As diferentes nuances deste estudo se ligam por um fio de argumentos em que se objetiva entender por que e como travestis brasileiras buscam distinção social e reconhecimento num movimento que realizam entre nações. Promove-se a noção de que os elementos constitutivos da experiência migratória são transpostos, junto com os elementos que hierarquizam as nações, de uma forma que a brasilidade se aproveita de uma europeidade para reforçar, pelo menos quatro esferas específicas de distinção social no próprio cenário brasileiro.

A primeira esfera refere-se às próprias categorias eleitas para designar seu grupo social de pertencimento, decidindo entre a multiplicidade de nomações possíveis. A escolha entre os nomes se reporta a um reforço de valorização da brasilidade ao contrapor-se à europeidade.

A segunda esfera é relativa às barreiras que se interpõem à própria realização da viagem, em que a capacidade de encontrar jeitos, ou truques, que permitem a efetivação positiva da experiência são elementos valorizados. Ao relatar a astúcia para não cair nas armadilhas de preconceito e exclusão que se erguem nas fronteiras e no interior dos países “hóspedes”, a migrante travesti constrói um reconhecimento de sua capacidade de superar algumas limitações.

Na terceira esfera intensifica-se um processo de identidade contrastiva no qual se recorre à “duplicidade” de inserções em que, por mais que se esforce para adequar-se ao meio do destino da migração, isto se realiza por um mecanismo de reforço à identidade do país originário. Calcado num projeto de “se dar bem” diante da comunidade de origem, esta duplicidade se inverte

---

1 Em muitos momentos do texto eu mesma transito entre os termos utilizados para as travestis. Ora uso travestis, corrente na América Latina e Brasil, ora trans, referente a transex e transexual, corrente na Espanha e corrente no Brasil para as que circulam pela Europa, as *européias*.

na circulação, com o uso de novo aporte identitário (inter) nacional para distinguir-se neste meio e no Brasil.

Na quarta esfera percebe-se que o campo específico de trabalho no mercado do sexo, associado à travestilidade, mesmo que acarrete extraordinárias limitações para muitas, para outras oferece oportunidades que podem redundar na acumulação de uma diversidade de capitais (social, cultural e econômico) que promovam um reconhecimento do caminho escolhido como uma forma de aproveitar uma experiência internacional e, simultaneamente, buscar a afirmação de sua distinção, retornando à comunidade de origem para “exibir” o seu sucesso.

Dentro do ambiente da travestilidade brasileira, pode-se afirmar que conseguir o reforço internacional a uma hierarquização do campo no qual “circula”, constitui uma forma privilegiada de ganhar distinção. Mesmo diante de variações em períodos passados, em ambos os pólos dos circuitos, ocorrem estratégias de reapropriação da brasilidade como elementos que conferem distinção. Isto cria dois campos hierarquizados internamente, nos dois países. Em um campo de circulação que também se hierarquiza, tanto para as européias no Brasil, como para as brasileiras na Europa.

Em suma, para criar distinção social no movimento migratório internacional é importante resguardar a sua nominação original, contrastando-a com o local de destino; mostrar a astúcia, proveniente da experiência no local de origem, para ter acesso aos locais de destino; aderir a uma duplicidade identitária nacional, aproveitando-a da forma possível nas horas em que se faz viável; inserir-se num mercado de trabalho que permita exibir algum sucesso no próprio grupo de travestilidade, tanto nos locais de destino como no de origem.

A distinção não é ganha na negação, mesmo que assim se pareça inicialmente. E, sim, no acúmulo e no aproveitamento de situações que emergem. E, evidentemente, a distinção se perpetua através de um reforço das múltiplas hierarquizações que ela mesma constrói.

Para entender as diversas facetas da criação desta distinção, em cada assunto tratado haverá necessidade de uma série de considerações. Assim, ao longo do estudo as discussões se

complementarão de forma a apontar um desenvolvimento das representações inquietantes das travestis brasileiras, partindo das nomeações distintas para si; das viagens internacionais, realizadas ou não, ao longo do seu trajeto de vida; das identidades adotadas com as viagens para a Europa; assim como o sucesso alcançado no trabalho que realizam, mas sempre em busca de uma fama maior, principalmente não se desvincilhando do mercado do sexo no qual estão intimamente ligadas.

### **1.3 PROBLEMATIZAÇÕES**

É importante levantar alguns problemas: qual o motivo pelo qual as travestis brasileiras estão indo para a Europa? Para trabalhar? Ganhar dinheiro? Conhecer pessoas? Firmar-se no mercado do sexo? Compor ou se manter como elo da rede de tráfico internacional de seres humanos? Vão ser mulas no tráfico internacional de drogas? Vão buscar status perante os pares? Buscar reconhecimento? Buscar conhecimento?

Por que a Espanha está no trajeto das travestis brasileiras de origem nordestina, principalmente as do Recife?

Quantas travestis estão saindo para a Espanha, atualmente? É possível ter um número exato? Ou será que a circulação delas entre Brasil e Espanha é circunstancial, outros países foram envolvidos num primeiro momento, mas, por questão de segurança em relação às leis vigentes naquele país, ou por motivos outros, tentam ficar mais um pouquinho ou mesmo voltar outra vez, e levar consigo alguma amiga para compartilhar as mesmas regalias?

### **1.4 SOBRE NÚMEROS**

É difícil afirmar, neste momento, *o número exato* de travestis que saem todos os dias do Recife, de Salvador ou de São Paulo para a Espanha já que estas três saídas do Brasil são algumas das principais rotas de embarque das travestis do Recife ou mesmo se fazem trajetos circulares e chegam à Espanha por meios diversificados, seja por Madrid ou por Barcelona de avião, já que

estas duas cidades são as que mais recebem brasileiros, atualmente, na Espanha. Ou mesmo se utilizam outros trajetos, vindas de ônibus, atravessando outras fronteiras, como as da França, de Portugal, vez que entre estes países a fronteira é atravessada sem grandes dificuldades.

Desde o primeiro contato com as travestis, na condição de observadora e ouvinte, percebi que elas têm uma representação de Europa muito constante em seus discursos, seja em relação à própria vida ou à de outras, como referência. Percebe-se, assim, que travestis brasileiras saem todos os dias, em quantidade significativa, em direção à Europa. Porém, quando se está na Espanha, percebe-se que a quantidade de travestis brasileiras não é tão grande quanto está registrado aqui.

Na Espanha há travestis provenientes de uma grande variedade de países e o número de brasileiras é bem menor do que realmente se pensa. Como afirma Scott (2007: 15): *os números são menores que sua visibilidade*.

O fato de não haver registro preciso sobre o número de travestis brasileiras que vão para a Europa, especialmente para Espanha, é de natureza técnica, mas também decorre da falta de estudos sobre o tema e, conseqüentemente, de literatura especializada. Técnico, porque não há um registro aeroviário que disponha sobre a circulação de pessoas travestis entre territórios nacionais. Por outro lado, a busca bibliográfica não encontrou qualquer pesquisa que analise especificamente a saída de travestis para a Europa. Assim, não é possível afirmar ou sugerir valores quantitativos, pois, como relata Piscitelli (2005: 08)<sup>2</sup>, *“as cifras sobre os movimentos de migrantes brasileiras (mulheres e transgêneros) através das fronteiras, inseridas ou não na indústria do sexo, são altamente imprecisas”*.

Todavia, como estudiosa do tema, meus contatos com as travestis brasileiras possibilitaram realizar um levantamento acerca dos movimentos migratórios Brasil/Europa. Desde minha primeira experiência com travestis em Campina Grande (2000 a 2002), das 25 entrevistadas,

---

2 Estudo exploratório com objetivo de *apreender aspectos da dinâmica do Tráfico Internacional, das características dos agentes nele envolvidos e das motivações que conduziram essas pessoas a migrar. O campo da investigação foi realizado entre os meses de março e abril de 2005, sendo seu universo deportadas e não admitidas que chegam ao Brasil, desde Europa, pelo aeroporto de Guarulhos.* (PISCITELLI, 2005: p. 7).

10 estavam migrando para a Espanha; No Recife, dentre as 14 travestis que entrevistei para o Doutorado (2006), no momento final da pesquisa (já em 2008) 09 tinham ido para a Europa, sendo que destas, 4 estavam na Espanha no momento em que eu também estava lá, em pesquisa. Dentre as que conheci no Recife e não consegui conversar, devido à falta de tempo delas, por estarem em véspera de viagem ou recém-chegadas, em todo o período do doutoramento, entre 2004 e 2008, consegui contar 40 travestis.

Quando estive na Espanha conheci algumas travestis pernambucanas, embora não necessariamente em Madrid, nem com disponibilidade<sup>3</sup> de me conceder entrevistas consegui chegar à cifra de 9 travestis, com quem mantive contato via outras colegas, por internet, telefone, e até mesmo no aniversário de Wells<sup>4</sup>, onde ninguém queria mais do que se divertir, com razão.

Em conversa com algumas delas, já de volta ao Recife, escuto praticamente o mesmo, de todas: “Conheço mais de 10 que foram e mais ainda que vão para toda a Europa e a Espanha não escapa do trajeto”.

Através de sites de relacionamento das travestis que entrevistei, pesquisei quem, no Recife, esteve se deslocando para a Europa, nos últimos anos. Chego a contar 36 travestis no intervalo de duas horas, apenas partindo de um dos endereços na minha agenda. Estas trinta e seis fazem parte de uma rede de amizade na qual consigo interligar minhas interlocutoras. O que me leva a pressupor a vastidão da rede de contatos para os locais de estada, os pisos, os concursos que acontecem no mundo todo, as trocas de endereços, de confidências, as situações de trajetos atualmente e o acompanhamento, entre elas, do trânsito entre países, como também os serviços de segurança que uma proporciona à outra, pelo elo de amizade que mantêm, o que daria uma outra pesquisa.

Segundo informações de uma travesti pernambucana que circula internacionalmente e

---

3 Este termo pode ser entendido também como falta de tempo, marcar e não cumprir horários ou simplesmente não querer conceder entrevistas por questões pessoais.

4 Wells é uma travesti brasileira que está na Espanha há aproximadamente 6 anos. Vive em Barcelona e trabalha na Boate Bagdá, muito famosa por seus espetáculos de dança e sexo explícito com garotas e trans do mundo todo, além de estar no site [www.travestispain.com](http://www.travestispain.com). Fui convidada para seu aniversário que aconteceu no dia 30 de março de 2007, e reuniu travestis de todo o Brasil numa celebração de glamour, distinção e gosto, cuidadosamente pensados desde a entrada até o final do evento que teve como tema as comemorações de Hollywood. Mais sobre sua festa desenvolverei melhor nas Considerações Finais deste estudo.

com quem tive muita oportunidade de conversar, como se vê no último capítulo, há no Recife, em torno de 300 travestis. Destas, muitas não estão envolvidas no trânsito entre países por *n* motivos. Um deles é a idade: ou são jovens demais e não podem obter o passaporte, ou estão acima dos trinta anos e, se já não estão inseridas no elo já firmado, não podem ser européias a partir daí. Mas, boa parte tem na Europa o seu destino, desde muito cedo, em sua trajetória enquanto travesti e brasileira.

O que significa dizer que algo muito importante está acontecendo e precisa ser pensado e colocado em pesquisa, neste momento. Por isso afirmo que é inovador a rota e os motivos que levam tantas travestis a saírem de seu lugar de origem com destino a outro país. O que não significa dizer que as migrações para a Europa tenham se iniciado nesta década, mas vêm se intensificando com destino à Espanha, nos últimos dez anos, como se pode verificar no segundo capítulo, em que se demonstra que desde a década de 1970, *brasileiras* aparecem em periódicos espanhóis com destaque.

### 1.5 ACESSOS AO OUTRO MUNDO: A EUROPA.

No Recife há duas maneiras de acessar *o outro mundo*, como afirma Roberta, sobre a Europa. Uma delas é pagando *horrores* a uma cafetina por toda a documentação e preparativos para a viagem, em que a quantia paga pode incluir até o tratamento corporal, caso a jovem não tenha o corpo modificado com silicone e hormônios; vale também para os contatos na Europa, o local onde a travesti vai morar e trabalhar e ainda alguns itens importantes para sua sobrevivência por lá, como, por exemplo, um casaco. O valor cobrado oscila entre 8mil e 20 mil euros, ou dólares, dependendo muito do laço de *amizade* ela e a cafetina que pode também ser uma travesti que vai junto fazer o mesmo trabalho e, ao mesmo tempo, recolher o dinheiro das que enviou anteriormente.

Uma segunda forma de acessar a Europa é viajar com o próprio dinheiro e seguir as normas que o trajeto e o visto temporário pedem, que na época da pesquisa eram assim determinadas: a documentação<sup>5</sup> em dia, dinheiro suficiente para entrar no país e viver durante o

<sup>5</sup> Estas determinações foram importantes para entender o fluxo das travestis especificamente na época da pesquisa,

período proposto no visto de turista e hospedagem reservada com antecedência. No quarto capítulo, o assunto será tratado com mais detalhes. Neste, autores como Hall (2001, 2003), Castro (2004), Sayad (1998) e Hannerz (1997) me ajudam a pensar sobre migração, globalização, identidade e cultura neste momento de transnacionalização em que vivemos.

Autores de destaque no Brasil, como Sales (1991; 1999), Martes (1999) Assis e Sasaki (2000) e Fernandes (2007) me ajudam a pensar as migrações internacionais, as condições de brasileiros fora de casa e as questões de mercado de trabalho. Principalmente no que se refere ao mercado do sexo, Piscitelli (2004; 2005) e Laura Agustín (2000; 2005) contribuem para pensar Espanha neste contexto, em consonância com articulistas na Revista Vanguardia (2007) como Joaquín Arango, Baldwin-Edwards e Sciortino, Castillo y Villegas e Cachón.

Adiantando, neste contexto, que pensar sobre o Tráfico de Seres Humanos me é importante, pois parto de uma noção já estabelecida, nos estudos sobre migrações internacionais que envolvem o mercado do sexo (PISCITELLI: 2004; 2005). Desta maneira, penso poder desconstruir a trajetória estigmatizada na qual as travestis brasileiras estão inseridas. Em discordância do conceito de tráfico, já pré-estabelecido, disserto sobre as formas como elas circulam, se configurando num complexo de truques acionados para driblar as regularidades estabelecidas para circular entre países, o que muitas vezes exclui sua condição de poder estar em movimento, principalmente quando este movimento é maior do que o estabelecido no visto de turista em sua documentação, na hora do embarque à Europa. Neste sentido, Wacquant (2000; 2002) e Scheper-Hughes (2001 a; 2001b) entram na discussão como contrapontos da teoria segundo a qual partes dos corpos, além do

---

entre 2006 e 2007. São elas: Passaporte, Seguro Viagem/Saúde. Se possível, uma Carta de Invitación. A carta de invitación é uma carta convite feita através da Polícia de Imigração, e não mais através de um notário (pois assim todo mundo conseguia a carta, como boa parte das interlocutoras, anteriormente). Um exemplo pode ser dado, no caso de uma pessoa que mantém um relacionamento amoroso com espanhol: ela envia do Brasil uma declaração, provando que mantém uma relação amorosa com o espanhol, juntamente com sua cópia do passaporte e algumas fotos do casal, como também o endereço no Brasil, tudo reconhecido em cartório (as fotos também). Com isso consegue provar que o conhece e que realmente tem uma relação com ele. Depois disso, seu namorado espanhol entrega tudo na Delegacia de Imigração e espera 3 dias para receber a resposta de que ela está apta a entrar na Espanha com a carta de invitación. A carta é simples, cita apenas os nomes dos envolvidos e os dias que você pode ficar no país, na responsabilidade de quem está convidando para entrar lá. Mas, tudo registrado na Polícia espanhola. Não era assim quando Bianca entrou, pois a tal Carta era apenas um documento escrito a mão em que constavam apenas os dados de quem convida e de quem é convidado. E não precisava passar por escalas de poder maior de Imigração. Ou seja, uma carta convite comum, até mesmo escrita a mão, enviada ao Brasil antes da pessoa embarcar.



corpo por inteiro, são objetos de consumo do *outro* no mercado.

Há várias respostas para a pergunta sobre o motivo de estarem as travestis viajando para o exterior. O importante é o argumento de que estar circulando entre o Brasil e a Espanha, para as travestis brasileiras, mesmo partindo do Recife ou de outro estado brasileiro, contribui para estabelecer uma identidade, para elas, de travestis e brasileiras.

Travestis, por causa da geografia da qual fazem parte – Brasil e América Latina – e isso discuto no terceiro capítulo, no qual destaco o nomeamento e a performatividade, segundo alguns teóricos *Queer*, principalmente Butler (1997; 2003 2004; 2007) e estudiosos espanhóis, como fatores que moldam a travesti brasileira como tal, em parcial discordância ao termo usado na Espanha, *transsexuales*, para designar todas. Com isto, destaco que a Espanha evidencia a construção de uma nação democrática, principalmente na ligação identidade e espanholidade, em que a idéia é o estabelecimento de histórias “próprias” do lugar e “nenhuma” imposição de fora.

Mas, para entender melhor o que é ser brasileira e travesti, divido a discussão em mais uma parte. Em outro capítulo, o quinto, intitulado “Como ser *brasileira* lá e *européa* aqui”, discuto as identidades de nação e o que compromete o ser brasileira estando na Espanha, e, ao mesmo tempo estando no Brasil, retornada, tendo se tornado *européa*.

Neste capítulo, utilizo informações de alguns autores que dão destaque à cidade do Recife como microcosmo social para se pensar a realidade local como formadora de uma brasilidade enquanto identificação explicitada por algumas travestis na Espanha. O que se configura em *habitus* enquanto definidora da *relação com a posição ocupada e (...) das tomadas de posição práticas sobre o mundo social* (BOURDIEU, 2007: 411). Daí parto para dissertar sobre as características que os brasileiros destacam ao sair de casa, como são vistos, enquanto figuras feminina e/ou masculina, e como se vêem lá fora pensando, construindo e afirmando sua identidade enquanto brasileiras. Retomo alguns autores já trabalhados em capítulos anteriores, principalmente na revisão bibliográfica temática realizada no primeiro capítulo.

Como se trata de um estudo de travestis brasileiras, destaco, partindo dos relatos e

materiais veiculados pela imprensa brasileira e espanhola acerca de propagandas de travestis brasileiras em periódicos e internet, como a ambigüidade aparece forte na caracterização delas enquanto brasileiras e travestis. E a discussão acerca das corporalidades contribui para pensar melhor a questão de manutenção desta ambigüidade presente até mesmo nas representações que destacam para si no território europeu. Em consonância a isto, utilizo o contraponto do discurso médico, endocrinológico, através de entrevistas analisadas em Recife, para destacar o conhecimento das travestis e a manutenção de seus corpos e sua funcionalidade feminina/masculina. Concluo destacando como ser brasileira lá é diferente de ser brasileira aqui.

Logo após a discussão acerca de brasilidade, adentro nas vantagens e desvantagens que a Europa proporciona a elas. Primeiro, mostro como a Espanha aparece no cenário europeu, com as vantagens de um lugar que dispõe de inúmeros apoios em termos de acolhidas, ajudas do governo, de ongs e de instituições religiosas e de caridade. Mas, destaco como as travestis brasileiras buscam os lugares-comuns, como toda turista na Europa, principalmente quando estão de “folga” do trabalho.

As desvantagens da Espanha só aparecem, para algumas, com a conotação de não ter dado certo sua história migratória, e, para outras, pelo fato de não terem podido viajar para a Europa.

Seguindo o mesmo argumento, analiso uma conversa que Érica travou com Byanca em um bar em Madrid, com o intuito de dissertar sobre as trajetórias diferentes que duas travestis brasileiras vivenciaram, seja para chegar a Espanha, ou mesmo para lá viver. Nesta parte, relembro um pouco o segundo capítulo, no qual discuto Tráfico de Seres Humanos, por exemplo. Afirmo, neste ponto, sobre liberdade e aprisionamento como formas interligadas de se falar da mesma história, mas também como visões diferenciadas de um mesmo ângulo de análise, o trabalho em pisos e o trottoir em Madrid.

Para findar este capítulo, discuto o que é ser européia, enquanto identidade adquirida pelas travestis através das viagens que realizam à Europa, viagens estas que são produtos de *habitus*

adquirido, mesmo antes delas saberem se vão ou não a este continente. Viagens que proporcionam linguagens novas para elas, claras quando retornam ao Brasil. Linguagens estas veiculadas através da fala, da performance, dos gestos do corpo, do comportamento e dos artefatos novos que as distinguem das demais que não acessaram a Europa, ainda.

No sexto capítulo, destaco como é importante discutir o mercado do sexo, ainda mais quando se trata de travestis, e brasileiras. Neste ponto, o destaque, além da prostituição, são as outras atividades das interlocutoras, alcançadas segundo participações em outras esferas que dão fama às travestis, como concursos de misses, concursos públicos e qualificações adquiridas ao longo de uma batalha constante contra o preconceito. Destaco como elas, em outras atividades que realizam, conseguem adquirir distinção e gosto pelo reconhecimento do empenho e dedicação no aprendizado em outra esfera que não seja o mercado do sexo. Com isso, os troféus, as fotografias e os títulos obtidos nos concursos reforçam nelas a nova identidade de *européas*.

Antes de proceder à apresentação mais detalhada dos dados da investigação, darei um destaque aos conceitos e argumentos que norteiam este trabalho, assunto por assunto. O que contribui para entender melhor a representação das travestis brasileiras sobre si e seu trajeto entre países.

## **1.6 SOBRE NEGAÇÕES – DE NOME E ORIGEM**

Uma primeira frente de argumento é a negação do nome de apresentação de gênero, da origem e da atividade que vão realizar na Espanha, como defesa de si mesma enquanto pessoa que circula irregularmente e que sofre com a discriminação e por isso busca inclusão social a partir de mudanças de comportamento desde o momento em que decide migrar.

Aqui o argumento vai em direção a não confirmar que as travestis brasileiras podem ser chamadas enquanto travestis em todos os lugares onde vão, pois, se estão na Espanha e intentam viver naquela realidade como cidadã, seja participando do que a Espanha oferece de direitos para estrangeiros, ou mesmo usufruindo do que o país oferece para as pessoas que com o tempo

adquirem nacionalidade, como é o caso de Paola (ver Anexo A), podem não mais serem nomeadas travestis e sim transexuais, o que discuto no capítulo segundo. Desta maneira, as travestis acabam por *negar* sua origem, para abarcar uma nova cultura de nome e de costumes. Procuram uma inserção em outra identidade diferente da que foi originalmente aculturada.

Paola está em processo de mudança de nome e sexo em seu Registro Civil na Espanha, e luta por perder até o sotaque de brasileira, nordestina e paraibana. Há dez anos não vem ao Brasil. Em seu documento constará ter nascido aqui, mas, conforme seu discurso não lhe interessa mais aqueles traços e características de brasilidade detectadas em qualquer brasileira, seja pela linguagem, pela cor da pele ou mesmo por outras características aparentes ou indicadas por alguma pessoa que tenha uma imagem de Brasil, ao se deparar conosco nas ruas da Espanha, como as que destaco no quarto capítulo. Paola agora é uma cidadã que já não deseja mais ser notada como brasileira.

### 1.7 O ATO DE NOMEAR<sup>6</sup>

O estabelecimento da nomeação de si, com a ida à Espanha, constrói, nas interlocutoras, uma visão de si mesmas, tanto quanto uma mudança no comportamento, que as diferenciam das que não podem ou não conseguem viajar para aquele continente. Ser travesti, transgênero, transexual, transex ou outra denominação identitária, é marcada através da trajetória de migrantes em que elas se tornam. Desta forma, em cada país em que circulam são denominadas de maneira diferente, sendo a Espanha responsável por lhes imprimir a nomeação de transexuais, mesmo para as que não irão realizar a cirurgia de reassignação de sexo.

Para a escolha da escrita sob este ponto de vista, os nomes, parto da assertiva de Bourdieu e interpreto que as travestis, enquanto pessoas que se afirmam enquanto feminino *performativamente* (BUTLER, 1997), são objeto potencial de categorização, principalmente pela

---

6 Pensando a teoria *queer* (BUTLER, 1997; 2003; 2004; 2007. PRECIADO, 2001; 2003, 2005; WITTIG, 1978; 1987;) e alguns autores destaque que trabalham especificamente com travestilidade no Brasil, como SILVA (1993; 1996; 2007a), OLIVEIRA (1994), BENEDETTI (2000; 2006), PELÚCIO (2004, 2006, 2007), LOPES (2000; 2002), FIGUEIREDO (2008), SILVA (2007b), dentre outros destacados no capítulo.

afirmação de seu gênero travesti enquanto marcado pela *ambigüidade* (SILVA, 1993; 2007a). Continuo acreditando que elas são cientes (PATRÍCIO, 2002) da dupla interpretação de sua sexualidade e identidade, tanto pela intensa *re(construção)* corporal (PELÚCIO, 2006; 2007), como pelas mudanças que podem ocorrer na orientação sexual e comportamento, o que contribui para que sofram estigmas:

A lógica do estigma lembra que a identidade social é o pretexto de uma luta em que a réplica do indivíduo ou grupo estigmatizado e, de forma mais geral, de qualquer sujeito social, enquanto é um objeto potencial de categorização, à percepção parcial que o confina em uma de suas propriedades é possível apenas ao enfatizar, para se definir, a melhor de suas propriedades e, de forma mais geral, ao lutar para impor o sistema de classificação dominante o conteúdo mais adequado para valorizar o que ele tem e é. (BOURDIEU, 2007: 441)

Desta forma, mesmo com as tentativas de mudar sua denominação ao falar sobre elas, o que consigo apenas com algumas, prefiro continuar utilizando as palavras travesti e trans<sup>7</sup> para me referir às interlocutoras. O motivo é a sua não identificação com o termo *transgênero* (advindo de estudos estadunidenses) nem, contextualmente, com *transexuales* (como defendido atualmente na Espanha). Como também a tentativa de evitar outros estigmas, além dos que já sofrem.

## 1.8 O ATO DE MIGRAR

Em boa parte desta tese o enfoque é a migração internacional. No quarto capítulo, ressalto que a importância deste estudo é verificar que as interlocutoras, além de sua condição identitária vinculada à noção de gênero, construída na performatividade (BUTLER, 1997), estão numa condição de trabalhadoras, a maioria no mercado do sexo, e além disso de migrantes<sup>8</sup>, o que agrava a situação de discriminação que sofrem por serem travestis e profissionais do sexo, seja no Brasil ou na Espanha, onde as trans possuem relativamente poucas oportunidades.

No capítulo, destaco como a viagem para a Espanha é importante para a identificação

<sup>7</sup> Trans servirá como sinônimo de travesti, pois é a forma como elas gostam de ser chamadas em substituição àquela palavra.

<sup>8</sup> Emigrantes quando se pensa em Brasil e imigrantes quando trato de Espanha (SAYAD, 1998).

das travestis brasileiras. É também feita uma abordagem que dá conta dos fluxos migratórios das interlocutoras ouvidas no Brasil e em Madrid, como também das vantagens e desvantagens em estar circulando entre países.

*No truque*, uma verbalidade comum entre as interlocutoras, está retratada uma realidade constante em sua vida, por se tratar de uma artimanha que usam para conseguir alguma coisa que lhes é negada regularmente.

No dicionário encontro um significado que me deixa intrigada: “Truque” significa também “*um mecanismo empregado nos teatros para fazer mover certos cenários*” (Michaelis, 1998: 2133). O que pode levar ao entendimento também das mobilidades que assumem em territórios transnacionais, como sua circulação entre Brasil e Europa.

Daí, posso extrapolar o entendimento para considerar o “truque” como o que faz mover o cenário de suas vidas, os lugares em que vivem e circulam, mesmo em situação irregular. É através do “truque” que conseguem permanecer na Europa por tempo suficiente para que consigam distinção e adquiram status (BOURDIEU, 1988; 2007). Para poder voltar ao Brasil, de mala cheia, e retornar ao primeiro mundo com mais fluidez.

Neste sentido, o termo “truque” como forma de explicar a construção de identificações de travestis em constante fluxo com os espaços em que circulam, é por mim utilizado também no sentido de pensar este dispositivo como a *malandragem* teorizada por Da Matta (1985; 1989) para explicar o *jeitinho brasileiro*, que serve para entrar e sair de situações e lugares que de outra maneira o sujeito não poderia resolver ou freqüentar, por sua condição social, e principalmente econômica.

Isto não significa que as travestis são apontadas como marginais. Mas, penso-as como utilizando de “truques”<sup>9</sup> pela falta de acesso à sociedade do conhecimento, do trabalho e de acessos internacionais, principalmente por serem travestis, e, em outro momento, brasileiras, na Espanha.

Desta forma, uma segunda frente de argumento é o que diz respeito a um reforço de

---

9 Quando penso nesta palavra me vem a lembrança dos truques de mágicos que encantam crianças nos circos e escolas de minha infância. Truques estes que são apenas situações de condução da verdade, num simulacro (BAUDRILLARD, 1970; 1976) da realidade ali disposta.

brasilidade, uma maneira das travestis se destacarem no mercado europeu e também um modelo de ser feminino e de ser masculino que está firmado como diferente dos que se encontram no exterior. Pois, assim sendo, se destaca um modelo de país de clima quente e pessoas receptivas. *Brasileiríssima*, como afirma e confirma Cris Falcão. Brasilidade esta que favorece e diferencia as travestis quando estão em solo europeu, o que é tratado na discussão do quinto capítulo.

### **1.9 SER BRASILEIRA E EUROPEIA**

É importante discutir a identificação por ser esta uma das perspectivas que costuram a trajetória de legitimação da identidade de brasileira, no movimento entre nações. Em especial na Espanha, ser brasileira mesmo se sabendo da América Latina, se configura como uma identificação diferenciada, pois a referência dos espanhóis sobre esta parte do continente tem a ver com as características impressas pela colonização espanhola, o que se diferencia da nossa cultura, marcada muito mais por diversas outras influências – Portugal, Inglaterra, Holanda, França, Alemanha, África e Estados Unidos da América – e que ainda seguimos como modelo, variando apenas quanto à região de quem migra.

Nesta parte, me questiono sobre o que significa Espanha no contexto das migrações internacionais e como nova rota de brasileiros migrantes. Do mesmo modo, como um dos destinos importantes em relação ao novo fluxo de migração, que está na trajetória da construção da travesti enquanto ser humano, profissional e habitante de um mundo que reconhece muito bem quem se dá bem na vida. Procuro verificar o que a Espanha tem de particular para atrair este coletivo em específico, além do acesso à tecnologia para cuidados com o corpo e a saúde de cada uma delas, as condições propícias de vida e o lugar em que a Espanha está inserida, como cenário de migração, na atualidade.

Vale abrir um parênteses, quando falo de Europa e destaco a Espanha: este país não está necessariamente incluído na experiência de todas as interlocutoras, principalmente as que foram ouvidas no Recife. Mas, as mais destacadas travestis têm experiência em quase todos os países

reconhecidos da Europa, como Suíça, Espanha, Portugal, França e principalmente Itália<sup>10</sup>. Ou seja, foram elas que me fizeram ver a Espanha como um país bom para a travestilidade de brasileiras e que moldaram o argumento do projeto de doutorado, o que me fez viajar àquele país.

Nesta discussão continuo destacando a perspectiva de Da Matta (1985; 1989) em alusão a noção de *jeitinho brasileiro*, quando tento visualizar os “truques” como as maneiras e disposições para circularem por países, muitas vezes, ou pelo menos na primeira vez em que se migra, de forma irregular. Disposições que se configuram como *habitus* para a viagem e a manutenção do tráfego de outras trans.

No título do capítulo (*Como ser Brasileira lá e Européia aqui*), utilizo a verbalização delas mesmas, diferente do que a língua espanhola destaca sobre como deveríamos falar sobre nossa nacionalidade ao estar na Espanha – brasileiras – e sobre a nacionalidade delas aqui no Brasil, utilizando o termo correto – européias.

Isso contribui para entender a construção de nacionalidade, a forma como as travestis verbalizam o fato de serem brasileiras, seja as do Brasil ou as da América Latina, e européia na Espanha. A discussão é sobre as vantagens em se identificar como européia, destacando aspectos da cultura e do comportamento decorrente da experiência vivida naquele país, como também as maneiras de se conseguir acesso à cultura da Europa, permanecendo pelo menos 3<sup>11</sup> meses naquele continente.

A marca de gênero e raça é destaque na presença das interlocutoras na Espanha, quando se pensa que travestis brasileiras possuem uma característica distinta de outros grupos de migrantes, como também entre as demais travestis do mundo que se encontram na Espanha tentando fazer a vida. São pessoas que praticam a prostituição, e em sua propaganda afirmam ter um membro viril,

---

10 Países como Alemanha e Inglaterra pouco entram na representação delas enquanto travestis brasileiras que buscam a Europa para circular e trabalhar. Atualmente um nova rota se inicia: Brasil – Dinamarca.

11 O número 3 dá mais ênfase à frase do que o nome três, pois quando se trata de informar que o período mínimo que elas passam na Europa só pode ser este, se pensa que, em relação a trabalho, é impossível delimitar tão pouco tempo para realizar uma atividade tão complexa, como a prostituição, que requer tanta dedicação, principalmente em outros países, e que depende de arranjos e redes de contato e contrato. Apenas as que já foram algumas vezes, como Aleika, conseguem trabalhar tão pouco tempo e ganhar o suficiente para retornar ao Brasil neste período. O mais importante a destacar aqui é o fato de não ser a primeira viagem que realizam, em que geralmente se fica mais tempo que o determinado para o visto de turista preconizado pela relação entre países.



de maior tamanho que a média. O que remonta muito bem a uma característica de país que sofreu influências africanas e têm no atributo virilidade e tamanho do membro genital a marca de ser mestiço. O que denota muito bem a ambigüidade presente no imaginário do ser travesti.

### 1.10 SOBRE AMBIGÜIDADES

Uma terceira frente de argumento que me faz entender as travestis brasileiras em sua circulação entre países, é que elas aproveitam a travestilidade na sua acepção mais crua da palavra, em sua etimologia mais inicial e põem em destaque a ambigüidade. Salientando que estão cientes desta situação.

Desta maneira, as travestis circulam mais pelas categorias de feminilidade e masculinidade, de feminino e de masculino, do que se estabelecem em uma delas, reelaborando dicotomias, ao juntá-las em um mesmo corpo, o corpo delas, que possui o que a maioria das pessoas, como a própria Mejía (2006) se auto intitula andrógina. E um fator é destaque para isso, lá fora: a propaganda que fazem de seu membro sexual viril.

No capítulo em que discuto a brasilidade e europeidade, os dois últimos argumentos se entrelaçam no ideal de ser brasileira mulher e homem ao mesmo tempo, pois ambos destacam na figura da travesti o ideal de completude, beleza. A brasilidade e a ambigüidade.

Silva (1996; 2007a) opõe o real ao truque, forma pela qual a travesti do Rio de Janeiro, lugar de sua análise, constrói sua identidade, transformando *a rocha*, do modelo masculino, *em verdadeiro bolo de noiva* (1996: 35) do modelo *melindroso* feminino. Este estudioso (1993; 1996; 2007) já no começo da década de 1990 detectou que “*o tema, travestis que se prostituem nas ruas do Rio de Janeiro* (Lapa), *está crivado de ambigüidades. E como tudo que é ambíguo, torna-se objeto de tabu, preconceitos, atitudes de evitação*” (1996: 10), o que gera intolerância.

Patrício (2002), em pesquisa em Campina Grande encontrou nestas ambigüidades uma forma de representar a cultura em que estão inseridas e que constroem para si uma identidade em profunda relação com o espaço e o gênero na confluência de caracteres adotados ao longo da

experiência de vida.

### 1.11 O MUNDO DAS MISSES, EMPRESÁRIAS E FAMOSAS

As travestis vão à Europa para trabalhar. E, como não poderia faltar na análise, o trabalho que realizam, para sustentar a si e aos seus, vinculado ao mercado do sexo na maioria dos casos analisados, é o tema da sexta parte deste estudo.

Nela, remonto ao objetivo de analisar a valorização dos espaços de trabalho na Espanha e no Brasil, assim como as realidades vividas na Espanha sobre a prostituição de travestis brasileiras, para dar destaque a esta parte da tese como importante na busca de reconhecimento e distinção (BOURDIEU, 1988; 2007) das interlocutoras que vão à Europa.

Bourdieu (1989a) me ajuda a pensar como as trans existem pelo reconhecimento dos outros, pelo que elas acumulam de capital cultural e econômico, através do trabalho que realizam e de concursos que representam a beleza trans, no Brasil e no mundo. Concordo com o autor, quando ele afirma que *“existir não é somente ser diferente, mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença”*. (129).

Assim como, com estas conquistas, e pelo fato destas interlocutoras terem alcançado a identidade de *européas*, se estabelece nelas um poder simbólico (Bourdieu. 1989a), *capaz de constituir o dado pela enunciação* [quando se estabelece a identificação delas pela palavra *européa*], *de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo, e, deste modo, a ação sobre o mundo* (BOURDIEU, 1989: 14).

A teoria desenvolvida por Bourdieu me serve quando penso que as travestis, em seu movimento entre nações e principalmente quando elas falam sobre este assunto, mesmo as que não tiveram, ainda, oportunidade de viajar, representam-se em um conjunto de disposições estruturadas e estruturantes que moldam seu mundo e a busca de reconhecimento de si enquanto travestis e seres humanos.

Uma outra faceta deste estudo vem na discussão do mercado cada vez mais aberto para as trans em concursos de beleza do mundo todo. Através da participação nestes eventos, seu prestígio aumenta perante os familiares em suas cidades, como é o caso de Aleika e Vívian, e perante outras pessoas, que passam a reconhecer sua importância, principalmente por causa da visibilidade que os títulos conferem. O que está de acordo com Bourdieu, quando ele afirma que “*a realidade é em primeiro lugar representação e depende tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento*” (1989b: 108) que as pessoas obtém em seus mundos.

É um ponto que discute também como outras profissões – enfermeira, sócia de locadoras eróticas e sex-shop – são possíveis de serem exercidas por brasileiras que se destacam perante o coletivo de travestis, dedicadas prioritariamente ao mercado do sexo.

Reconhecimento é o ato ou efeito de reconhecer, de declarar um fato, de recompensar e/ou retribuir<sup>12</sup>. Só se pode ser reconhecido por algo realizado, seja a voz, o corpo, as atitudes, os investimentos ou alguma coisa que caracterize a pessoa.

Ser reconhecido quer dizer ser identificado, admitido, considerado e, mais que isso, aceito por uma determinada coletividade. Esta coletividade pode ser o núcleo família e os pares, também travestis. Ser travesti é participar de uma coletividade, ou *comunidade transgenérica* (NIETO, 1998), por suas características em comum.

E como o estudo da travestilidade é recente na sociedade contemporânea, as demandas por reconhecimento também o são, o que caracteriza uma era, segundo Fraser e Honneth (2003). Para exemplificar este trecho, Mattos (2006) em estudo sobre Fraser aponta:

O que caracteriza esse processo, como o mesmo nome já diz, é uma nova configuração da ordem mundial globalizada e multicultural, na qual as lutas por redistribuição são paulatinamente substituídas por reconhecimento, ou seja, os conflitos de classe são tendencialmente suplantados por conflitos de status social, advindos da dominação cultural. (Mattos. 2006: 144)

Entendo a discussão de status como importante, e isso fica perceptível na análise das

---

12 Dicionário Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

falas em blocos quando mostram que as trans adquirem, com as viagens, maior poder de acessar bens para si e para sua família, quando começam a investir no seu corpo, modificando-o cada vez mais e também *ajudando* outras pessoas que podem, ou não, serem seus consagüíneos.

O status social que elas adquirem com a viagem para a Europa está intimamente vinculado ao fato de poderem enriquecer, segundo a visão dos outros, o que gera conflito frente a outras travestis que não puderam fazer o mesmo e não comungam com o novo status, o novo comportamento, encontrado nas falas das que foram ou estão circulando por aquele continente<sup>13</sup>.

Entendo que não são classes que estão em conflito, mas pessoas que possuem uma marca de classe (BOURDIEU, 1988) e lutam por conquistar um status de classe diferenciado do que a situação no Brasil as obriga a pertencer. É através do status, enquanto padrão de cultura, que se inicia a busca por reconhecimento, pois as travestis, não podendo ascender socialmente em termos de classe social, utilizam padrões de status para tentar melhorar a cada dia sua condição financeira, que as colocam automaticamente em outra classe.

Elas são conhecidas, na maioria dos estudos sociológicos e antropológicos, como integrantes de classes populares. Assim, diferenciadas do pesquisador. Acredito que esta situação ocorra principalmente por não poderem participar do mundo da escola e do trabalho, da vida social, com igual oportunidade que as demais pessoas ao seu redor, mesmo as mais pobres<sup>14</sup>. Essas pessoas podem ser de sua própria família de origem, que muitas vezes as excluem das oportunidades de reconhecimento. Neste sentido, é importante pensar trabalho ligado a capital cultural, pois, segundo Bourdieu, cada profissão pressupõe um capital diferente:

la profesión depende de la titulación, sino también porque el capital cultural que se piensa que garantiza la titulación depende de la profesión ejercida, que puede suponer el mantenimiento o el aumento del capital adquirido en la familia y/o en la escuela o por el

13 Sobre isso, ver melhor o capítulo *Como ser brasileira lá e européia aqui*, quando trato das vantagens e desvantagens em ir para a Europa, o que dá a elas novas identidades perante as demais, como também as diferenças no discurso e comportamentos adquiridos com as viagens. O que cria uma discrepância entre o falar e o vivenciar a Europa.

14 Uma criança pobre, um jovem pobre, com necessidades especiais de locomoção e disfunções orgânicas pode ter acesso à escola e ao trabalho. O sistema de cotas nos concursos públicos e em empresas admite pessoas com capacidades diferenciadas, consideradas deficientes ou descapacitados. Mas, as travestis, sem nenhuma incapacidade ou doença adquirida sofrem por sua condição de gênero, são objeto de zombarias, quando jovens, pelos colegas de escola e não são empregadas por firmas que não estão preparadas para entender a sua condição.

contrario la disminución de este capital. (...) A este efecto de la situación profesional se añade el efecto del medio profesional, es decir, el refuerzo ejercido sobre las disposiciones y, en particular, sobre las disposiciones culturales por un grupo homogéneo en la mayor parte de las relaciones que lo definen (1988: 102).

Então, é importante entender trabalho unido à formação que as interlocutoras têm ao longo da vida. Uma formação que, por falta de acolhimento da família de origem e de outra instituição importante para o aprendizado de uma profissão, a escola, determina que a profissão que se pode exercer é a prostituição. O acesso delas à escola, por todo um dispositivo que as discrimina pelo comportamento e pela aparência, muitas vezes ambígua, ou *andrógina* (MEJÍA, 2006), limita o acesso a outras possibilidades de profissionalização, principalmente quando estão com pouca idade e precisam se manter para sobreviver. Daí a família de convivência (PATRÍCIO, 2002) surge como abrigo e construtora de uma travestilidade reforçada no habitus do mercado do sexo.

Fraser acredita que a “*injustiça econômica está ligada a injustiça cultural*” (MATTOS, 2006: 146) e vice-versa. E isto fica bem claro no trabalho exaustivo das travestis fora do país. O que muitas vezes ocorre em situações de vulnerabilidade em que se encontram, mesmo estando em suas cidades, trabalhando no mercado do sexo, em que a exploração e a marginalização do trabalho, assim como a privação de determinados direitos – o frequentar escola, por exemplo – se estabelece como regra para determinadas inserções no mercado de trabalho.

Elas sofrem de injustiça cultural pelo estigma do trabalho que realizam, trabalho de *putas*, o que faz com que muitas se sintam discriminadas não apenas pela atividade que exercem, mas pela forma como são visivelmente reconhecidas e retratadas, digamos, destratadas. Porque não são garotos de programa, nem outra atividade que seja reconhecida como masculina, mas também não necessariamente conseguem assumir uma atividade considerada feminina que não seja a mais discriminada de todas, a prostituição. Embora haja casos significativos que provam a mudança em termos de acesso ao reconhecimento e mobilidade social.

Por isso muitas delas rechaçam o termo travesti, que para muitos significa *puta de rua marginalizada* (grifo meu). Desta forma, além de injustiça cultural, as travestis sofrem de injustiça

econômica, por se diferenciarem de garotos de programa, masculinizados, e de mulheres profissionais do sexo, feminilizadas, o que gera uma marca de preconceito e violência de gênero. Falar de injustiça cultural e econômica significa pensar também em princípios de diferença vinculado à consideração das interlocutoras como migrantes e profissionais do sexo. Por serem diferentes, embora com similaridades fortes com o masculino e o feminino, levam desvantagens pela ambigüidade no gênero, representada pelo comportamento em relação ao corpo. Por serem diferentes de outros migrantes na Espanha, não conseguem representação nos coletivos e no acesso a leis daquele país, o que os faz sofrer por não conseguirem outro trabalho que não seja nas ruas e nos pisos.

Pensar reconhecimento enquanto categoria para entender as travestis brasileiras e o movimento entre nações não exclui a abordagem desta categoria segundo outros autores. Concordo com Mattos (2006) ao colocar frente a frente Honneth e Fraser. Este primeiro autor, analisando Hegel, afirma que o reconhecimento deve ser também intersubjetivo, enquanto “*condição para o desenvolvimento de uma identidade positiva necessária para a participação na esfera pública*”. Ou seja, ligado à auto-realização individual.

Neste sentido, as travestis, intersubjetivamente, reconhecem-se enquanto pessoas que quebram com categorias determinadas de gênero, mas isso não exclui o processo de interação com seus pares, seus iguais e envolvidos na cadeia de redes de relacionamento que sustentam seu modo de vida, seja no trabalho fora do país ou mesmo aqui, quando lutam pela sobrevivência.

Esse processo de interação é quase que uma obrigatoriedade para que consigam se manter circulando entre países, bem como no seu próprio país, o que define o reconhecimento da pessoa trans. Quem não acessa os meios desta interação, as pessoas que interligam as redes, não consegue estar em evidência, seja na Espanha, seja em casas de shows no Brasil, na mídia, em concursos ou mesmo na rua fazendo trottoir. Esse reconhecimento intersubjetivo, analisado por Honneth (2003) (segundo Sociologia e Psicologia moral) pode se encaixar no desenvolvimento da identidade travesti, mas não é excludente da categoria de reconhecimento analisada por Fraser

(1997), pois a busca de reconhecimento social pelo qual as travestis vêm lutando, quando se trata de mercado de trabalho estigmatizado, está em íntima ligação com a luta por justiça social, pelo reconhecimento de sua condição de gênero e de seres humanos que sofrem com “*práticas discriminatórias institucionalizadas*” (MATTOS, 2006: 150. op.cit Fraser & Honneth p. 29), por se dedicarem ao mercado do sexo.

O que tem acontecido na Espanha, em termos de leis e lutas por espaço de reconhecimento social, através de um ativismo *queer*, é prova de que a luta por justiça social é possível.

Para finalizar, gostaria de reiterar que é possível unir num mesmo estudo autores da Teoria Queer, como Butler e Preciado, assim como tantos estudiosos ativistas espanhóis; estruturalistas como Bourdieu e seus discípulos, como Wacquant e Sayad; assim como Hall e Fraser; e autores brasileiros que trabalham a travestilidade e migrações. Primeiro, por uma questão de lidar com a complexidade de um grupo que tem na mobilidade (espacial) seu foco para obtenção de respeito e reconhecimento da sociedade, e por isso a necessidade de teorias que lidam com globalização e identificação para entendê-los. Assim como habitus, gosto e distinção que, juntos, explicam o *modus vivendi* das travestis e a construção de reconhecimento como apenas possível quando há pertinência no grupo, o que se constata desde cedo na travestilidade. Pois, como travestis, só existem “*pelo reconhecimento dos outros*”, assim como só podem existir socialmente porque são percebidas como distintas (BOURDIEU, 1989a: 117).

Segundo, porque não há apenas uma interpretação para o fenômeno da travestilidade enquanto identificação de um coletivo, e isso se percebe já na primeira discussão, mas, principalmente no tocante à migração internacional, no quarto capítulo, em que não há uma vastidão literária para se buscar apoios. Elas mesmas, as interlocutoras, possuem variadas representações acerca do movimento em que estão inseridas. Mas, é possível concluir que a busca de reconhecimento e status social, visível no quinto e sexto capítulos, é importantíssima nas trajetórias de viagem delas, que, como práticas, produzidas por *habitus*, se configura como de extremo valor

na história de vida das interlocutoras enquanto travestis e brasileiras.

Nas considerações finais, continuo tratando de distinção, gosto e reconhecimento quando aponto a Festa de Wells como a apoteose européia das travestis brasileiras. Neste evento, que reuniu mais de cem travestis que estavam na Europa/Espanha naquele momento, concluo a tese numa festa em que todas se divertem e mostram seus modelitos de grife, suas jóias, seus parceiros e financiadores, como forma de indicar como deram certo na vida, alcançaram reconhecimento, estão inseridas no mercado do espetáculo europeu, assim como no mercado do sexo ligado àquele, e também ao glamour e enriquecimento que tanto procuram antes de realizarem a primeira viagem à Europa.

Nesta festa, as desuniões são contidas em nome de um gosto pelo luxo e pela imagem que é veiculada através de fotografias que saem dali direto para o site na Espanha e para o Brasil através do orkut e blogs das participantes do evento. Uma comemoração que confirma o *habitus* travesti e as relações entre elas como importante para a manutenção do fluxo contínuo entre Brasil e Europa.



## 2. A METODOLOGIA: DESLOCAMENTOS E (DES) ENCONTROS

*O que define travestis é o seu sistema específico de auto-representação e as posições que impõe a seus interlocutores, os percursos que reivindica para si, que constitui uma comunidade que vai sedimentando uma visão do social, uma reflexão sobre como se situar nele* (Hélio Silva, 1993:143).

Esta pesquisa iniciou-se em março de 2006, com observações em campo, com travestis, nos espaços de trottoir e visitas a ongs no Recife. Teve seu segundo momento a partir de dezembro do mesmo ano, em Madrid, Espanha. O primeiro momento foi importante para delinear meu percurso com as travestis na Espanha, onde observei também a atividade de travestis espanholas e latino-americanas. Sempre com o devido consentimento delas.

As observações foram feitas a partir do momento em que iniciei contatos com elas, procurando delinear os passeios e conversas registradas – livres ou gravadas – que formam o *corpus* dos textos aqui dispostos.

É imprescindível a observação dos dois espaços – Recife e Madrid – pois,

o ambiente, os comportamentos individuais e grupais, a linguagem não verbal, a seqüência e a temporalidade em que ocorrem os eventos são fundamentais não apenas como dados em si, mas como subsídios para a interpretação posterior dos mesmos (KNAUTH; VICTORA, 2000: 62).

No Recife, analisei 14 travestis que circulam, já viajaram ou desejam viajar para a Europa. Todas possuem o corpo modificado com as tecnologias disponíveis, dependendo da sua condição financeira e prioridades estéticas. Procurei sempre conversar com pessoas – travestis ou não – que cercam a figura da travesti como, por exemplo, alguns profissionais de saúde – no intuito de entender melhor a representação de brasilidade e europeidade que se firma forte na identificação das travestis brasileiras.

No momento dedicado a Madrid, a proposta foi de tentar entender que elementos fornecem a identificação delas enquanto brasileiras em outro país e em outro continente, já que a maioria das entrevistadas circulam por toda a Europa. Realizei 8 entrevistas no total, embora tenha observado pessoas, ambientes e situações, em ruas e festas, que entram na análise como imprescindível ao entendimento deste estudo. Para isso, insisti em roteiros semelhantes, o que foi cuidadosamente tratado, como também investi nos diferentes relatos de diferentes informantes, com a finalidade da pesquisa permear todos os discursos possíveis sobre o fenômeno estudado.

Para aprimorar o olhar foi necessário que o mesmo questionamento da observação fosse utilizado na proposta das entrevistas não-diretivas, que foram aplicadas concomitantemente, mas se ampliaram temática e qualitativamente, para a obtenção do maior número possível de informações.

Precisei não apenas ver, mas examinar as informações, fossem estas fornecidas de forma clara ou desviadas, “*não se trata [ndo] somente de entender, mas de auscultar (...)*” [pois] “*a observação abrange todos os procedimentos utilizados na pesquisa*” (RUDIN, 32).

Como “*pesquisa de campo é a procura de diálogo com o outro*”, para descrevê-lo e torná-lo universal (PEIRANO, 1995), minha idéia foi utilizar a observação como instrumento metodológico em todas as etapas da pesquisa com travestis no Brasil e na Espanha.

Parafraseando Malinowski, (1984) gostaria de “*estabelecer o contorno firme e claro da constituição*” [da identificação enquanto travesti e brasileira] “*e delinear (...) os padrões deste fenômeno*”, que é a travestilidade e as modificações que realizam em seus corpos no movimento entre países.

Bourdieu defende, em “A Miséria do Mundo” (1997), a pluralidade de perspectivas, de pontos de vista concorrentes e coexistentes na metodologia de pesquisa sociológica. Ele faz um trabalho de compilação de entrevistas dentro de um estudo em “*lugares difíceis*”<sup>15</sup> na França, com o objetivo de “*tentar explicar as intenções e os princípios dos procedimentos que nós temos colocado em prática na pesquisa*” (BOURDIEU, 1997: 693). Defende a interação pesquisador/pesquisado, e

15 Conjuntos habitacionais na periferia.

desta forma a relação entre observação e entrevista.

Deslocamentos e (des) encontros é a ação do movimento em lugares difíceis. Difíceis de pensar e descrever (BOURDIEU, 1997). Difíceis porque se configura em “o lugar do outro”, marcado pela gritante diferença do lugar da pesquisadora que não se deixou converter pelo chefe da tribo. Deslocado e (des) encontrado dos modelos pré-dispostos socialmente, heteronormativos (WITTIG, 1978; 1987) e cristãos de quem pesquisa. Por isso, necessários de serem vistos como *“representações complexas e múltiplas, fundada na expressão das mesmas realidades em discursos diferentes, às vezes inconciliáveis”* (BOURDIEU, 1997: 11-12).

O autor afirma que se deve agir sobre a própria estrutura da relação assegurada como mercado lingüístico e simbólico, pois a própria escolha das pessoas interrogadas é uma marca significativa da pesquisa. Logo, o trabalho de pesquisa é uma tarefa incessante de construção.

A *“verdadeira compreensão”* é difícil de alcançar, mesmo com todos os cuidados, interações e conhecimentos prévios à entrevista. Mas é possível chegar a uma compreensão mais próxima das questões colocadas em concomitância com a informação fornecida pelas interlocutoras. Cabe ao entrevistador compreender as formas culturais nas quais se realizam as verdades (SILVERMAN, 1993), sabendo “ler” o caminho que a entrevista permeia, e isso é marca nas falas, delimitadas segundo questões colocadas pelo pesquisador e seu conhecimento teórico prévio.

A entrevista semi-estruturada (BAUER; GASKELL: 2000), ou não-diretiva, *“favorece a captação de uma informação mais profunda ou menos censurada do que no caso de outros procedimentos”* (THIOLLENT, 1980: 85). É, enquanto *exercício espiritual* (BOURDIEU, 1997), construtora de discursos. O que neles se lê a estrutura conjuntural da interação, as estruturas *invisíveis* que organizam a relação pesquisador/pesquisado. Como também a cultura que se constrói na fala de cada um.

## 2.1 RECIFE: INSERÇÕES (DES) ENCONTRADAS

No tocante ao Recife, a finalidade aqui é alinhar os pontos de encontro com travestis

nesta cidade, conforme me foi aparecendo através de uma rede de contatos diretos e indiretos.

Fazer pesquisa com travestis no Recife requer um conhecimento da cidade e dos points LGBT<sup>16</sup>, por isso foi importante o acompanhamento de outras pessoas que conheciam ambientes de diversão na cidade, assim como Ongs que são melhor legitimadas, principalmente em ambientes de trottoir, que relato a seguir: no entorno da Casa da Cultura encontrei mais travestis do que mulheres, embora estas não sejam excluídas. A grande diferença na população que faz ponto nestes lugares é no quesito geração. Na Boa Vista, por exemplo, ficam os garotos e trans mais jovens. Seja no perímetro Geriquiti com José de Alencar, na Gervásio Pires com Conde da Boa Vista, ou mesmo nas imediações da “MeuKasoBar”. Na Avenida Mascarenhas de Moraes (Imbiribeira) se encontram todas as idades e gêneros. Em Boa Viagem são três vias paralelas: Domingos Ferreira, para trans; Conselheiro Aguiar, para mulheres, embora as trans também circulem por esta via. Avenida Boa Viagem - Beira-Mar - mais para o público de michês durante a noite e em um pequeno trecho, pois, durante o dia, na praia, se encontram mulheres e travestis. Está claro que o espaço de michês está mais reduzido em Boa Viagem, mas este enfoque não será tratado neste estudo. Na Avenida Mário Melo, embora em pequeno número, por conta da violência na região, as travestis continuam fazendo ponto.

Por isso, me inserir entre elas não foi rápido, mesmo tendo boas direções e contatos firmados desde pesquisa anterior (PATRÍCIO, 2002).

Comecei por entrevistar Cris Falcão no ambiente interior do salão de beleza que divide com Rico. Já a conhecia de debates na Televisão e jornal escrito em que atuamos juntas, eu como pesquisadora e ela como interlocutora na pesquisa. Foi difícil entrevistar de forma sistematizada uma pessoa que já se tornou sua amiga e é amiga de todas na cidade. Não foi à toa que nossas conversas ocorreram ao longo de toda a pesquisa. Tanto no Brasil como na Espanha.

Acionei alguns amigos, ex-alunos e colegas do meio. Luiz me iluminou, indicando a

---

16 Ver anexo Mapa da cidade do Recife e Mapa de Madrid.

Ong Gestos<sup>17</sup> e o Grupo Oxumaré, composto por transgêneros<sup>18</sup> que ali se reúnem.

Minha inserção na Ong foi numa festa, o lançamento do Comunicaids (Nilo et al., 2005). Lá, conheci algumas travestis que fazem parte do Projeto. Conversamos, recebemos livros e confirmamos a reunião<sup>19</sup>. O grupo existe desde 2001. Iniciou-se com um processo de psicoterapia que continua até hoje. Em 2004 foi construído o Projeto Oxumaré que vem sendo desenvolvido pelas travestis, sob a coordenação de Antonio. Minha inserção no grupo foi por eleição. Bem tensa, por sinal. Quando Antonio perguntou a elas sobre a aprovação/reprovação de minha presença nas reuniões, logo após a apresentação dos objetivos em estar ali, e depois da maioria ter simpatizado comigo, Graça falou: *Tá! Todo mundo não disse! Não tá tudo certo pra todo mundo?*

Me senti desconfortável, principalmente pela não clareza de sua fala, dando a entender que, mesmo sendo a mais bem formada do grupo (Quadro 1), com acesso a tecnologias de comunicação, a mais ativa politicamente, em âmbito regional e nacional no coletivo LGBT, não estava concordando com meus propósitos ali. Ela falou com ar desaprovador e, quando as outras contestaram sua colocação, começou a me perguntar onde eu colocaria as informações que obteria com a pesquisa, se haveria alguma divulgação dos dados, das pessoas, se o interesse era também acerca de Saúde, DST e Aids.

---

17 “(...) uma ONG/AIDS [sic], fundada em maio de 1993, que defende os Direitos Humanos das pessoas soropositivas e das populações vulneráveis às DST/HIV, onde são produzidos, revisados e utilizados conhecimentos interdisciplinares, bem como atuação nas áreas de Educação, Comunicação e Políticas Públicas na perspectiva da Cidadania Sexual, Equidade de Gênero e Justiça Social. Atualmente a Gestos é membro dos Conselhos Municipal de Saúde e do Conselho dos Direitos das Crianças e Adolescentes; está na secretaria executiva da Rede Nacional Feminista, atua no Movimento Nacional de Direitos Humanos, é Assessora para Direitos Humanos do Conselho Latino Americano e Caribenho de ONGs com Serviços em Sida – LACCASO [sic] e representa a sociedade civil no Grupo Temático da UNAIDS [sic] no Brasil. Nos últimos anos presta assessoria jurídica a quase seiscentas pessoas vivendo com Aids, atua como capacitadores na formação de agentes jovens multiplicadores de informação e atinge centenas de estudantes da Região Metropolitana do Recife, inclusive das Universidades de Comunicação e Direito. Através de serviços de acompanhamento psicossocial, atende mensalmente cerca de 100 pessoas em sua sede entre homens, mulheres, adolescentes e crianças das camadas populares.” (www.gestospe.org.br)

18 O termo é utilizado pela ONG como usual, em substituição ao travesti. Em uso corrente as pessoas que lá se encontram trabalhando se referem a elas como trans, nome de melhor sonoridade e rapidez na fala.

19 Os encontros do grupo Oxumaré aconteciam às quartas-feiras, em torno das dez da manhã, indo até o meio dia com o almoço para as 8 integrantes. No projeto se destaca a prevenção de DST/Aids nas ruas de trottoir da cidade. Palestras e terapias de grupo. A Prefeitura Municipal libera um carro e um motorista para levá-las ao trabalho de prevenção nas sextas-feiras, a partir das 21h. O trabalho é realizado por duas trans cada noite, semana, revezando-se no período de um mês, em que todas fazem as distribuições de preservativos, lubrificantes, panfletos e conversas com as demais que estão em período de trabalho. As meninas são *educadoras de pares* e se sentem realizadas ao fazerem este trabalho, pois levam conhecimento a suas colegas nas ruas do Recife. Recebem uma bolsa de ajuda de custo e tickets de transporte para irem às reuniões.

Desirée foi categórica, ao afirmar que, como eu sou mulher, fica mais fácil conversar com elas, pois “*são os mesmos problemas que temos*”. Disse que, se fosse um homem, elas ficariam encabuladas ao retratar suas realidades. Agradei sua colocação e senti que ser mulher me deixa confortável num grupo de pessoas que se identificam com o gênero feminino, embora só eu seja uma mulher com vagina no meio de “*mulheres com pênis*” e um homem. Mesmo assim, me senti todo o tempo deslocada, por causa da possível desconfiança de Graça. Isso me fez lembrar um trecho da fala de Marcela Prado, em Campina Grande (PATRÍCIO, 2002) concedida nos últimos dias daquela pesquisa:

(...) De cada um eu acho que você tem um pedaço. Eu acho que você tem o sistema todinho, o organismo feminino, não tenha dúvida, pensamento super feminino. Agora, na sua mente, no seu entendimento, você entende do lado masculino, feminino, todos os lados, eu acho que tem um pouco de você. Você é o rosto do travesti, os órgãos genitais com certeza de mulher, feminino. Eu acho que um pouquinho, quem sabe do lado esquerdo, ou direito, do homem. Um pouquinho do gay, um pouquinho do transformista, acho que um pouquinho da puta. Não é que você faça nada disso, é um pouquinho de cada um, e aí depois junta-se tudo e forma-se uma pessoa só. Resumindo tudo isso: uma pessoa sem preconceito, sem nenhum problema, se sente igual à gente. Eu acho que isso é muito bom, muito bom. E não é a toda hora que a gente tem aquela pessoa com a gente que a gente possa conversar, possa se abrir. Não. Já basta o que eu conversei tanto com você a respeito de namorados, a respeito de finanças, a respeito de família. Acho que você sabe da minha vida muito, por quê? Porque eu achei que você deveria saber, como meus amigos, já teve muito, a gente já riu até com eles dando reportagem: O que é que você acha? Uma garota! (fala imitando Carla, com voz grave). É uma garota. Se achava, se achava mesmo (Marcela Prado).

Nesta fala de Marcela, percebi o quanto pude adentrar no universo das travestis de Campina Grande (PATRÍCIO, 2002) e poder participar com elas de seu dia-a-dia, mesmo que por um período de apenas 3 meses, em que compartilhamos vivências. O fato de poder escutá-las sem julgá-las acabou por estreitar nossos vínculos. Acabei por fazer-me configurar da forma como a interlocutora afirmou acima. Queria apenas passar desapercibida, o que é difícil quando você se insere num grupo tão díspar como o do Dormitório Vencedor, onde elas habitavam naquele

momento. No Recife, minha introdução foi diferenciada, pois não pesquisei um espaço distinto, mas sim em vários espaços de circulação e trabalho das trans, com pouquíssimas inserções em ambientes de moradia<sup>20</sup>.

Denise me pediu, em todas as reuniões, que seu nome não fosse modificado no estudo. Sua intenção é “*se fazer ouvir*”, atitude muito forte no ativismo *Queer*. Por isso, das oito integrantes, só consegui fazer entrevista com duas (Roberta e Denise), embora tenha gravado algumas reuniões e observado muito de seu cotidiano nas conversas anteriores e posteriores ao nosso encontro.

Sempre, em momentos de descontração, enquanto Tony não descia para a reunião ou faltava chegar alguma das componentes, ou mesmo quando elas falavam de tudo e de todos, com todos os tons e palavras, Denise dizia: *Respeite a Amapoa<sup>21</sup>! Respeite Cecilia, ela é uma mulher de verdade, e está aqui querendo fazer seu trabalho!*

Era a sua vez de se colocar como protagonista ali. Conduzir a ordem e destacar que a minha presença deveria causar alguma modificação no grupo, como também me mostrar que elas sabem do meu papel como pesquisadora e que mesmo descontraídas são testemunhas importantes. Lembro de uma vez, quando combinei com Paty<sup>22</sup> para entrevistá-la ali mesmo, logo após o almoço; Denise continuou na sala, entrou na conversa e não parou de falar um só momento. Resultou em uma entrevista com duas pessoas e boa parte das falas de Paty foram corte-e-cola das de Denise. Não podia ser diferente. Chegou a hora de Paty ir embora e continuei falando com Denise, que me contou muito de sua vida.

Assim, a cada dia eu percebia a aceitação do grupo em relação à minha pessoa. Ao mesmo tempo que as dificuldades em perceber que elas é que conduziam as entrevistas. Naquele momento, eu não queria destoar do grupo, evitava chamar a atenção para a minha figura e elas, ao contrário, fazendo questão de que minha presença fosse constatada, até ligavam pra mim quando eu não podia ir à reunião pra saber o porquê da ausência. Graça se acostumou comigo e contribuiu com

---

20 Pude visitar e conhecer um pouco mais o ambiente residencial de Ellen, Aleika, Roberta e Melina.

21 Este termo significa mulher, na linguagem bajubá, ou pajubá.

22 In memoriam.

a pesquisa sempre que podia.

Não precisei modificar minha identidade, nem tampouco me *infiltrar*, como fez Pepe Rodríguez (s/d) ao adentrar, em pesquisa, em um grupo fechado, Iglesia de la Unificación – seita Moon – na Espanha. Pois, embora eu não seja do grupo, estar nele me concede um olhar diferenciado e um distanciamento para analisar sem me emocionar demais com as colocações em tese de algumas situações. Me concede também um ouvir diferenciado, frente às inquietações das travestis que querem e merecem platéia e direitos.

Não poderia ser de outra maneira. Nossa linguagem é diferente, mas é justamente essa diferença que molda minha relação com o grupo, nas conversas pós reuniões e no trabalho de rua.

Estávamos fazendo trocas. Eu, ansiosa, como toda antropóloga iniciante, questionei e escutei de Roberta e Desirée que seria melhor ir com elas quando o trabalho do Projeto retornasse. Esperei ansiosa, por 3 meses, com apenas duas entrevistas completas (Cris Falcão e Roberta), enquanto elas me diziam que eu tivesse paciência e não fosse pra rua sozinha, porque lá iam “*me azuelar*”!<sup>23</sup>

No grupo, ninguém as chama de travestis, todas são transgêneros ou trans, em comum acordo. Embora nenhuma delas exclua de seu vocabulário a palavra travesti. São politizadas, no sentido de estarem participando de eventos, palestras na própria ONG, de saberem seus direitos e deveres na cidade e no trabalho<sup>24</sup> que realizam. Representam Pernambuco e Recife nos eventos nacionais, regionais e locais em nome da Ong e do Grupo.

Todas têm um desejo em comum: fazer um livro de sua vida, e a minha presença ali aumentou as expectativas. O de Desirée já tem título e capítulos determinados. Intitula-se "A vida de uma travesti." E um dos capítulos: "A dificuldade para ser pessoa". Nele, ela planeja contar toda sua trajetória de vida. Numa outra ocasião, Denise me pediu para eu ensiná-la a manusear um gravador, pois, iria gravar suas falas para eu escrever sua vida. Fiz o que ela me pediu, mas não

23 A expressão *Vão te azuelar!* significa Vão te roubar! Como também *Tão fazendo a Elza!*

24 Embora se dediquem ao Projeto, o dinheiro que ganham não supre os gastos que têm; algumas recebem benefício do governo federal, por serem soropositivas, outras estão com os processos sendo analisados e muitas delas ainda se dedicam ao trottoir.



pude lhe dar o meu gravador porque precisaria dele mais à frente.

Ao fim de uma das reuniões fomos, eu e Roberta, em direção à sua casa, onde conversaríamos mais. No caminho, subimos até o Módulo<sup>25</sup>, chegamos ao apartamento de Márcia. Fomos mostrar as fotos do Baile dos Artistas de 2006, e junto com isso tentar conversar com Schica e mais alguma "européia". Quando falei a Márcia que gostaria de entrevistá-la, ela disse que eu conversasse com Schica, pois sairia melhor na gravação. Em toda a pesquisa, mesmo tendo acordado várias vezes, não consegui nenhuma informação de Schica, bombadeira e grande conhecedora do esquema Recife – Europa. Resolvemos o que tinha para resolver e segui com Roberta, a pé, para sua casa, onde conversamos por horas.

A casa de Roberta aproveita o muro do Sindicato, que fica ao lado dos Diários Associados de Pernambuco, TV e Jornal Clube. Só tem duas paredes de alvenaria, as outras duas são de zinco, papelão e lençol. A porta é improvisada, fecha com um cadeado e duas correntes. Não tem piso, ou seja, não tem nenhum tipo de proteção entre o chão batido e o que está em cima dele. Não vi poeira na casa.

Há um espaço cimentado vindo de uma das paredes, onde fica seu fogão, e um aparador – mesa de canto – com panelas e utensílios domésticos cobertos com um pano de prato. A cama fica em outro ambiente. É de casal, tubular, de cor vinho. Coberta com uma colcha de edredon escuro, já bem marcada pelo tempo, até parecia estar suja, mas não estava. Há uma pequena estante em frente à cama, onde ela coloca a televisão de 14 polegadas, fotos, revistas do cotidiano dos artistas e alguns enfeites, para dar graça ao seu lar. Ao lado da cama há uma outra estante, onde está o aparelho de som e seus CDs. Me afirmou que comprou todos à vista, no cartão de crédito da colega, para pagar com um mês. Afirmou que tinha um aparelho de DVD, mas vendeu, porque precisou de dinheiro e não era prioridade, naquele momento, ver filmes.

De comida, só vi uma bandeja com ovos. A água que bebemos estava na geladeira da vizinha. Não vi banheiro, mas também não procurei. Torneira, havia uma na entrada, atrás da porta,

---

<sup>25</sup> Edifício de arquitetura arredondada que se localiza na Avenida Conde da Boa Vista. Lá vive boa parte das travestis com quem tive contatos desde que me iniciei no campo no Recife. Além de moradia, o prédio tem apartamentos onde funcionam lojas, casas de massagem, agências e pontos de comercialização de produtos variados.

onde um cachorro bebia água enquanto conversávamos. Um ventilador amenizava o calor do Recife. Foi ganho como prêmio em um bingo que sempre acontece em Santo Amaro. Este ocorreu em 2005. No anterior, ela ganhou 3 cestas básicas, que dividiu com sua mãe e sua vizinha, a mãe das crianças que correram para abraçá-la, ao vê-la chegando. Enquanto conversávamos, vimos fotos dela e de suas colegas *européias*, implicação forte:

Essa foi pra Suíça...  
 Essa tá na Itália...  
 Essa morreu em Portugal...  
 Essa é casada na Espanha, tá riquíssima!...  
 Essa é aquela dali que a gente viu...  
 Essa passa e nem fala com a gente na rua...

As fotos em que aparece Roberta são de uma plasticidade incrível, ela está diferente em todas, seja no cabelo, peruca, cor, tamanho; corpo, mais magra, mais desnuda, antes do silicone, depois do silicone, quando tomava hormônio, depois da tia... Não a reconheci em metade das imagens.

Sua casa caracteriza bem a realidade sócioeconômica das componentes do Grupo Oxumaré, apenas com diferenças de bairros e condição de pagamento das mesmas.

#### **QUADRO 1: GRUPO OXUMARÉ<sup>26</sup>**

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>MORADIA</b>
DESIRÉE	35	Fundamental II incompleto	Quarto; só; aluguel
GRAÇA	35	Médio completo	Casa. só
DENISE	45	Sem escolaridade	Casa; com filho; própria
ROBERTA	31	Fundamental I incompleto	Casa; só; própria
ANI	31	Fundamental II incompleto	Casa; só; própria
FRANCINE	31	Fundamental II incompleto	Casa; só; aluguel
PATY	32	Fundamental II incompleto	Casa; com mãe; própria
MORGAN	35	Fundamental II incompleto	Casa; só; aluguel

Morar de aluguel (Morgan, Desirée, Francine) ou em quarto/casa própria, juntinho a

<sup>26</sup> Todas as travestis do Grupo Oxumaré são do Estado de Pernambuco.

casa dos pais (Ani, Denise, Paty) ou mesmo distante (Roberta) mostra as condições da diversidade em termos de moradia das interlocutoras do Grupo Oxumaré. Assim como a média de escolaridade bastante baixa. O que indica se tratar de um grupo popular que enfrenta grandes dificuldades no dia-a-dia.

## 2.2 OUTROS CONTATOS E DESENCONTROS

Através do grupo Oxumaré conheci Macela, irmã de um dos rapazes da ONG.

Através de Rômulo consegui falar com Palova, que me indicou Melina, que por sua vez me indicou Ellen, que tentou falar com Schica por mim, e me contactou com Anjo, Sara e Eline. Todas bem diferentes entre si na condição sócioeconômica, principalmente em relação às meninas da Gestos.

### QUADRO 2: TRANS NO BRASIL

NOME	IDADE	ORIGEM	ESCOLARIDADE	MORADIA (Onde mora; Com quem; Que condição)	EUROPA (Se já foi; quantas vezes; Destino)
ANJO	26	PE	Médio completo	Apto, quarto; companheiro; aluguel.	Uma vez; ITA;
SARA	24	PB	Médio completo	Casa; com irmão; aluguel;	Uma vez, ESP;
ELINE	42	PE	Superior completo	Apto; só; aluguel	Nunca;
ELLEN	30	PE	Superior incompleto	Quarto/Locadora/Sex Shop; ora só, ora acompanhada; Aluguel.	Uma vez; ITA;
MELINA	18	PE	Fundamental II incompleto	Quarto; ora companheiro, ora colega; aluguel	Nunca.
CRIS	33	PE	Medio completo	Casa; mãe; própria	Várias vezes; SUI; POR; ESP; ITA;
ALEIKA	26	PE	Fundamental II incompleto	Apto; mãe, irmão; própria	Várias vezes ; POR; ESP;SUI;ALE.
RAMONA	21	PE	Fundamental II incompleto	Casa; mãe, pai e irma; própria	Nunca;
DORIAN	36	PE	Medio completo	Casa; pai e mae; própria	Nunca;
FABIA	31	PE	Fundamental II incompleto	Casa; Mae/vó; própria	Uma vez; ITA;
PALOVA	20	PE	Fundamental II incompleto	Pensão; companheiro; aluguel	Nunca;
MACELA	28	PE	Fundamental II completo	Casa; pai,mãe,irmão; aluguel	Uma vez; ITA (ficou 10 anos);
ROBERTA	31	PE	Fundamental I incompleto	Casa; só; própria	Tentou(voltou de ZUR)
CINTIAN	29	PE	Fundamental II incompleto	Apto; avó; própria;	Uma vez, ESP;

Eder me acompanhou nas boates, nos cinemas eróticos e no Fun Fashion. Através dele, consegui conversar com Ramona, Doriane e Fábria. Entrevistei também uma ex-travesti, hoje garoto de programa, que viveu por um tempo na Espanha. Além de conversar com outras tantas, que não se dispuseram a me conceder uma entrevista completa e gravada.

Foi através de Ellen que retomei o contato com Aleika e a entrevistei antes de sair do Recife. Na Espanha mantive contato com ela, que me acionou outras interlocutoras.

Enquanto preparava o envio de documentos para agilizar minha ida a Madrid, conheci Cintian. Ela iria para a Espanha em duas semanas. Eu, preocupada com cópias e faxes, e ela em tirar fotos para enviar a um site daquele país. Conversamos na loja e a entrevistei dois dias depois, no apartamento de sua avó, com quem vive desde criança.

Com as entrevistas realizadas e com o diário repleto de informações, assim como de lacunas, percebo porque foi tão difícil conseguir “amarrar” conversas e entrevistas com travestis, principalmente as *européias*. Primeiro, porque estão sempre muito ocupadas, principalmente pelo pouco tempo que ficam no Brasil. Segundo, porque eu buscava um grupo específico e, depois de muitos desencontros, entendi que estava inserida em um grupo que não me daria acesso às européias, pois fazem parte de grupos diferentes. As que circulam pela Europa e as que não saem do país. Grupos que em determinadas situações, se fecham entre si. Embora façam parte de uma cultura de travestilidade em que todas se inserem, quando se trata de modificação corporal, linguagem aprendida, seja nas ruas ou no lugar de culto, ou mesmo em lugares específicos de circulação de trans, onde se educam principalmente quanto à performatividade (BUTLER, 2003) de ser travesti.

A desunião entre grupos distintos de travestis é forte na configuração da travestilidade. Seja no Brasil ou em outro país, como a Espanha. E em Recife isto está bem claro. Mejía (2006: 242), quando se coloca como autoetnografada, trata da desunião das trans como algo vigente nos grupos, ao falar de Yolanda: “*Estamos peleadas y todas dándonos tortazos las unas con las otras*”.

E é possível visualizar estas peijas entre as diferentes categorias de trans, embora eu só tenha olhado com atenção depois de muitas negações no campo. Diferenças fortes, principalmente entre as européias e as não-européias; entre as jovens e as mais velhas; entre as que estão fazendo trottoir e as que só fazem anúncios pela internet e em classificados de jornais; entre as diferentes bombadeiras; entre as que estudaram e as que são iletradas; entre as consideradas feias e as consideradas bonitas; entre as magras e as gordas; entre as que são famosas em revistas nacionais e internacionais e as que não saíram em nenhuma notícia de jornal; entre as que fazem shows e as que só assistem; entre as que deram certo em sua mobilidade espacial pelo exterior e entre as que voltaram dos aeroportos; entre as que não tiveram nenhum problema com a modificação corporal realizada e as que têm silicone endurecido, migrados pelo corpo, pernas negras devido a veias entupidas com o silicone depositado; entre as proprietárias e as empregadas. E também na Espanha: entre as que estão em pisos e as que estão nas ruas, sem proteção nenhuma. É um jogo de poder que está forte na luta pela sobrevivência numa sociedade que pouco disponibiliza espaços para as travestis.

Mas, com todas essas realidades de embate de diferentes, persisti na difícil busca por travestis que tinham ido à Espanha, pelo menos alguma vez na vida. Tudo me parecia obscuro e meu projeto parecia não dar certo. Até que ao visitar familiares em Campina Grande, constatei que o trânsito de travestis daquela cidade à Espanha continua freqüente. Sayara, Camilla e Chica estavam naquele momento em território espanhol. Marcela Prado continuava dona da pensão e locando quartos para garotas e travestis, muitos ainda da época da pesquisa de mestrado. Fiquei aliviada.

O perfil das entrevistadas no Recife (Quadro 2) evidencia um dado importante no tocante à faixa etária. A média fica em 30 anos. Importante para pensar na experiência de vida de cada uma. E localizá-las no que defende Fernández, quando

las representaciones genéricas construidas (...) por las travestis, son el producto sedimentado de experiencias acumuladas históricamente e incorporadas bajo la forma de

disposiciones que, ante cada nuevo escenario, encuentran oportunidades más o menos favorables de actualizarse o modificarse (2004: 72).

Média que me proporciona visualizar os trajetos que comportam a realidade de se viver circulando pelo país e fora dele. Das 14 entrevistadas, oito foram para a Europa. Destas, três estão, no momento da escrita deste texto, na Espanha. Creio que, até a conclusão do trabalho, elas já terão realizado várias outras voltas e idas até o velho continente. Assim, o grupo entrevistado e observado – o de travestis brasileiras no Recife, se apresenta como heterogêneo, frente a tantas histórias sobre expectativas com a possível viagem, com os trajetos dantes percorridos e com as experiências de colegas. O que número nenhum pode definir, pela impossibilidade de encará-las em um quantitativo, face à sua fluidez e mobilidade.

Quem já foi, volta com ares de Europa. Nas roupas<sup>27</sup>, no comportamento e na fala. (PATRÍCIO, 2002). Algumas vão *plastificadas* (Vivian), mas a maioria volta com dinheiro para modificar seu corpo no Brasil, principalmente com as bombadeiras do Recife. Schica é bem procurada na Região Nordeste, seja por clientes ou mesmo *por profissionais de saúde* (Eline), que querem conhecer seu método de aplicação de silicone.

Com as modificações na identidade, as *européias* incomodam as que não podem ir, por exaltar em uma Europa de luxo e glamour, tal como mostra Thara Wells em suas festas em Barcelona (melhor explicitada nas Considerações Finais), que reúne trans de todo o Brasil.

Todas as 14 entrevistadas no Brasil constróem suas identidades num universo de circulação espacial, algumas vezes anacrônico, pois remetem a uma experiência de passado ou se destinam a uma experiência no porvir.

### 2.3 LUGARES: FUN FASHION

Um dos lugares de observação que se configura em passarela e vitrine é a Fun Fashion, localizada entre as ruas José de Alencar e Giriquiti, ao lado do Shopping Boa Vista, no burburinho

---

<sup>27</sup> Botas, que na Europa é artigo comum, no Recife chega a ser artigo de luxo e adereço útil no trabalho delas.

do espaço considerado gay da cidade. O ápice da badalação ocorre às sextas-feiras a partir das 22 horas quando o Shopping fecha suas portas. Bares colocam suas caixas de som na calçada e reúne a população LGBT da cidade.

Foi lá que conheci Ellen, que conversei com Melina várias vezes, e em que fiquei horas observando. Lá, a população jovem, gay e trans se destaca socializando com um público diversificado. Foi lá que várias vezes vi Ellen de mãos dadas com mais um novo amigo, ou amiga, dando *close* para se destacar entre as demais. É o lugar em que as drag-queens e travestis mais jovens vão “*bater cabelo*” enquanto não chega a hora de entrar nas boates, bares e saunas que se localizam no entorno, e enquanto também não chega a hora de começar a fazer a “batalha” para algumas. Jovens se reúnem para assumir a sua sexualidade, socializar com os colegas, fazer novas amizades, consumir drogas e se divertir. Lugar também de “*dar à Esper*”!<sup>28</sup>

Apesar da violência, o Recife tem uma vida noturna intensa. A cidade se transforma quando passa das 22 horas. E é neste momento que a maioria das interlocutoras aparecem. Seja nas ruas, “*fazendo ponto*”, seja nos bares, nas boates, se divertindo ou se apresentando em shows, festas particulares ou mesmo em pagodes e bares da periferia da Região Metropolitana (caso de Dorian). À noite, elas viram estrelas. E o Recife é pequeno quando decidem se destacar. Mais da metade das trans ouvidas foram à Europa alguma vez na vida. Muitas ainda circulam por lá.

### 2.3.1 CINEMAS ERÓTICOS

Os cinemas eróticos da cidade são mais um espaço de atuação de travestis. Dentre eles se destacam: o Cine Sex Imperador, Cinemix, Especial, Fox e o Lux. Além de locadoras eróticas, com cabines para que os clientes vejam os filmes locados ali mesmo.

Os espaços de diversão LGBT no Recife têm uma vida recente, como afirma Pinheiro (2005) em seu estudo sobre equipamentos de lazer GLBTS<sup>29</sup>. Pinheiro afirma que os clientes são

28 Expressão que faz referência ao roubo de vasos de um cemitério em São Paulo, realizado por Ronaldo Esper. Significa furtar, assaltar alguém ou algo.

29 Atualmente a sigla excluiu a letra S, de simpatizante, por concordar que todas as pessoas independente de se identificar com algumas das letras do termo, são simpatizantes. Atualmente, a partir da Conferência Nacional ocorrida em maio de 2008 se adota LGBT. Algumas Ongs e OGs utilizam o triplo T para indicar a diversidade

fiéis e exigentes no tocante a espetáculos ao vivo, filmes atualizados e espaços variados dentro de determinada casa específica.

### 2.3.2 CINEMIX

O Cinemix está localizado no bairro da Boa Vista, na rua da Soledade. Tem um espaço que comporta 8 ambientes<sup>30</sup>. Funciona todos os dias, das 10 às 24 horas.

Há seguranças e funcionários por todo o estabelecimento, tanto responsáveis pela limpeza como pela segurança do local. O barman atende, expondo as regras da comanda que se recebe na recepção e, caso se perca, o custo é de R\$ 70,00.

As visitas periódicas da Vigilância Sanitária garante o funcionamento da casa, o que acarretou o fechamento de outros estabelecimentos, como foi o caso dos Cines Astor e Ritz.

Os shows de sexo explícito acontecem três vezes por semana, nas segundas, terças e quintas. No primeiro dia, a proposta é que seja um espetáculo heterossexual, com um homem e uma mulher. Na terça-feira o espetáculo é apresentado com dois rapazes. Na quinta-feira, geralmente com duas mulheres. Nas apresentações das quintas-feiras é comum as meninas iniciarem o sexo com sua parceira e logo rapazes subirem ao palco, para concluir os 50 minutos propostos para o espetáculo. Mesmo a organizadora sendo uma travesti, não houve apresentação de travesti no show de sexo explícito enquanto estive freqüentando o lugar.

O público majoritário é de homens, as idades são bastante variadas, parecendo até que alguns deles são de menor idade. Mulheres aparecem em menor quantidade, mesmo estas não pagando entrada. Travestis sempre circulam por lá. Mas, o que destaque é o padrão bissexual do lugar, mesmo com espaços como o Dark Room e as sala de exibição de filmes gays, onde os rapazes que freqüentam podem estar também atuando nas cenas explícitas com as meninas no palco no momento dos shows.

A programação do Cinemix é organizada dependendo do que acontece na cidade no momento (Anexo B). Por exemplo, *Cinemix na Copa do Mundo* oferece tabelas de jogos e exibição

---

dentro das identificações do coletivo.

30 Sala de cine hetero, sala de vídeo LGBT climatizada, área ao ar livre com vídeo-clips e churrasqueira, American bar, bar dançante, sala Vip, cabines free, Dark Room.



das partidas de futebol para os freqüentadores. Como também há algumas saunas na cidade. No mês de seu aniversário, abril, oferece descontos, a primeira rodada de cerveja para os primeiros clientes, apresentação de música ao vivo sem pagamento de *couvert* artístico e entrada gratuita de mulheres.

Também é lugar de “*pegação*” e ponto para garotos-de-programa e travestis. As cabines para se fazer sexo são livres para quem queira, isso já os estimula a cobrar só pelo programa. A entrada no Cinemix custava R\$ 5,00 (na época da pesquisa). O que contribui para que muita gente freqüente o local. Os espaços de atuação de travestis são variados. Elas podem entrar com seus parceiros ou seduzí-los nas poltronas das duas salas de exibição. Isso também é possível no corredor, em frente às cabines, que fica sempre cheio de rapazes propondo entrar com quem passe, cobrando ou não pelo sexo realizado dentro do espaço pequeno, que apenas possui um ventilador de teto, um ponto de luz e um apoio lateral alcochoado, seja para sentar ou para o que a criatividade determinar. Elas, as trans, podem ir somente para se divertir, sem interesse de buscar algum cliente ou um dinheirinho no fim do dia. É o que fez várias vezes Melina ao ir conversar com Palova, no fim do show, e as duas, acompanhadas do parceiro de Palova, também amigo de Melina, saírem juntos no fim da noite.

### 2.3.3 CINE SEX IMPERADOR

Localizado no bairro de Santo Antônio, rua do Imperador Pedro II, O Cine Sex Imperador desde 1998 está em funcionamento. Sua proprietária mantém um corpo de funcionários, todos homens adultos, diferente do Cinemix, que emprega jovens e moças. A entrada custa seis reais (R\$ 6,00), com direito a meia entrada para estudantes maiores de 18 anos. Seu espaço é composto de sala de projeção de filmes eróticos, dois por dia e duas mudanças por semana, uma de segunda a quarta-feira e outra de quinta a domingo. Lá se encontra também um bar, WC único, em frente ao espaço de mesas onde os garotos e travestis podem seduzir algum possível cliente para subir até os “*reservados*”<sup>31</sup> de cima. O andar de cima é composto de sete quartos de mais ou menos 4 metros quadrados, com cama de solteiro, banheiro, som ambiente, e exaustor. Para se ter acesso

31 Como a casa chama os quartos.

aos reservados é preciso pagar cinco reais (R\$ 5,00) por uma hora de uso e receber a chave respectiva, que vem acompanhada de dois preservativos masculinos. Se entram mais de duas pessoas a despesa é acrescida de cinco reais (R\$ 5,00) por pessoa e um real (R\$ 1,00) por cada 10 minutos adicionais de tempo.

O funcionamento da casa vai das 9 às 20 horas. No domingo, vai até as 19 horas e feriados até as 18 horas, abrindo todos os dias. Lá, a quantidade de travestis é maior que no Cinemix, principalmente porque elas estão especificamente fazendo ponto, com o apoio da proprietária do estabelecimento, que impõe algumas regras de comportamento.

Os frequentadores do Imperador são, em sua maioria, homens idosos. Diferente do Cinemix, que possui um público bem diversificado e de maior poder aquisitivo. Segundo Fabia e Monique, são homens aposentados que procuram naquele local algum tipo de diversão, como também a garantia de discrição pela sua prática sexual. Já que quem oferece serviços sexuais são garotos e travestis, e, no Recife, se preserva o imaginário sobre o parceiro<sup>32</sup> da travesti ser homossexual, o que apenas aparece nas falas das interlocutoras do Grupo Oxumaré com maior importância. A maioria destes homens são casados ou viúvos, com filhos e identidade a preservar, não cabendo na sua configuração identitária que pratica sexo com outra pessoa que também possui pênis.

No Cinemix não se cobra para entrar nas cabines, diferente do Imperador. Neste, a intimidade de quem frequenta as cabines é maior.

Nos dois lugares, Imperador e Mix, embora em um deles mulheres não paguem para entrar, o número destas é muito reduzido.

A aparência dos funcionários também é diferente, nos dois lugares. Por se tratar de um grupo de jovens, no Mix, a *metrossexualidade* é mais presente. Apenas uma moça trabalha no Imperador, além da proprietária.

Em termos de segurança, como já colocado anteriormente, as casas aqui mencionadas

---

32 Gostaria de esclarecer que não realizei entrevistas nem conversas apuradas com os clientes nem com os parceiros de travestis, como fez Pelúcio (2007). Todavia, ouvi alguns deles em conversas paralelas, nos ambientes em que fiz observação, no Recife.

têm funcionários determinados para a proteção de todos. A presença de policiais militares é grande. Uns, na hora do show, no Mix, vão manter a ordem para que não haja nenhuma agressão aos atores que estão se apresentando, para acalmar os ânimos dos que desejam subir ao palco e já não podem mais, e dos que se revoltam com a situação de ver e serem abordados por garotos de programa e travestis no Imperador. Alguns destes policiais são usuários da casa, seja como voyer, como expectador nas salas de projeção ou mesmo como consumidores do sexo oferecido pelos profissionais que ali trabalham.

#### **2.3.4 MKB**

O MeuKasoBar é um estabelecimento de diversão noturna situado na rua Oliveira Lima, bairro da Boa Vista. O espaço é dividido em seis ambientes de tamanho muito superior, as de qualquer outro estabelecimento do ramo, no Recife. Entre eles, um dancing com gaiolas para os *go-go boys* e *go-go girls* com palco para apresentação de drag-queens, travestis e transformistas; um espaço para samba e pagode; um outro para trio de MPB; um espaço para bandas de brega, no qual o afitrião sempre participa, dando canjas de seu talento artístico; um espaço videokê, com videogames, e outro com radiola de ficha para todos os gostos, em que a ficha custa R\$ 1,50. Todos os espaços têm bares e os banheiros ficam fora das salas de diversão. Nos dias em que fui fazer observação não havia Dark-Room, estava em reforma, pois o seu teto havia caído um pouco antes.

Há vários funcionários que se dividem entre serviços gerais, segurança na portaria, na entrada e no banheiro, barman, recepção, apresentação dos shows. Policiais também têm livre acesso a esta casa. Nos bares, tanto homens como mulheres trabalham, não havendo uma divisão do trabalho tão forte e tão marcada no quadro de funcionários quanto nos outros estabelecimentos, nos quais prevalece a mão de obra masculina. Os frequentadores são de faixa etária diversa, de orientação e identidade sexual também. Muitas pessoas dos subúrbios da Região Metropolitana aparecem por lá para se divertir, nos fins de semana. São rapazes, moças, casais de heterossexuais, homossexuais, andróginos, turmas de faculdades próximas, grupos de colegas, profissionais do

sexo, garotos de programa, travestis, drags, atores, observadores. Muitas fotografias são tiradas.

A entrada custa de três a sete reais, dependendo da hora em que se entra no estabelecimento. Os preços das bebidas não são diferentes das de qualquer bar da cidade, sendo até mais baratos do que em algumas casas de shows. Lá se apresentam as trans mais destacadas da cidade, do Estado e até da Região Nordeste. As travestis que freqüentam o lugar são desde as *européas*, que vão rever as colegas ou mesmo mostrar seu mais novo show, até as mais jovens, que ainda estão se iniciando no uso de hormônios e podem até encontrar algum parceiro e manter contato com as colegas. O espaço comporta também as que não têm dinheiro e roupa *adequada* para freqüentar a Metrópole, boate em que a entrada custa vinte reais, o que gera maiores custos para a comunidade gay e trans da cidade

### **2.3.5 SEX SHOP LOJA 7**

A Locadora de Ellen, que fica também no bairro da Boa Vista, foi espaço de observações e conversas constantes com ela, Melina e outras trans que circulam pelo espaço. A Locadora se localiza em uma galeria próxima ao Hospital do Exército.

No meio do burburinho do bairro, a loja de Ellen se divide em locadora, sex shop no térreo e cabines com televisão e video, além de um banheiro no primeiro andar, para os clientes assistirem ali mesmo os filmes escolhidos. Alguns deles vão acompanhados de suas esposas ou parceiros (as). O fluxo de clientes e curiosos é grande, e o grupo de amigos que passam por lá para tomar água, bater um papo, botar a conversa em dia e ainda levar para casa uma locação ou adereço diferente é também grande.

Quando estava freqüentando o espaço para a pesquisa também participei ativamente como usuária, e em alguns momentos como ajudante, não apenas observando participativamente. Eu locava filmes e conheci um pouco do que acontecia e como funciona uma locadora sex-shop, principalmente porque os clientes apareciam e eu estava só cuidando do espaço enquanto Ellen saía para ir ao banheiro, comer algo ou mesmo conversar com algum dos meninos da loja em frente. O

estabelecimento finda por volta das 20 horas. É quando Ellen e Melina, sua ajudante por um tempo, sobem ao quarto e se produzem para irem ao Fun Fashion, MKB ou à casa de algum colega próximo.

Em Recife, das 14 entrevistadas, 8 já circularam, circulam ou estão nas vésperas da ida a Europa. Destas, a metade foi para a Espanha. No que coincide de eu encontrar as duas que fazem viagens constantes para e pelo país ibérico. E das quatro que já foram a Espanha, há duas que iniciaram sua ida a Europa através do destino Espanha. A justificativa de conseguir dinheiro para montar um negócio, e ajudar a família têm destaque.

A grande maioria vêm de famílias de classe popular que ascenderam socialmente, principalmente pelo fato delas, com o dinheiro da Europa, investirem na carreira de irmãos e inverterem seus soldos no sustento dos familiares. Logo assim, o que circula não são apenas pessoas, mas também, e com mais força, o capital que estas pessoas adquirem com as suas viagens pelo mundo.(MARTES, 1999)

## 2.4 EM MADRID: ACESSOS NA ESPANHA

Ao chegar na Espanha, minha localização não poderia ser melhor. Em Madrid, me hospedei entre a Gran Vía e Chueca, bairro gay da capital que, como descreve Pérez (2004):

Todavía a principios de los noventa, Chueca era una zona que, como otras del centro de Madrid, se caracterizaba por la concentración de actividades no normativas, cuando no ilegales (...)

En el “ambiente” madrileño, la explosión de Chueca a partir de 1996, aproximadamente, zona en la que se concentran de año en año más y más negocios orientados a un mercado gay, es una pieza fundamental de explicación del paso de una situación que podríamos llamar postfranquista, con modelos de sociabilidad basados em redes informales, en el que la visibilidad de los colectivos contrasta fuertemente con la invisibilidad de la vida gay de la inmensa mayoría y en el que la vida gay se desarrolla en redes informales y principalmente en la calle, a un modelo de comunidad equiparable a los existentes en Estados Unidos o Europa ya desde los setenta (...). En cuanto a su localización en la geografía urbana, sigue el modelo de zonas de ocio que concentran locales que atraen a un público similar en edad y *habitus* de clase com “interacciones” más que con personas

localizadas, a diferencia del modelo estadounidense residencial (...) en todo caso. Sin duda, en parte es la propia oferta la que crea la demanda; se trata de un proceso que se retroalimenta pero que parece tener su punto de partida en cambios generacionales en la forma de concebir y vivir la homosexualidad del sector de clase media (Escoffier, 1998; Chauncey, 1994), en el contexto de los cambios sociopolíticos que se han esbozado. (PÉREZ, 2004: 75-76)

Lá, como ia passar um ano fora de casa, aluguei um estúdio na calle del Barco, rua transversal a uma outra cheia de pontos de prostituição: Calle del Desengaño, que tem sua origem retratada por Veksler (2005):

El nombre de la calle se originó en una curiosa historia divulgada en los mentideros de la villa. Cuentan que el acaudalado Jacobo de Gratis pretendía infructuosamente el favor de una joven de la que estaba enamorado. Una noche, al merodear por las proximidades de la casa de su amada, en la Puebla de San Juan de la Victoria Bracamonte, un lugar bastante descampado en esse entonces, se cruzó con el príncipe Vespasiano de Gonzaga, de quien sospechaba que era su competidor. Invadido por la ira lo desafió a cruzar las espadas. Cuando se estaban batiendo, vieron que una figura de mujer toda cubierta de negro pasaba a su lado, perseguida por dos caballeros y un zorro, que asustó sobremanera a los combatientes al ver resplandecer sus ojos en la oscuridad. Cuando estuvieron cerca los dos hombres, los reconocieron y, luego de un breve diálogo, se unieron en búsqueda de la misteriosa mujer. Tuvieron que apresurar sobremanera el paso para poder alcanzarla. Cuando lo lograron, la encontraron inmóvil, sin que se pudiera percibir su rostro. Todas las preguntas que se formularon quedaron sin respuestas. Casi temblando se acercaron y Jacobo se atrevió a levantarle el velo, quedando paralizado por el horror al visualizar el rostro de una momia muy bien conservada y vestida de terciopelo. “Qué desengaño!”, gritaron al verla los demás. Se alejaron raudamente del lugar, pero una luz los distrajo, era una antorcha que alguien sostenía mientras caminaba lentamente. Cuando comenzaron a correr hacia ella, se apagó y escucharon pasos que se alejaban. Desenvainaron las espadas, dispuestos a acometer contra el misterioso caminante nocturno, pero sorpresivamente reapareció dando aullidos el zorro de los ojos chispeantes. Los caballeros lo juzgaron como un hecho encantado; no obstante, intentaron atrapar al zorro, pero este también desapareció. Los caballeros consideraron que la sucesión de hechos misteriosos era suficiente por esa noche y decidieron retirarse del lugar, sin saber que se trataba de una astucia concretada por otros caballeros que se rieron del susto y estupidez que demostraron sus colegas. (VEKSLER, 2005: 162)

Esta história tem a ver com a nomeação da rua, o que remete também a intercursos

amorosos, o que se repete ainda hoje, embora com maior intensidade, haja visto ter se tornado ponto de prostituição e de lojas eróticas, além de alojamento de algumas profissionais do sexo que ali mesmo realizam suas conquistas.

Depois descobri que na rua paralela, Ballesta, também se encontravam travestis. Em todo o entorno há sex-shops, clubes, muitos deles dentro das lojas de produtos eróticos, bares eróticos e uma das três salas X<sup>33</sup> de Madrid. Lá se encontram também pensões e prédios inteiros com quartos disponíveis para quem não possui o Documento Nacional de Identificação. Num local assim, que aloja estrangeiros sem documentos legais (*sin papeles*), é claro que a população trabalhadora da área (prostitutas, proxenetas – *chulos* – e traficantes), ao mesmo tempo em que não é incomodada pelos demais, sofre com as incessantes buscas da Polícia Nacional e a hostilidade dos grupos contrários à sua atividade, como bem aponta uma pixação na rua lateral, com a afirmativa “Fuera Prostitución”.

Em meio a essa gama de espaços e pessoas a investigar, iniciei minhas idas a campo, na própria esquina de casa e me vi com fortes dificuldades: “*Aquí solo hay panameñas, venezolanas, peruanas. Las brasileras se quedan más abajo!*”, me disseram várias vezes as meninas da Desengaño.

Ficávamos até 3 horas da manhã achando tudo a maior paz, pois não víamos ninguém “*fazendo elza*” nem sentíamos o medo estampado nas caras das pessoas, como é comum no Recife.

Por mais que as pessoas amigas e conhecedoras das mediações onde eu estava morando me alertassem de que eu estava mal localizada, por mais que a televisão e a união de vizinhos denunciassem, através de protestos, a zona como marginal, eu estava adorando o lugar. Não poderia ser melhor, pois meu campo de estudo estava ali mesmo: em frente ao meu prédio, na esquina, na rua paralela, na transversal, dentro do bairro gay da cidade, onde as boates, clubes e bares LGBT fervilhavam todas as noites. Alex, meu vizinho de andar, recebia umas trans, amigas suas, lá eles realizavam com frequência festas que incluíam rayadas e passes, seja de haxixe, cocaína ou alguma mistura de drogas. Sobre a primeira visita, relato:

33 Letra que designa que o local é reservado para sexo. No caso das Salas X da Espanha, se trata de cinemas eróticos.

Quando chego lá é o aniversário de Pol, romeno, namorado de Alex. Entrei e conheci as pessoas. Um sueco, um russo, um africano, duas *transexuales* espanholas - Carolina e Paola, Alex, um outro espanhol e eu, brasileira. Lá bebi cerveja, um copo de coca cola e um *pastel* (torta diet de morango e queijo). Tinha um rapaz que beijava e alisava Carolina, além de, junto com Alex, dar tapinhas em sua bunda o tempo todo. Paola ao celular. Alex me apresentou como sua vizinha e tentei conversar com eles. Alex me disse: Pergunte a elas, fale a elas sobre sua pesquisa! falei um pouco mas me constrangi com tanta gente em um espaço pequeno. Não podia, em uma ocasião de festejo fazer pesquisa, questionar algo nem alguém. Todos bebiam e cheiravam num frasquinho que o africano disse que era perfume quando Carolina falou que era coca. Alex, com a unha, passava na língua de todos o pó. Me ofereceu, recusei. Perguntaram se eu fumo, eu disse que só bebo. Estava só na cerveja e refrigerante. Alex insistiu para que fizesse perguntas às meninas, e eu, meio deslocada, comecei a conversar...

Como ficar à vontade num lugar tão estranho pra mim? Com pessoas falando em todas as línguas, consumindo o que for possível de pós, ervas e jogos eróticos em um espaço de aproximadamente 10 metros quadrados. Nove pessoas de toda parte do mundo. Eu era o patinho feio, a única mulher, e sem interesse em me divertir, sem ser entendida e sem entender algumas palavras do cotidiano deles. (...) E ainda, preocupada se conseguiria ou não interlocutores e, ao mesmo tempo, sendo cobrada por Alex para conversar com as trans. Elas eram o alvo de todos. Até que se desentenderam e Paola foi embora. Fiquei conversando com Carolina e marcamos de nos ver, o que realmente aconteceu várias vezes.

Esta festa na casa de Alex me fez recordar a experiência de Bourdieu:

Enquanto eu tentava lhes explicar quem eu sou e o que eu faço e afastar as suspeitas ou os temores que eles pudessem ter ('meu trabalho é ouvir, tentar compreender e contar depois: não sou nem juiz nem policial', etc.), eles ouvem olhando para os lados, como que para esconder seu embaraço (...) e também, parece-me, seu medo de não estarem completamente à altura, de não compreenderem bem, eles nada perguntam (...). Eles me fazem compreender simplesmente que estão aguardando minhas perguntas. (BOURDIEU, 1997: 82)

Apenas com uma diferença, eu estava tentando ser a mais comum ali e as perguntas eram as pessoas da festa que me faziam, porque eu mesma queria escutá-las, o que Alex não permitiu, me enchendo de perguntas e pedindo que eu as fizesse a Paola e Carolina. Eu não queria gerar olhares para a minha pessoa nem algum tipo de questionamento, algo impossível, porque eu



não compartilhava da cultura do grupo, do que todos eles tinham em comum: estarem consumindo tabaco, outros tipos de droga, através do fumo, cheirando e bebendo o que aparecesse. Eu apenas bebia, mas com cautela, para não me perder no objetivo em estar ali. Este comportamento proibiu-me de melhor me colocar entre os demais. Não foi esta a única vez que freqüentei a casa de Alex.

Tenho que admitir: Não faço Etnografia extrema (MEJÍA, 2006) nem tampoco autoetnografia. Pois, sempre me preocupei, e na Espanha mais ainda, com o distanciamento que, enquanto pesquisadora, precisamos ter em campo. Sempre fui convidada a participar destas festas, mas, por isso, bebia apenas cerveja, para poder observar e depois registrar em diário.

De Alex, consegui as indicações de algumas boates para freqüentar e tentar fazer observações em campo. Carolina me convidou a ir ao seu apartamento. E nos levou<sup>34</sup> até a Calle Castellana, onde conheci Érica.

Antes de conhecer Alex e Carolina, uma intensa negativa e silêncio dos primeiros contatos possíveis – de outubro a dezembro – assolou o campo, o que me diz muito sobre o meu início: Primeiro, creio, e mais uma vez afirmo que comecei da forma errada, indo eu mesma procurar as pessoas nas ruas, sem cuidados em ir acompanhada com pessoas legitimadas frente às trans na Espanha. Mais uma vez deveria ter ouvido os conselhos das meninas do Oxumaré quando diziam que eu não deveria ir para a rua sozinha. Embora eu estivesse com Dudu, mas apenas como companhia e não para abrir o campo, pois ele sabia menos do que eu.

No Brasil falar com as meninas na rua não é difícil, mas se a ONG vai junto melhor. Na Espanha, consegui obter muitas informações interessantes através de conversas curtas com as trans latinas, mas nenhuma me concedeu entrevista. Por isso, consegui fazer apenas 8 entrevistas, conforme o quadro a seguir:

---

<sup>34</sup> Em Madrid, sempre ia acompanhada de Eduardo, quando se tratava de entrar em boates, sex-shops e lugares em que a circulação era intensa à noite, como a Calle Castellana, os arredores da Calle Barco (Desengaño e Ballesta) e a Casa de Campo, onde descobri que era impossível fazer algum estudo. Primeiro pela negativa das Ongs em me aceitar como mais uma na furgoneta; depois, pelo intenso fluxo de carros e clientes das travestis e mulheres ali, o que tornou impossível qualquer contato.

**QUADRO 3. TRANS NA ESPANHA**

<b>NOME</b>	<b>IDADE</b>	<b>ORIGEM</b>	<b>ESCOLARIDADE</b>	<b>MORADIA ESPANHA</b>	<b>EUROPA</b> <b>(Rotas de saída e chegada; Quantas vezes foi; Há quanto tempo; Países em que circulou)</b>
ÉRICA	25	MA	Fundamental II incompleto	Pensão; hostel (c/companheiro)	SP-ESP(BCN); 01;1,4m; ESP;
LORENA	23	PA	Fundamental II incompleto	Piso	SP-ITA-ITA-ESP; 12x(3x3meses);6a; 5a ITA,1anoESP; ITA;ESP.
PAOLA	48	PB	Superior completo;	Quarto aluguel;	GUI/FRA-POR-ESP; 01; +10a; (Tentou cidadania nos 3);
GRAZITA	31	RJ	Médio completo;	Apartamento(c/companheiro)	RJ-ING-SUL,HOL-ITA-POR-ALE-ESP; 10a; SUI;HOL;POR;ESP;ALE;FRA;ITA;
GRAZY	25	SP	Médio completo;	Piso	SP-ESP/SP-HOL-ESP; 02x;1a-1,2m;FRA;POR;ESP;
CRIS COUTO	21	PR	Médio completo;	Apartamento aluguel;	SP-POR-ESP(MAD);01x;+3a; POR;ESP;SUI;ALE;
BYANKA	19	BA	Fundamental II incompleto	Piso	BA-ESP(MAD,BCN);01x; 01a; ESP;
VIVIAN	33	CE	Médio completo;	Piso	SP-FRA-ESP(MAL);01x;1,4m; ESP;

Apto – Apartamento; PE – Pernambuco; SP - São Paulo; CE – Ceará; BA – Bahia; PR – Paraná; RJ – Rio de Janeiro; PB – Paraíba; PA – Pará; MA – Maranhão; POR – Portugal; ITA – Itália; ESP – Espanha; FRA – França; SUI – Suíça; HOL – Holanda; ALE – Alemanha; ZUR – Zurique; BCN – Barcelona; MAD – Madrid; MAL – Málaga; X – várias; x – vezes; 3x3meses – de 3 em 3 meses; NI - Não Informou.

As dificuldades me fizeram voltar ao caderninho e pegar os endereços de Ongs, fornecidos por Piscitelli. Primeiro fomos à Transexualia, e depois de errar o endereço, consigo encontrar Rebeca Rullán, Martín Berenguer, Alec Casanova, Claudia e Lizete; todos, menos eu, eram transexuais (alguns sem cirurgia de reassignação) sejam de homem para mulher ou de mulher para homem. Todos vinculados à FELGT, a federação que congrega todas as ONGs do país.

Lá, falei com o pessoal da Cogam, Alberto me foi bem simpático, ligando para Lola Martín, do Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid. Ela me deixou acessar sua biblioteca, mas, foi firme em afirmar que não poderia me dar acesso a nenhuma das trans atendidas pelo Programa. Fiquei 3 meses fazendo leituras enquanto só tinha conseguido conversar com Érica, até que, em fevereiro, ela me passou o telefone de Paola. Fui algumas vezes à sede da Transexualia, até que cansei de não encontrar ninguém lá. Lola, me

conseguiu o telefone da presidenta e, em janeiro, participei de uma reunião que discutia sobre a Lei de Identidade de Gênero na Espanha. Votada e aprovada dia 15 de março de 2007. Entrou em vigor no dia 17. Discorre sobre a modificação de nome e sexo da pessoa, sem necessariamente haver a reassignação sexual, ou seja, a transgenitalização. Para fazer o pedido da modificação no Documento Nacional de Identificação – DNI – é preciso ter nacionalidade espanhola, parecer médico acerca de sua transexualidade – endocrinológica, psicológica e psiquiátrica – ser maior de idade e ter tido um tratamento hormonal de, no mínimo, dois anos.

Nas intermitentes buscas por lugares que travestis e brasileiros frequentavam, entrei em um espaço cuja porta estava escrito SX Man, para ver se encontraria alguma travesti. Ainda vi a “cara” do local, mas um rapaz magrinho, vestido de couro, “*a la sadomasô*”, me empurrou para fora, fechando a porta e dizendo que ali não era local para mulheres. Minha reação foi rir por horas do acontecido. O local era escuro, muito abafado, e cheirava a um misto de tabaco com suor. Característica de muitos dos locais de diversão em Chueca.

Nas boates e bares<sup>35</sup>, consegui material, planos do bairro com eventos LGBT e endereços importantes (Plangay, Shan guide, Odisea). Colhi informações nos meios de comunicação, como jornais distribuídos nas entradas dos metrô e na televisão. Todos em relação a travestis e migração.

O interessante é que na Espanha há, pelo menos, três canais televisivos totalmente dedicados a classificados eróticos. A partir de meia noite exibem filmes pornô, mas, durante todo o dia exibem fotos e textos de pessoas se oferecendo como consumidor e outras como produtos nesta indústria do sexo. Alguns canais de televisão, a partir de determinada hora da madrugada vendem de tudo, principalmente sexo, seja por vídeo-jogos, vídeos eróticos e tons/vídeos para celular, o que nem de longe ocorre no Brasil. Esta indústria do sexo televisiva acabou por me instigar à procura de brasileiras travestis, mas, quando se trata de travestis não há referência à nacionalidade, e em relação a mulheres apenas em tons/vídeos para celular é divulgada a nacionalidade delas (*las chicas brasileñas más callientes*).

35 Mito, Cool, Sasha's, LL bar de copas, Blach & White e A Noite.

O quadro 3 mostra que em Madrid, as trans brasileiras que entrevistei, oito no total, vêm de oito diferentes estados brasileiros. Destas, apenas três foram direto para a Espanha. As demais fizeram rotas e paradas para trabalho em outros países da Europa. Sem exceção alguma, todas elas vão a Europa com o objetivo de trabalharem. Algumas já não mais realizam prostituição no Brasil, o que exatamente fazem na Espanha. O que mais lhe atrai para o trabalho e o ganhar dinheiro fora do país, é o fato de poderem investir em si mesmas. Cinco das oito interlocutoras ouvidas em Madrid fizeram modificações corporais com o dinheiro que ganharam na Europa, mesmo que tenha sido, algumas delas, com profissionais brasileiras, seja ou não na Espanha.

## 2.5 ETNOGRAFIA MULTISITUADA<sup>36</sup>.

Enquanto falava com familiares e amigos através da internet e do *locutório* (lan house), lugar comum de estrangeiros que estão na cidade, escutei um som conhecido. Língua portuguesa falada por brasileiro. Ele conversava com sua cunhada, que mostrava na webcam seu sobrinho. Esperei a conversa acabar e o abordei. Dali a um mês ele inauguraria seu salão de beleza, ISDivine. Lá conheci alguns brasileiros, como Breno e Jayme. Ambos *chaperos* (garotos de programa). Ficamos amigos, visitei várias vezes o salão e sua casa, em que Igor me apresentou mais amigos e trans brasileiras que estavam pela Espanha.

Deste contato consegui entrevistar Vivian, Byanca e Cris Couto.

Das sete trans entrevistadas, cinco foram por contato via Igor, que também estava começando a escrever um livro sobre sua vida. Breno me indicou Grazy e Grazita, mas estas não podiam me ver, porque não tinham tempo de conversar comigo pessoalmente. Elas viviam em *piso* e só saíam poucas horas por dia e poucos dias por semana, e quando saíam preferiam se divertir a estar conversando com uma desconhecida, interessada em sua vida. Foi aí que acionei a internet, já que também só as contactava via mensagens instantâneas do windows, *msn*, e o site de relacionamentos *orkut*, espaço em que conheci Lorena e conversamos algumas vezes. As conversas

---

<sup>36</sup> Termo utilizado para informar que a principal característica da investigação é a não fixação do pesquisador a uma única zona geográfica e contexto. Nem no texto que se vê na tela, nem tampouco atrás dela. (PÉREZ et al, 2003)

foram gravadas no próprio computador, no momento das falas, e realizadas em várias etapas do roteiro, como também nas vezes que conseguimos coincidir na internet. Elas estavam em intervalos entre um cliente e outro e o fim das conversas geralmente acontecia porque se ocupariam de mais um programa.

Questionei-me muito sobre a veracidade dos dados. Principalmente quando Breno e Jayme me alertaram quanto à possibilidade de *fuga da verdade* (grifo meu) das meninas ouvidas pelo meio eletrônico, afirmando que é comum as pessoas mentirem sobre sua vida e sua identidade, e ainda mais quando se trata de travestis. Até insisti em encontrá-las fora dali, como uma tentativa de extrapolar o universo virtual e seguir, através de meus próprios sentidos corporais, suas vidas *fuera de la pantalla* (PÉREZ et al, 2003).

Foi preciso muita paciência para unir as muitas conversas em entrevistas completas, pois a linguagem de *msn* é entrecortada em sua própria estrutura. O que contribui para que a construção da cultura comunicativa do programa seja difícil para quem está acostumada ao campo real. Pois, no virtual prevalecem “*frases cortas y respuestas inmediatas, consistentes muchas veces en emoticones o expresiones simples, [além de] continuas interrupciones, cuyo sentido es sencillamente mantener la comunicación abierta*” (PÉREZ et al, 2003: 84). Interrupções estas marcadas também pelo famoso *net-split* (corte ou queda de rede), que dificulta a continuação e o controle da entrevista por parte da pesquisadora, principalmente.

Pensando que estaria mal ao entrevistar algumas das trans por *internet*, me dei conta que aí mora a especificidade da coleta de dados, pois as circunstâncias me obrigaram a aderir a esta tecnologia de comunicação, devido às condições de trabalho de algumas travestis brasileiras na Europa.

Gálvez Mozo (2004), ao estudar os do ensino a distância na Catalunha, aponta para as críticas à análise do entorno virtual utilizada em sua etnografia. Utiliza em seu estudo dois embates quanto a etnografia virtualizada: um, que afirma sobre as limitações da interação social, que fica comprometida porque o contato corporal não mais controla o “*hasta donde y cómo se*

*observa*”, devido a um descompromisso de verdade e experimentação corporal da realidade em questão, a pesquisa, por exemplo. E outro, que afirma justamente o contrário, primeiro porque o buscador (usuário da tecnologia de busca virtual) sempre está munido de ferramentas prévias e conhecimentos que antecedem a sua pesquisa na rede de internet. Ou seja, não é um solitário, pois este conhecimento pode ser uma simples pergunta ou uma série de objetivos em relação à outra pessoa do outro lado da tela, em que os “*critérios de ordenação, relevância e relação*” estão presentes na atividade.

Para Gálvez Mozo, a realidade offline “*permea absolutamente o que ocorre en los entornos virtuales*” (2004: 43) através de interações em seqüência, em que as recomendações e feitos presenciais (*invasão da realidade offline*) dão o tom, em que a sociabilidade permanece entre os usuários do sistema. Logo, virtual e presencial são paralelos, além de enriquecedores de um para o outro nível, segundo a autora, que conclui afirmando ser o foro um “*fenómeno interactivo performativo*”.

No estudo de Pérez et al (2003) a problemática é a possibilidade de traslado do método da observação participante e entrevista em profundidade a um entorno virtual, como os *chats*<sup>37</sup> na internet. Seu objetivo é analisar as experiências de mulheres em dois chats, no tocante a entender que as suas identidades são reais, pelo menos no ambiente analisado. Os autores concluem haver a forte presença da “*mediação tecnológica durante todo o processo etnográfico*” (PÉREZ et al, 2003: 76).

Analisar o entorno virtual, ou mesmo conversar com as travestis pela internet não era minha proposta, nem tampouco chegou a participar de meu campo de investigação, haja vista que apenas as conversas com algumas das travestis ocorreram por meio eletrônico. Tanto que a situação virtual delas não foi analisada, nem mesmo a presença de algumas delas em sites de relacionamento da Espanha.

O uso de correio eletrônico, de mensagens instantâneas e de sites de relacionamento como o orkut, faz parte desta pesquisa como ferramenta de confirmação de informações. Mas,

<sup>37</sup> Salas de Bate-papo.

também, como instrumentos de coleta de dados, apenas com pessoas que vivem numa situação de deslocamento entre cidades e países, com impossibilidade de saírem do lugar onde estão de *plaza*<sup>38</sup> para outro espaço, para fazer algo que não seja trabalhar, como é o caso das conversas travadas e gravadas com as travestis enquanto não aparece um cliente, o que pode prolongar-se por horas.

A esta altura, encontrei um aliado. Como os encontros eram ocasionais, os dias e os horários diferentes, acabei por repetir o roteiro de perguntas várias vezes. E, por falta de atenção, o que não ocorreria numa entrevista frente-a-frente, com tempo determinado para começar e findar, acabei descobrindo uma performatividade (BUTLER, 2003; GÁLVEZ MOZO, 2004) nos encontros, que repercutiu nas perguntas e nas respostas. Uma repetição que me fez receber respostas também repetidas, além de que as próprias interlocutoras me lembravam da repetição da questão. Virtualmente rimos juntas e acabei por relaxar no tocante a me preocupar se aquelas respostas eram ou não verdadeiras. Assim, pude constatar que não deveria deixar de lado aquelas *verdades possíveis*, pois, como afirma Bourdieu:

Seria, pois, ingênuo ater-se à verdade que eles propõe [sic], com toda sinceridade, e sem intenção de enganar (...) mas será infinitamente ainda mais ingênuo recusar esta verdade possível. (BOURDIEU, 1997: 85)

Mas, mesmo que a verdade tenha sido algo pouco controlado e a representação do que as meninas fazem do que é ser travesti e brasileira tenha prevalência nesta tese, a responsabilidade com as verdades foi muito maior para a pesquisadora, como me lembrou Aleika: (...) *espero que breve me envie as partes do livro onde eu apareço para que eu possa também incrementar mais coisas e dar um ok final.*

Verdade que é construída e que constrói a identificação delas enquanto travestis e brasileiras, principalmente estando longe de casa. Pela internet também mantive contatos com o

---

<sup>38</sup> Estar de plaza é estar localizado em algum piso ou espaço que impossibilita sair dali sem o devido consentimento do proprietário ou responsável pelo estabelecimento. Estar de plaza significa estar em um espaço, localizar-se temporalmente naquele lugar, seja pisos, apartamentos, ou clubes, salas de festa. São vagas que se consegue nos pisos para fazer o trabalho de prostituição. Estar de plaza significa também estar localizada em determinado lugar da Europa, Espanha especificamente, por um período mínimo de 21 dias, ou seja, 3 semanas, fazendo programa.

Brasil e com as meninas com as quais conversei ainda no Recife. Através de Aleika e de nossa comunicação via orkut e e-mail, consegui ser aceita como convidada na festa de aniversário de Thara Wells, em Barcelona. Lá, reví Cris Falcão e Carla Ferri. Conheci Lis, a mãe de todas ali. Realizei observações no evento e conversas esclarecedoras e amistosas sobre alguns pontos de interesse da pesquisa, embora de forma bem sutil, para não tirar a atenção de todas para o glamour da aniversariante e da própria festa.

No repensar as experiências percebi que a minha presença na Espanha foi uma forma de constatar como a imagem da travestilidade está sendo construída, discutida e tomada como identidade de trans que circulam por esse país. Mais ainda, como foi importante para verificar como se constroem a imagem de Brasil e brasilidade pelas que vivem, pelas que circulam e pelas que falam sobre a Europa.

Não fui atrás de uma terra exótica, de nativos como informantes, como fizeram Rubio (s/d) e tantos outros. Fui como brasileira para tentar entender brasileiras que migram, embora tenha ido de forma diferente, mas também foi necessário ser assim, do contrário não poderia atingir meu objetivo de trabalhar com elas. Muitas vezes, e isso aconteceu também no Brasil, abri mão do gravador, da entrevista formal, do roteiro guardado na bolsa, para conseguir aliadas, colegas que conversassem comigo e transmitissem informações para o estudo. No meu retorno ao Brasil, ao procurá-las, percebi o quanto de europeidade elas buscavam em mim, principalmente as que não tinham viajado, por exemplo, Graça.

Desta forma, a valoração de algumas partes do roteiro foi destaque para as diferentes interlocutoras, pois, percebi em cada começo de conversa um pouco do que eu poderia explorar naquele encontro. Deu tão certo que até hoje mantenho amizade com algumas delas. Infelizmente, com outras não foi possível, por vários motivos, um deles sua mobilidade espacial intensa, mote desta tese.



### 3. NOMES QUE OUSAMOS DIZER

Sin nombrar no somos nadie. (Lola Martin)

Travesti. Que eu sou travesti né? Transex é quem fez a cirurgia. Então travesti pra mim não é problema. A palavra travesti é muito forte, travesti eu acho que é muito grossa. Lembra logo aquelas bichas marginalizadas com short beira-de-cú, aquelas coisas assim, aqueles homens musculoso [sic] querendo se vestir de mulher. A imagem que a pessoa tem entendeu? Aí botaram mais pra transex porque transexuais é quem faz cirurgia. Aqui já fala transex porque é uma palavra mais sensual assim, mais delicada. Então transex já vê você como mulher pela imagem entendeu? ... sou travesti... E, deixa eu ver... eu queria ser encantada por um homem, então quando eu usava muita peruca, que eu fazia show de transformismo então eu ficava parecendo uma mulher, então os homens ficavam encantados por mim, então, essa é uma maneira que eu tenho de atrair eles pra mim... E então eu queria um homem, no caso de meu namorado que é louco por mim, que eu tenho uma aparência feminina, entendeu? Tanto é que se sujeitou a deixar eu comer ele, ele ser passivo, gostou, mas não... Porque tem as mulheres e tem o travesti. Porque o travesti sempre chama a atenção, porque sempre tem aquele corpo esculpido, entendeu? Por a gente não quer ser mulher a gente tenta ser *a mulher*, quer dizer, mulher que é mulher tanto faz, ela tá de cabelo solto, de cabelo amarrado, ou tá de calça jeans e de tênis, pra ela, ela é mulher. E a gente, como não é mulher, a gente quer aparentar aquela mulher e já se olha nas artistas, entendeu? (Vivian)

Esta citação de Vivian, que me pediu para não trocar seu nome<sup>39</sup>, é emblemática para iniciar este capítulo porque mostra como é comum haver, em sua trajetória, uma infinidade de termos possíveis para caracterizá-la. E foi através da aparência que conseguiu o objetivo que tanto buscava na vida: seduzir seus parceiros.

A quantidade de termos disponíveis no nomeamento das travestis, principalmente no discurso delas mesmas, é grande. Isso não quer dizer que travesti, trans, transformista, TGirl, TGata, transex, transgênero sejam definições identitárias aleatórias ou mesmo indefiníveis das interlocutoras que aqui estudo. Faz parte de um *processo* em que se construir, enquanto travesti,

---

<sup>39</sup> Já que este ela apenas utilizou para me conceder a entrevista na Espanha.

abrange a denominação específica para tal e o contexto, o espaço e o momento no qual se aciona tal nomeação para a pessoa.

Por isso, no estudo entre Brasil e Espanha se percebe denominações diferentes para as interlocutoras aqui destacadas, tanto na literatura quanto nas identificações pessoais de gênero e sexualidade, o que discutirei ao longo deste capítulo.

Ter, dar ou receber um nome faz parte de um processo de construção identitária que leva consigo e gera tempo e comportamentos definidos para tal denominação. Desta forma, receber, ou dar um nome gera gênero,<sup>40</sup> porque está impresso em nosso comportamento. Receber um nome significa ganhar um lugar social que implica classe e status, comportamentos que criam e recriam normas. Normas que são quebradas ao surgirem novas determinações normativas que se estabelecem com a repetitividade impressa em cada uma delas.

É o nome que faz surgir os *exemplares*, como afirma Butler. Porque as pessoas começam a se reconhecer nos modelos disponíveis na prateleira do “*supermercado cultural*”. Assim, cada vez que se determina um nome para os modelos de apresentação de gênero aparecem mais pessoas se assumindo enquanto tal. E isso está bem visível com as travestis brasileiras que circulam pela Europa, onde iniciam as mudanças em seus nomes, a partir do momento em que saem do país. De travesti no Brasil, passam a transexuais quando começam a conviver com a realidade espanhola, por exemplo. E, como afirma Butler: “Ser llamado por un nombre es también una de las condiciones por las que un sujeto se constituye en el lenguaje” (1997: 17).

Desta forma, penso gênero como cultura: processo. Neste sentido, utilizo aqui o conceito de Hannerz, principalmente quando enfatiza

que apenas por estarem em constante movimento, sendo sempre recriados, é que os significados e as formas significativas podiam tornar-se duradouros (...). E, para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la, discuti-la e transmiti-la. (1997: 04).

---

40 Judith Butler. Conferência em Barcelona, Museu de Arte Contemporânea, 2007.

Penso ser possível também defender este conceito como contestação (BUTLER, 2007) ou resistência a normatividades (PRECIADO, 2005), um tema bem desenvolvido por Wittig em seu manifesto.

Quando penso em cultura de gênero e identidade é possível destacar um “conjunto de diferentes modelos sócio-culturais” (BUTLER, 2007), que são construções históricas, seja para o masculino, para o feminino e para os que se desencaixam nos moldes fechados para os dois modelos.

Assim o é para as travestis que mudam de lugar, que migram entre estados brasileiros e até entre países e em cada um deles descobrem novas nomenclaturas para sua identidade, novos nomes que lhes dão resposta sobre seu comportamento e sobre as apresentações de gênero que dispõem em sua trajetória. Uma trajetória que contribui para a apresentação de gênero como processo e contestação, em que as travestis são as protagonistas de um movimento que é cultura e, por estar nela, circulam pelas categorias sem grandes problemas, se intitulado de transex ou travestis, independente do lugar onde estão localizadas, ou mesmo como européias, quando estão ligadas a uma identidade de quem circulou pela Europa.

É com a ajuda da Teoria *Queer* e de autores espanhóis bem antenados com esta teoria que inicio este estudo, este capítulo. Desta forma, destaco aqui que gênero funciona como o nomeamento da prática, como impressão de linguagem no corpo que se comunica o tempo todo para se fazer inteligível. A modificação no corpo e na linguagem, o que acontece através de *habitus* apreendido e aprendido no trajeto da travestilidade e dá *corpus* ao gênero construído na pessoa, acontece com o objetivo da pessoa se fazer entendível aos olhos da sociedade. Ela e seu corpo generificado que sugere um nome para ser entendido, chamado, pelos outros ao redor. Um nome para caracterizar aquela aparência, como bem afirmou Vívian na abertura deste capítulo.

Desta forma, este ítem da tese se propõe a discutir como os nomes determinados para travestis brasileiras mudam conforme elas migram, e é a Espanha o meu grande alvo.

### 3.1 PARA DISTINGÜÍ-LAS

Há uma pluralidade de maneiras de nomeações que escutamos diariamente entre elas e para com elas que distingue a pessoa travesti. Elas mesmas, por estarem inseridas num mundo em que a infinidade de termos de identificação é grande e a preocupação com a afirmação da pessoa é importante, principalmente para se tornarem fortes perante o coletivo e os pares, se perguntam como devem se referir a si mesmas, de forma politicamente correta, quando em público, em meios de comunicação, como rádio e televisão e reuniões de direitos humanos de ONG.

Não estou tratando de nomes de registro ou codinomes – nomes de guerra – como costumam ser chamadas pelos pares, nomes de “*batismo*”, adotados desde que deixam de querer ser rapazes. Mas, sim, nomes que designam identificação enquanto travestis, ou seja, classificações e categorias.

### 3.2 PARA LÊ-LAS. PEQUENA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE TRAVESTIS E TRAVESTILIDADE

Silva (1993; 2007a) afirma que travesti é *a invenção do feminino*, não como *inversão* tal retrata Oliveira (1994), semelhante à idéia de “*(re)construção do feminino*” de Pelúcio (2004), “*montada*” sobre um corpo de nascimento masculino.

Em um segundo momento, Silva caracteriza dois modelos de travesti no Brasil, um deles é o histórico, que marca a teatralização ante o espelho, frente a alguns pares ou mesmo a um público, durante o carnaval. Esta figura não é por ele considerada em sua análise, porque marca uma experiência de travestilidade que descaracteriza as travestis atuais interlocutoras deste autor. Mas, também porque confina em um momento, o carnaval, pessoas que circulam diariamente na cidade do Rio de Janeiro – ambiente de sua análise. Mesmo se dando conta da figura da “*travesti histórica*” (1996: 20), o autor reflete, em sua obra, sobre a figura da “*nova travesti*”, novas atrizes na cena urbana, que se configura como um fato (DURKHEIM, In: Rodrigues, 1993) novo em nosso

cotidiano, e possui “*inscrições observáveis e comprováveis*”. Atrizes que obrigam, por sua presença, a uma “*reflexão sobre mudança social, processo de transformação cultural*” (SILVA, 1996: 21) e nacionalidade enquanto pertença a um grupo na sociedade atual.

Atrizes, no plural, que se diferenciam mais do que se assemelham (MEJÍA, 2006), embora expressem em seu próprio corpo a heteronormatividade (WITTIG, 1978; BUTLER, 2003) socialmente estabelecida e, desta forma, a ambigüidade (SILVA, 1993) clara, na visão de muitos que apenas as olham, e não as vêem.

Reforço também neste estudo que travestis são pessoas que transformam seus corpos esteticamente com a tecnologia disponível para deixá-los com traços do sexo oposto (PATRÍCIO, 2002), “*vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina*” (BENEDETTI, 2005:18), como não poderia deixar de ser, pois, precisam se distinguir de diversos atores e suas identidades que se incluem no universo da travestilidade no Brasil.

Como se trata de um estudo que se inicia no Brasil, os trabalhos disponíveis que dão conta das terminologias sobre travesti e travestilidade falam de uma identidade distinta destes “*sujeitos da história*”, que fazem de seu ethos atrativo para estudiosos de várias ciências, principalmente as humanas.

Couto (1999: 22) utiliza o termo travestismo, esclarecendo que é usado no Brasil, desde 1939. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia – GGB – “*alguns estudiosos defendem que seria mais correto*” utilizar “*travestido ou travestis*” como categoria êmica, por seu uso popular na Bahia, local de seu trabalho. Para ele, há duas distinções claras para ser travesti: uma funciona para “*fins de excitação sexual*”; outra, como “*forma de pertencer publicamente ao outro gênero. Para a maioria, como estratégia de atração de clientes na arena da prostituição*”. Couto utiliza o termo “*roupagem cruzada*” para se referir ao uso de roupas de outro gênero que a travesti utiliza. Por isso,

afirma:

A travesti socialmente é do gênero feminino, algumas se sentem psicologicamente mulher, outras homem, e sexualmente podem agir tanto como homossexual ativo, quanto passivo, enquanto que a transexual é mulher na alma, na rua e na cama. (1999: 23)

Por isto, faz de sua obra um estudo sobre corpo em mutação, que diferencia muito bem travestis de transexuais, drag-queens e transformistas, para apontar que no corpo é que estão os problemas de aceitação social da pessoa, mas é na mente que está o problema de auto-aceitação de cada um<sup>41</sup>. Couto (1999) parte para a discussão, desde o terceiro capítulo, acerca da transexualidade e seus problemas no panorama nacional e internacional, cirurgia, mudança de nome em termos de leis, religião, grupos de apoio espalhados pelo Brasil e sugestões de filmes e leituras. Afinal, o estudo é em si um manual, também de auto-ajuda, para quem busca conhecimento sobre a transexualidade sob diferentes pontos de vista, principalmente o de entender o que está se passando consigo mesmo.

Fry e MacRae (1991) apontam que, na década de 60, quando no burburinho das organizações de movimentos homossexuais em São Paulo, em que empreendimentos comerciais direcionados para o público gay começaram a surgir, uma determinada confraternização, chama atenção a presença de duas figuras que destoam dos ideais de luta da homossexualidade da época:

No palco apareceram duas personagens, um homem com corpo e porte de halterofilista e *um* (grifo meu) travesti, Fedra de Córdoba. Enquanto o “machão” permanecia imóvel, em pé e com as costas para o público, o travesti fazia literalmente de tudo para conquistá-lo: rebojava, se insinuava, colocando-se num papel de absoluta e estereotipada subserviência. (FRY; MACRAE, 1991: 25)

Este jogo de forte/fraco, homem/mulher, dominador/dominado entre os dois no espetáculo foi o estopim para vaias e início de discriminação à pessoa travesti dentro do próprio

---

41 Utilizo o artigo indefinido *um*, ao invés de *uma*, por uma questão de deixar claro em minha escrita a possibilidade de se pensar que travestis e transexuais podem ser tanto de homem para mulher, quanto mulher para homem, o que Couto (1999) analisa quando disserta sobre a transexualidade, embora eu não firme análise sobre o fenômeno da travestildade de mulher a homem.

movimento homossexual, que considerava aquela cena um “*grotesco machismo*”, e demonstrava “*o abismo entre ideologia e comportamentos vigentes*” (FRY; MACRAE, 1991: 26).

No esquema de representação brasileiro, encontrado em Fry e MacRae (1991), travesti está caracterizado dentro do sexo biológico ou fisiológico, masculino e sexo social feminino, o que significa que a ambigüidade está presente na sua identidade desde longa data, com o que concorda Silva (1993;1996). Um exemplo está no fato de que as relações sexuais são vistas por muitos como heterossexuais, no que se trata de homens e travestis.

Fry e MacRae (1991) em momento algum utilizam outra palavra que denote identidade diferenciada para a travesti. Travesti é tanto o feminino – caracterizado pela figura de Fedra de Córdoba – como o masculino, marcado pela figura do michê que se traveste de heterossexual – estereótipo do macho, o que não necessariamente ele é. Ou seja, travesti é a pessoa que tem uma identidade que simula uma imagem não necessariamente condizente com sua orientação sexual.

Na década de 70, no Recife, Silva (2007b) destaca um termo bem interessante, utilizado para se referir às travestis da época, o que ainda se escutava há bem pouco tempo entre elas:

O delegado Fernando Albuquerque, do 2º Distrito Policial, fechou ontem, em Santo Amaro, uma residência, onde grande número de homossexuais se reuniam para realização de bacanais. Somente duas *bonecas* [grifo meu] foram presas e na Delegacia [sic] negaram-se a fornecer o verdadeiro nome, ficando por isso no xadrez por mais de 72 horas.

A localização da “pensão das bonecas” ocorreu porque um dos moradores da Rua do Pacheco, Santo Amaro, comunicou o fato á Polícia [sic], relatando que às sextas-feiras e sábados grande número de homossexuais realizavam festas até o Sol [sic] raiar, perturbando a tranqüilidade.

Diante disso, o delegado e dois agentes resolveram averiguar a denúncia e no domingo altas horas da noite, flagraram oito duplas em colóquios amorosos. No corre-corre, as “bonecas” deixaram pantufas, perucas, unhas e cílios postiços, além de duas mini-saias vermelhas. (Diário de Pernambuco. 24 de fevereiro de 1970. 1º Caderno, p.08)<sup>42</sup>

O termo “*bonecas*” é reconhecido como de boa sonoridade no falar, e dá a elas uma

42 Dados coletados por Sandro José da Silva. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, Apeje. Para fins de elaboração do artigo “Carnaval sem rouge nem batom? A repressão aos travestis de “verdade” nos carnavais do Recife entre os anos de 1970 a 1980”. Anais do I Encontro Regional em História Social e Cultural. UFRPE, Recife, outubro, 2007.

conotação de fabricadas, pois a palavra bonecas tanto remonta à idéia de modelos, como a Barbie – ideal de beleza ocidental de origem estadunidense –, como esconde a discriminação que sofrem da sociedade, por não terem que lembrar que um dia tiveram uma outra configuração corporal e de gênero.

É na História e Filosofia que Silva (2007b) busca respaldo para seu estudo, um dos poucos sobre o Recife, no qual afirma que na década de 70, a repressão policial às travestis, durante *o período momesco*, era apenas um dos argumentos de existir, porque elas eram perseguidas não apenas nas ruas, em suas fantasias ou mesmo liberando-se como qualquer folião, mas também em “clubes, blocos, troças, maracatus e outros ajuntamentos”. [Pois,] “o simples ato de travestir-se não era em si um ato de imoralidade, desde que o travestido fosse um heterossexual” (SILVA, 2007b: 03). O que confirma a tese da sociedade heteronormativa, já discutida por Wittig (1978) e Butler (2003).

Em um outro momento de sua pesquisa, Silva (2008<sup>43</sup>), numa análise sob uma perspectiva diferente da deste trabalho, aponta um trecho, que afirma o quanto o nome – de registro – pode, dependendo da situação, vir a ser constrangedor tanto quanto denunciador, para as travestis na década de 70, o que a mídia da época insiste: “somente duas bonecas foram presas e na Delegacia [sic] negaram-se a fornecer o verdadeiro nome, ficando por isso no xadrez por mais de 72 horas”.<sup>44</sup>

Silva (1993; 1996; 2007a) afirma que travestis constróem sua identidade – enquanto identidade coletiva – em conjunto com outras identidades (PATRÍCIO, 2002). Considera o *transvestitismo* como fenômeno de ocorrência universal, embora circunscrito a um contexto específico.

As travestis que Silva (1993; 1996; 2007a) estudou são profissionais do sexo nas ruas do Rio de Janeiro. Minhas interlocutoras são pessoas que estão, ou já estiveram, ligadas diretamente

---

43 Monografia de final de Curso de História na UFRPE. No prelo.

44 Dados coletados também no Apeje.



à prostituição, não apenas ao trottoir, mas também em casas especializadas, como boates, pisos e bordéis, ou por conta própria, através de contatos por meios de comunicação, como periódicos diários e internet. O autor trabalha com a noção de trans para falar de suas interlocutoras e destaca seu caráter identitário múltiplo e transitório.

As travestis que Peres estudou em Londrina (Paraná) são também “*profissionais do sexo que batalhavam pela sua sobrevivência nas ruas da cidade*”, mas sua preocupação é a relação deste coletivo com a epidemia HIV/Aids, onde “*praticamente inexitem referências a serem consideradas*” (2004: 115).

Sua referência a elas no feminino decorre do “*respeito à solicitação*” das mesmas, assim como o questionamento do travestismo como termo que *remete a patologização* sendo este substituído por travestilidade, com o que também concordo, pelo fato dele abarcar “*uma imensa complexidade de formas de expressão travesti existentes, considerando a heterogeneidade dos modos de ser no seu mundo*” (PERES, 2004: 120). Embora o uso também do termo subcultura possa denotar uma certa ambigüidade em seu discurso.

Mas, Peres (2004) justifica, no final de seu texto, o porquê do uso da palavra subcultura estar presente em sua análise. Trata-se de reflexão acerca da situação de vulnerabilidade em que se encontram suas interlocutoras, as mesmas de outros estudiosos, como Parker (1991), que vê como perversa a inclusão das travestis no mundo em que as relações sociais trazem como marca a exclusão e a opressão para quem não se encaixa nos modelos pré-estabelecidos culturalmente.

Em sua maioria, as travestis vivem em situações desfavoráveis a uma vida digna, morando em habitações de condições precárias, em intenso estado de miséria econômica, social e cultural, efetivando os efeitos da violência estrutural, que se torna mais complexa ainda quando associada às condições de pessoas vivendo com HIV/Aids. (Parker. 1991: 125)

Uma das conclusões de Peres (2004) me chama a atenção e cito como importante para ser analisada aqui, podendo ser utilizada como forma de inserir as travestis incluídas em todos os

estudos brasileiros como vítimas de um mesmo sistema de discriminação que as acompanha:

Suas falas nos traziam relatos que mostravam a experiência concreta da discriminação e do preconceito, que, devido à intensidade que era imposta pelas instituições disciplinares (igreja, família, estado, hospitais), levavam as travestis a se sentirem destituídas de direitos e acesso a bens de serviços, evidenciando a destruição da auto-estima e a crença na cidadania como algo de segunda categoria. (PERES, 2004: 117)

Esta citação de Peres remete à experiência de minhas interlocutoras, principalmente as do Grupo Oxumaré, pois a destituição de direitos que sentem na pele por terem um dia feito escolhas por se modificar corporalmente e se transforma em travestis, modifica o que a sociedade espera delas: se comportarem como rapazes e, se possível, heterossexuais. Mas, pelo menos que não distoe do esperado socialmente para eles, que tenham aparência de rapazes, o que, no caso de travestis, chega a agredir e causar não apenas estranhamento e discriminação na escola e no trabalho, como também violência e até morte. Esta destituição de direitos pode ser incluída em minha análise, quando percebo o porquê da necessidade das travestis brasileiras terem uma experiência internacional: com a circulação, elas almejam e podem ganhar prestígio em seu mundo e no mundo com que sonham: a Europa.

Augé (1994), ao se reportar em sua obra à aspectos do mundo contemporâneo, como o movimento das pessoas que marca além de sua trajetória, sua identidade, é importante neste ponto para ser incluído nesta temática. Pois, entendo a travestilidade como um “*fenômeno urbano e super atual*”.

Enquanto conhecimento popular é recente (MEJÍA, 2006). E muito conhecido pela literatura de influência norte americana como transgnerismo (NIETO, 1998), ou transgeneridade.

No estudo de Jayme (2001), travestis se distinguem muito bem de transexuais e transformistas por modificarem seu corpo, embora não admitam a cirurgia de transgenitalização, querendo “*manter o órgão sexual masculino*” (2001: 02). Afirmam-se 'mulheres' dia e noite, assim como as interlocutoras de Silva (1993;1996).

Em seu estudo, Jayme (2001) traz uma abordagem de identidade, corpo e gênero que questiona as identidades culturais e as relações de gênero na sociedade contemporânea, a partir de estudo com travestis em Belo Horizonte e Lisboa. A construção do ser travesti, no estudo de Jayme (2001), se molda pela construção do corpo, assim como acontece no estudo de Silva (1993; 1996; 2007a), em que o novo corpo mostra a “*nova pessoa*” que surge através do uso de injeções de hormônios, silicone e acessórios externos, como maquiagens, perucas, interlaces, e educação deste corpo.

Em se tratando de nomes, o estudo de Jayme (2001) revela algo diferente do que tento trabalhar aqui. Ela utiliza transgênero para designar todas as suas interlocutoras, numa tradição estadunidense clara e sem discussão. Até porque não é o seu propósito.

Travestis são cada uma de suas entrevistadas, mas não há nenhum questionamento quanto a isso, só na introdução do estudo é que diferencia travestis de transformistas, drag-queens e transexuais, no tocante a incluí-las todas no universo de transgêneros, explicitamente designadas no masculino (os/dos transgêneros).

O nome quer dizer o que cada uma delas escolhe para si, ou recebe em batismo na casa<sup>45</sup> onde é adotada, um “*nome de guerra*”. Por exemplo: Bárbara Brasil. Se é travesti, transexual ou transformista não está claro. Conclui ser difícil dar conta de uma teoria de identidade que trate da subjetividade do universo estudado, justamente por ele ser complexo e cheio de armadilhas instáveis.

No estudo de Benedetti (1998; 2005) o corpo e as representações de gênero constituem os objetivos-chave. Suas entrevistadas são travestis de Porto Alegre, de camadas populares, profissionais do sexo de baixo nível de escolaridade e que vivem em situação de vulnerabilidade social e familiar, como, aliás, a maioria das travestis estudadas pela Antropologia e Psicologia, no Brasil.

---

<sup>45</sup> Casa significa não apenas o espaço de moradia, mas também o lugar no qual a travesti se sente adotada. Pode ser entendido como a casa: pensão onde ela vive; cidade onde está ou mesmo o país onde seus direitos são respeitados.

Ele utiliza o termo universo trans para identificar o lugar de suas interlocutoras e todas as ouvidas em seu estudo, destacando que:

O universo trans é um domínio social no que tange à questão das (auto) identificações. Muitas são as categorias nativas que definem e classificam pessoas, hábitos, práticas, valores e lógicas como pertencentes a esse domínio. Por exemplo, entre as travestis que se prostituem, que constituem o foco principal desta pesquisa, são correntes várias definições distintas para tipologizar homens (em termos anatômicos e fisiológicos) que se constroem corporal, cultural e subjetivamente de forma feminina, como, por exemplo, travestis, transformistas e transexuais. Neste contexto, os principais fatores de diferenciação entre uma figura e outra se encontram no corpo, suas formas e seus usos, bem como nas práticas e relações sociais (BENEDETTI, 2005: 17-18).

O conceito de travesti, no estudo de Benedetti (2005), não difere dos demais autores brasileiros que analiso aqui. Quanto à categoria, o termo travestis é apontado por ele como sobrepondo-se à categoria transexual, pois de mais antiguidade e de maior presença no universo estudado. Assim como, a categoria travesti é termo de auto-identificação e não atribuição médico-psicológica recente na história ocidental.

No estudo de Pirani (1998), analisado por Benedetti (2005), a categoria transexual também não funciona com grande eco entre o grupo de travestis brasileiras na França.

Lopes (2000), ensaísta e comunicólogo, afirma que, na sociedade contemporânea, o que mais importa é a “*valorização do artifício como categoria central*” (2000) que caracteriza o travestimento. Travesti é “*uma realidade social*” e por isso todos somos um pouco travestis, pois:

O travesti, cindido entre o exagero da afetividade e a festa das aparências, o brilho da noite e a solidão dos quartos, o êxtase da música e a violência do cotidiano, a máscara e o corpo marcado, a alegria e a melancolia, é o ser por excelência de um mundo simulacral. (LOPES, 2000: 152)

Neste momento, Lopes afirma que é no jogo de identidades e de gêneros que as travestis se inserem, *em que papéis se intercambiam, interseccionam-se num encontro inesperado, sensível em meio a um mundo de violências* (2000: 153), que caracteriza a sociedade atual. Ele parte do

pressuposto de que o indivíduo é uma construção, assim como as travestis, objeto de sua comparação ao falar de todos nós. Não destaca o estudo com travestis especificamente, mas sim com a literatura que lhe dá aporte teórico para pensar a sociedade contemporânea, por isso não se preocupa com termos e terminologias em seus textos.

Defende o uso da palavra trans: “*Na vida e no texto, transimagens, transescritura, transdiário*” (LOPES, 2002: 69), indicando a velocidade como característica da sociedade em que vivemos e a “*máscara*” a tática de coexistir nela.

Dennis Werner em “Laços sociais e bem-estar entre prostitutas femininas e travestis em Florianópolis” (s/d), analisa as relações entre travestis e mulheres que se prostituem em Florianópolis, questões de afinidade laços sociais e convivência, além do uso de drogas, afetividade e situação financeira de ambos os grupos entrevistados. Sua reflexão é sobre o universo da prostituição de bordel e de rua, o trottoir, como também a relação familiar das interlocutoras.

Sua análise é bem rápida, não sei se por se tratar de um estudo realizado com seus alunos da UFSC, em 1984, ou por falta de um debruçamento maior frente a questões que o próprio autor quis deixar para futuras análises.

O tempo todo Werner se refere às travestis pelo pronome masculino (os/dos/eles/deles), assim como Oliveira (1994), em seu estudo em Salvador, embora faça comparação com mulheres prostitutas em seu ethos de trabalho, até porque, no ambiente em que realizou a pesquisa, ambos dividem os espaços de trabalho, o que é comum em muitas cidades em que a prostituição feminina também abarca a figura da travesti como mais uma opção.

No estudo de Patrício (2002), o interesse é a identidade de gênero e a mobilidade de travestis em Campina Grande, na Paraíba. A escolha desta cidade deu-se por suas condições geográficas apropriadas: de porte médio, intermediária entre o sertão e o litoral e central no Estado da Paraíba, o que contribuiu para a pesquisadora melhor circular, como também suas pesquisadas que, ainda hoje, circulam por suas zonas e casas noturnas, como meio de estarem no mercado

sexual como novidade, seja para dar um tempo do lugar onde realmente se firmam, por exemplo, Pernambuco, Recife, Rio Grande do Norte, Natal, estados e cidades que mais enviam travestis para Campina Grande, ou mesmo cidades menores do interior do estado da Paraíba, que procuram a cidade de maior importância para se moldar, se transformar, se assumir e dali partir para outras cidades maiores como o Rio de Janeiro, São Paulo e cidades da Espanha.

No estudo de Patrício (2002) há um quadro de explicações que diz o seguinte:

**Travesti:** Homem ou mulher que se veste e assume características físicas e psicossociais atribuídas ao sexo oposto (COUTO, 1999). Estão incluídos nessa definição aqueles que praticam o homoerotismo. A travesti também se caracteriza pelo uso de hormônios e silicone no corpo. Aqui se distingue da transexual por não querer fazer a cirurgia de adequação sexual;

**Transexual:** Homem ou mulher que deseja ser do sexo oposto, submetendo-se à cirurgia para transformação do órgão sexual externo (PATRÍCIO, 2002: 14)

No estudo de Patrício (2002), o significado de ser travesti não está apenas no fato de ter modificado totalmente o corpo com silicone, pois o fato de vestir-se está ainda mais forte. O grande exemplo foi encontrado, dentre as entrevistadas, na travesti destaque: Marcela Prado, que não mais tomava hormônio nem mantinha sua prótese de silicone, o que a descaracterizaria como tal, porém entre seus pares isso não ocorreu, porque o prestígio dela já fora alcançado através de um reconhecimento que a distingue das demais travestis.

O que a distingue é o fato de Marcela Prado acolher travestis em sua casa, cuidar da saúde das colegas quando têm algum problema, da proteção que lhes proporciona quando em situação de risco na rua em que suas *protegidas*<sup>46</sup> estão em trottoir, da indicação a outras *mães*, em outras cidades, e mesmo da orientação na modificação corporal e medicação, quando necessário, devido aos saberes adquiridos ao longo de sua vida. Este prestígio faz com que esta travesti seja respeitada, ouvida e defendida onde for. Faz com que, ao participar de concursos em boates, bares, mesmo que não se destaque pelo melhor traje, nem a melhor performance, seja a mais aplaudida e a

<sup>46</sup> Termo que denota as que estão sob a guarda, vigilância e cuidados da cafetina na cidade, na rua, na casa e no trottoir.

vencedora, pois ninguém *ousa* desafiá-la, não sei se por respeito ou por acreditar que deve algo a ela, o que é correto afirmar.

Patrício ainda utiliza o termo travestismo, embora no mesmo momento de sua escrita outros autores estivessem já pensando travestilidade como termo melhor a ser utilizado como, por exemplo, já se utilizara a homossexualidade.

Ela não dedica uma parte de sua dissertação à discussão de nomes, embora haja um momento em que há a discussão do termo trans para se referir a figuras que transitam entre ser travesti e transformista, como é o caso de Jade, travesti e homossexual, como é representado por Sol. Trans significa prefixo de transformar, transitar, o que realmente se aproxima do que Lopes defende em seus ensaios (2000; 2002).

Travestismo é, para Patrício (2002), o universo que congrega as suas interlocutoras, as travestis, embora ela informe que também tenha conversado com outras que, como Marcela, não se encaixava no modelo, pré-determinado por algumas, de ser travesti. Neste universo se inclui também transformistas e drag-queens, pelo fato destas identidades conviverem muito bem com travestis e transexuais na cidade de Campina Grande.

No estudo de Pelúcio Silva (2007) sobre travestis e modelos preventivos de aids em São Carlos, onde analisa este coletivo sob o ponto de vista de suas relações sociais, representações e práticas, suas interlocutoras são “*vistas como corpos desviantes, os seres abjetos que demarcam as bordas da normatividade*” (PELÚCIO SILVA, 2007: 05). Todas de classes populares, suas entrevistadas são travestis que se prostituem e “*mantêm-se, desse modo, submersas em uma heterossexualidade normatizadora*” (2007: 17), quando se analisa a sexualidade não somente do ponto de vista da atividade prostitucional, mas também da afetividade.

Travestis são pessoas que se entendem como homens que gostam de se relacionar sexual e afetivamente com outros homens, mas que para tanto procuram inserir em seus corpos símbolos do que é socialmente tido como próprio do feminino. Não desejam porém, extirpar sua genitália, com a qual, geralmente, convivem sem grandes conflitos (PELÚCIO SILVA, 2007: 37).

Pouco espaço é dedicado à discussão de nomes, mas é encontrado em sua tese que o termo

travesti pode ser bastante simplificador quando busca contemplar a gama de possibilidades de se viver esta condição. A travestilidade aponta para a multiplicidade dessa experiência, ligada a construção e desconstrução dos corpos. Ainda que haja uma rigidez na gramática de gênero das travestis, há também uma patente fluidez na elaboração de categorias êmicas autotaxiônicas, uma vez que estas estão estreitamente ligadas a marcas identitárias que se associam ao trânsito dos corpos pelos territórios, o que se vincula, por sua vez, às transformações desses mesmos corpos. (PELÚCIO SILVA, 2007: 19).

Travestilidade como processo de construção de um certo feminino, glamourizado, ligado historicamente à noite e às artes cênicas (...), figura urbana e do asfalto (Silva: 1993;1996; 2007a). Pelúcio Silva aponta que o termo travestilidade é utilizado pelas travestis que participam de movimentos sociais de luta por seus direitos enquanto minorias.

Pelúcio Silva (2007) utiliza o termo travestilidade da mesma forma que Peres (2004), não apenas para marcar as múltiplas identidades travestis existentes, mas também em substituição a travestismo e sua conotação à patologia. Ainda afirma que travestis ligadas a movimentos sociais são as que utilizam *“o termo travestilidade para falar de sua condição, numa tentativa de resignificar [sic] o sentido das palavras travestismo e travesti.* (PELÚCIO SILVA, 2007: 35-6). Em que, se apropriando da palavra que ofende (BUTLER, 2002), o termo travesti, subverte seu uso como *“estratégia de desconstrução que pretende colocar em xeque os valores que sustentam esses enunciados depreciativos estreitamente associados às práticas e desejos sexuais proscritos”.* (PELÚCIO SILVA, 2007: 36).

O estudo de Figueiredo (2008) lida com histórias de narrativas da dor e corporalidades de travestis no Recife, que resignificam suas experiências corporais, de gênero e de sexualidade vivenciadas em suas representações de feminilidade e masculinidade, numa representação em que a paródia é a via de discurso, e a dor se propõe como veículo aliado ao prazer, através da linguagem



política (Teoria *Queer*) e de satisfação<sup>47</sup>. Sua análise tenta “*vislumbrar a travestilidade enquanto experiência através da perspectiva da identificação*”. Ela procura se afastar do termo transgênero, como categoria *no mínimo problemática, pela incompreensão e afastamento êmico que tal classificação* (FIGUEIREDO, 2008: 30) significa nas travestis por ela entrevistadas.

Em relação a nomeação, Figueiredo (2008) fala de automeação enquanto gênero normativo, ou seja, o mesmo de que tratam muitos dos autores quando falam de travestis e a suas reivindicações, por serem chamadas por pronomes e artigos femininos e não masculinos.

Enfim, esta revisão contribui para esclarecer como estão sendo pensadas as travestis brasileiras, no Brasil e em outros lugares de análise, no mundo (França: Pirani, 1998; Lisboa: Jayme, 2001). Travestilidade como termo politicamente correto, em detrimento de travestismo ou transvestismo. Assim como contribui, mesmo que os autores não tenham se dado conta, para uma visão da travestilidade e internacionalidade inter-relacionadas, mesmo não se tratando da Espanha, meu alvo.

É na configuração do termo travesti que as interlocutoras aparecem nos estudos brasileiros analisados como categoria êmica, que caracteriza tanto uma identificação de gênero, como de nacionalidade, o que se percebe também na necessidade da circulação que elas almejam e podem alcançar, com o objetivo de ganhar prestígio entre as pares e a sociedade que as discrimina.

### 3.3 DESCOBRINDO O VELHO MUNDO

Para entendê-las, vou à Europa. Embora com uma trajetória de financiamento diferenciada, os objetivos são similares: o de conseguir importância entre os pares, com a experiência em um lugar destaque no mundo globalizado. A busca de reconhecimento profissional, de amadurecimento e experiência em um país antes colonizador, agora receptor de ex-colonizados:

---

47 Mais especificamente, Figueiredo (2008) diz o mesmo nas páginas 17 e 18 de sua dissertação de Mestrado, sob o título: “Das narrativas da dor. Um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na Experiência da Travestilidade”.

a Espanha é o nosso objetivo.

Vamos também em busca de realização e reconhecimento no seio familiar e com um sonho, o de conhecer um outro mundo – a Europa – e de lá trazer, pelo menos, muitas histórias para contar e ser "alguém que deu certo na vida"<sup>48</sup>, para poder “*retornar*” com maior importância e respeito de seus entes.

A ida foi por Portugal, considerada aqui a “*fronteira*”, lugar onde me deparei com uma situação vexatória entre uma passageira travesti, negra e brasileira, possivelmente vinda do Nordeste do Brasil, como eu e meu marido, e um funcionário da alfândega de Portugal, que a deixou desconcertada frente a algumas palavras que pareciam pronunciadas em tom grosseiro, pela expressão de seu rosto ao falar com ela, que neste momento estava já inquieta e irritada. Talvez tenha perdido o destino final naquela viagem. Não consegui saber do teor da conversa mas, pela postura, demora e tom de voz, não era nada amistoso.

Chegando neste outro mundo, com todos os livros lidos e fichados, todas as trans<sup>49</sup> do Recife contactadas e algumas entrevistadas, com as conversas organizadas e prontas para começar a pensar a realidade europeia, os conceitos já firmados como certos para servir de base para a tese, me deparei com uma realidade discursiva e uma teoria que coloca todas as minhas certezas pelo avesso.

Chegando à Espanha descobri, em idas e leituras realizadas no Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid, material riquíssimo sobre a temática, que afirma:

**Travesti:** En general es un término peyorativo para los transexuales. Para algunos/as es un término que tiene que ver claramente con aquellas personas que tienen una necesidad de

48 Minha estratégia nas conversas iniciais, para poder falar e, posteriormente manter contatos com as travestis brasileiras no Recife e em Madrid, foi utilizar como objetivo em meu discurso a assertiva “*alguém que deu certo na vida*”.

49 É interessante perceber que a minha própria escrita oscila entre travesti e trans para falar da mesma categoria. Isto se deve ao fato de eu, estando em dois lugares que pedem dois termos distintos e os dois termos terem histórias políticas divergentes, acabei por me confundir e me mostrar assim na escrita. Por isso faço questão de me colocar aqui, para que o leitor sinta minha inquietude quanto ao nomeamento de travesti aqui e transexuais, transex ou trans, para ser mais flexível, quando se trata de travestis que circulam entre Brasil e Europa. Fiz uma tentativa de passar um pente fino, mas não foi possível reiterar toda a implicação que o termo causou em mim enquanto antropóloga e, quiçá, defensora dos direitos humanos das travestis brasileiras.

vestir-se o transformarse con ropas del sexo opuesto, sin que realmente exista una identificación interna con este sexo. Sin embargo, para otras personas, muchas de ellas sudamericanas, el término identifica aquellas personas que todavía no han realizado un cambio total de reasignación de sexo, aunque exista una identificación con el sexo opuesto. Sería, entonces, un término sinónimo de transgénero. (ROMERO, 2006: 20)

**Travestí o travestidos.** Persona que siente un fuerte deseo de vestir como el otro sexo o que sólo se siente cómoda vestida como el otro sexo. En algunos casos se trata de una fantasía sexual: se desea sólo durante la relación sexual o durante algunas relaciones sexuales. (TRUJILLO, 2003-2004: 31)

Naquele primeiro quadro começo a perceber o quanto de estético tem a nomenclatura travesti no estudo e nas identificações que encontro na Espanha, o que faz do termo um pouco forte na literatura, como me alertara Martín Romero. Assim como também o é perante as trans espanholas ativistas.

Fica mais próximo do que designamos como Cross-Dresser, ou mesmo transformistas unidos a uma comunidade que, nos Estados Unidos, é nomeada de transgeneristas.

Na visão de Dorian, interlocutora no Recife, se concretiza como um “*nome insultante*” (BUTLER, 1997): (...) *travesti é muito pesado. Até a própria palavra travesti é muito agressiva, eles deviam pensar em outro nome.*

Assim, o termo vem sendo percebido, e algumas vezes rechaçado pela literatura ativista e também por muitas travestis. O que remete diretamente à experiência delas, apontada mais à frente. A classificação se torna rígida, pois o ato de classificar sugere patologização, insultando quem é denominado como tal.

Desta maneira, penso poder me aproximar dos estudos *queer* que se decidam à estudos de sexualidade que transgridem o socialmente/politicamente correto em termos de pensar até sobre o que as próprias interlocutoras se questionam sobre si mesmas, suas identidades que se firmam no movimento que causam estranheza. Pois, segundo Louro:

*Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade*

desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, drags. É o excêntrico que não deseja ser 'integrado' e muito menos 'tolerado'. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do 'entre-lugares', do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina. (2004: 8)

Foi na década de 80, com os estudos de Monique Wittig, Michel Foucault e tantos outros teóricos que as temáticas consideradas mais 'subversivas', em termos de sexualidade, vieram à tona, porque questionam a relação sexo/gênero enquanto relação de poder.

Neste sentido, o que se vinha conhecendo como o termo êmico travesti é colocado como transexual na literatura de língua espanhola, na acadêmica e também na de cunho informativo.

O termo travesti é vinculado à estética e por isso é assunto de fetichismo, sem a referência a identidade ou identificação (FIGUEIREDO, 2008), como também à modificação corporal intensa que vem sendo realizada pelas pessoas que se identificam com a realidade da travestilidade, vivida na Espanha também por espanholas, intituladas como *transexuales*.

Romero (2006), em citação anterior, fala sobre o direcionamento espacial, as de Sudamerica, ficando claro a diferença entre as travestis espanholas e as do Brasil, por exemplo. Uma das interlocutoras do estudo de Romero(2006) afirma:

...ya en los años 60 apareció dentro de mi perspectiva el concepto de travesti o de travestí, como se decía entonces, porque, por ejemplo, creo que una de las primeras que tuve noticia fue Cochinelle y una de las primeras personas que realizó un cambio de sexo en el año de 62 creo, y entonces por primera vez vi algo que era efectivamente lo que yo quería ser, entonces yo estuve aceptando y usando la palabra travestí durante mucho tiempo porque de alguna manera se representaba aunque no fuera una palabra muy exacta en todo su sentido pero en cuanto a identidad significaba precisamente algo que era distinto de la homosexualidad y todo esto... y en lo cual yo me podía... y bueno poco después ya fui encontrando también el uso de la palabra transexual, ya me reconocí más propiamente en esa palabra. (K.P. informante de Romero: 38)

Esta informante de Romero afirma com categoria que a disposição de nomes, mudando

com o tempo, a coloca em posições de destaque no que se refere à formação de sua identidade. O que antes era nomeado de travesti agora se diz transexual. O que antes servia para identificar seu modo de pensar e se comportar, agora não serve mais, pois os termos vão mudando e as pessoas também, até porque a intervenção tecnológica na modificação corporal muito contribuiu para se ir além das aparências. As palavras dão nomes às coisas e aos comportamentos da gente e isso muda com o avanço das pesquisas, que descobrem novos nomes que dão significados diferentes aos comportamentos em que nos reconhecemos, ou não, como afirma K. P.

### **3.4 AMPLIANDO FRONTEIRAS: SIGNIFICADOS DOS NOMES QUE INTERESSAM. TRANSEXUALIDADE**

Na década de 1910, Hirschfeld (NIETO, 1998) desenvolve um estudo sobre travestis. Sua investigação remonta à travestilidade, sem utilizar este termo, ao uso de roupas do sexo oposto com fins de erotismo. Por este feito se desenvolveram investigações que estabeleceram o termo transexual como de destaque (na década de 40 e 50, com Caldwell e Kinsey).

Na década seguinte, 1960, surge o termo transgênero cunhado por Virginia Prince e desenvolvido nos Estados Unidos para designar todos os que fazem parte de uma comunidade transgénérica (NIETO, 1998; MEJÍA, 2006), com o fim de facilitar *“las vías para el reconocimiento de una realidad de géneros y identidades múltiples”* (NIETO, 1998: 22).

Transexual, até a década de 70, era a pessoa que passava pela transgenitalização.

Nos anos 80 a concepção deixa de ser médica e passa a ser psicossocial, ou seja, deixa de ser problema para a medicina geral e passa a ser da psique da pessoa, embora continue um problema a ser tratado.

Quando se pensa na realidade do território espanhol, a transexualidade, a partir de uma sentença em 1987 do Tribunal Supremo da Espanha, passa a ser *“un fenómeno sociológico que el derecho no puede ignorar y que obliga a tomar posturas”* (GIL, 2006: 421). Mesmo assim,

enquanto fenômeno sociológico, é bom entender o que define seus autores. Sesma (2005) é um exemplo:

(...) cuando la identidad que me doy (me siento hombre) está en clara discrepancia con la identidad que me asignan (me ven y me clasifican como mujer); entonces estamos ante una situación de transexualidad. O sea, (...) Se tiende a distinguir entre 'transgénero' y 'transexual'. Pero ambos son transexuales, a efecto etimológicos. Que unos lleguen a modificar sus genitales-cuerpo y otros no, es otro cantar. (...) La clave no es sino la autoaceptación y felicidad personal. Y eso puede incluir, o no, a los genitales; pero en todos los casos esas personas son transexuales. (SESMA, In: RUIZ, 2005: 10).

Seu estudo se refere a um ponto de vista lingüístico, quando retrata o efeito etimológico. Não interessa ao nomeamento destas pessoas a mudança corporal total, a transgenitalização, ou a reassignação sexual, que transforma o que antes seria uma genitália masculina/feminina para o oposto (feminina/masculina), concomitante a outras modificações corporais ou mesmo a não opção nem desejo pela mudança total que a transgenitalização oferece, como é o caso da maioria das travestis com quem tenho conversado. Este “*otro cantar*” parece, mas posso estar equivocada, com algo relacionado mais a uma questão de vontade própria de cada um do que à categoria, que nada tem a ver com o indivíduo, que não interfere, me parece de novo, no diferenciar-se entre ser travesti ou transexual, pois todos são iguais, pois são um coletivo.

Interpreto a afirmação de Sesma (In: RUÍZ, 2005) relacionando com os estudos desenvolvidos no Brasil. Entendemos transexual exatamente como uma pessoa que, pelo menos, deseja passar por todo o processo de transgenitalização, porque primeiramente não aceita seu órgão sexual masculino (não “*desfrutando*” dele), quando a transformação é H-M, de homem a mulher<sup>50</sup>. E, por isso, cuida de modificar seu corpo com a reassignação.

No estudo de Romero (2006) há um reforço de que

la transexualidad significa todo un sentimiento interno de pertenencia al otro sexo y el proceso de cambio no és más que la adecuación del aspecto físico al sexo con el que la persona se identifica. Para algunos esta adecuación empieza antes, para otros más tarde;

<sup>50</sup> Ver NIETO, 1998; GIL, 2006; RUÍZ, 2005; BECERRA-FERNÁNDEZ, 2003; ROMERO, 2006.

pero la pertenencia a un sexo o a otro es independiente de si se ha iniciado el cambio exterior o no, porque ese sentimiento de pertenencia ya está dentro de ellos desde siempre (Romero, 2006: 48).

A adequação é a modificação corporal que se inicia com o tratamento para a transgenitalização: a hormonização e a psicoterapia, que dão base para a cirurgia de reassignação sexual. Desta maneira, interpreto como, por um lado, diferente da travestilidade, pois, mesmo com a identificação com o sexo oposto, não há, nas travestis, a pretensão de mudança dos genitais, nem o desejo de compreender a ambigüidade como problema, já que elas convivem muito bem com isso.

Por outro lado, nas diversas obras que tratam de transexuais na Espanha, Sexólogos, Psicólogos, Psiquiatras, Médicos Endocrinologistas e Cirurgiões Plásticos afirmam ser a transexualidade um processo que se inicia com a hormonização, a vivência do fenômeno como o sexo contrário por um período de, no mínimo, dois anos, comprovado através de idas, e mais idas, a analistas determinados para acompanhar o processo, assim como modificações corporais iniciais e anteriores à transgenitalização.

Ou seja, o uso de hormônios, as operações estéticas e a vivência como se fosse de um gênero diferente ao assinado em nascimento é um processo que travestis do mundo todo vivenciam sem a necessidade de modificar seu sexo anatômico. E, diria mais, sem o acompanhamento médico formal. Desta forma, é possível entender que travesti pode ser igual a transexual, pelo processo de modificação corporal que acompanha as duas identidades.

Para Romero (2006), é o sentimento de pertencer ao outro sexo, que compreendo como gênero, o que mais importa. Em nossas frutíferas e longas conversas, ela sempre apontava para a cabeça quando falava sobre onde estava realmente o pertencimento ao outro gênero e quando eu questionava sobre as diferenças entre travesti e transexual. Porque eu insistia em não entender porque todos poderiam ser iguais, se elas, as espanholas e as brasileiras, me diziam que não era a mesma coisa, o que me gerou grandes questionamentos, como, por exemplo: Que sentimento é esse

que diz que todas são iguais se esteticamente se percebe que não são, se escuta delas que não são, e se lê em literaturas diversas que não há semelhanças? O que a Espanha tem de diferente de outros países, como os Estados Unidos e o Brasil?

Pesquisando a literatura sobre transexualidade, me foi informado que eu não encontraria textos sobre travestis ali nem em lugar algum da Espanha, ao invés disso eu procurasse dados sobre transexualidade. Um desses trabalhos, referindo-se a travestismo, informa:

[Transtorno que se] manifiesta por llevar ropas del sexo opuesto durante una parte de la vida a fin de disfrutar de la experiencia transitoria de pertenecer al sexo opuesto y de reducir los niveles de tensión o ansiedad que presenta la persona que lo padece cuando no se traviste. A diferencia de la transexualidad, estas personas no presentan ningún deseo de cambio de sexo permanente o de cirugía. En casos raros pueden ayudarse de algunos procedimientos de feminización ligera, como la depilación o el tratamiento hormonal (...) La prevalencia de estos trastornos es desconocida, porque habitualmente esconden su conducta y no acuden a pedir ayuda. (GIL, 2006).

A obra que contém esta citação anterior foi publicada em 2006; não obstante, remete a um conceito que não mais cabe em nosso olhar de leitora de identidade e travestilidade no Brasil. Ou seja, a travestilidade, como a entendo, não tem espaço nas discussões dos coletivos na Espanha. O termo, neste país, parece se referir a uma imposição médica – transtorno – e psicológica, que na verdade não encontra ressonância nos modelos representados pelas trans que conheço.

Sobre a Ciência Médica, vale abrir um parênteses segundo a Teoria *Queer*, discutindo a heteronormatividade de Wittig: “(...) *la medicina y la pornografía dominantes funcionan como formas de pedagogia biopolítica que enseñan como hacerse un cuerpo hetero*”. (PRECIADO, 2005).

Da mesma forma que Preciado (2005; 2003) escreve sobre Wittig, quando esta desenvolve sua teoria da heteronormatividade, retratando a medicina com um poder de determinar modelos de comportamento e até de gênero para as pessoas, concordo e analiso aqui a noção de *habitus* (BOURDIEU, 1994a; 1994b; 1988; 2007) enquanto um conjunto de disposições duráveis,



que forma e é formado por agências pedagógicas. É a Medicina formadora destes costumes<sup>51</sup>, destas disposições, que trata de nomear o que usamos hoje, para determinar quem é quem nas apresentações de gênero.

### 3.5 ADEQUAÇÕES DE CADA LOCAL

No caso dos Estados Unidos, a primeira noção, historicamente falando, afirma que transexual é categoria médica. Logo após são realizados estudos sobre o termo *transgenderists*, ou *transgêneros*. A Espanha se mostra contra *transgênero* e adota *transexual* no discurso veiculado por coletivos em suas ações e em seus escritos. Ou seja, não aceita os termos desenvolvidos para a identidade de *transgênero*, pois os vê como imposição de fora (MEJÍA, 2006); por isso, o rechaço. E concorda com o termo *transexual* não encontrando neste nenhuma conotação ditatorial, como discutirei mais à frente.

Vale ressaltar o período em que a divulgação dos estudos estadunidenses ocorreu. Penso que a não aceitação da Espanha quanto a teorias *transgenderists* para travestis, transformistas, drag-queens e drag-kings, etc., faz parte de um processo de oposição ao que se produzia no período franquista, mesmo não tendo nada a ver com o General Franco e seu poder, mas que chegaram ao conhecimento de estudiosos exatamente num momento histórico de luta contra a ditadura. Ou seja, em um período em que está em voga a liberdade de opinião e de comportamento, assim como a reivindicação por identificação contrária a tudo que lembre o período franquista.

### 3.6 COMO A ESPANHA PENSA A AMÉRICA LATINA

Em escrito sobre “Uma exposição fotográfica de transexuales en Paraguay”<sup>52</sup>, Cristina Santillán (2003-2004) afirma que,

51 Sobre a intervenção da Medicina na formação de dispositivos identitários no Brasil, ver: Rohden, Fabíola. Uma Ciência da Diferença: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro. Fiocruz, 2001. (Coleção Antropologia e Saúde)

52 Las EU: transeuntes del género, Cristina Santillán. In: TRUJILLO, 2003-2004.

la gran mayoría de los estudios conciben la transexualidad como producto final de un cambio, poniendo mayor énfasis en el resultado final o en los objetivos y no en la interacción social y sus procesos. En este sentido, las distintas historias de vida no están representadas en los discursos homogeneizadores de la transexualidad. No existe un lenguaje adecuado para expresar los diversos y dispares deseos que llevan (o no) a la reconstrucción o adecuación genital y corporal. Y muy especialmente no hay el lenguaje que dé cuenta de multiplicidad de situaciones y significados de la sexualidad humana. (SANTILLÁN, 2003-2004: 39).

Santillán (2003-2004) afirma que é difícil determinar um termo próprio para a diversidade de representações sociais encontradas na sociedade ocidental. Mostra que há problemas que dificultam o determinar "a categoria", por conta de estudos fundamentalmente antropológicos que se empenham em denominar de forma diversa, com termos locais, seus interlocutores. Elenca os problemas como éticos; ênicos; de terminologia (especificamente por conta de estudos antropológicos); e de tradução, do inglês para o castellano, claro. Para ela, os termos desenvolvidos por antropólogos em suas sociedades de estudo “*no nos vale*”, e sim a transexualidade “*como algo más diverso y complejo, entendida como la conformación de una comunidad transgénica*” (SANTILLÁN, 40).

Quando se pensa sobre a América Latina, na literatura espanhola, se associa um lugar pouco desenvolvido que não aceita os termos da metrópole, os usuais na Espanha. Autores, como Kim Perez (In: TRUJILLO, 2003-2004) assim desenvolvem suas falas:

Las transexuales que vivimos en Europa o América del Norte, en la comfortable clase media del sistema global corremos el peligro de olvidarnos de que allí está la verdadera fuerza transformadora... y de nuevo aparece el prefijo 'trans'... a no ser que abramos nuestros brazos a las compañeras que vienen de allá, previsiblemente para constituir el nuevo proletariado sin papeles y sin derechos de nuestras sociedades del bienestar... para nativos (p. 9).

Em se tratando de defender status de classe, nesta citação fica claro a disposição de primeiro mundo e colonizador em que a Espanha se coloca quando, por exemplo, esta interlocutora

de Pérez determina sua localização e "classe social". O nós, para esta autora, se aproxima de América do Norte. Os outros, ou as outras, são os/as da América Latina. Fica determinado assim o reconhecimento da força transformadora que é a América Latina, o sentido de união para com a nação colonizada, importante para a metrópole. Todavia, também está claro o reconhecimento da desigualdade entre os lugares e as pessoas, assim como os termos que, de novo aparecem para marcar as diferenças entre os nativos e os colonizadores.

Esta citação revela-nos um fenômeno interessante de hierarquização interna entre as trans da Espanha, que inclui a autora, influenciando as nomeações que escolhem para designar a si mesmas enquanto espanholas, ativistas e participantes do próprio coletivo que estão retratando em suas falas.

No mesmo texto, embora não citado, se reconhece a valentia de venezuelanas, argentinas e chilenas em defender para si o termo travesti como “*nombre de calle, de carro policial y desafío*”, também afirmado por Mejía (2006), e tão mal visto na Espanha (PÉREZ, 2003; 2004). O que confirmo, em conversa nas ruas, com venezuelanas, porto-riquenhas, colombianas, brasileiras e outras latino-americanas, que a realidade, seja onde for, é problemática, mas, o termo travesti acaba por não ser desprezado, principalmente quando alguém se refere a elas ou questiona como pode se referir ao lidar com a identificação delas enquanto possuindo uma apresentação de gênero.

Carla Antonelli (In: TRUJILLO, 2003-2004) em um de seus artigos, a partir de vários casos, define a América Latina como um “infierno para transexuales”. A través de notícias da Anistia Internacional, demonstra fatos que comprovam sua afirmação:

El llamado Nuevo Mundo está todavía por ser explorado si por ello se entiende la inculcación de la tolerancia y el respecto a los demás, así como la convivencia de las personas independientemente de su raza, sexo o religión; pero sobre todo a causa de su identidad sexual (p. 87).

Esta informação de Antonelli não distoa de uma realidade cruel de discriminação e

violência que sofrem as travestis todos os dias, principalmente em países como os da América Latina, onde vemos, ouvimos na mídia, sensacionalista ou não, o quanto, no coletivo, vêm sendo rechaçadas por não se adequarem ao socialmente estabelecido.

No que pude ler sobre a América Latina, não encontrei com facilidade fatos sobre Brasil, algumas vezes incluído nos "etc"., na lista de países latino-americanos que herdaram da Europa uma sociedade patriarcal, intolerante e fascista. Sobre isso, Scott comenta:

Os brasileiros figuram entre os recém-chegados, ocupando uma posição dúbia de quase hispana, parcialmente isolada pela sua língua, mesmo que favorecida em comparação com migrantes de origem não latinas. É impressionante como os brasileiros freqüentemente são ignorados pelos próprios compiladores de dados sobre migrações das Americas! (2007: 13)

Penso, em relação ao estudo de Antonelli (TRUJILLO, 2003-2004), que Brasil não foi incluído em sua pesquisa por uma questão de falta de dados sobre a comunidade brasileira, como também, de um ponto de vista mais geral, por não fazer parte da América hispânica, assim, com menos representação nos coletivos na Espanha, pois fica claro, em visitas a Talleres e discussões nas associações, a quase nulidade de participação de brasileiros<sup>53</sup>.

Resumindo: ser travesti na maior parte da literatura disponível quer dizer ser de outro local e época, se possível um local menos desenvolvido, que não seja a Espanha do período atual, mesmo que em observações de campo e conversas com interlocutoras, mesmo as da Espanha, as identidades fiquem afirmadas como de travestis e não de transexuais, como os escritos e associações informam.

É possível imaginar que estas noções de travesti e transexual, defendidas pelos coletivos e alguns estudiosos de gênero na Espanha, façam parte de uma imagem de América, me arrisco a dizer: daqui, do Brasil.

---

<sup>53</sup> Na ONG Triângulo, há 2 brasileiros, um voluntário chaperone – garoto de programa - e uma funcionária da associação; Na ONG Cogam, nenhum; Na OG Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de Madrid: nenhum; Na ONG Hetaira: algumas mulheres são atendidas pelo programa; Na ONG Aprampt: há mulheres brasileiras em pisos de recuperação de usuários de droga; no I Taller da Cogam (2007) discutindo Prevenção de Riscos e Danos que reunia todas as ONG e OGs de Madrid, havia uma trans brasileira que foi comigo, todas as demais eram, em sua maioria, equatorianas, colombianas, 3 ou 4 espanholas, 1 panamenha.

### 3.7 SOBRE TRANSGÊNERO E SEU USO NA ESPANHA

Na obra de Romero (2006) há uma informação contraditória, afirmando que travestis “*sería, entonces, un término sinónimo de transgénero*”. (ROMERO, 2006: 20). O que remete ao fato de ser impossível pensar todos como iguais enquanto “*transexuales*”.

Em termos de conceito, Garaizabal (Apud NIETO, 1998) defende o mesmo que Nieto (1998), considerando uma relativização de gênero. Mas, Nieto utiliza o termo transgênero. Ambos têm perspectivas iguais, porém este último com um olhar menos politizado e mais apurado pelas metodologia acadêmica, pois esclarece:

Eliminar el concepto psiquiátrico de la transexualidad supone, pues, eliminar el tratamiento médico de la misma. Claro que esta desmedicalización de la transexualidad probablemente conllevará, como bien señala una activista defensora de los derechos civiles de los transgeneristas, la desaparición de las ayudas económicas dirigidas a facilitar el pago de la cirugía de cambio de sexo, objetivo prioritario de la comunidad transgénerica a nivel internacional (NIETO, 1998: 27).

Para Nieto (1998), o termo transgênero é mais apropriado atualmente do que a forma como venho designando, travestilidade. E transexual é um mais termo empregado em seus estudos. Na obra citada (compilação de textos traduzidos da língua inglesa, de 1975 até 1993) os textos são raros e importantes dentro das Ciências Humanas, tratando de transgenerismo.

Este autor dirige sua atenção à comunidade transgénerica pois,

la presencia social de lo transgénerico es un fenómeno novedoso, así mismo lo es la comprensión teórica que se hace desde la antropología. (...) Tema novedoso, contradictorio, falto de consenso, sometido a debate, con polémica asegurada y apasionante (NIETO, 1998: 15).

Mesmo assim, percebe-se que ele também une na categoria transgênero todas as apresentações de gênero, quando afirma que a “*los preoperados y postoperados se unem los no operados que no se quieren operar. Igualmente, forman parte de la comunidad, travestidos y en su*

*más amplia acepción cross-dressers*”. (NIETO, 1998: 29).

Fica claro que os estudos antropológicos não estão em consonância total com a discussão sobre transexualidade, a título de produção escrita, que as associações de transexuais estão realizando no propósito de legitimar o conceito. O próprio Nieto continua,

La comunidad transgenérica se compone, en definitiva, de un conjunto de 'identidades personales', que se organizan (o aspiran a organizarse) en forma de movimiento social y que en la reivindicación de sus derechos se desprenden del encapsulamiento de los sistemas de sexo/género que societalmente les viene impuesto y en ese hacer intentan desvincularse de 'la agencia de los controladores privilegiados de los cuerpos individuales: la profesión médica'. En tanto que comunidad, los transgeneristas parecen reunir los requisitos de la 'unidad multiplex', la conjunción de lo singular y lo diverso, de la unidad y la multiplicidad. (1998: 31)

O termo transgênero surgiu nos Estados Unidos, coincidindo com o fechamento de clínicas de transgenitalização, por isso, é “*una forma de emancipación de la tutela de los médicos*” (MEJÍA, 2006: 169), defendida por esta autora como a melhor forma de identificação.

Mejía (2006) afirma que, por esta origem, a população trans na Espanha não se identifica enquanto transgênero, pois “*le parece un intento de imposición desde el exterior*”. Assim como me parece uma inversão do jogo de representação democrática, em que a Espanha precisa criar uma legitimidade para os termos que adota, como próprios, em sua população.

Mais à frente, Mejía informa que o termo transexual também foi cunhado pela Medicina, mas não rechaçado pela Espanha, porque “*las trans nunca hemos sufrido la dictadura de los médicos*” (2006: 161). Pois se entende como ditadura apenas a política franquista, uma forma muito reduzida, porém contextualizada, de compreender o termo. Todavia, uma forma de entender a repressão, não apenas às travestis, embora seu alvo de análise seja este, porque eram os policiais quem mais as reprimiam, muito diferente da Espanha atual. Policiais estes, sob o mando do General Franco, que muito utilizavam a palavra travesti para as trans que ali se encontravam.

O termo transgênero parece o mais apropriado cientificamente, pois está mais próximo

etimologicamente, do que trato aqui. Por se referir a trânsito ou transgressão de normas pré-definidas, proporia uma maior relativização. Sendo que, na Espanha, mesmo com a rejeição aos termos travesti e transgênero no ativismo e na literatura, utilizar a palavra trans é comum, quando se conversa com as pessoas, objeto deste estudo.

Todavia, reconheço a força do nome travesti, de destaque como nome usual, independente de que trabalho realizem e em que lugar estejam; por isso não é possível desprezarem nem substituir definitivamente o nome pelo qual elas são identificadas no Brasil. Até porque ser travesti remete a uma identificação que, no Brasil, ainda se refere às interlocutoras que estão em evidência, nos estudos de gênero.

Usar o termo travesti não é problema na América Latina. Já na Espanha esse uso é complicado, pelo fato da própria América Latina e Brasil continuarem sendo um problema enquanto lugares que exportam pessoas das mais variadas formas possíveis. Sobre nomes e seus usos, Butler (1997) afirma:

Uno no está simplemente sujeto por el nombre por el que es llamado. Al ser llamado con un nombre insultante, uno es menospreciado y degradado. Pero el nombre ofrece también otra posibilidad: al ser llamado por un nombre se le ofrece a uno también, paradójicamente, una cierta posibilidad de existencia social, se le inicia a uno en la vida temporal de lenguaje, una vida que excede los propósitos previos que animaban ese nombre. Por lo tanto, puede parecer que la alocución insultante fija o paraliza a aquel al que se dirige, pero también puede producir una respuesta inesperada que abre posibilidades. Si ser objeto de la alocución equivale a ser interpelado, entonces la palabra ofensiva corre el riesgo de introducir al sujeto en el lenguaje, de modo que el sujeto llega a usar el lenguaje para hacer frente a este nombre ofensivo. (p. 17)

Lembro do estudo de Silva (2008b), em que “*as bonecas*” da década de 70, no Recife, se negavam a fornecer seu nome de registro, e por isso continuavam presas na Delegacia de Santo Amaro; afrontavam o poder policial da época, assim como a própria mídia e a sociedade, tanto por negarem seus nomes oficiais, o que as protegia, por um lado, como por assumirem seus nomes de rua, fazendo deles seu escudo.

São palavras como travestis, “*bonecas*” ou outras que caracterizam negativamente a pessoa, que podem funcionar ofensivamente, dependendo do contexto em que esta pessoa está vinculada e do espaço em que é mencionada. Embora, por exemplo, no caso das trans<sup>54</sup> do encontro de Cogam<sup>55</sup> que, ao sair das palestras, se cumprimentavam como bem queriam, não importando a discussão travada naquele dia.<sup>56</sup>

Garaizabal (Apud NIETO, 1998) percebe a diversidade na *transgeneridade*, embora afirme que todas são transexuais:

Pero la transexualidad no puede ser definida exclusivamente por quienes desean operarse. Mi experiencia me permite afirmar que hoy, en nuestro país, muchas personas que se definen y viven como transexuales no tienen ninguna intención de someterse a la intervención quirúrgica de cambio de sexo. Entre otros factores porque no viven mal sus genitales. Más aún; porque disfrutan con ellos. Suelen ser personas equilibradas, que reivindican su diferencia y su transexualidad con orgullo; que gustan de mostrar su ambigüedad y ambivalencia en relación a los géneros, siendo conscientes de la estructura inestable y construida que éstos tienen. (p. 47)

Este posicionamento de Garaizabal não é comum na Espanha, nem seguido pelo ativismo político *Queer*. Todavia é adequado para o uso do termo travestilidade no Brasil, modificando a palavra apenas e mantendo o ethos do grupo.

Percebo o quanto a transexualidade é tratada como termo mais adequado e comum para o comportamento das pessoas que participam dos coletivos que lhe dão nome. Algo que parece até inquestionável, quando se trata da realidade espanhola. Fica claro também a percepção da autora

54 Continuo utilizando este termo, principalmente em relação ao evento da Cogam por lá se encontrarem tanto travestis como transexuais (as operadas).

55 I Taller de Prevención de la transmisión de VIH e ITS dirigido a personas Transexuales trabajadoras del sexo. Organizado por Cogam, com participação de Aprampt e Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid. [sic]

56 Tal como afirmou Tina, espanhola, que travesti e transformista não é igual a transexual. São coletivos diferentes. Por isso não concorda que todas sejam denominadas de transexuais. Todavia, para esta interlocutora, ser chamada de transexual ou travesti ou transgênero não importa muito, pois com todas as discussões e modificações de lei, nada mudou em relação ao preconceito das pessoas e *os horrores* que estão acontecendo nas ruas e mesas de cirurgia. O estigma (GOFFMAN, 1963) é o mesmo para todas, mesmo mudando suas (auto) definições quanto à apresentação de gênero. Uma outra colocação importante foi a de Ana que não aceita o termo transexual, nem tampouco travesti ou transformista, pois todos eles não dizem realmente como ela se sente, são apenas denominações atualizadas para determinar quem não se satisfaz com seu gênero assinado em nascimento, por isso ela se diz o tempo todo mulher. Elas não aceitam os nomes que lhes dão. Ambas são espanholas, têm mais de 40 anos de idade e aproximadamente 30 anos trabalhando como profissionais do sexo na Casa de Campo.



sobre o seu ponto de partida, os genitais, e com isso a marca que tem a transexualidade como conceito para alguém que pretende modificar seu corpo, transformando sua genitália com a cirurgia de reassignação de sexo.

Ou seja, já que as pessoas estão convivendo bem com seus genitais, entendo que não poderiam ser denominadas de transexuais, pois este se configura em termo médico, firmado como termo da Medicina, e com objetivos claros, que excluem qualquer conotação que não seja clínica, da “*sexualidade transgressora*” e passível de modificação para sanar um problema determinado com os sufixos da psi.

Entendo a defesa de Garaizabal (Apud NIETO, 1998), enquanto psicóloga, ativista política e feminista, mas soaria melhor se houvesse uma opção por um outro termo que compreenda um âmbito mais social que médico. Mais à frente, no mesmo texto, fica claro que as categorias não podem ser estanques, pois, na prática, a experiência humana é muito mais rica que os escritos que pretendem estabelecer categorias de identificação trans.

Garaizabal (Apud NIETO, 1998) adota uma postura crítica em relação à perspectiva clínica, que denomina transexual como um transtorno da pessoa, possuindo graus de evolução (transexuais verdadeiros, transexuais primários, transexuais secundários...) e sem perspectiva que não seja a mudança de sexo com a intervenção cirúrgica. Mais uma vez: é o corpo em evidência para se pensar as trans. Contudo, a autora continua utilizando o termo transexual em todo o seu artigo, ao falar das novas apresentações de gênero.

### **3.8 CABE UNIR OS NOMES ÀS PESSOAS?**

Em termos de estudos de identificação de travestis brasileiras, não é adequado utilizar transexuais como termo ênico para caracterizá-las, apenas porque me propus realizar um estudo entre Brasil e Espanha, onde elas circulam e se ambientam nos termos modificados e onde até algumas delas presenciam uma política, que vem funcionando, em que todas são “*transexuales*”.

Porque, quando se trata de identificar as interlocutoras, tanto de forma individual como em associações de defesa de direitos que já introduzem a mudança terminológica, mesmo entendendo o caráter transitório do gênero no qual se autodenominam as travestis, no Brasil, não cabe sonoramente, linguisticamente, nem tem muito significado na vida real delas. Mesmo quando se procura entender o que realmente significam as palavras.

Fica sem sentido quando se explica a origem da mesma. Figueiredo (2008) até “*brinca*” com a proximidade da palavra transgênero e transgênico e por isso parecer algo que ninguém, pelo fato da impropriedade que a mistura produz, querer adotar para si. Apenas dentro das discussões de movimentos sociais, discussões estas impostas e apenas de cunho político, o que não conduz a nenhum uso no cotidiano delas. Já que no Brasil, e no Recife principalmente, a teoria queer (consonante com o ativismo) não funciona.

Desta maneira, opto por utilizar neste escrito a categoria travestilidade em consonância com a literatura brasileira analisada quando fala da condição e resignificação das palavras na realidade das travestis que convivo, muitas com experiências que apontam para uma multiplicidade dentro do universo vivido e compartilhado por elas. Opto por chamá-las travestis e trans, principalmente por estar lidando com pessoas que circulam em espaços transnacionais, o que implica mudanças de comportamento e nomenclaturas diferenciadas para a adaptação ao território em que se encontram, assim como condizente à minha própria trajetória na Espanha.

Concordo com as interlocutoras brasileiras quando afirmam que o motivo da defesa do termo transexual "para todas" vem de uma insatisfação com a experiência no trabalho e a linguagem falada pela maioria delas: bajubá ou pajubá (PELÚCIO SILVA, 2007), desenvolvida nas ruas e grupos de pares, principalmente na realidade da prostituição, porque travesti passa a ser reconhecida como marginal, devido à discriminação que tem sofrido historicamente o coletivo por nossas terras. O que muito já se experimentou na Espanha (MEJÍA, 2006)

O rejeito atual, no Brasil, ao nome travesti, se dá primeiramente por aquelas que passam

a conhecer a possibilidade de outros termos em detrimento da marginalidade que desenvolvem *algumas* travestis na rua. O que acaba remetendo a todas elas, principalmente na imprensa. Uma outra questão é a multiculturalidade da Europa, que oferece a quem está por lá uma anonimidade de pessoa comum, o que elas almejam em determinadas situações, principalmente naquelas em que o “apontar o dedo” e o “*olhar pelo canto do olho*” (SILVA, 1993) significam ameaças. Anonimidade esta marcada pela presença da diversidade sexual enquanto direito, o que diminui qualquer discriminação neste sentido, em meio à gama de diferenças entre as pessoas.

Na Espanha, as travestis brasileiras “*não se sentem mal*” (grifo meu) ao serem nomeadas transexuais. Creio que isso se justifica pelo fato do termo transexual não remeter a atitudes homofóbicas, ou transfóbicas, na mesma intensidade que elas sofrem no Brasil: nem por conta do sentido da palavra, sentidos diferentes lá e aqui, nem tampouco pela condição em que se apresentam em termos de gênero. Embora isso seja importante para entender o posicionamento delas no Brasil, quando retornam.

Na Espanha, há uma adesão coletiva a um movimento que quer o país na linha democrática e que por isso reforça a integração plena na comunidade europeia, rejeitando um passado ditatorial, já não desejado e imbricado diretamente a um movimento não mais interessante para a construção da nação<sup>57</sup>. Este movimento tem como pressuposto ressignificar o país enquanto livre de identidades e nomes que sugerem algum tipo de “*imposición desde el exterior*” (MEJÍA, 2006).

Segundo Antonio Burgos, na década de 70 (Revista Triunfo, 1977) o argumento sobre a democracia na Espanha era justificativa para rechaçar qualquer pretensão ditatorial e que lembrasse o governo do General Franco. Sobre as travestis, ele afirma:

(...) hay un grupo, dentro de los homosexuales, que no sólo continúa padeciendo la

---

<sup>57</sup> Todavía, a Espanha sofre com grandes distúrbios locais, devido a uma fragmentação política entre as comunidades autónomas. Por isso, Barcelona apenas aparece no final deste estudo como apoteose, por ter marcado o encontro das trans na Espanha, e também o meu encontro com as brasileiras do Recife. Todo o restante do estudo trata do Recife e Madrid, capital da Espanha, e por isso, local onde é mais forte o sentimento da democracia como sistema que se propõe a nação .

repressão franquista, sino que en la ola de libertades públicas ha sido presa fácil de una manipulación consumista en el mundo del cine y del espectáculo. Son los viejísimos imitadores de estrellas, ahora, dicho a la europea, travestis. (...) el travestismo tiene unas viejas raíces en el mundo español del espectáculo; sólo que el general cortó de raíz estas manifestaciones. Acabada la rabia, el fenómeno ha vuelto a aparecer en toda su grandeza subterránea. No es que se haya inventado nada. Es que ha salido a la luz pública cuanto había. En los más duros años de la dictadura, cuando no solamente se perseguía con la Ley de Vagos y Maleantes a los imitadores de estrellas, sino que los eminentísimos señores cardenales - arzobispos dictaban penas de excomunión contra los espectáculos dichos revisteriles de las estrellas imitadas, por las ciudades y pueblos de Andalucía, Extremadura, Canarias, había hombres de dudoso sexo que secretamente imitaban las canciones y los contoneos de doña Concha Piquer, de Carmen Miranda, de Mari Paz. (...) El travestismo está de moda y sus productos subculturales son comercializados sin miramientos, tal como son vendidos en circuitos industriales los 'posters' del Che o los discos con las canciones de la resistencia española. Para muchos es un mundo nuevo. Para otros, simplemente un mundo recuperado. (Triunfo, 1977: 41)

O movimento político espanhol, visível em uma literatura vinculada a universidades, mas, principalmente, no momento atual, no ativismo *queer*, procura termos para abarcar a diversidade sexual e torná-la um elemento negociável na legislação. Acredito que têm conseguido. Terminam assim por realçar as enormes limitações de alguns termos e tentam englobar as diferentes apresentações de gênero na terminologia transexual. Com esta direção política definida, passam a enfatizar a rotulação diferenciadora estigmática de travesti como aplicável, na prática, a imigrantes, como está muito claro na citação de Kim Perez (TRUJILLO, 2003-2004). Alguns destes imigrantes se integram na luta e no atendimento de ONGs e OGs que estão encabeçando a luta pela legitimação das leis e nomenclaturas oficiais, embora estes mesmos imigrantes vivam como travestis. O que remete a uma realidade que em nada tem modificado sua vida enquanto travestis ou transexuais, até mesmo para algumas trans espanholas, cujas informações revelam uma realidade nada diferente daquela em que vivem as imigrantes, como se referem Tina e Ana.

Penso também que há uma vontade política forte no uso do termo, pois algumas travestis espanholas com quem mantive contato participam com frequência dos coletivos e obtêm com isso representação política nas discussões de governo, o que é muito importante,

principalmente quando se observa as conquistas, em termos de leis que a Espanha tem obtido nesta última década. Essa vontade política tem a ver com a própria formação (universitária) de algumas trans que participam das discussões, com voz ativa.

Por isso, entendo a política do uso da expressão transexuais 'para todas/os', naquele país, como uma política *queer*, em que a política do movimento se une à discussão da academia, com uma ressalva do uso acadêmico do termo transgênero não ser adotado, por uma questão bem clara para o ativismo e já relatado aqui: o rejeito a teorias que vêm dos Estados Unidos. Nós, brasileiros, ainda não estamos bem posicionados, geopoliticamente, para fazer esta relação: união entre teorias e ativismo.

Política essa que se apóia em teóricos emprestados da Psicanálise e do pós estruturalismo francês (como já diria Preciado, 2003; 2005) para pensar novas políticas de inserção social, o que vem dando certo, através da lei de Identidade de Gênero (03/2007), em que os assessores e secretários que acompanharam sua elaboração eram pessoas do coletivo transexual, com ou sem cirurgia.

Na tentativa de compreender o porquê do uso do termo transexuais para todas que se incluem no universo trans, que poderia ser dividido em travestis, transformistas, drag-queens, top-drag..., entre outras formas de denominar quem pertence a um universo com tantas identidades diferenciadas, busco a literatura espanhola sobre transexualidade para tentar descobrir o que se pode acrescentar ao que tenho escutado e vivenciado acerca da realidade de minhas interlocutoras.

Entendo, e também defendo, que o termo, prefixo usado sem o restante da palavra, "trans", por si só dá margem a várias interpretações e realidades que costumo ver em campo. Mas, para a luta política de direitos compreendo a necessidade da junção de conceitos em apenas um que se proponha abarcar a comunidade em questão. Pois, o termo travesti acaba por ser associado ao conceito de marginal, pela imprensa por exemplo, como alerta Carla Antonelli, Diretora do Portal de Informação Transexual e importante figura transexual na Espanha, chegando a nem aparecer

como possibilidade:

Se recomienda a los medios de comunicación el seguimiento de ciertas pautas por motivos de sensibilización hacia los derechos humanos de las personas transexuales. (...) No buscar estereotipos sino tratar de mostrar la diversidad de la comunidad transexual (no sólo transexuales de mujer a hombre sino también de hombre a mujer, por ejemplo); No eliminar la palabra transexual cuando se habla de colectivos o manifestaciones lesbianas, gays, bisexuales y transexuales, por una cuestión de visibilización de todo un conjunto. (ANTONELLI, In: RUÍZ, 2005. p.141)

Creio que, pelo fato de se defender a transexualidade como termo igual para todas (seja travesti ou qualquer outra denominação que usemos para pessoas que estão insatisfeitas com seu gênero assinado em nascimento), com o objetivo de luta por direitos iguais, termina-se por defender a transexualidade, como entendemos no Brasil, e seu tratamento médico e legal. Aqui, pelo menos no Recife se inicia um movimento que procura, através das poucas que participam de movimentos sociais, entender e melhor adotar termos que designem sobre sua identidade. Transgênero foi um dos que tentou firmar terreno entre elas, mas, como já discutido, não consubstanciou-se. Atualmente elas preferem trans por abarcar uma possibilidade maior de inclusão dentro da própria travestilidade. E não excluem “travesti”, pois, percebido como de maior força, melhor correspondência ao gênero que escolheram para si e facilidade na rapidez da identificação.

Lá, pode ser dito que volta-se mais uma vez a estigmatizar as pessoas que possuem a identidade trans, que condiz com as transexuais politizadas, mas que não tem acesso a leituras e políticas do governo, como as imigrantes, por exemplo, que se autodenominam travestis, como também algumas espanholas que não têm acesso a organizações de defesa e luta por direitos (como é o caso de Carol, Sandra e Koral), ou mesmo as que não concordam com o termo, por ser ele veiculado pela maioria da comunidade médica.

Para finalizar, gostaria de refletir um pouco sobre como o termo transexual, na Espanha, se reflete na resistência atual ao uso de travesti, no Brasil. Desde o momento em que as travestis realizam sua primeira viagem à Europa e passam um tempo na Espanha, há uma modificação na

maneira como se intitulam, o que denota uma hierarquização terminológica, clara também nas modificações de comportamento das que viajaram em relação às que ficaram. Estas modificações acabam implicando politicamente nas organizações de que estas trans participam, quando têm tempo para isso. Ao ponto de colocar a Europa como modeladora de nomenclaturas mais atualizadas e “*apropriadas*” para uso corrente nos coletivos também daqui. Assim como acaba por confundir, ou mesmo camuflar o real objetivo da viagem daquelas trans, incidindo sobre a modificação corporal definitiva – a transgenitalização, o motivo real da circulação daquela travesti, o que não condiz com o desejo pessoal delas, embora seja interessante enquanto um dos *truques* que usam para serem melhor reconhecidas perante os seus.

#### 4. *NO TRUQUE*: FLUXOS MIGRATÓRIOS DE TRAVESTIS BRASILEIRAS À ESPANHA.UMA PERSPECTIVA TRANSNACIONAL

É uma proposta que a gente viaja né? (Ramona)

...e eu ia me jogar! (Sara)

A perspectiva utilizada neste capítulo, que se propõe analisar os fluxos migratórios de travestis brasileiras para a Europa, no caso a Espanha, será o da transnacionalização, como fenômeno da globalização, e com isso a construção de identidades no processo em que elas estão inseridas. Neste sentido, procurarei mostrar como as interlocutoras se comportam ante as barreiras impostas a suas viagens internacionais, em termos da viagem propriamente dita e das regulamentações estabelecidas, bem como em relação a um novo direcionamento de Europa que surgiu nestas últimas três décadas.

Me reporto à discussão de Hall quando trata de identificação como parte de um “*complexo de processos e forças de mudança*” (2001: 67), a globalização, enquanto condição que as atrai para o novo, para uma nova situação de vida, de espaço e de comportamento localizado em uma situação “*diaspórica*” (2003). Exatamente a situação de “*migração de trânsito*” (CASTRO, 2004: 06) impulsionada pela “*classe e por resposta a globalização do capital*”. Por isso, emigração repetida, tal como defende Sayad (1998).

Este complexo de processos e forças de mudança fornecem, segundo Hannerz (1997: 2), “*os contextos para nossa reflexão sobre cultura*”, e a construção sobre brasilidade e travestilidade, segundo um pertencimento ao próprio processo de “*fluxo*” de pessoas no mundo.

É a abordagem sociológica que se destaca na concepção que adoto sobre globalização, no que afirma Martes, como

uma abordagem capaz de incorporar o atual processo de integração entre os países de destino e de origem dos fluxos migratórios, focalizando os movimentos dentro do processo



de globalização e reorganização econômica e chamando a atenção para o avanço tecnológico e o barateamento dos meios de comunicação, como componentes facilitadores do acesso e da circulação de informações acerca das oportunidades externas. (MARTES, 1999: 44).

Para Arango (2007), não apenas “*la penetración de las economías más desarrolladas en los países menos*” (In: Vanguardia. 2007: 11) desenvolvidos é causa das migrações internacionais. Outras facetas da globalização contribuem para se viajar, seja de forma definitiva – migrando para fazer a vida em outro país, – ou passageira –, como turista, mesmo que se firmando em outro país depois da primeira viagem: o desenvolvimento dos transportes, que comprime espaço e tempo (HALL, 2001; 2003), das comunicações e da informação (ARANGO, In: Vanguardia: 2007) é uma delas. Fatores que valoram cada vez mais a “*uniformidad de la cultura de masas, pero al mismo tiempo diversas formas de identidades (...) aparecen en el ámbito público y se reconstruyen en respuesta a la uniformidad*” (MARTINIELLO, In: Vanguardia: 2007).

É importante também analisar as redes sociais no elo do processo migracional das travestis brasileiras para a Espanha, seja na origem ou na sustentação dos fluxos, realizados pelas próprias envolvidas nestes movimentos entre nações. Desta forma, é o local dentro do global que se destaca (HALL, 2001), quando penso na identidade delas estando ou não no Brasil. Porque é estando na Europa que elas se destacam como brasileiras, e estando no Brasil, as que circulam pelo mundo, que se destacam como européias. Um jogo de identidades que dialoga muito bem com o global e com o local, através de disposições duráveis e transponíveis que funcionam a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações que se realizam em determinadas condições sociais. (BOURDIEU, 1989a).

Concordo com Hannerz e com o seu conceito de cultura enquanto processo, principalmente quando enfatiza

que apenas por estarem em constante movimento, sendo sempre recriados, é que os significados e as formas significativas podiam tornar-se duradouros (...). E, para manter a cultura em movimento, as pessoas, enquanto atores e redes de atores, têm de inventar

cultura, refletir sobre ela, fazer experiências com ela, recordá-la, discuti-la e transmiti-la (1997: 4).

Justamente o que entendo fazer as travestis ao representar o Brasil nas suas falas e comportamentos enquanto brasileiras.

Escolho também utilizar a perspectiva de emigrante e imigrante, tal como Sayad (1998), quando afirma que “*quem sai de seu lugar é a mesma pessoa que chega no lugar dos outros, na terra dos outros*”. Como ele próprio aponta:

(...) o que chamamos de imigração, e que tratamos como tal em um lugar e em uma sociedade dados, é chamado, em outro lugar, em outra sociedade ou para outra sociedade, de emigração; como duas faces da mesma realidade, a emigração fica como a outra vertente da imigração, na qual se prolonga e sobrevive, e que continuará acompanhando enquanto o imigrante, como duplo do emigrante, não desaparecer ou não tiver sido definitivamente esquecido como tal – e, mesmo assim, isto ainda não é absolutamente certo, pois o emigrante pode ser esquecido como tal pela sociedade de emigração mais facilmente e antes mesmo que tenha deixado de ser chamado com o nome de imigrante. (SAYAD, 1998: 14)

Pois assim são as travestis brasileiras que saem do seu país, as mesmas que, no período mínimo de três meses, retornam, já com planos concretos de voltar à Europa, assim que resolverem seus assuntos financeiros e familiares e de contatos com as pares em seu lugar.

As que saem do Brasil, como emigrantes, são as mesmas que chegam à Europa, Espanha, como imigrantes. Por conta disso, o termo migração é importante para pensar o deslocamento de travestis do Brasil à Europa e seu retorno. E concordo com Sayad, quando afirma que todo o itinerário do (i) migrante “*é epistemológico porque se dá no cruzamento das Ciências Sociais (...) [em] um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente...*” (1998: 15) como um *fato social*. Assim como a discussão, segundo Martes (1999), é interdisciplinar.

Hall, ao tratar de globalização, já adiantara que “*desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente, acelerando os fluxos e os laços*

*entre as nações.*” (2001: 68-89). Para ele, as identidades nacionais “*estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do 'pós-moderno global'*” (2001: 69).

Por um lado Hall tem razão, quando constatamos que a cada dia se defende o consumo de bens e os comportamentos ditos de origem europeia, prevalecendo nos discursos de pessoas que circulam por este continente. Todavia, não podemos descartar a preservação de identidades nacionais neste constructo, neste processo migratório circular que as travestis brasileiras preservam, o que discutirei melhor em outro capítulo.

Para Martes, o que circula não são “*apenas trabalhadores, mas sobretudo capitais, mercadorias, serviços e informações*” (1999: 39). Porque a globalização dissolve as barreiras da distância, assim como instaura correspondências entre países, encontro dantes impensável. Como afirma mais uma vez Hall (2001: 84): “*outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições-de-identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas*”.

Desta forma, a globalização contribui para a negociação, muitas vezes de forma obrigatória, com as novas culturas em que as pessoas passam a viver, “*sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades.*” (HALL, 2001: 88). Por isso, as trans, enquanto migrantes, são “*o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias 'casas' (e não a uma 'casa' particular). (...) Elas são irrevogavelmente traduzidas*”<sup>58</sup> (HALL, 2001: 89). Quando elas passam à Europa são “*traduzidas*” pela cultura do outro, lidas, pelas demais colegas que ficaram no Brasil, como possuindo outra identidade. Penso também que estão traduzindo, se reinterpretando como travestis num mundo globalizado.

Pois pertencem a dois mundos, quando se fala de Brasil e Europa. Ou, mais que isso, quando se fala de Brasil e Espanha, Brasil e Itália, Brasil e Suíça, Brasil e Portugal... São

o produto das novas diásporas (HALL, 2003) criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles

58 A palavra traduzida significa aqui transferir, transportar entre fronteiras.

[elas] devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. (HALL, 2001: 89).

Porque, assim como as suas viagens são situações diaspóricas, suas identidades são também situações, identificações com culturas, pessoas e lugares que circulam, seja no momento em que estão fora do Brasil ou mesmo quando estão dentro dele.

#### **4.1 E POR FALAR EM BRASIL... ESPANHA: NOVA ROTA NA HISTÓRIA DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS**

O Brasil de imigrantes do século XIX e começo do XX, de italianos e japoneses por exemplo, passa a país de emigrantes. De país receptor (Arango. In: Vanguardia: 2007) passa a ser país de origem na migração internacional.

Nações do mundo todo em crise, como a Alemanha, Portugal e a Itália, no século XIX, e o Japão, no começo do século XX, por conta de guerras, destruição e reestruturação, vêem seus cidadãos saírem em busca de novos mundos para trabalho e sobrevivência. O Brasil, com suas terras, lavouras a serem cultivadas e cidades em expansão, necessitada de mão-de-obra devido à recente abolição da escravatura, é o lugar para se *fazer a vida*.

Mas, ao longo da História, o fluxo inverte. Sales afirma que

a saída de brasileiros para morar em outros países evidentemente existiu em outros períodos e continua existindo ainda hoje, sem que isso tenha se configurado, contudo, uma corrente migratória, no sentido em que este conceito é empregado nos estudos sobre esse assunto (1991: 21).

O estudo de Sales acerca da migração de brasileiros de Governador Valadares para Boston, nos Estados Unidos da América, já destaca uma característica “*da integração dos brasileiros no cenário internacional dos tempos modernos*” (1991: 23): a saída do país à procura de melhor sorte como estrangeiros. Como também o estabelecimento destes brasileiros no território estadunidense.

A migração de travestis brasileiras para o território espanhol, principalmente para Madrid, se configura como circulação migratória, o que muitas vezes nega a possibilidade de fixação de residência<sup>59</sup>, diferente da situação de muitos brasileiros, não travestis, que migram para esta mesma cidade e país.

Segundo Castillo y Villegas (In: Vanguardia. 2007)

en los últimos 50 años América Latina e Caribe ha ido disminuyendo su atractivo como polo de inmigración, acentuándose los flujos migratorios tanto en su interior como principalmente hacia Estados Unidos, Europa y Japón (Vanguardia, 2007: 53).

No caso do Brasil, estes autores destacam a presença de brasileiros em Portugal, Bélgica e Japão. No caso da Espanha, as brasileiras mulheres formam um coletivo de imigrantes maior que o de brasileiros homens, como veremos a seguir. No estudo de Castillo y Villegas, se destaca a grande mobilidade como característica da imigração latino-americana. Chegando a famílias inteiras se revesarem na circulação pelo mundo e repartirem-se entre Espanha, Itália, França ou Inglaterra.

## 4.2 ESPANHA DESTINO

A Espanha é um destino muito recente de imigrantes. Como afirma Cachón:

Si entre mediados de los 70 y mediados de los 80 el número de inmigrantes en España se multiplicó por dos, lo mismo ocurrió entre esa fecha y mediados de los 90. Pero en la última década se ha multiplicado casi por seis, pasando del medio millón de extranjeros con tarjeta o autorización de residencia en 1995-1996 a los 2.800.000 en junio de 2006, que rondarán los 3.000.000 a finales de año. Esto supondrá casi el 7 por ciento de la población total en España (CACHÓN, 2007: 68)

Segundo o mesmo autor, na Revista Vanguardia, especializada em estudos de migração na Espanha, 35% dos imigrantes são latino-americanos, distribuídos de forma desigual por todo o

---

<sup>59</sup> Apenas com uma das interlocutoras, Paola, encontrei na fixação de residência o objetivo de sua migração, mas esta se destaca dentre as demais por diversos motivos, um deles é o desejado desligamento do país de origem, principalmente em termos familiares, e a mudança corporal total – a transgenitalização – como objetivo de seu distanciamento.

país. Madrid está em segundo lugar em número de imigrantes regularizados no censo para o estudo em questão. A maioria é constituída por pessoas jovens, com destaque para o coletivo feminino (56% vindas da América Latina).

A partir da década de 70 é possível obter registros de trans brasileiras no território europeu. É possível também encontrar saídas de brasileiras para a Espanha, como registrado em periódicos e livros sobre o mundo do espetáculo na Espanha. Como retrata o livro autobiográfico de Pierrot (2006) sobre uma entrevista que o próprio realizou com Mr. Arthur, em 1982, acerca de Lorena Capelli:

A Lorena Capelli le di yo trabajo. La Lorena Capelli, la primera vez que vino a España, vino con su marido y un enano. Me la presentó el difunto Diego de la calle conde del Asalto, me la presentó en su casa, que se le había escapado el marido... ya venía ella vestida de mujer, porque el padre de la Capelli era del Cuerpo Diplomático Brasileño y ella ya tenía un papel para la policía que podía vestir de mujer por la calle. No estaba operada ni nada ella. Cuando estuvo con nosotros era una gran persona... el carácter se le puso cuando se marchó a París, que fue cuando se enrolo en el carrusel de París y venía hecha, quiero decir que ya no traía la nariz suya y ya venía con silicona y ya venía trastornada...

Na Revista Triunfo, de 1977, Antônio Burgos, já citado em capítulo anterior, dissertava sobre as trans e o fenômeno da travestilidade no território europeu. Embora, com o recorte da época, este periodista une a travestilidade à homossexualidade:

(...) hay un grupo, dentro de los homosexuales, que no sólo continúa padeciendo la represión franquista, sino que en la ola de libertades públicas ha sido presa fácil de una manipulación consumista en el mundo del cine y del espectáculo. Son los viejísimos imitadores de estrellas, ahora, dicho a la europea, travestis. (...) el travestismo tiene unas viejas raíces en el mundo español del espectáculo; sólo que el general cortó de raíz estas manifestaciones. Acabada la rabia, el fenómeno ha vuelto a aparecer en toda su grandeza subterránea. No es que se haya inventado nada. Es que ha salido a la luz pública cuanto había. En los más duros años de la dictadura, cuando no solamente se perseguía con la Ley de Vagos y Maleantes a los imitadores de estrellas, sino que los eminentísimos señores cardenales - arzobispos dictaban penas de excomunión contra los espectáculos dichos revisteriles de las estrellas imitadas, por las ciudades y pueblos de Andalucía, Extremadura, Canarias, había hombres de dudoso sexo que secretamente imitaban las canciones y los contoneos de doña Concha Piquer, de Carmen Miranda, de Mari Paz. (...) El travestismo

está de moda y sus productos subculturales son comercializados sin miramientos, tal como son vendidos en circuitos industriales los 'posters' del Che o los discos con las canciones de la resistencia española. Para muchos es un mundo nuevo. Para otros, simplemente un mundo recuperado. (1977: 41)

Em “El País”, de 1989, um artigo chama a atenção para o fenômeno da travestilidade e a prostituição, do qual destaco a menção à presença de brasileiras:

(...) Un brasileño, con aspecto de jugador de la NBA, parece una hembra despampanante maquillada y arreglada. Va subida en unos potentes tacones y luce ropa interior de cuero; el sostén deja al descubierto las enormes tetas de silicona y las bragas son un triángulo mínimo. Como complemento se cubre con un abrigo. Cuando el cliente pára su vehículo junto a la acera, ella se acerca, descubre lo que oculta el abrigo, adopta una pose seductora y comienza el trato. (1989: 9)

Mais à frente, no mesmo artigo, fica claro a presença indesejada de brasileiras travestis, principalmente as que fazem trottoir:

Brasileños fuera

En los últimos dos meses, 17 travestidos brasileños han sido expulsados del país. La medida ha sido aplaudida, incluso, por los travestidos nacionales, que los acusan de estar en la calle desnudos. Las brasileñas son, sin duda, las más exuberantes; de ellas se dicen también que son portadoras del mejor SIDA del mundo. Los brasileños abandonan su país agobiados por la competencia, perseguidos por la policía y aterrorizados por el SIDA. En España, Francia o Italia - los tres países incluidos en su ruta - encuentran mercados más productivos y niveles de vida más altos. Unos entran como turistas, en vuelos regulares, y otros pasan ilegalmente a través de Portugal. No permanecen mucho tiempo en ningún sitio. La policía asegura que sus desplazamientos van seguidos siempre de un buen golpe. 'Muchos son delincuentes y se dedican a dar palos a los clientes', asegura un inspector de la zona Centro. 'Los duermen por el procedimiento del *pastillazo* o recurren al atraco con intimidación. Después de un golpe fuerte lo normal es que se *abran* una temporada. Un ejecutivo que en alguna ocasión ha mantenido relaciones con travestidos asegura que 'algunas lo llevan muy bien, son muy agradables, leen novelas, tienen una cierta cultura; otras, sin embargo, se dedican a la delincuencia'. (El País, 1989: 10)

Esta é a imagem que, na década de 80, já se tinha das travestis, ou travestidos,

brasileiras, na Espanha.

Seguindo um conceito higienizador e de superioridade européia, a Espanha se inclui como mercado produtivo para as trans que aqui, na América Latina, não possuem trabalho nem têm sossego, por causa dos policiais (SILVA, 2008), e lá também sofrem com as leis de estrangeiria. Estas três últimas citações demonstram que a presença de brasileiras travestis no território espanhol já era marcante, embora França e Itália o eram com maior ênfase do que Espanha em se tratando de saída direta desde Brasil, e principalmente no imaginário das trans.

A imagem da Aids é muito forte como imagem do outro, e por isso não é estranho se pensar, na Espanha, que os imigrantes são os responsáveis pela proliferação do vírus no país. Esta crença está presente nos discursos xenofóbicos e homofóbicos (posso generalizar para transfóbicos também), em consonância com a criação da categoria transexuales, relacionada com a visão de patologia e sanitarismo espanholas, apresentada no capítulo anterior

#### **4.3 SOBRE O TRÁFICO DE SERES HUMANOS**

O periódico “El País” em artigo de 1989, já aponta para a irregularidade no trânsito de brasileiros na Espanha, o que propõe a discussão, neste ítem, acerca do tráfico de seres humanos.

Para seguir a linha utilizada pela maioria dos estudos que tratam de tráfico de seres humanos, abordo primeiramente o conceito de Tráfico do Protocolo de Palermo, adotado em 2000, no Artigo 3-A:

o recrutamento, o transporte, o alojamento ou o acolhimento de pessoas, recorrendo a ameaça ou o uso de força ou a outras formas de coerção, ao rapto, à fraude, ao engano, ao abuso de autoridade ou à situação de vulnerabilidade ou à entrega ou aceitação de pagamentos ou benefícios para obter o consentimento de uma pessoa que tenha autoridade sobre outra para fins de exploração. A exploração incluirá, no mínimo, a exploração da prostituição de outrem ou outras formas de exploração sexual, o trabalho ou serviços forçados, escravatura, a servidão ou a remoção de órgãos.

Com base neste conceito, muitas ONGs lutam contra o tráfico sem sequer analisar a



situação verídica das pessoas que estão envolvidas nos esquemas de tráficos de seres humanos. Muitos estudos, tal como relata o Grupo Da Vida (Revista Pagu, 2005) são meros enfoques de compilações de dados, de forma mal interpretada e pouco avaliada, quando se trata da fonte. Por isso, é importante, em relação a este assunto, ter cuidado com o uso do termo tráfico de seres humanos, principalmente quando se trata de caracterizar como objeto do tráfico as travestis brasileiras que buscam na Espanha uma forma de conseguir dar certo na vida através da circulação entre países, realizando a atividade prostitucional como trabalho.

Não se poderia afirmar que as travestis brasileiras são produto do tráfico de seres humanos, uma vez que desde muito cedo elas recebem aprendizagem de colegas e cafetinas, que já foram para a Europa, sobre o continente ser o lugar onde estão as melhores lojas de grife internacional, onde todo o glamour é possível para as pessoas comuns, onde se é livre para assumir sua sexualidade e onde estão “*os homens mais lindos do mundo*” (Palova)?

Mas, como eu poderia afirmar que não há tráfico de seres humanos se a propaganda de Europa inclui a possibilidade legal do casamento entre pessoas do mesmo sexo biológico? O que gera a possibilidade de se conseguir documentos naquele continente, o que proporcionará dupla nacionalidade, e melhor: poder circular livremente entre países? Eu poderia afirmar que este “inculcamento” é uma espécie de “*recrutamento*” desde a tenra adolescência? O que pode contribuir para que, na primeira oportunidade, a travesti seja “*transportada*” por sua colega, cafetina amiga, ou amiga da amiga que já foi “*financiada*”?

Não posso deixar de dizer que, na Espanha as travestis são recebidas e alojadas segundo um esquema de “*acolhida*” já montado desde o Brasil, no qual se inclui o “*transporte*” desde o aeroporto, comida, pensão, ponto – quando se pensa o trottoir –, ou piso determinado –, quando se pensa o responsável pelo espaço, ou mesmo o quarto –, quando se pensa no “*Club de Alterne*”<sup>60</sup> em que o representante do artista é o responsável pela contratação da travesti para a casa de show.

Este esquema de acolhida pode ser entendido como tráfico de seres humanos quando inclui o alojamento e acolhimento em um lugar onde só o lado positivo é destacado. Principalmente

60 Desenvolverei mais sobre estes lugares em capítulos posteriores.

quando se vai pela primeira vez, sem ter informações suficientes sobre o local, nem dinheiro para suprir os gastos próprios da viagem, alojamento e entrada/estada no país. Mas, também quando se pensa que a dívida e a obrigatoriedade de pagá-la, mesmo através de coação simbólica, configura-se em tráfico.

Mas, acredito que enfrentar situações difíceis, principalmente de desconhecimento do lugar de destino nem sempre pode caracterizar a migração como tráfico. E prefiro não criar “*pânicos morais*” quanto à categoria ou à atividade que elas vão realizar naquele país. Pois, nem todas as travestis viajam da mesma forma, mesmo que possam ser comparadas com a de maioria dos migrantes ilegais, que passam pelas mesmas pressões de pagamento de dívida e esquemas de acolhimento.

A entrada na Espanha como turistas caracteriza o evento como “*irregular*”, porque as migrantes, em sua maioria, ficam mais tempo do que o determinado no passaporte. Ou seja, muitas *prolongan su estancia e trabajan* (Baldwin-Edwards; Sciortino: 2007) naquele país por mais tempo que o documento determina. O que não significa dizer que com o visto de turista, elas podem trabalhar, como acontece também com outras pessoas de diversas nacionalidades que chegam todos os dias à Europa.

Lehmann-Karpzov, em seu estudo sobre turismo sexual entre homens alemães e mulheres brasileiras no Recife, desenvolve a idéia de que o turismo pode ser

uma excelente oportunidade para a aproximação e troca de experiências entre pessoas de diferentes culturas (...) [podendo ser também] uma tendência para reforçar as relações de dependência dos povos subdesenvolvidos e em desenvolvimento para com os povos desenvolvidos, criando, deste modo, uma forma moderna de neocolonialismo, correspondente às antigas estruturas coloniais (1994, 45).

Aqui deixo claro que, mesmo não trabalhando sob a perspectiva do turismo, é importante pensar sob este ponto de vista quando se concretiza como uma ferramenta de uso para atravessar a fronteira entre países, embora não seja uma ação que as trans assumam em suas falas,

estando na Europa. O fato delas entrarem na Espanha como turistas faz parte da hierarquização entre países. Ser turista, repito, é apenas uma disposição documental para transpor a linha que separa o Brasil da Espanha. Enquanto migrantes, elas têm nos documentos a condição de turista. E, antes de se firmarem nesta condição, têm nos turistas de países ricos que vêm ao Brasil, um instrumento para ampliar os contatos na Europa. Desta maneira, iniciam seus deslocamentos entre países visando trabalhar em um e morar em outro, reconhecendo assim a hierarquia.

Concordo com o que afirma Agustín (2000) acerca da ida de travestis à Espanha. Elas “*no se describen como ‘forzadas’*” (2000) em relação ao fato de realizarem trabalhos sexuais, à sua migração e às condições de exaustão que o mercado do sexo impõe, principalmente em pisos. A imprensa na Europa, como também no Brasil, além de estudos jurídicos e comprometidos com dados de governos, apresenta a temática “*en términos de víctimas engañadas*”, realçando o caráter de tráfico de seres humanos para todos os migrantes que vão para a Europa a fim de realizar trabalhos sexuais.

Com as travestis não funciona dessa maneira, principalmente quando se trata da Espanha, pelo menos através da representação das interlocutoras ouvidas por mim. As condições também são destacadas por Agustín, em seu texto:

Otro estereotipo es pensar que hay sólo dos posibilidades: o ser libre o ser semi-esclavizado. El caso es que hay una gama muy variada de estados entre estos extremos. Entre personas que trabajan por su cuenta, algunas tienen ‘chulos’[cafetão] y otras no. Muchas dan dinero a su novio o novia libremente, como muchos hombres lo dan a sus novias o esposas. Hay familiares que comparten pisos e ingresos y amigas que trabajan juntas. Existen personas contratadas para clubes que casi no tienen vida fuera, incluso son trasladadas de sitio en sitio sin ser consultadas. Sin embargo, algunas de éstas se conforman con esta situación porque así ahorran más dinero y se sienten más seguras. Otras están atrapadas de verdad. Hay que hablar de situaciones específicas (2005: 119).

Agustín (2000) afirma que as travestis são trasladadas de lugar a lugar, pisos, sem serem consultadas, como uma prática, dentre tantas outras, a que estão sujeitas aqueles que trabalham no mercado do sexo na Espanha. Tenho verificado este fato, embora não através de

informações das minhas interlocutoras, o que é importante frisar, para não misturar situações e confundir trajetos, objetivos e interpretações diferentes de grupos de travestis brasileiras.

Em uma das conversas complementares às entrevistas, escuto de Duda sobre sua mobilidade, o que indica uma liberdade de controle, da parte delas, quanto ao trabalho que realizam na Espanha:

Bom. Isso é o seguinte: as plazas são assim: são casas<sup>61</sup> que você trabalha às vezes sozinha, às vezes 2 trans, 1 mulher e um homem que trabalham também, as vezes várias trans. Depende muito do movimento. E as praças<sup>62</sup> você consegue através das amigas que estão acostumadas a fazer. Ou através das próprias donas de piso, que passam o telefone de outros pisos em outras cidades. Só você ser bacana que tem tudo. O contato é direto mesmo, sem intermediários. Você tendo o telefone, liga e pede praça. Alguns pisos marcam com antecedência, ou depende também da sua referência, sabe nè? Rsrrrs. beijos mil espero ter respondido bem (Duda)

Esta fala de Duda trata de situações específicas que descaracterizam a situação do fluxo migratório das travestis brasileiras como tráfico de seres humanos. Não posso negar a existência, mas com menos prevalência entre as interlocutoras ouvidas aqui. Nem na rota Brasil – Espanha, nem tampouco na trajetória das meninas por pisos e calles.

É preciso detalhar mais sobre os motivos pelos quais não vejo clara a circulação Brasil – Espanha, em minha investigação, como sendo tráfico de seres humanos. Primeiro: no caso do Recife, em relação à Espanha, a configuração do processo de disposições que indica o tráfico de seres humanos é muito pouco caracterizado, por isso não comprova a ida de travestis como uma questão de tráfico: uma rede de cafetinagem, como historicamente persiste, no caso da Itália. O que se percebe é uma rede de contatos, de ajuda e acolhida entre algumas delas, ou entre grupos de travestis daqui que já foram e os que já estão lá. Sobre este ponto, vale ressaltar, em uma das falas, algo importante:

Eu tô com a proposta de cinco cafetinas italianas. Porque aqui existe tipo um comércio de travestis. Vem cafetinas da Itália em setembro pra levar as bichas no final do ano e no

61 Ou apartamentos.

62 Vagas nos locais onde se faz prostituição.

carnaval, que é a época mais fácil de passar pela fronteira italiana. Aí ela vem buscar as bichas, vê as bichas que estão no auge no Recife, as mais bonitas, as que são mais bem dotadas, que têm o pênis maior e batem portinha - batem portinha é quem mais fazem programa que tem mais axé pra chamar homem. Então elas pegam, vem e levam elas cafetinadas para a Itália. Elas trabalham com a cafetina durante um determinado tempo, vão cafetinadas geralmente por 13 a 14mil euros, certo... Mas, lá elas vão ter hospedagem, a casa, o ponto delas, passagem, 3mil euros para entrar na fronteira italiana, porque tem que tá com dinheiro senão você não passa, passaporte e tudo. E lá você paga a ela. Trabalha uma semana pra você e uma semana pra ela, certo? Aí, já foram várias drags e tem três drags que estão prestes a ir por 14mil euros. Já vieram umas cinco travestis querendo me levar para a Itália, elas quiseram me levar por 13mil euros, com meu corpo todo feito na prótese, prótese de peito, prótese na bunda, cabelo, tudo que eu tivesse que fazer, plásticas, elas faziam. 13 mil euros eu pagava a elas lá e não tem tempo determinado, uma semana trabalha pra você e uma pra ela. (anônimo)

São disposições como esta que dão à rota Recife – Itália a característica de rota de tráfico. Em relação à Espanha, não ouvi uma só fala que caracterize a rota desta maneira. Essas cafetinas, que a interlocutora aponta, podem ser pessoas de nacionalidade brasileira que se estabeleceram na Itália e fazem este tipo de comércio. Na Itália já existe uma quantidade grande de travestis brasileiras, o que constitui uma atração e proporciona uma certa segurança para compensar o fato de estarem longe de casa. Como afirma Aleika, por *msn* da Espanha:

existe algumas trans que conheço que fazem shows aqui em cabaret e casas de espectáculos, outras que fazem faxina, numeros de samba na alemanha e etc... normalmente 90% das trans prefere Italia mesmo, até porque la tem muitas já. talvez por isso se senti mais a vontade e ao lado das amizades. [sic]

O que acontece na Espanha é um processo diferenciado, principalmente pela quantidade de travestis brasileiras ser menor, historicamente, que na França e Itália. A ida delas para a Espanha, em termos de acesso a companhias aéreas, acontece da mesma forma que para a Itália. Só há um voo de Recife para Portugal (TAP), e a partir de lá o acesso é feito por companhias locais para a Itália ou a Espanha. Assim, a não existência de uma rede de cafetinagem organizada das trans do Recife para a Espanha, diferente do caso da Itália, pode ser uma característica específica da rota

pela falta de vãos diários, mas também pode ser a marca de um trânsito que ainda não foi firmado, assim como já aconteceu com a rota Brasil-França/Brasil-Itália.

As travestis que vão para a Europa são todas maiores de idade, por isso respondem por si mesmas desde há muito, acrescentando a isso sua condição de autônomas, *auto-empregadas* (GRUPO DA VIDA, In: Pagu, 2005), em relação a própria atividade que realizam no Brasil.

Em relação à exploração, o fato de haver um acordo tácito antes do desembarque na Espanha descaracteriza o desconhecimento das regras do trabalho e do valor que se deve a alguém que lhe emprestou, ou mesmo lhe deixou claro o valor total que inclui o bilhete de passagem, o dinheiro para mostrar na alfândega e entrar no país, e ainda, pode ser o caso, o valor do alojamento e do ponto na rua, caso essa trans se estabeleça em pontos determinados na atividade do trottoir. Sobre isso Cris afirma:

Não, não é que eu levei, eu indiquei, assim, quando a boate falava ou precisava de alguém pra trabalhar aí eu indicava entendeu? As meninas queriam fazer a sessão de fotos entendeu? que é totalmente diferente dessa história de hoje né? que hoje tem aquele... o tráfico né? (...) Porque tem as diferenças Cecília, é que existe pessoas que dão forças, que ajudam, que são amigas. Aí emprestam dinheiro pra você ir, não sei o quê, mesmo que vá para a prostituição. (...) Porque se você ainda faz aquela linha agiotagem né? Que também é errado, mas, se faz assim: Eu te dou mil, tu me dá dois. Né? Porque também ninguém sabe quando é que tu vai me dar esse outro, esse mil, não é? Poderia ser até menos, como é que se fala... menos errado né? Mas eu, quando você gasta mil e quer pedir dez em cima, doze em cima, aí eu acho que fica... uma exploração. É realmente uma exploração. Mas, é nada que seja escondido (...) Como elas falam lá no mundo delas: O combinado não custa caro, não é? Então, se você sai daqui, se eu venho pra cá e você tá aqui, vão te entrevistar, a entrevista vai ser isso, isso e isso, vou perguntar isso, isso e isso e eu tô de acordo a responder. Eu não posso amanhã te processar porque você fez essa entrevista comigo aqui hoje. Então, é a mesma coisa que acontece. Eu acredito que nenhuma delas deve fazer isso escondido não, aqui no Brasil acho que não tem... existe mais com mulher né? Mulher que diz que vai ser babá, que vai ser isso, que vai ser aquilo. Quando chega lá põe as meninas pra trabalhar. Mas eu creio que no meio de travesti... O travesti ele tem essa vantagem em relação às outras pessoas, não é tão burro, não é? Catam as coisas muito no ar, muito mais, assim, não vê muita ingenuidade nas coisas não é? Porque tem a malícia né? de, de sempre tá achando que alguém vai te querer fazer um mal, que alguém vai te prejudicar. Aí então (...) você aprende a se modificar muito. (Cris)

Esta fala de Cris aponta uma particularidade das travestis perante outras pessoas que procuram a Espanha como lugar para fazer a vida. A fala, em relação à migração de travestis brasileiras, revela um lado político diferenciado em relação às mulheres, por exemplo, já que, no caso daquelas, os *truques* que realizam para driblar os limites do permitido para elas, assim como a própria conjuntura de tráfico historicamente ligado à circulação entre países na qual estão inseridas, é mais forte do que sua vontade de estarem incluídas num mundo globalizado com valor de mercado.

Neste percurso, pode acontecer da pessoa se sentir enganada em relação à expectativa do mercado de trabalho na Espanha, assim como não conseguir pagar a dívida de forma tão rápida como a imaginada; mas, mesmo assim, não impede a circulação entre pisos, cidades, países da Europa que a pessoa travesti realiza quando sai do Brasil.

Em minhas informações, constato apenas um caso de travesti que foi enganada em relação à sua ida para a Espanha. O caso aconteceu na década de 90, quando ela migrou pela primeira vez (PATRÍCIO, 2002). Mas, nenhuma das demais, principalmente na segunda pesquisa que realizei, em que as questioneei sobre a circulação entre países, informou, em sua fala, ter sido vítima do tráfico e da exploração sexual<sup>63</sup> naquele país.

Acredito que as características destacadas por Cris podem constituir um bom argumento para afirmar que a migração de travestis para a Espanha não tem o caráter de tráfico de seres humanos, principalmente a partir das duas últimas décadas. Vale aqui afirmar, conforme esclareceu Cris em sua fala, que a vontade e a voluntariedade das trans em circularem pela Europa, em migrarem com fins de trabalhar naquele continente, é algo muito forte desde os primeiros dados coletado sobre a ida à Europa destas trabalhadoras. (PATRÍCIO, 2002).

#### **4.4 POR QUE VALORIZAR A ESPANHA?**

Uma outra característica que valoriza a escolha da Espanha como rota e como lugar para

---

<sup>63</sup> Em relação a exploração sexual, a concepção que elas têm sobre prostituição muito influencia na hora de permanecer no mercado do sexo, seja no Brasil ou na Europa. Mais sobre isso ver capítulo sexto.

este estudo é a não existência de propagandas<sup>64</sup> acerca da rota Brasil – Espanha como propícia para travestis, principalmente entre elas e o Recife.

Um argumento simples pode ser considerado: a novidade da Espanha, pois, quando se compara este país a França da década de 80, e a Itália da década de 90 e atualmente, percebe-se que o fato de não haver, ainda, uma quantidade grande de travestis brasileiras, principalmente cafetinadas desde o Recife<sup>65</sup>, significa uma atração do mercado, em termos de novidade por lá e por isso, bom para fazer negócios. Assim, me questiono: para que ir para um lugar onde as travestis brasileiras constituem um dos maiores coletivos de imigrantes profissionais do sexo? Isso fica visível quando se compara o coletivo de travestis brasileiras ao de equatorianas, colombianas, venezuelanas, porto-riquenhas e de outras nacionalidades latino-americanas que se encontram nas esquinas da Calle Desengaño com Barco todos os dias, algumas participando ativamente dos coletivos, ONGs e OGs, de proteção a seus direitos de imigrantes e profissionais do sexo. Lugares onde raramente se encontram brasileiras.

Assim, como novidade, a Espanha é um mercado fértil para as trans em todos os sentidos, principalmente em Madrid, que não está controlada por esquemas de tráfico, pelo menos é o que deduzi das conversas com as brasileiras.

Nos estudos sobre migração, verifica-se que foi na década de 80 que se desencadearam “*os fluxos da emigração brasileira em direção a outros países estrangeiros*” (SALES, 1999: 20), assim como o interesse de estudiosos sobre o tema. O que não descarta os projetos pessoais e trânsito de algumas pessoas há mais tempo. Estes movimentos migratórios eram diferentes dos de hoje.

Neste contexto, voltando à análise desta investigação, constata-se que desde cedo começa a ser construída uma cultura de busca de ascensão e reconhecimento social, tornada

---

64 Significa aqui as propagandas de boca a boca que as trans fazem das rotas que já conhecem e das rotas novas que podem receber novas travestis brasileiras, assim como a possibilidade de haver uma cafetina, ou um cafetão que aponte a Espanha como possível lugar, pensando no Recife como lugar de saída delas.

65 Das entrevistadas em Madrid, temos: Byanca da Bahia; Vívian do Ceará e Érica do Maranhão, embora esta tenha moradia fixa em Goiás desde muito jovem. Vale ressaltar que não entrevistei novamente as travestis já investigadas em Recife, que naquele momento da pesquisa estiveram na Espanha, apenas mantive contatos e confirmei alguns dados.



possível com as viagens à Europa. Para isso, a lei soa apenas mais um dos obstáculos à viagem, em meio a uma série de fatores motivadores para a viagem. Segundo Sciortino:

En la organización del viaje y el asentamiento, lo que cuenta es conseguir el objetivo dentro de los vínculos económicos y sociales existentes (...). En pocas palabras, llevar a cabo un proceso migratorio más o menos irregular es, desde el punto de vista de muchos inmigrantes, un problema práctico que comporta costes, riesgos y posibilidades, no un problema moral (2007: 109).

Para finalizar este ponto, não quero contribuir para a manutenção do “*pânico moral*”, e também sexual, envolvidos no contexto migração/trabalho sexual. Porque, como afirmam o Grupo Da Vida, e também Piscitelli:

no caso do 'tráfico das mulheres' no Brasil, as preocupações em jogo parecem se referir a uma inquietação com o crescente número de mulheres jovens que buscam suas fortunas fora do Brasil, muitas vezes imigrando por meios ilegais ou clandestinos. (GRUPO DA VIDA, 2005: 162; PISCITELLI, 2004).

Meios ilegais e clandestinos estão por trás dos legais e regulares. Algumas trans vão para a Espanha com convite de entrada, ou seja, carta de invitación de colegas que já se estabeleceram no país, casaram e por isso conseguiram nacionalidade espanhola. Ou conseguiram vistos de trabalho arrumados pelos parceiros de amigas que já estão na Espanha há algum tempo, como é o caso de Byanca, que foi com um convite; Sayara, que entrou por contrato com uma *sala de festa* (PATRICIO, 2002), ambas para a Espanha; e Cris, que entrou na Suíça com um contrato de trabalho com o próprio empregador do cabaré.

Situações estas que conferem à migração de travestis brasileiras um caráter similar em relação às migrações de mulheres e homens, ou famílias inteiras, com finalidade de ganhar a vida fora de seu país. Mesmo que alguns destes homens e mulheres vão também realizar trabalho de prostituição de prévio acordo.

É a situação de circulação entre lugares de trabalho e países e a própria condição do

trabalho que lhes é oferecido e a situação de identidade de gênero que as condiciona a circular pelo mundo.

É *no truque* que, segundo elas contam, conseguem passar pelas fronteiras internacionais, pois saem do Recife, por exemplo, com seus documentos com nomes masculinos, alguns já com fotos que deixam claro as modificações realizadas.

É *no truque* também que permanecem sadias frente a uma situação de exigência dos clientes, muitas vezes “*drogadic*tos” e que pagam muito bem. Um exemplo é o caso de Érica que, ao invés de cheirar a cocaína com o cliente, quando este lhe oferece mais dinheiro para dividir com ela as “*rayas*” por toda a noite, disfarça e acaba soprando o pó, deixando um pouco dele em seu nariz, para disfarçar, mas, não permitindo que a substância penetre para que, mais tarde, ela possa controlar os programas e seu próprio dinheiro, além de não se desviar do objetivo que a fez ir para a Espanha. É “*o truque*” que Palova faz ao juntar as pernas e simular satisfação com a penetração enquanto o cliente pode jurar que a está penetrando.

Mas, discordo de Agustín (2000; 2005), quando fala sobre a possibilidade de opções de trabalho que as migrantes, incluindo as trans, têm em seu país e na Espanha. Realmente, *nem todas* (grifo meu) optam por migrar e por realizar trabalhos sexuais, mas *a maioria* realiza este tipo de trabalho, principalmente estando na Europa, como é o caso de Cris.

Toda opción es intervenida por cuestiones de clase, género, etnia, nivel económico y las condiciones sociales del momento en su tierra (AGUSTÍN, 2000: 115).

Mais do que uma questão de ser brasileira e morar em um país que tem problemas de desemprego e desigualdade social e econômica, as trans sofrem discriminação na hora de buscar trabalho, muitas vezes são impedidas de continuar seus estudos e são mal vistas no trabalho por conta da afirmação de seu gênero, não reconhecido socialmente pela maioria.

São elas, as trans, que mantêm funcionando um sistema de circulação de outras trans para a Europa: as primeiras que foram há décadas (o que pode remontar aos anos 70) continuam

enviando outras trans, num esquema de ajuda aos pares e manutenção do trabalho, e não de tráfico, pois “*viajar através das fronteiras para oferecer serviços sexuais não significa necessariamente estar em situação de tráfico*”<sup>66</sup>. Embora a própria lógica do tráfico de seres humanos dê a entender ser esta a situação, pois as mesmas estão bem cientes do processo na qual estão incluídas. E, mesmo sozinhas, algumas vezes participam do processo de redes sociais formadas por “*grupos de pessoas ligadas por laços de amizade, conhecimento ou relações de parentesco*” (MARTES, 1999: 43). O que não significa tráfico de seres humanos.

Quando se pensa em tráfico de seres humanos, minhas interlocutoras *podem* ser entendidas, em sua circulação, como produto e produtoras do tráfico humano em que pessoas e seus corpos são colocados no mercado para serem comprados e consumidos em sua performance corporal e sexual, que desta forma se coadunam com os pugilistas de Wacquant (2000; 2002) e com os interlocutores de Scheper-Hughes envolvidos no tráfico de rins (2001 a; 2001b). Embora podendo ligá-las aos pugilistas de Wacquant e aos traficados de Sheper-Hugues, as travestis brasileiras são conscientes da dificuldade que passarão no continente europeu, “*cúmplices de sua própria comercialização*” (WACQUANT, 2000:140) no mercado do sexo e cientes dos comportamentos *raros*<sup>67</sup> dos clientes em suas fantasias sexuais.

Elas estão bem cientes do processo de cafetinagem e tráfico no qual *podem* se envolver. Mas é preciso dizer também que, mesmo já tendo uma primeira experiência com a cafetinagem, principalmente as mais experientes na circulação entre países, onde os valores cobrados para a ida à Europa, muitas vezes são superiores ao acordado e as condições de alojamento e trabalho nem sempre correspondem ao prometido, elas acabam por denunciar os danos sofridos, se livrando do laço que as prende a essa violação, como aconteceu com Sol (PATRÍCIO, 2002), em sua primeira experiência na Espanha.

No caso de Sol, ela iniciou em Campina Grande – PB um processo de desvinculação ao esquema de tráfico do qual foi vítima. Começou a ajudar suas colegas, para que não se repitam os

66 Relatório Guarulhos. SP. 2005: 07. In: Agustín, 2005; Kligman e Limoncelli, 2005; Ribeiro e Sacramento, 2005.

67 Raro significa aqui estranho e não situações ocasionais.

mesmos problemas sofridos por ela.

As ajudas cobrem os gastos com a chegada a Europa e abrem caminhos naquele continente, mas sem excessiva vigilância da liberdade individual, como acontece no caso específico de tráfico onde os *chulos*, cafetões, se apossam dos passaportes de suas meninas. O que muito ocorre com as nigerianas e as romenas, segundo Piscitelli (2004).

O esquema da *ajuda* aos pares vem seguindo o padrão de “amadrinhamento”, como os primeiros estudos sobre prostituição e travestilidade no Brasil já destacam. Ainda é forte o sistema de ajuda mútua para se conseguir trabalho, clubes de alterne (Salas de Festa), pisos e contatos para estarem nas ruas. Como também para saírem do país em direção à Europa e assim adentrarem no mundo do consumo e globalização mais desejado pelas trans.

*Ajudar* faz parte de um complexo de situações que colocam as travestis no mercado de trabalho. É uma assertiva que aciona pessoas e remete a situações de solidariedade entre elas, que passa por cima das desuniões, quando se trata de relações com o grupo maior (MEJÍA, 2006).

Essas ajudas significam o fornecimento de números de telefone de donos de pisos, *representantes de artistas*, colegas para alojamento e até *cafetinas* que as recebam na Espanha e lhes cobram pelos serviços de agenciamento e segurança nas ruas. Contatos de Agências de Escortes<sup>68</sup> e direções certas, para que sua estada seja segura e seu trabalho iniciado o mais rápido possível, pois os ganhos também devem ser rápidos, devido ao tempo disponível naquele lugar (pisos, ruas, cidade, país).

Ajudas que “*garantem as coberturas para encontrar trabalho e hospedagem*” (SAYAD, 1998: 74) como o realizado por Érica, com Yuri, que saiu de Bérghamo – Itália – com carta de expulsão para o Brasil, porém resolveu ficar mais um pouco na Europa, se estabelecendo em Madrid na mesma pensão e sob orientação da colega, que já *desceu* Yuri para a Calle Desengaño.

Este esquema de ajuda está diretamente relacionado com as redes de contato, envio e,

---

<sup>68</sup> Escortes são estabelecimentos de agenciamento de garotas e garotos de programa. Oferecem festas com frequência e se localiza em ambiente próprio, assim como podem locar e se deslocar para espaços que o cliente sugira.

algumas vezes manutenção, das travestis na Europa. São as redes que originam e sustentam o fluxo (MARTES, 1999). Ajudas estas que, enquanto fazendo parte das práticas das travestis brasileiras, por conta de leis (11.106/05) e determinações, acabam por caracterizar em crime o trânsito delas para o exterior (Europa).

#### 4.5 POR QUE MIGRAR?

Diferente de Parella y Cavalcanti (2006), não trato aqui de investigar o Brasil, no caso o Recife, como lugar que “*alberga una significativa cantidad de hogares marcados o generados por la emigración hacia España*” (PARELLA Y CAVALCANTI, 2006: 243).

A Europa mencionada na maioria dos relatos de trans que vivem no Recife é a Itália. Todavia, a Espanha se mostra hoje como nova rota de fluxo migratório (CACHÓN; ARANGO, 2007), com diferentes atrações para estas pessoas no Velho Continente. Principalmente quando se trata de migração em busca por trabalho e, conseqüentemente, por dinheiro para investir no país de origem, claro que de forma bem localizada quando se pensa que vão investir no seu próprio corpo, na compra de sua casa, ou de suas casas, no financiamento do próprio negócio e na manutenção de sua família.

A relação entre Espanha e Brasil é diferente de outras, como por exemplo, entre a França e a Argélia (SAYAD, 1998; BOURDIEU, 1999) por não se configurar como relação entre país colonizador e colonizado (Sayad), ou metrópole e colônia, historicamente falando. Percebe-se, em termos de Brasil uma influência muito forte da Europa, no geral, quando se fala de Portugal e Inglaterra, mas não da Espanha.

Todavia, quando se trata da relação com a Europa, posso alimentar a idéia da busca de “*hacer a vida fora*” como uma característica de relação entre países (Brasil e Espanha) que poderiam ter sido metrópole e colônia.

Também creio poder continuar usando a categoria colonização dentro do modelo *atração e repulsão* (MARTES, 1999) que

procura enfatizar as desigualdades econômicas existentes entre as nações, desigualdades estas capazes de produzir diferenças significativas entre os incentivos salariais oferecidos nos diversos países e regiões que irão compor os pólos dos circuitos migratórios (MARTES, 1999: 34).

Como também, quando se trata da ligação estreita da migração entre “*dominante e dominado, enquanto sobredeterminada, quando não totalmente constituída por essa relação de dominação*” (SAYAD, 1998). A migração prolonga a relação do país, que migra, com a colonização, pois estabelece, através dos migrantes, uma razão de ser através do trabalho, objetivo de quem sai de seu país para se estabelecer em outro, seja por pouco tempo ou para toda a vida. Sayad continua afirmando que as mudanças são constantes na situação de migração.

Se a emigração reproduz assim as reações características da situação colonial, é sem dúvida porque é, como a colonização, o lugar e a oportunidade mais favoráveis à relação de força que engendrou essas reações, a saber, a relação (desigual) entre, por um lado, uma sociedade, uma economia, uma cultura dominadas. (1998: 230)

Uma terceira categoria que se adiciona às interpretações sobre fluxo migratório destacada por Arango (2007) como de crescente importância é a dos “*países de trânsito*”. Entendo que hoje a Espanha possa ser incluída nesta categoria quando se estuda as travestis brasileiras. Isso não exclui a condição de país origem para o Brasil, nem de destino para a Espanha, nem tampouco a condição de país de potencial turístico de cada um, mas é a condição tempo para as circulações entre estes dois países que pode caracterizar o país ibérico como de trânsito.

La adición de un elevadísimo número de países, de origen, destino y tránsito, al mapa mundial de las migraciones internacionales se completa con una fuerte tendencia a la diversificación de rutas y conexiones origen-destino. Si el mapa vigente en la era precedente podía fácilmente dibujarse con unas pocas flechas de gran grosor que partían del Viejo Continente y desembocaban en los nuevos mundos, el actual, incomparablemente más complejo, aparece cruzado por infinidad de líneas más delgadas que conectan prácticamente cualquier otro. Algunas de estas conexiones origen-destino hubieran

resultado enteramente impensables hace poco tiempo (ARANGO, 2007: 10).

Ao mesmo tempo que a Espanha, enquanto país europeu, pode ser um lugar de trânsito, por ser escala de muitas trans que se destinam a outros países da Europa, mas que preferem não carimbar em seu passaporte o país de destino, por exemplo, a Itália, a mesma Espanha se concretiza como um lugar onde ficar é interessante para as meninas que estão de passagem pela Europa. Ou seja, nesse trajeto, passando pela Espanha, se pode ficar desde os 21 dias determinados pelo contrato de cada *piso* até o tempo em que elas se sintam seguras e prontas para seguir viagem para outro país ou mesmo para voltar ao Brasil. Ou ainda, para se estabelecerem, solicitando a naturalização através de uniões com espanhóis. Homem ou mulher.

Isso se manifesta, segundo Arango (2007), devido ao número elevado e crescente de países implicados na migração internacional e na multiplicação de rotas migratórias, nos quais se inclui o Brasil e a Espanha. O número de países receptores se multiplicou segundo Arango, pois se caracterizam como lugares de “*destino de fluxos de múltiplas procedências*”. Estes se agrupam em quatro grandes sistemas migratórios internacionais – “*Norteamérica, Europa Occidental, la región del Golfo Pérsico y la cubeta occidental del Pacífico*”. Para este autor, mesmo que haja diversos tipos de migrações, determinadas e pensadas principalmente pelos países de destino de migrantes internacionais, quase “*todos los países manifiestan una clara preferencia, más o menos reconocida, por fórmulas de inmigración temporal*” (Arango. 2007: 14), devido ao fato de se pensar a migração como problema (ARANGO, 2007; SAYAD, 1998)

Por isso é importante repetir a pergunta do início do capítulo: O que desencadeia as migrações de travestis brasileiras para a Europa e, neste caso, para a Espanha?

Não posso afirmar que apenas as questões do ponto de vista macro – *a desigualdade entre as nações* – ou do ponto de vista micro – *resultado de opções individuais* - como desenvolve Martes (1999) como crítica ao modelo explicativo de atração e repulsão, são determinantes para a migração de trans brasileiras. Muitos aspectos não podem ser negados embora tenham que ser criticados pelo seu determinismo, e nisso concordo com Martes. Segundo a autora: “*Os fluxos de*

*emigração ocorrem das áreas mais pobres em direção às áreas mais ricas, e não vice-versa (...); os emigrantes partem em busca de melhores salários e oportunidades” (1999: 35).*

Mas, o que dizer das trans espanholas que migram para a França, Holanda e Suíça? Significa que elas buscam melhores salários no mercado do sexo desses outros países europeus? Significa que nesses outros países as espanholas teriam melhores oportunidades no mercado em que estão inseridas? A resposta é afirmativa, mas, não significa que o seu lugar de origem sofra com o “*estigma de país dominado*” (grifo meu), colonizado pela metrópole França, Holanda ou Suíça. Embora se reconheça o potencial histórico hierárquico destes países como países do norte e, por isso, sua representação de poder enquanto nação dentro de toda a Europa.

Isso não significa que as trans espanholas, por serem espanholas, tenham que sair de seu lugar porque o preconceito contra elas chega à perseguição violenta e política dentro do país, como acontece com algumas pessoas homossexuais de países árabes ou mesmo algumas trans de países mais conservadores.

É o trabalho, ou seja, a falta de oportunidades de conseguirem um posto de trabalho que as sustente e as tire da prostituição de rua no Brasil, devido à violência de todos os dias, um dos motivos fortes pelo qual as trans brasileiras buscam a Europa. Principalmente porque o trabalho lá fora lhes rende mais. Mas, não é a busca de trabalho que caracteriza a saída delas do país enquanto migrantes, e sim, enquanto travestis. Porque maior que a condição de brasileiras em busca de trabalho, é a condição de gênero, mais gritante, quando se trata de conseguir algum serviço que não as discrimine e lhes possibilite manter os gastos do dia-a-dia. Ou seja, a identidade de brasileiras, a brasilidade, não impede as pessoas de trabalharem em seu país, ou em outro que seja, apenas a formação educacional direciona qual o posto que se pode assumir. Mas é a condição de gênero que limita ou impede que se consiga trabalho.

As travestis no Recife, que trabalham em outra atividade que não seja a prostituição, são aquelas que conseguiram investir o dinheiro ganho na Europa em algum negócio (Grazita, Ellen, Cris) ou as que decidiram se modificar corporalmente, depois dos estudos completos e trabalhos



firmados (Eline, Dorian, e Vívian, no Ceará).

Na Espanha não é diferente, a não ser quando a família é de classe mais abastada e apoia o filho na sua condição de gênero e modificações corporais realizadas em tenra idade.

Como é o caso de Cláudia Leon, ativista transexual de 30 anos de idade; desde os 19 anos está modificada corporalmente, viveu com os pais e agora vive com sua companheira mulher. É jornalista formada e foi sustentada, por muito tempo, pela família de classe média, segundo informou. Um outro caso, bem diferente, é o de Paola, que saiu de Campina Grande, graduada em Letras com habilitação em francês, e foi tentar viver e trabalhar fora do país. Já na Europa, começou a se assumir e modificar seu corpo. Fato ocorrido juntamente com a obtenção da nacionalidade espanhola e a Lei de Identidade de Gênero (03-2007) que agilizou as trocas de nome e sexo no seu documento de identificação registral. Paola percorreu vários países até se estabelecer em Madrid e iniciar suas mudanças (transgenitais) e sua vida como mulher. Neste tempo, há mais de 10 anos, ela trabalhou fazendo limpeza em casas de conhecidas, como também realizou cursos oferecidos por ONGs e OGs na capital da Espanha, o que lhe dará curriculum para arranjar outro trabalho quando tiver seu documento em mãos, e com isso possa ser aceita sem o estigma de transexual. Mas, diferente de Cláudia, Paola iniciou suas modificações apenas quando chegou na Espanha, longe da família de origem e depois dos 35 anos de idade.

Na literatura disponível, Assis e Sasaki (2000) afirmam ser o fluxo migratório Brasil/Europa caracterizado pela questão de trabalho. No caso da Itália, os imigrantes brasileiros se inserem em setores de trabalho pouco qualificados e mal remunerados, muitas vezes ligados ao turismo, considerado um dos mais rentáveis setores de atividade no país (ASSIS; SASAKI, 2000: 21). Neste setor, a migração ilegal foi ligada inicialmente a travestis e muitas delas presas por tráfico de drogas.

Na Espanha, o problema enfrentado pelas autoridades tem muito a ver com o mercado do sexo. Seja em relação a migrantes da América Latina ou mesmo os do Leste europeu, principalmente quando se trata de mulheres. Na verdade, quem migra para este país

clandestinamente, ou seja, de forma simulada se passando por turista, por exemplo, está em busca de ganhar vida, arranjar um trabalho, seja no setor da construção civil, da prestação de serviços domésticos (FERNANDES, 2008) ou mercado do sexo.

Não é possível fazer uma análise comparativa entre as duas cidades de investigação, Recife e Madrid, embora ambas sejam capitais, de estado e comunidade, sejam cidades metropolitanas e representem um fluxo de chegada e saída de pessoas de todas as partes do mundo. Uma série de fatores as distingue, e serão analisadas mais à frente.

Para pensar questões como estas, utilizo o material de Arango (2007) que trata, dentre outras coisas, de políticas de admissão de imigrantes em países-destino. O autor afirma que há quatro categorias de políticas de admissão: a econômica, a familiar, a humanitária e a irregular. As travestis brasileiras se encaixam na primeira e quarta categoria. Na primeira, porque vão para a Europa, no caso, a Espanha, para trabalhar e juntar dinheiro com o intuito de investir no corpo e construir bens e ainda ajudar familiares no Brasil. Constituem exatamente os 1% de Martes (1999: p.50), ou seja, as que têm como motivos para emigração “*ganhar dinheiro para adquirir bens no Brasil*”.

Insisto em afirmar que ser móvel faz parte da construção e reafirmação da identidade da travesti brasileira. Mesmo com riscos, pois o risco faz parte da própria condição de afirmação delas mesmas enquanto trans, no gênero e no trabalho. Há custos altos que são supervalorizados pelas interlocutoras como fazendo parte de um *continuum* de experiências necessárias para o estabelecimento e manutenção de sua identidade enquanto travestis, não só por serem brasileiras. Os riscos e custos fazem parte da própria condição de viajantes pelo mundo e do estabelecimento de algumas no território espanhol, como é o caso de Érica, que ficou na Espanha por dois anos, o que lhe acarretou algumas cartas de expulsão e oitenta dias no Presídio El Soto, onde foi acusada, e inocentada, pela Interpol, de participar de esquemas de Tráfico de Seres Humanos desde Goiás.

A própria mobilidade é também uma estratégia, um “*truque*” das travestis para se manterem protegidas, pois, de acordo com o trabalho que muitas delas realizam – a prostituição –

algumas se envolvem em situações de marginalidade e desenvolvem rivalidade com outras travestis, principalmente quando estão em trottoir, o que gera repressão à sua pessoa, já estigmatizadas pela condição de gênero.

#### 4.6 TEMPO E IDENTIFICAÇÕES

A primeira questão que me surge ao pensar o fluxo migratório de trans brasileiras é o período de tempo que dedicam à circulação entre países. Aleika já me alertara que “*cada uma tem uma história*”. Por isso, desde já, confesso que procurarei falar um pouco de cada uma, embora sem poder relatar todas as representações por completo. As circunstâncias variam de pessoa para pessoa, dos objetivos de cada uma, das obrigações adquiridas no Brasil e dos acasos da situação de trabalho, principalmente, que surgem na trajetória enquanto migrantes, algumas cafetinadas e outras livres desta condição. O período de permanência vai de 3 meses até 10 anos, quando as interlocutoras devem retornar para o Brasil.

Hall (2001: 69) afirma que a última fase da globalização tem impacto sobre as identidades nacionais na compressão espaço-tempo. Estas identidades, como entendo, são estabelecidas no movimento entre nações e em espaço de tempo pequeno quando se pensa em fluxos migratórios.

Uma outra questão importante trata da nomeação de Europa e *européia* para as interlocutoras. Não interessa muito o lugar da Europa aonde vão, o que mais dá destaque às migrações é o fato de irem para o velho continente. Ou seja, ir para a Itália, a Espanha, Portugal, Suíça, França ou Holanda significa mesmo é ir para Europa. E o que se diferencia nelas é a especificidade de cada lugar nos discursos.

Até porque o destino no bilhete de saída do Brasil significa apenas o primeiro trajeto em que vão aportar no território europeu. Muitas vezes, e esse foi o caso de algumas das entrevistadas, até chegar ao lugar onde vão ficar, pelo menos nas primeiras três semanas, elas passam por outros aeroportos e por outros países. Estar na Europa, ou ter ido à Europa, confere à identidade da travesti

uma qualidade superior às demais que não conseguiram, ainda, sair do país.

Hall já afirmara que

as identidades nacionais e outras identidades 'locais' ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência a globalização. As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando seu lugar (2001: 69).

Essas identidades “*híbridas*” das quais ele fala podem ser entendidas como novas identidades de gênero que a Teoria Queer tenta nos explicar ao longo de sua trajetória de estudos sobre Sexualidade.

Acredito que a globalização, em seu processo complexo de homogeneização, oferece um modelo para as trans, por exemplo, de pertencimento ao mundo. São as trans brasileiras se intitulando *européias* que nos mostram o quanto podem ser, ao mesmo tempo, do Brasil e da Europa. Terem nascido em um país da América Latina, mas tendo adquirido comportamentos, *habitus* (BOURDIEU, 1988; 2007) do mundo globalizado, do mundo onde se ganha glamour, de onde se traz riqueza na bolsa, do mundo que lhes dá condições de colocar-se como úteis perante seus pares e familiares. O mundo do acesso à tecnologia com maior facilidade e da mobilidade de poder circular dentro dele como se circula pelo seu Pernambuco.

O fato de sair do país origem e ir para a Europa é mais forte do que o trajeto que se vai fazer. O trajeto é algo bem diferente para cada uma, pois chegar no destino é uma questão de condição para a viagem: se se vai através de cafetina, com carta convite de alguma amiga, com *passaporte vermelho* (termo utilizado para falar do item que lhe dá nacionalidade), ou mesmo sob as próprias condições financeiras.

Desta forma, ser travesti e brasileira é estar em circulação espacial sob a condição da mobilidade em muitos aspectos, principalmente quando se utiliza de *truques* para se manter em circulação internacional, como têm feito as trans que tenho ouvido nestes últimos anos.

Assim, é através da mobilidade na migração entre nações que as travestis alcançam o

mais importante em suas trajetórias de vida enquanto pessoas que buscam, nesta circulação, dar certo na vida. Mobilidade esta vinculada a maneiras de fazer – truques – para continuarem valorizadas no mercado de trabalho em que estão inseridas e num mundo globalizado que as destaca dentre as demais, pelo fato de estarem circulando, consumindo e aprendendo novas performances e “jeitinhos” de driblar os limites de cada um, assim como as fronteiras, cada vez mais fechadas, da Europa.

## 5. COMO SER *BRASILERA* LÁ E *EUROPÉA* AQUI.

...sabe, tem que ter estética. Tem que ter dinheiro, porque se não, assim, tem que ir pra Europa, se você não for pra Europa você não é valorizada. Agora, pra Europa fazer prostituição, pra Europa viver na sarjeta, mas... viver aqui... converter euros em real e viver bem aqui, e assim... eu posso ir pra Europa um dia, porque assim, todo ser humano tem necessidade, tem necessidade de viver bem. (Eline)

A Europa dos sonhos, das histórias contadas e vistas pela televisão e pelas fotos de quem já foi não é a mesma que se vive quando se está nela, pelo menos não é a mesma vivida pela maioria das travestis brasileiras no tempo em que estão na Espanha.

Na fala de Eline, *sarjeta* parece uma forma de auto-defesa, pelo fato de não ter ido ainda à Espanha, já que seu objetivo é fazer um doutorado em Toledo, antiga capital daquele país, o que a diferencia de todas que ouvi durante a pesquisa.

Em sua experiência, obtida pela experiência das outras, Eline acredita que a Europa funciona bem quando se vai com um objetivo bem traçado e com a carreira garantida no Brasil, o que está construindo desde há muito, e que também a diferencia das demais colegas, que não tiveram oportunidade de estudar tanto quanto ela.

Vale aqui destacar a palavra *sarjeta*, em seu sentido mais comum no nosso vocabulário cotidiano, significando estar numa condição social e econômica inferior àquela em que a pessoa se situa. Em sua morfologia, *sarjeta* significa “*escoadouro, mormente nos lados de ruas, para as águas pluviais. Rego ou canal para drenagem de terrenos pantanosos. Sangradouro para as águas de uma lagoa*”<sup>69</sup>, o que dá “pano para as mangas” quando se trata de truques para circular pela Europa, estar na Espanha e *ser européa* neste movimento escorregadio entre nações.

Neste capítulo, o objetivo principal é destacar, através das trajetórias de viagem e das

<sup>69</sup> Dicionário Michaelis. P. 1899

representações destas, as formas pelas quais as travestis brasileiras se intitulam e se legitimam, com destaque nas vantagens e desvantagens em ser travesti brasileira na Espanha e em ser *européa*<sup>70</sup> quando de volta ao Brasil. Dentro de tudo isso procuro verificar como se constroem, através de *truques*, as trajetórias das travestis brasileiras que circulam pela Europa, trajetória esta vinculada a noções como *habitus* (BOURDIEU, 1988; 2007) enquanto formador de, e formado pelo ethos de travestilidade e brasilidade, travestilidade enquanto fenômeno que as acompanha desde quando iniciam suas modificações corporais e vivências com outras travestis no Brasil.

Primeiro: o Recife é importante para pensar as trajetórias e as representações das travestis brasileiras. Cidade esta pensada enquanto um microcosmo social que representa aqui o Brasil. Recife como o lugar onde iniciei a pesquisa de campo, quando já pensava sobre a Espanha, e de onde surgiu um Brasil para quem ainda não tinha ido a Europa, o meu caso.

Neste contexto, aparece mais uma vez uma imagem de Brasil que ora concorda com os modelos já estabelecidos historicamente, ora discorda do que é vendido pelas mesmas quando estão de volta ao seu país, onde surgem novos comportamentos trazidos de um novo mundo descoberto por elas e vislumbrado por tantas que ainda não conseguiram acessar: a Europa. Neste ponto, as vantagens e desvantagens em ser brasileira na Espanha aparecem como questão importante para pensar a brasilidade das travestis aqui estudadas, principalmente quando se percebe que a violência vivenciada no Brasil é um dos fatores de estímulo para elas estarem circulando entre países, pois, na circulação espacial pode-se evitar situações de risco.

As vantagens e desvantagens de se estar na Espanha, Madrid, é o próximo ponto discutido quando as novidades do primeiro mundo aparecem como possíveis às travestis em processo de circulação espacial Brasil-Europa. Estando neste processo, elas podem vivenciar uma europeidade enquanto marca identitária de quem vive em outro país.

Em outro momento, neste mesmo capítulo, retomo um pouco do Diário de Campo em que duas das trans se encontram, sob minha apresentação, para trocar informações sobre formas de

---

70 Coloco desta forma porque é como elas verbalizam sua nova identidade, a partir do momento em que vão para a Europa, e retornam ao Brasil.

trabalho na atividade prostitucional na Espanha. O objetivo de uma delas é mudar de lugar de trabalho, ou seja, deixar as ruas de Madrid e ir para *pisos*, onde poderia ter mais segurança; o da outra é fornecer informações sobre os pisos, já que naquela cidade ela não tem experiência em trottoir.

Ambas acabam “trocando figurinhas” sobre a realidade da migração e de ser travesti na Espanha, e eu apenas observo e concordo. Com as histórias das duas, parto para analisar o papel de Madrid como um microcosmo social importante para pensar a Espanha e a europeidade vivida por elas, seja em seus discursos ou na sua realidade de imigrantes – irregulares – enquanto brasileiras e travestis.

Neste ínterim percebo que a noção de *habitus* e as estratégias de *truque* me servem para analisar o comportamento delas na Europa e no Brasil, como travestis que se moldam em sua identificação de gênero e de nação. Estas três categorias são visíveis quando se pensa travestis enquanto indivíduos que misturam em si próprios características de masculino e feminino, assim como são, em sua maioria, pessoas de uma localidade marcada pela miscigenação que em seu comportamento, e representações sobre identidade apresentam as características de suas nações de origem, principalmente da Europa e da África.

## 5.1 CONTEXTUALIZANDO O CAMPO, RECIFE

Neste ponto discutirei como o Recife se coloca como cidade metropolitana, capital de estado brasileiro, lugar onde transitam pessoas, eventos e produtos<sup>71</sup> do mundo todo, desde os primórdios de sua história. Analiso-o como microcosmo social que contribui para o estabelecimento de *habitus* de travestis de todo o Nordeste, assim como rota de trânsito entre Brasil e Europa.

Cidade turística e, por isso, com estrutura que contribui para manter uma rede de agências de hotéis, restaurantes, bares e pequenos negócios do entretenimento<sup>72</sup> funcionando o ano

---

71 Na lista de produtos que circulam pelo Recife, via porto, aeroporto e rodoviárias, tem de tudo, principalmente drogas.

72 Intitulo pequenos negócios do entretenimento todos os estabelecimentos alternativos de diversão do Recife como boates, bares, cinemas, saunas e pubs glbt que não podem aqui tomar um grau maior na agenda dos negócios turísticos porque não há ainda uma organização fiel para este setor. Ver Estudo de João Pinheiro: 2005.



inteiro.

O nome Recife tem origem da formação geográfica do lugar onde nasceu a cidade. Região de arrecifes. Como cidade, iniciou-se a partir da Freguesia de São Frei Pedro Gonçalves<sup>73</sup>, o que conhecemos hoje como bairro do Recife Antigo, área portuária, à beira do Atlântico e entre rios. Nesta mesma freguesia se destacavam tabernas e prostíbulos, alimentados pelos visitantes e pela população que ali circulava, o que influenciou na moda e nos modos das pessoas no Recife, que passavam a consumir o que vendiam os mascates<sup>74</sup> e a participar das variadas manifestações públicas que por aqueles idos aconteciam.

O mesmo Recife que desenvolveu a prostituição de porto, em que mulheres e travestis ali moravam e trabalhavam satisfazendo principalmente a população de homens que vinham de alto mar para desembarcar mercadorias e desaguar energias, é o Recife que preserva um modelo de família (DEL PRIORI, 2000) patriarcal, tal como relata Gilberto Freire (1999) e que expande limites portuários, levando para além do ambiente “determinado” ali os modelos de comportamentos que se desviam da norma pré-estabelecida, comportamentos estes rechaçados por uma parcela da população mantenedora de uma moral hetero normativa, diga-se de passagem, machista e preconceituosa. Porém, mantida por uma outra parcela consumidora dos *mitiès* e zonas de diversão alternativas, sejam clientes, empresários ou intermediários, como taxistas, agenciadores e curiosos.

O Recife que faz nascer suas filhas travestis, muitas de famílias tradicionais, algumas oriundas das cidades do interior de Pernambuco que, com vistas a poder assumir sua sexualidade na capital do Estado, buscam aqui seus “amadrinhamentos” nas casas de cafetinas e *mães* protetoras e educadoras de uma realidade de aprendizado de vida nova na cidade portuária, como bem retrata Denise em suas lembranças de jovem, na época entre 8 e 13 anos de idade, procurando lugar para

---

73 Morais, Grasiela Florêncio de. Ser mulher, pobre e mestiça. Repressão policial e resistência feminina nos logradouros públicos do Recife oitocentista (1836-1842) . UFRPE. 2007. Trabalho Apresentado no I Encontro Regional em História Social e Cultural. Recife, outubro, 2007. (mimeo)

74 Além destes profissionais do comércio, homens e mulheres pobres livres e os recém escravos forros que não tinham uma atividade a se dedicar senão a venda de algo que pudesse lhe trazer o pão no fim do dia, estavam no comércio vendendo tudo que pudesse ser oferecido.

morar naquela área:

D: Aí fiquei morando na Rio Branco, aí um dia eu disse assim a mulher, disse assim: Eu posso ficar morando aí na sua pensão? Aí a mulher disse: Olhe, você só pode ficar morando aqui na minha pensão se você ficar fazendo programa...[Porque] Eu caí na época do baixo meretrício. Eu lembro que a gente não vivia, a gente vegetava, que a gente descia, muito bonita, e naquela época tinha muito militar, muito recruta do exército que ia pra zona atrás de prostituição, marinha, naquele tempo era muitas mulheres, muita prostituição. Então eles se juntavam de dez pra pegar o travesti e dar uma piza. E eu, quando eu cheguei logo, a primeira vez que eu entrei na zona da Rio Branco, entrou eu, a finada Flor, finada Selma, finada Groselha e a finada Tecia ... tudo meninos novos, comigo era seis. Quando a gente entramos, que vamos entrando ali, no antigo Bar de Recife, que tem aquela ponte do Chantecler, eu lembro que vem uns trinta militar, recruta, passaram uma banda em mim que eu caí assim pá! Com a cabeça no chão que eu não vi mais nada, só vi a tonteira.

C: Passaram o quê?

D: Uma banda, uma rasteira. E começaram pisar em mim assim, to, to, to [som de pisadas com os pés nela] e eu fui tornar na Restauração. Daquilo ali eu fiquei com tanto medo, eu digo: Olhe, nunca mais eu vou ali. Aí fiquei morando do lado de cá na rua... (Denise)

Estas realidades falam de muito sofrimento, de abandono familiar e da discriminação por que passam as trans no início da vida de jovens procurando abrigo e proteção, o que gera o desejo de melhorar de vida assim que a oportunidade lhes bater à porta. Seguindo o pensamento do abandono familiar, os “amadrinhamentos” aparecem com uma outra conotação: o da educação de travestis, que Ellen vincula a cuidados com as trans recém expulsas de casa pela família, e usa o termo cafetinagem de forma positiva, aquele que contribui com ensinamentos em termos de trabalho, de modificação corporal e também de acolhida:

Olhe, essa questão de cafetinagem é uma questão de educação da travesti. O travesti de 12, 13 anos já é cafetinado pelas pessoas que acolhem porque tu tem um filho travesti, não quer ele, ele vai, fica na rua, ele vai dormir aonde? Aí um chega e fala Tu dorme na minha casa. Tu me paga tanto. Aí já começa a educação, cafetinagem – travesti.

Estas duas citações, de Ellen e Denise, mostram duas situações diferentes dentro de uma mesma realidade. Uma é a violência que sofre a travesti jovem por ter sido expulsa da casa de

familiares e por isso precisou da casa da cafetina como apoio, mas nessa situação lidou com a violência urbana, o que a cafetina não pode evitar. A outra é o lado educativo que a cafetinagem tem na travestilidade, o da aprendizagem e com isso as trocas de favores e acesso a outros espaços de trabalho, o que inclui a Europa. Ambas colocações indicam a cafetinagem como laço de proteção, seja em termos de ter um espaço para dormir, uma oportunidade de ganhar dinheiro e se inserir no mercado de trabalho – do sexo – e também, algumas vezes, de ter apoio no trottoir, o que as duas trans não incluíram em suas falas.

É o Recife que hoje tem uma das maiores Paradas da Diversidade do Nordeste, que no ano de 2008 vem com a reivindicação de criminalização da Homofobia, e em 2007 contou com um número de participantes de aproximadamente 50 mil pessoas, segundo dados de jornais<sup>75</sup> que divulgaram o evento. Desta forma, mesmo que eu não esteja trabalhando sobre o movimento LGBT ou mesmo tendo a Parada da Diversidade como foco, é importante salientar que a quantidade de pessoas que freqüentam este evento me ajudam a pensar o Recife como microcosmo social fundamental para delinear meu campo de estudo.

O Recife da diversidade enquanto mantenedora de uma cidade metropolitana, que se faz ouvir através de manifestações políticas, históricas e de gênero, atualmente de grande visibilidade na Região Nordeste.

Tem na sua história uma referência de reforma urbana e de cotidiano baseado em modelos europeus – a reforma de Hausmann, no que concerne a urbanismo –, unida também à reforma no comportamento das pessoas, reformas sanitárias nos mesmos moldes instalados na capital do país, até então o Rio de Janeiro. O Recife que, como o Brasil, se esmera e ainda tem no centro primeiromundista um modelo. Por isso, destino de muitas travestis para aquele continente.

O Recife dos *habitus* de Ellen que, em sua fala, percebe a importância de visualizar aqui aspectos de um mundo globalizado e comparado com o que há de melhor no mundo, uma metropolização que permite a convivência de imagens:

---

75 Globo.com. Jornal do Comércio do Recife.

Minha filha, eu amo essa cidade de uma maneira assim... porque assim, porque a Boa Vista é uma Broadway, é o centro de Roma, ela é o centro dos Estados Unidos. Ela tem o Empire States. Ela tem, ela tem pontes, ela tem Torre Eiffel, ela tem tudo, um pouquinho de cada coisa. Ela tem assalto, ela tem morte, ela tem prostituição, ela tem tráfico, ela tem vida, ela tem evangelização, ela tem igreja, ela tem casa de prostituição, e isso é coligado. A Conde da Boa Vista é coligado a Recife então ela é um coração. E pra saber que você está viva, você tem que saber se o coração bate. A Boa Vista bate 24 horas dentro de Recife. É isso que é. (Ellen)

O Recife é aqui microcosmo social representando o Brasil, e abre para o cenário internacional como cidade metropolitana de acesso a novidades trazidas pelo porto e posteriormente pelo aeroporto internacional, onde desembarcam turistas, que vêm buscar negócios e entretenimento, assim como o sexo.

O Recife enquanto rota é o que Parker afirma como “*parte de um sistema interativo maior que liga diferentes comunidades em locais distintos através do fluxo contínuo e capital, pessoas e idéias*” (2002: 237). Por isso, se firma como espaço em que o turismo sexual atrai nas travestis daqui o olhar para o outro, a Europa e o europeu.

## 5.2 IMAGENS DE BRASIL E BRASILEIRO FORA DE CASA

A partir do Recife, surge um Brasil que disponibiliza imagens que percorrem o mundo: como as da malandragem no Rio de Janeiro, que Silva (1993) tão bem descreve afirmando, através de um viés interpretativo, a ambigüidade como fator de grande importância para explicar a identidade de travestis no Rio de Janeiro, na década de 90.

Para Silva, travesti aparece como a transformação do malandro. “*Não que o malandro tenha se transformado em travesti, mas é a sua roupagem, do homem da noite que modificou, do boêmio, do malandro ao travesti*” (1993: 03).

O malandro aparece também como estereótipo na obra de Silva (1993) quando compara a travesti à “*mulher de malandro*”: aquela que pena pelo seu homem, que sofre por causa de seu parceiro boêmio, principalmente por ser a outra.

A imagem do homem é a do malandro, e a da mulher a da mulata. Bem característicos do Rio de Janeiro. Estereotipada e copiada em todo o mundo, a figura da mulata está presente na Espanha, assim como a do malandro e do homem brasileiro, de forma bem alegórica e, acrescentamos, folclórica. Figuras estas que aparecem nas festas de rua, quando podem estar em grupos de samba<sup>76</sup>, freqüentemente atuando em casas de festas, salões, boates, escortes (em festas particulares) e grandes eventos do turismo internacional.

A imagem da brasileira é a da mulata, mesmo não sendo de cor *morena*, termo bastante utilizado na Espanha. Ser mulata não se resume à cor da pele, mas indica uma suposta performance em jeitinho de sambar, em malemolência e *sensualidade*, demonstradas através da roupa que é usada na maior parte de nosso ano quente. Nas falas, aparece a relação entre ser brasileira e garota de programa. Um bom exemplo é o de Camila, travesti de Campina Grande, já há algum tempo circulando pela Espanha, de pele branca, mas na Sala de Festa alterna como prostituta:

C: Na Espanha, a gente não é contratada como prostituta pra alternar não, a gente é contratada como artista. Nós somos os espetáculos da casa. Todo mundo sabe que a 1:00h elas fazem um show e às 4:00h fazem outro show entendeu? Só que na sala tem muitos clientes que gostam de travestis e com isso nós estamos lá pra *sacar copas*, copas é o que? Copas é bebida que o cliente oferece a você. O cliente paga a você pra você beber e estar com ele.

E: Companhia?

C: É. Lá é assim. Ficam todas sentadas no sofá. Quando chega um cliente, de uma em uma vai atender, chegou um eu atendo, chegou outro, outra atende, pergunta o que ele quer beber e se ele quer *invitar alguma copa*, se ele gosta ele *invita*, se não gosta, fica na dele, se ele encontrar alguma que ele quer, ele manda chamar... Existe a parte da boate, a parte do dancing, a parte do reservado, a parte da barra que é onde fica o camareiro que vem os homens e pede bebida. (...) Se ele *invita* uma copa de cinco mil [pesetas] ele tem o direito de se sentar na Sala com você que é um lugar mais escuro, mais aconchegante e se *invita* de 10mil ele tem o direito a entrar no reservado com você<sup>77</sup>. (Camila)

Esta citação possibilita uma análise da situação das brasileiras na Espanha: Mesmo que não possua uma pele mais escura que a de Camila, como caracteriza o ser mulata nas propagandas

<sup>76</sup> Bem distintos na EUROPRIDE que no ano de 2007 aconteceu em Madrid.

<sup>77</sup> Entrevista concedida em 2001, para a pesquisa de mestrado em Antropologia. Campina Grande.

de folhetos e imagens de agências de turismo veiculadas pela internet, ser brasileira significa algo mais do que ter uma pele de cor queimada pelo sol, como afirma Ellen mais à frente, quando fala do uso de roupas que mostram um corpo modificado pela tecnologia, ou um corpo educado pela sedução do andar leve e sinuoso que “*só a brasileira tem*”, e que elas gostam tanto de reforçar. Isso se diferencia do corpo e do corporalmente colocado para as européias de origem, que na maioria do ano se vestem de maneira mais sóbria.

Camila tenta diminuir o estigma da atividade que vai assumir na Espanha, afirmando que não foi contratada como profissional do sexo. Realiza este trabalho apenas como alternância<sup>78</sup>, pelo fato de ser artista e ali satisfazer clientes que estão carentes de companhia na noite, o que caracteriza e reforça o fato de sermos “*as melhores damas de companhia do mundo*”, embora não em termos de profissionalismo, como afirma Piscitelli (2005), quando fala das garotas do leste europeu que conseguem faturar mais que qualquer outra.

Nas falas das travestis, no Brasil ou na Espanha, se constata a discriminação no mercado de trabalho. As travestis no Recife, em sua maioria, se dedicam ao mercado do sexo. Algumas poucas realizam outras atividades, como é o caso da enfermeira Eline, lembrada por muitas, mas invisibilizada por outras, assim como Aleika, enquanto miss. Sobrando o mundo do espetáculo para algumas que circulam pelo universo das poucas casas de shows que contratam seus serviços. Sobre isso, Cris Falcão reflete:

Viado no Brasil só nasceu pra ser cabeleireiro, costureiro, né? Estilista ou trabalhar numa cozinha, né? ou ser empregada doméstica ou prostituta. São raras as pessoas que você vê, como eu, que tenta fazer alguma coisa. Que já foi proprietário de uma casa noturna, que tem um salão ou que procure fazer uma vida normal aqui dentro do país. (Cris Falcão)

Dar emprego para travesti é coisa difícil. É por isso mesmo que Cris Falcão aponta as dificuldades, ela mesma se insere neste mercado de trabalho que acabou de denunciar como restrito. E isso não apenas no Brasil. É uma questão unânime em discussões sobre direitos humanos em

<sup>78</sup> Não é à toa que o local em que ela foi contratada na realidade se chama Club de Alterne.

ONGs e OGs também na Espanha. (MEJÍA, 2006). Empresas públicas ou privadas do Brasil inteiro resistem a colocar, em seus quadros, pessoas que demonstrem uma certa androginia, ou ambigüidade (SILVA, 1993; 1996), em seu gênero.

Mas, também não pára por aí. O Brasil é representado pelas travestis como um país preconceituoso, pois, por exemplo, o nome de registro na forma de tratamento de uma travesti, assim como, a referência ao sexo masculino na sua condição de gênero são mais fortes do que a aparência e o comportamento feminino daquela pessoa.

Roberta Close, na década de 80, e tantas outras, já sofreram por isso em aeroportos, ao tentar comprovar que o Luiz de sua cédula de identidade é a mesma pessoa que sua foto mostra.



Carteira de Motorista de Cris Falcão

O mesmo Adenildo na Carteira de Motorista é Cris Falcão (ao lado), que também sofreu discriminação por não aparentar ser a mesma pessoa no nome e na foto. Desta forma, pois, desvincular a identidade de gênero da identidade civil, fixa, imutável, no papel, é algo ritualístico (Campos: 1999) na identificação civil, o que ocorre nas alfândegas e também em outros espaços, como afirma Cris Falcão:

Você vai numa loja, aqui mesmo, se eu for numa loja, eles estão me chamando de ela, ela, ela, ela, aí eu vou, dou meu cartão de crédito, no meu cartão de crédito tem meu nome masculino, a partir daquele momento que eles olham, muitas vezes já perguntaram assim: Quem é esse aqui? Aí eu: Por favor. Fala baixo. Sou eu. Aí, ela Ah! Não sei o quê! Não sei o quê! Ah! Dá pra *ele* assinar. Na mesma hora já muda totalmente...

Unida à identidade masculina, gravada no documento civil, o que insatisfaz é o nome masculino, muitas vezes visto como impossível de pertencer à pessoa da fotografia, o que gera constrangimento em relação ao nome da pessoa travesti. Questões próximas a esta foram estudadas por Silva (2008), que esclarece ser pior a presença do documento com nome e sexo masculinos do que os termos criados para denominar a pessoa, como “*bonecas*” na década de 70, e atualmente “*travesti*”, para algumas que resistem a continuar utilizando este nome em referência a marginalidade das ruas direcionada à figura de muitas travestis. Em relação a isto, apenas uma das interlocutoras afirma não sofrer com a discriminação, ela se chama Dorian no documento de Registro Civil, e em seu codinome se identifica como Doris, ambos podem ser intitulados nomes masculinos ou femininos, o que não a constrange de maneira alguma. Talvez o seu nome de registro não tenha sido pensado por seus pais, mas foi ideal para sua atual identidade.

Ellen me afirmou que ser brasileira é usar “*roupas de brasileira*”<sup>79</sup>, *ser quente*, com o que concordou Anjo, afirmando que as brasileiras são como pimenta. Sempre em comparação com a figura da européia:

A mulher européia anda sempre bem maquiada e sempre bem vestida e bem tapada as partes sexuais. Não tem essa sensualidade da roupa colada da latina americana. E a brasileira é a brasileira quente, é aquela roupa assim... Eu já, eu andei assim em Lisboa [neste momento se posicionou na cadeira me apontando a forma como estava vestida] o mundo todo olhou pra mim e você se sente diferente (Ellen)

O sentir-se diferente de Ellen decorre da roupa e da sexualidade, o que denota uma brasilidade em relação a uma noção construída para e pelo consumo exterior, assim como reforça a sensualidade como característica que concorda com as imagens de Brasil em propagandas de agências de turismo. Brasileiras enquanto figuras femininas com pouca roupa, peles bronzeadas por um sol quente que molda seu comportamento também quente durante todo o ano. Por isso, nas falas de muitas delas o Brasil é um país moldado pela sua geografia, seu clima e suas histórias de índios e

<sup>79</sup> Em situações de compras descobri que nossas calças jeans saint-tropez, de origem, pelo menos de nome, francesa, são pelos espanhóis chamadas de pantalones colombianos pois são moda na colômbia e fazem sucesso entre as mulheres de robusta estatura daquele país, embora a origem do produto não seja necessariamente da Colômbia, muitas delas são do Brasil, outras, como não poderiam deixar de ser, são fabricadas na China.



bons negócios, o que bem define Lévi-Strauss em seus Tristes, e cada dia mais quentes, Trópicos.

Brasil: País do futebol, das praias e da mulata; quando sabem que você é brasileira, as pessoas logo associam uma coisa à outra e logo aparecem os “ronaldinhos” e os “sambinhas desengonçados”. Muitas pessoas da Espanha desconhecem a região de onde venho, algo muito bem explicado, pois a Paraíba<sup>80</sup>, onde nasci, nem aparece no mapa do Brasil na Espanha, e o Recife, onde moro e pesquiso, iniciou sua propaganda há pouco tempo. A mídia pouco veicula dados interessantes sobre o Brasil, a não ser questões políticas ou casos que chocam o mundo. A internet é um veículo em que as pessoas buscam informações mais aprofundadas sobre nosso país, mesmo assim prevalecem os painéis de agências de turismo que permanecem com os mesmos roteiros e paisagens: praias, coqueiros, mulheres<sup>81</sup>, futebol, matas..., assim como a própria informação veiculada por um anúncio que de uma das trans na Espanha mostra:

Geysa Mya<sup>82</sup>: Site Eros Guia. **Super femenina**, cariñosa, dulce, amable para complacerte. Soy muy **salvaje** recién llegada de la **selva de Brasil**. Proporciones exactas: mido 190 cm por casi **30 cm de ricura**, 100 de caderas, 70 de cintura y **150 de pecho**. Me encanta dominar a los mens como **activa**, también soy dócil como **pasiva**. También parejas como **algo especial**. Tel: 670 47 36 98, 24 horas. Atiendo en apartamento privado en Av. Diagonal, altura Sagrada Familia Barcelona, te invito a una copa.<sup>83</sup>

Alguns dados nesta citação foram colocados em negrito para serem analisados aqui. O primeiro deles é o fator selvageria. Há neste anúncio uma imagem de que a brasileira da qual se

80 Quando a Paraíba aparece nos mapas mundi que vemos na Europa, é tão minúsculo que quase ninguém consegue enxergar. Ou então apenas em alguns museus, por exemplo o Museu Antropológico em Madrid, em que apenas algumas pessoas interessadas em procurar aquele estado brasileiro dão-se conta de ver que ali está o seu nome escrito, Parahyba.

81 Atualmente, o turismo sexual no Brasil tem uma vertente de gênero inversa. São as mulheres da Europa que vêm em busca de novas experiências sensuais, afetivas e sexuais com os homens “nativos” do nosso país. Tal fato foi confirmado em enquête por telefone de um programa de rádio (Movida brasileña) que apresenta música e cultura brasileira todos os dias – Círculo de Bellas Artes, Madrid. Enquête esta realizada com algumas jovens espanholas sobre o que mais as atraía em nosso país: o resultado foi o imaginário de virilidade, exotividade e satisfação sexual dos homens daqui.

82 O nome da anunciante foi modificado, para preservar sua identidade, embora saibamos que o nome de registro e de conhecimento desta travesti não é necessariamente o que ela expõe no anúncio.

83 Outras citações puderam ser utilizadas aqui mas esta, por não ser exatamente de nenhuma das interlocutoras ouvidas neste estudo, mesmo com o nome dela modificado, foi a mais adequada, devido à riqueza de informações e o não comprometimento com as interlocutoras que expõem seus dados na internet na Espanha. O fato de ser da cidade de Barcelona não interfere nos dados de minha pesquisa, pois as travestis que ouvi também fazem anúncios em outras cidades da Espanha.

trata é da selva, da mata, por isso selvagem, dando conotação de pessoa de pouco cuidado especial em termos de cultura, de polidez erudita e intelectual, ao mesmo tempo de sexualidade forte como um felino, enquanto um animal não domesticado, o que denota algo de vigoroso em seu comportamento sexual, como também resistência, característica de alguns animais.

Uma outra característica que me intriga, desde o trabalho de campo no Recife, embora apenas tenha ouvido delas e não disponha de dados que comprovem em forma de texto ou fala, ou mesmo registro visual – pela internet, anúncio de jornal ou mesmo nas ruas do Recife –, a propaganda forte do tamanho do membro das travestis como atributo de propaganda de si. No Recife, nos anúncios de jornal e internet não há menção ou exposição das características do membro viril masculino da travesti<sup>84</sup>, enquanto na Espanha é o maior *frisson*:

Travestis

[www.travestisbrasileiras.com](http://www.travestisbrasileiras.com) guapisimas, femeninas, dotadísimas. climatizado. visa hotel domicilio. 11 mañana a 2 madrugada. 9191919191

Travesti

cubana superdotada 67676767

Travesti

mulata superlechera dotadisima. 64646464

Travesti

rubia explosiva super-dotada lechera. 67676767

Travesti

jovencita. femenina, guapisima. superpechazos. ultradotacion. 9191919191

Travesti

reina del sado, castigo con mi membro viril, 649646464.

Travesti

superdominante, gabinete, potro, cruz, implementos, sadomasoquismo. iniciate. 6262626262

(periódico adn 18 de dezembro de 2006)

84 Até o ano de 2007 não haviam notificações, mas a partir do primeiro semestre de 2008, periódicos e agências na internet apontavam o membro viril das travestis como destaque. Sobre isso ver [www.recifeseex.com](http://www.recifeseex.com); e FIGUEIREDO, 2008.

Lala

travestis brasileiras de 18 a 25 años, guapisimas y femeninas con preciosos cuerpos. con pechos grandes y pechos enormes. dotadas y super dotadas. muy potentes, activas y pasivas. piso climatizado, visa horario de 11 a 2h. Salidas y hotel. (www.travestispain.com)

No Recife, algumas travestis mostram seus pênis a clientes, quando solicitadas, para demonstrar a possibilidade de prazer que eles poderão obter ao contratar os serviços daquela que está realizando trottoir. Em uma situação de campo, quase chego a ver o de Fábria, que ficou envergonhada, pois pensava que eu era um cliente que chegara com o carro da Prefeitura em pesquisa junto com as meninas da Oxumaré/Gestos. Ela logo fechou o casaco que trouxe da Itália ao perceber que se tratava de mim e escondeu-se por trás de seu abrigo branco, com o qual, junto com Roberta, fazia ponto na Mário Melo. Eu poderia ter visto apenas sua calcinha, já que não tenho certeza se ela estava nua totalmente ou com suas inúmeras lingerie, como costumava estar no Cine Imperador durante as tardes.

No caso do Brasil, embora no anúncio apareça uma travesti cubana – o que não é difícil de acontecer na Espanha, haja vista a quantidade de latino-americanos vivendo por lá e realizando a prostituição como atividade econômica –, por mais que a figura da mulata seja forte na caracterização de nossa gente, uma outra imagem marcante se imbrica nos anúncios: a de que as travestis têm membros sexuais grandes, o que indica uma origem mestiça que caracteriza esta população como mulata/o, termo que não tem similar na Espanha, mas o utilizo por analogia à brasilidade já arraigada no imaginário europeu.

Mulato seria uma pessoa “*mestiça das raças branca e negra*”<sup>85</sup>, logo, com traços do europeu e do africano quando se trata do brasileiro/a. Em uma concepção mais biologizante, origina-se da palavra mula, o produto do cruzamento do cavalo com a asna, ou asno com a égua. Ou seja, o cruzamento, ou um dos dois no cruzamento torna infértil a cria, o filhote, o que gera no novo ser apenas a utilidade para o trabalho e não para a reprodução, embora isso não exclua o fato do

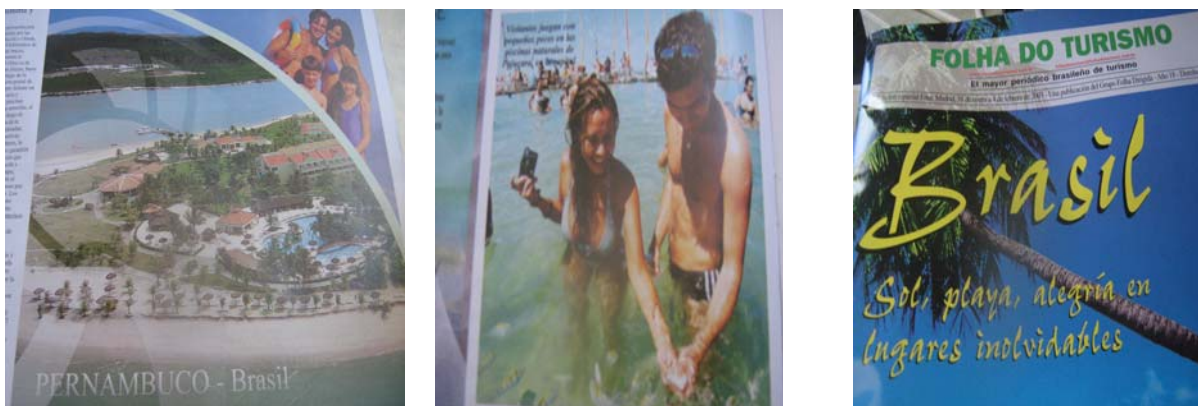
---

85 Michaelis. 1998. p. 1423.

mulo ou da mula fazer sexo.

Escolhi utilizar esta palavra, mulato, pelo fato das travestis, os garotos de programa brasileiros, ou mesmo alguns da América Latina, como se pode constatar em sites de relacionamento e agenciamento na Espanha, utilizarem a origem e a mestiçagem como diferencial de outros garotos e travestis que por lá trabalham e são de outras partes do mundo, com características distintas de atuação, como, por exemplo: “*a primeira transex árabe na Espanha*”<sup>86</sup>.

Abro um parêntese para falar um pouco sobre a relação de alteridade entre o Brasil e a Europa. Relação esta moldada através da imagem do turista que vem visitar nosso país. Conforme Urry (1999), “*os turistas são brancos*”, enquanto a figura do não-branco está no nativo, no negro, por exemplo. O autor se refere a esta exotividade quando categoriza socialmente a figura do turista enquanto pessoa que pode viajar. Uma imagem de pele clara, de estatura e poder aquisitivo alto –, que atrai pelo fato de gerar uma leitura de que, na Europa, se pode ter acesso a, pelo menos, parte da riqueza do país. O que não é difícil, devido ao contato entre travestis brasileiras, como também mulheres, com o turismo sexual que muitos europeus vêm realizar aqui. Atualmente (2007), as imagens veiculadas sobre o Brasil trazem modelos de turistas, pouco servindo para difundir a imagem dos brasileiros:



1. Imagens da Revista Folha do Turismo (a direita) veiculando lugares e pessoas que aqui vem fazer turismo.

<sup>86</sup> Neste sentido, há o aspecto da exotividade, pela novidade na propaganda de tal figura, o alerta para o imaginário acerca do erotismo no mundo árabe (principalmente na literatura), da sensualidade.



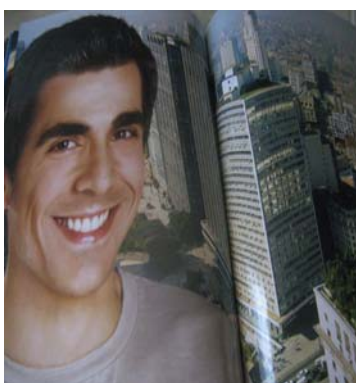
Dois alemães e uma francesa. Porto de Galinhas – PE. In: Guia para Profissionais del Turismo. 2007



Espanhol. Pantanal – Mato Grosso. Idem



Argentina. Brasília – DF. Ibidem



Português. São Paulo – SP. Ibidem



Peruana. Salvador, BA; F.Noronha, PE; RJ e Foz de Iguazu – PR. Ibidem



Xingu. Mato Grosso. Ibidem

Em apenas uma destas imagens se vê brasileiros, um grupo indígena do Xingu. Nas demais fotografias, os brasileiros só aparecem ora fantasiados durante a festa do Carnaval (PE e BA) e Bumba-meu-Boi (MA), ora distantes, em cenários litorâneos (RJ, PE, RN) ou urbanos (SP).

Retornando aos anúncios sobre travestis brasileiras na Espanha e no Brasil me reporto ao estudo de Messeder (2007), que analisou “*homens pretos*”, brasileiros e angolanos. Estes, para a autora, se inserem no mito de virilidade, quando se deparam com a situação de imigrantes, sozinhos e sem trabalho, na Galícia. Ao perceberem o mito, estampado nas relações cotidianas quando se deparam com a indagação sobre a própria virilidade, acabam percebendo o mercado do sexo, em expansão, como opção de trabalho.

Este mito está fundamentado na relação de países africanos e europeus, tendo como

pano de fundo a relação de alteridade, estabelecida entre eu x outro na sociedade ocidental, através de estereótipos marcados pela força humana, seja sexual ou de trabalho que o homem imigrante, de cor mais escura, ou não, desenvolve. Este mito também está fundamentado numa relação de raça e sexo que se desenvolve apenas quando o homem preto está na sociedade de acolhida, o que não acontece com frequência na sociedade de origem dos mesmos interlocutores de Messeder quando conclui que o “*mito da virilidade torna-se um ato performativo implacável para os imigrantes de 'color', segundo eles, diferentemente dos seus países de origem*” (2007: 24).

Para a autora, “*o interesse pela mulher negra ou mulata (...) é mais característico dos brancos estrangeiros. E o erotismo associado à 'cor negra', é associada ao gênero feminino, aproxima a mulher negra da prostituta* (MESSEDER, 2007: 18). Por isso, posso fazer algumas ligações com as travestis brasileiras enquanto imigrantes na Espanha, participantes ativas no mercado do sexo, cientes da expectativa que têm os clientes espanhóis, mas, sem nenhuma dúvida ou surpresa quanto ao trabalho que vão realizar na Europa, diferente da maioria dos interlocutores de Messeder (2007).

Argumento aqui que as trans, ouvidas nesta pesquisa em sua maioria querem manter seu membro sexual. O que sugere, além do interesse dos brancos estrangeiros como alvo que elas querem atingir, também uma certa ambigüidade da própria figura feminina da travesti, o que faz parte do *abanico*<sup>87</sup> de truques que elas tiram dos casacos quando estão em evidência nas ruas ou nos corredores dos pisos, se mostrando para os clientes que as escolhem em pisos e casas de escorte na Espanha.

O fator virilidade se destaca, reflete o ideal de masculinidade – tanto hegemônica quanto subalterna –, que marca a figura da travesti, pelo fato de não reassignar seu sexo. Destaco também o fator brasilidade e miscigenação com características na negritude, no caso o mulato – branco e negro –, pelo fato de haver, na literatura e no imaginário, a crença de que, nas senzalas, havia homens que mantinham a reprodução de escravos, ou seja, negros mais fortes e mais robustos que engravidavam as negras e, com isso, mantinham a produção de escravos, livrando os donos de

87 Leque.

engenho de comprar outros escravos em mercados ou em portos destinados este tipo de comércio.

Me questiono sobre o porquê das trans, na Espanha, exibirem seu membro sexual sem tanta vergonha, como ocorre aqui com menos frequência; nas ruas, nos cinemas eróticos, e nas casas de shows e boates não se vê, pelo menos no Recife, microcosmo incluído no estudo, travestis exibindo seus membros sexuais – digo, pênis, principalmente ereto –, na força e constância como se vê na Espanha, através de sites de relacionamento e anúncios com fotos extremamente bem elaboradas, indicando ou demonstrando o fato.

### 5.3 A AMBIGÜIDADE DO CORPO

Na Espanha, apenas o anticoncepcional Diane 35 é vendido sem receituário médico. Assim como sem distinção de sexo.

Segundo as trans, este medicamento contraceptivo não tem um efeito modificador do corpo tão forte quanto o Perlutan<sup>88</sup>, que tomam no Brasil, e que sentem não poder consumir, pelo seu difícil acesso na Espanha. E, pelo fato de não conseguirem harmonizar-se, garantem poder exibir seu membro viril sem problemas, já que, quando estão consumindo os determinados hormônios femininos, evitam ter ereções e, conseqüentemente, ejaculações.

Uma outra forma de harmonizar-se na Espanha é recebendo a medicação de alguma trans recém-chegada do Brasil, o que não é difícil de acontecer, já que nas malas sempre há novidades, como litros e litros de silicone, o que pode também ser comprado por lá.

Ainda sobre o uso do hormônio, em conversa com Dra. Cristina, do Cremepe – Recife, me foram transmitidas informações importantes para o tema abordado:

N: O que é que acontece no organismo de um indivíduo do sexo masculino se ele for submetido a uma sobrecarga de hormônio feminino? Ele começa a ter no seu organismo uma ação estrogênica que vai fazer com que surjam, ou pelo menos aumentem, os caracteres femininos e uma inibição dos estímulos do hormônio masculino, no caso a testosterona. Se você submete o homem a uma dose de estrógeno ele passa a afinar a voz...

88 Marca Registrada de Boehringer Ingelheim S.A. Indústria Argentina – Importado por São Paulo. Princípios ativos; Hormônios conjugados.

C: Afinam?

N: Afinam, a voz fica mais suave, entendeu? É porque no travesti eles afetam muito. Treinam muito. Num certo grau tem, afinam a voz. A barba diminui, não desaparece, mas, há uma redução muito acentuada. Começa a surgir o quê? mama, crescimento mamário, que é o que eles mais querem. E na parte genital logicamente que não há um desaparecimento, mas, há uma atrofia, uma tendência à redução testicular e flacidez peniana. Não há como murchar. Então eles começam a ficar mais afeminados.

Percebo que é por estes traços modificados do masculino que as travestis são identificadas, assim como se identificam, de maneira diferente, no Brasil e na Espanha.

É através do uso dos hormônios femininos que a travesti consegue iniciar suas modificações corporais e torná-las constante, o que geralmente acontece por toda a vida, caso não realize cirurgias mais invasivas, como as de implantes ou aplicações de silicone.

Continuando meus questionamentos em relação ao assunto, na área da Endocrinologia, pergunto à Dra. Cristina sobre o Perlutan, de que tantas travestis afirmam sentir falta na Espanha, porque facilita suas modificações corporais quando estão no Brasil.

C: Me diz uma coisa, porque eles usam tanto Perlutan?

N: Porque é injetável, eu acredito. E eu acho, porque o Perlutan na realidade ele tem um efeito, ele é mais fácil né? Porque se toma uma injeção mensal, em vez de tá tomando todo dia um comprimido e acredito que procurem assim um efeito, porque um dos efeitos colaterais dessa apresentação comercial é retenção de líquido. E dá às vezes turgência [de turgidez; inchação] mamária, então pode ser que eles achem que o efeito seja mais rápido entendeu? Em termos de mama, isso assim. Pelo fato de reter líquido há um estímulo maior para o tecido mamário, acredito eu né? Não sei porque. Eu acredito que é por conta do conhecimento banalizado, porque essa apresentação é muito utilizada como contraceptivo principalmente em postos de saúde. Prescreve e não sei se tá distribuindo. Porque é injetável, evita de tá se esquecendo de tomar. Talvez pela facilidade, de, pelo conhecimento. Já tive paciente me solicitando essa medicação...

O tratamento hormonal é feito porque o resultado é rápido e é mais barato. O resultado é rápido assim, na cabeça dele né? Então eles tomam três meses de injeção de Perlutan, daqui a pouco tá aquele, a maminha, o peito já doído entendeu? Já fazendo botão. Você vê né? Eles todos orgulhosos com aquele botãozinho. Aí pronto, é o próprio grávido. É fogo a gente dizer, mas a gente sabe que ele tá se arriscando muito. Ele tem dois testículos que tão produzindo entendeu? E ele pode tá sobrecarregando todo organismo dele numa carga grande hormonal que pode vir a prejudicar. [sic]



Estes efeitos que Dra. Cristina cita é pelas travestis exemplificado e elevado no caso do Perlutan, porque a dose que aplicam no corpo é muito maior do que regularmente indica a posologia do medicamento, por isso os efeitos colaterais logo apontam, indicando uma transformação de um corpo agora tenso que passa a inchar – nas mamas e nas ancas –, por causa da retenção hidrossalina, e até mesmo um pouco de sangramento, o que provoca nelas uma felicidade tremenda, já que percebem que os hormônios femininos estão fazendo o efeito necessário para a transformação daquele corpo, o que fariam também em um corpo de mulher caso o hormônio fosse tomado em excesso.

Ainda em relação ao uso de hormônios, as travestis, todas que conheço, sejam de onde for, me informam que, estando sob medicação, ou seja, com o corpo modificado com o uso de contraceptivos e não totalmente de silicone, como é o caso de Palova e Melina, “*não devem*” ejacular, o que as tornam vulneráveis ao ato sexual. Esta vulnerabilidade está vinculada intrinsecamente à modificação corporal quando se investe num imaginário de controle com vistas a atingir um ideal de feminilidade e exclusão de uma masculinidade teimosa em aparecer.

A idéia é a seguinte: ao se ingerir hormônios femininos, os hormônios masculinos vão perdendo força e desaparecendo, por isso o imaginário é que devem não apenas tomá-los, mas evitar que o que possa caracterizar a masculinidade saia de dentro do corpo, como se, ao não pôr para fora o líquido espermático, através da ejaculação, este possa desaparecer sob a grande carga dos hormônios femininos, embora elas tenham conhecimento de que o ato de ingerir hormônios seja uma ação para toda a vida. Isto simboliza, ao mesmo tempo, uma potência e a perda da mesma relacionada ao gênero que se tem e que se pretende a cada dia, pois a idéia da saída de hormônios masculinos, como se pensa, através da ejaculação, é uma marca da masculinidade, assim como a própria ereção; por isso o imaginário de que se deve evitar. Escutei de Dra. Cristina a opinião médica em relação ao controle da ejaculação:

N: Não tem nada a ver.

C: Não?

N: Não. O hormônio não tá na ejaculação. (...) Quem você conversar diga que o hormônio

não está no líquido espermático. O hormônio está no sangue deles, o hormônio está circulando. Eles podem ejacular trezentas vezes por dia entendeu? E não vai sair nada. (...) Isso não existe não. Não sai não. E tem que sair da corrente sanguínea. O hormônio, veja só, quando você toma hormônio, e você toma pela via oral, que toma por comprimido, ele é absorvido pelo intestino e cai na corrente circulatória entendeu? Existe umas proteínas em nosso intestino que são carreadoras, são verdadeiros transportadores de hormônios, entre outras substâncias também. Aí quando ela tá transportando o hormônio, ele vai chegando, onde tiver receptor, as células tem os receptores, ele vai acoplado, plac,plac,plac. No esperma não tem hormônio nenhum.

C: E não sai nada.

N: Não, no líquido, o que é o líquido da ejaculação? Espermatozóide no caso do homem, espermatozóide, e uma substância gelatinosa rica em frutose que é pra manter o nutriente do espermatozóide até o objetivo final dele. Ou seja, é uma geléia docinha com o espermatozóide só.

C: É muito interessante.

N: É. Porque qual é a finalidade da ejaculação? Não é a reprodução? A fecundação. Só. Tá entendendo? Não elimina nada, não tem nada que seja eliminado ali. É só isso. Agora, pode ir também bactérias vindas de outros quintais, não tem nada a ver com algum tratamento. Que é contaminação. Mas fisiologicamente só tem uma finalidade: reprodução. O prazer é outra história. Que pode ser obtido com ou sem ejaculação, por isso que homens que têm cirurgias, que retiram próstata, que acumulam né? A próstata e as vesículas seminais que acumulam líquido muitas vezes tem uma relação sexual sem a ejaculação, ou muito pouquinha e não deixam de ter orgasmo, prazer. Ali não tem hormônio nenhum. Ele não tá perdendo nada com aquilo ali. Então é totalmente errado pensar nisso. Pode ficar tranquilo.

É interessante questionar o porquê das travestis terem esta característica de mostrar o pênis com mais facilidade nas propagandas que fazem de si na internet e nos periódicos espanhóis. No Brasil não há um destaque neste ponto, em sua apresentação. É uma forma de explicitar o quão diferente é o mercado do sexo por lá e por aqui, como também não se faz necessário ficar tão explícita a ambigüidade da travesti brasileira no Brasil, pois lutam mais por uma feminilidade do que pela afirmação de identificações em meio do caminho.

Na Espanha, as travestis<sup>89</sup> brasileiras não têm acesso a contraceptivos mais fortes e por isso não podem inibir tão rapidamente, ou tão abruptamente, os efeitos dos hormônios masculinos naturalmente produzidos pelo organismo. Assim, elas acabam por expor o que mais se destaca em sua figura: a ambigüidade do corpo. Poderia também mencionar a completude que muitas fazem questão de expor nas falas, o que na Espanha se expande em jornais, ruas e sites de relacionamento,

<sup>89</sup> Em conversas com Carol, trans espanhola filha de colombiana, descubro que ela consegue suas doses de hormônios diários através de seu namorado, que é proprietário de um hospital em Madrid.

principalmente por ser um atrativo para os próprios clientes que as procuram em busca de seu desempenho sexual através do uso do membro viril.

Nos anúncios no Recife, as informações *não* dão destaque aos membros sexuais delas, como vemos:

DAYANNA DIAZ

Travesti insuperavel loira bela feminina olhos verdes corpo escultural turbinada bronzead  
beijo grego c/ loc [sic] 3232323232<sup>90</sup>

BELÍSSIMA

TRAVESTI DANIELLA FARIAS LINDA DE ARRASAR F: 997878787878

TRAVESTI BEBEL

Belíssima Morena de deixar água na boca, super sexy aguardando você para realizar todas suas fantasias em alto estilo. Privê luxuoso 9696969696 24hs. Confira a diferença.

BELA KARINA – Travesti feminina perfeita quase mulher com local [sic] 3232323232/969696969

TATY TRAVESTI – Gata de luxo Ex miss 9696969696

TRAVESTI – Uma deusa estilo Barbie morena R\$ 250. [www.allina.com.br](http://www.allina.com.br) F: 9696969696 (Jornal do Comércio do Recife, 03 de outubro de 2007)

Desta forma, ser brasileira lá é diferente de ser brasileira aqui. Para as trans o fator acesso a tecnologias de controle hormonal e modificação corporal, disponível em farmácias, explica boa parte destas diferenças.

Mas, também a nossa origem, como já relatado por Geysa Mya no Eros Guia, o que indica sermos miscigenadas – de índios, negros e europeus –, molda-as como pessoas que podem as duas coisas, têm poderes que só alguns seres mitológicos ou transexuais poderiam, como diria Silva (1993), tentando mostrar que, na verdade, não se trata de colocá-las no patamar de animal mitológico e, sim, de *“inscrevê-los no circuito do humano, retirá-los da vitrine viária, da terra*

---

<sup>90</sup> Todos os números de telefone foram modificados para não comprometer as anunciantes, já que não pedi a elas autorização para divulgar seus anúncios aqui. O site disposto no último anúncio também foi modificados para evitar qualquer problema.

*encantada onde florescem fadas e monstros, para situá-los no contexto de onde pode emergir o sentido e o afeto” (SILVA, 1993:82).*

#### **5.4 O FAZER A EUROPA**

Pensando nas conversas com Cris Falcão, no Recife, algo fica marcado durante toda a trajetória de campo na Espanha: ela me afirma que todas vão “*fazer*” a Europa. Mas, o que aqui significa fazer? Será que trabalhar, ganhar dinheiro, conhecer e trazer algo de novo na bagagem, como experiências, roupas, performances para shows e histórias para contar constituem na verdade o verdadeiro significado de “fazer” a Europa para as trans que estão neste movimento entre nações?

Penso que sim, que “fazer” a Europa seja isso tudo e mais ainda poder estar de volta *para casa, dentro de um período relativamente curto* (URRY, 1999) e com espaço na mala para as novidades. Senão, com dinheiro para comprar uma casa nova, como muitas desejam e conseguem. A Europa está por fazer porque ainda é desconhecida para quem vai até ela, o mesmo diria o conquistador das terras dantes apenas conhecidas por índios na época dos descobrimentos.

Na Espanha, é fácil acessar essas descobertas, em termos de novidades, para que constituam notícias no retorno ao Brasil. Basta apenas circular pelas ruas e falar um pouco do *castellano* – espanhol aprendido pelos brasileiros e falado na maioria das comunidades autônomas do país –, mesmo sem se empadronar<sup>91</sup> quando se vive por lá mais de seis meses. Esta autonomia na linguagem é conquistada simplesmente conversando com os pares, outras travestis e transexuais, ou mulheres que também trabalham com a prostituição e são atendidas por ONGs e OGs, e com isso são informadas de seus direitos no país. Estes direitos são reforçados, por um lado, por uma busca de cidadania para quem deseja se firmar na Espanha, ou mesmo ter mais segurança obtendo documentos naquele país.

Penso cidadania aqui em consonância com o conceito de Carvalho (2002) que afirma

---

<sup>91</sup> Empadronamento é o registro realizado na Prefeitura de Madrid, ou em qualquer prefeitura da Espanha, acerca do local onde a pessoa está morando no momento. Este registro é renovado de dois em dois anos e serve para o governo saber quem está cadastrado, entrando e saindo do país, para saber o quantitativo de pessoas em cada residência, alugada ou própria. Funciona como um censo, um cadastro residencial, onde com ele se pode dar entrada na carteira de Saúde para ter atendimento pelo Sistema público.

ser esta um

(...) fenômeno complexo e historicamente definido (...) [na que] inclui várias dimensões e que algumas podem estar presentes sem as outras. [Pois] uma cidadania plena, que combine liberdade, participação e igualdade para todos, é um ideal desenvolvido no Ocidente e talvez inatingível. Mas, ele tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico (CARVALHO, 2002: 8-9).

Ser cidadão pleno é ser titular de direitos civis<sup>92</sup>, políticos<sup>93</sup> e sociais<sup>94</sup>.

Desta forma, as travestis, no Brasil, têm reduzido acesso aos três direitos, por não conseguirem alcançar, em sua maioria, por exemplo, uma formação em educação, disponível a todas as outras pessoas e, como direito social, um “*pré-requisito para a expansão dos outros direitos*” (MARSHALL, 1976 Apud CARVALHO, 2002: 11). No Brasil, este direito, o social, precedeu os outros, assim como em vários países.

Para as interlocutoras, ter uma educação formal, que lhes foi impedido devido à discriminação na escola, é condição *sine qua non* para alcançar um emprego distinto, a fim de que não se sintam ameaçadas em sua integridade enquanto cidadãs.

Mas, pensando em Europa, elas buscam lá aquilo que não podem ter acesso aqui, pelo menos para ter distinção e reconhecimento em seu lugar de origem.

Na lista a seguir, compilada através de informações em ONGs e OGs, além de panfletos recolhidos em locais de assistência a imigrantes, estão relacionadas as oportunidades que os brasileiros, como migrantes, podem acessar, estando na Espanha:

Saúde: Todas as pessoas têm o direito de acessar o sistema público de saúde, desde que se cadastrem no Posto e façam sua Carteira sanitária. Para quem não quer se identificar, caso não esteja legalizado no país, há atendimentos em postos de saúde que não pedem identificação e documentação alguma, apenas que você se comprometa a ir buscar os exames realizados, mas mesmo assim fica a critério do paciente. Em

92 *Direito fundamental à vida, à liberdade, à igualdade perante a lei. Se desdobram na garantia do ir e vir, de escolher o trabalho, manifestar o pensamento, organizar-se, ter respeitada a inviolabilidade do lar e da correspondência, de não ser preso a não ser por autoridade competente e de acordo com as leis, de não ser condenado sem processo legal regular. Direitos baseados na existência de uma justiça independente, eficiente e acessível a todos.* (Carvalho. 2002: 09)

93 *Direito que se refere a participação do cidadão no governo da sociedade. Seu exercício é limitado. No Brasil pode se limitar ao direito do voto.* (Carvalho. 2002: 09)

94 *Garantem a participação na riqueza coletiva. Direito a educação, trabalho, salário justo, saúde, aposentadoria. Podem existir sem os direitos civis e políticos, em tese, embora seu alcance, sem os outros, possam ser arbitrários.* (Carvalho. 2002: 09)

alguns pontos de prostituição nas ruas, como na extinta Casa de Campo, há um automóvel disponível com os Médicos del Mundo, equipe que atende mulheres, garotos e travestis em situação de risco, conversam e oferecem ajuda a estes coletivos em situação de risco, assim como em pisos. Algumas ONGs (Fundación Triángulo, Hetaira, Aprampt,) vão às ruas, bares e pisos e fornecem preservativos a garotos, trans e mulheres, embora na Espanha seja muito difícil ser veiculada alguma campanha de uso de preservativo na mídia televisiva. Quando questionei sobre isso com Paola, transexual brasileira que possui cidadania espanhola e vive em Madrid há mais de 10 anos, ela me afirmou que pelo preço (a cada três se paga um euro aproximadamente) e disponibilidade de venda (há caixas de preservativos espalhados pelas ruas, por banheiros, bares, etc) ser acessível a todos, não seria preciso o governo fazer campanhas como no Brasil. Algo a se pensar.

Alimentação: Obras Sociais, ordens religiosas, irmandades e outras associações ligadas à Igreja Católica oferecem comida pronta todos os dias. Em algumas igrejas não católicas se oferecem alimentos para levar, caso a pessoa não tenha como comprar durante o mês e seja fiel daquela instituição religiosa, basta solicitar ajuda.

Alojamento: Albergues oferecem descontos abaixo de qualquer tabela; igrejas e associações oferecem camas de graça para um número determinado de pessoas dormirem todos as noites, basta chegar em determinada hora para guardar seu lugar. Há espaços que recebem pessoas especificamente no inverno, haja vista que neste período do ano os casos de problemas com mortes de moradores de rua aumentam. A Cruz Roja (Cruz Vermelha) espanhola também está disponível todo o tempo para alojamento, necessitando entrevista marcada previamente.

Banhos: Há espaços onde se pode tomar banhos públicos. Estes não são os mesmos onde se dorme nem onde se come de graça.

Roupas: Nas igrejas e Centros Sanitários se distribuem com uma certa periodicidade roupas para a população necessitada. Há ONGs que dispõem de peças para as pessoas irem buscar na hora que quiserem. Também se encontra, em qualquer esquina, peças de roupa usadas, sapatos e acessórios novos e usados de qualquer estação. Basta ter coragem de lavar e usar. Não apenas roupas, como também televisão, rádio, colchões, lençóis, travesseiros, camas, móveis em geral, brinquedos, tudo se encontra no lixo da Espanha.

Trabalho e Formação: Algumas Associações destinam-se a formar jovens, imigrantes, refugiados, sem cobrar taxa alguma. Estas associações podem, ou não, estar associadas a prefeituras, ONGs, países coligados, como a República Dominicana, e o Sindicato dos Trabalhadores.

Atenção Social e Jurídica: Associações de refugiados e imigrantes, Programas da Prefeitura de Madrid, Ministério do Trabalho e Assuntos Sociais oferecem assessoria jurídica gratuita e serviços de profissionais habilitados em atenção social.

Aulas de Espanhol: Associações como a Muçulmana de Madrid, Vomade, OSRR, Karibu-Africanos, SOS Racismo Madrid e Asti Madrid oferecem cursos gratuitos a imigrantes que procuram trabalho na capital. Algumas destas associações oferecem outros cursos, como empreendedorismo e aulas de costura e cabeleireiro.

Internet: Há um Centro de acesso público e gratuito à internet (Capi) que funciona todos os meses do ano, exceto em agosto.

Em conversa com Paola, descobro que a prefeitura tem um programa – Programa de Información y Atención a Homosexuales y Transexuales de la Comunidad de Madrid –, que ajuda as pessoas a conseguir emprego, a pagar aluguel, fornecendo uma parte do valor e ainda conseguindo um lugar<sup>95</sup> com um preço acessível para a realidade da pessoa. Paola viveu por um período de dois anos com uma ajuda de duzentos e cinquenta euros mensais (€250,00) e, nesse período, morou num quarto alugado por um preço menor que o habitual, já que provou não ter condições de pagar algo com valor superior ao que recebia, ou seja, não tinha renda alguma na época em que acessou o programa. A prefeitura ainda tem uma agência de aluguel que agencia o aluguel de apartamentos, quartos, com preços acessíveis para jovens e pessoas que justifiquem não poder pagar o valor do mercado.

Além do Sistema Público de Saúde, a Igreja, com suas irmandades, organizações missionárias e associações, presta serviços para a comunidade necessitada, em forma de atenção médica, comida, cama, banhos e serviços de ocupação diária para pessoas que não querem ficar nas ruas sem ter o que fazer, os chamados *Centros de Día*, para idosos, moradores de rua ou imigrantes<sup>96</sup>.

Infelizmente, muitas das trans não acessam os serviços oferecidos para as pessoas em situação irregular, em sua maioria imigrantes. Acredito que a maioria das trans que não procuram os serviços agem assim por medo ou e pela falta de tempo, por estarem apenas se dedicando ao trabalho que realizam.

O que fica vislumbrado, embora não descartado na experiência das que estão na Espanha, além do que acabei de listar, é uma enorme variedade de possibilidades de Europa: parques, boates, pessoas, cafés, lojas, grifes em beleza de roupas e jóias, como os que Érica (foto à esquerda) e Vívian (centro e direita) puderam constatar.

---

95 Programa Provienda, dirigido a população de imigrantes, regulares ou irregulares. Agência Municipal de alquiler, dirigida a qualquer pessoa que precise do serviço. Além disso, há as redes informais de ajudas, os amigos e pisos onde as trans fazem programas e pagam parte do que ganham para estarem dormindo e comendo por lá mesmo.

96 Não tive oportunidade de verificar se há o caso de acompanhamento de crianças em situação de risco em espaços como estes, até porque pouco se vê crianças na Espanha, e este não era meu foco.



Érica e a pesquisadora no Parque del Retiro, em Madrid.



Vivian em frente a uma construção medieval.



Vivian no Salão de Beleza Marco Aldanv, em Madrid.

Estas imagens me possibilitam entender que a viagem das travestis para a Europa tem um componente muito forte de busca de prestígio e reconhecimento, como se fosse uma viagem turística (GRABURN, 1975). Afinal, esta é a condição delas ao saírem do Brasil com destino à Espanha.

Como turista, cada uma delas tem consciência de que “*está num lugar e num tempo especiais, e que por isso precisa aproveitar o máximo daquilo que está vendo como sagrado e diferente*” (SCOTT, 2006). Embora este aproveitamento possa apenas ser vivenciado em momentos de férias do trabalho que realizam por lá, ou seja, depois de pagar a dívida contraída pela sua viagem e de 21 em 21 dias dispostas em pisos, ocasião em que podem viajar para outras cidades com o intuito apenas de passear, fazer compras e tirar fotos. As imagens acima revelam que estão participando de “*coisas extraordinárias*” quando estão fora de casa, tornando-as distintas, como afirma Graburn (1975):

Fundamental is the contrast between the ordinary/compulsory work state spent 'at home' and nonordinary/voluntary 'away from home' sacred state. (p. 452).

Few tourists come home from a vacation without something to show for it, whether it is matchcovers, folk art, or rolls of exposed film. (p. 459)



Desta forma, as travestis enviam as fotografias como imagens de seu sucesso, bem como comprovadoras da experiência prazerosa (URRY, 1999) que estão vivenciando na Europa. E também por estarem em um lugar onde a magia do turismo pôde ser acessada por elas. São fotografias para a família e amigos que, como cartões postais, têm o objetivo de impressionar aqueles que as recebem. (GRABURN, 1975: 460).

Érica me disse que na rua em que faz ponto vão celebridades, enquanto clientes delas, até citou nomes que prefiro não mencionar. Mas, para saber de quem se trata, basta acessar a internet ou assistir os programas das tvs espanholas em que algumas travestis aparecem e delatam seus parceiros famosos. Não muito diferente das últimas informações no Brasil.

Estas e outras facilidades contribuem para que as meninas continuem voltando à Espanha sempre que lhes aparecem oportunidade, “*para ganhar mais um dinheirinho*”, porque como diz Palova, “*dinheiro e os homens mais belos do mundo*”, é o que move o grande moinho da atração chamada Europa. Como afirma Cris Falcão sobre seus circuitos diversos na Espanha:

Na Espanha eu trabalhei em três lugares, né? Foi em Madrid, na.....em Barcelona e nas Ilhas Canárias. Trabalhei em discotecas, também, fiz lap dance né? Que é com, trabalhando naquela... dançando. Só é duro porque a gente tem que trabalhar, às vezes são duas horas seguidas ou quatro horas seguidas, entendeu? Ali em cima, ai você fica... bem cansativo, mas é legal... é interessante. As pessoas são bem diferentes, né? Também, porque é outra cultura né, a Espanha. Mas é um país lindíssimo. Eu viajei um pouco pelas cidades e gostei. Agora só são meio ruinzinhos assim.....em relação a, ao trabalho, né? Em relação a pagamentos porque, como a gente trabalha, não é muito a coisa legalizada, na Espanha tem muito trabalho no negro, né? Então os patrões às vezes gostam de... de botar uma coisa no papel e pagar outra, mas... normalmente, no mais, bom que é um país que aceita o casamento homossexual, então, não tem tanto preconceito, né? ... a Espanha é mais liberal e tudo, você vê, tem boates que funcionam até o meio dia. Tem o after né? é uma maravilha (Cris Falcão)

A Espanha e seus contrastes, mesmo com todas as grandes conquistas no mundo da diversidade e da legislação LGBT, com o trabalho de abertura política e a presença firme de uma camada ainda ávida por mudanças sociais – enquanto outra parcela da população ainda está chocada

com a abertura por demais repentina, devido a diferenças gritantes em termos de política estadual partidária radical e recente e, ainda mais, saída de um regime altamente autoritário, o franquismo. Por tudo isso, o país ainda está passando por tempos difíceis em sua conjuntura política e social.

Tempos estes passíveis de um misto de liberdade e vigilância, como já afirmei no segundo capítulo, quando trato da abertura política espanhola, o que contribui para, de um lado, afirmar que a Espanha se encontra numa linha democrática dantes impensável naquele país, e que tenta eliminar qualquer imposição vinda do exterior. Mas, que acaba por não se sustentar, devido à grande entrada de pessoas, todos os dias, em seu território, o que requer, de outro lado, um alerta no controle de entradas, pois, principalmente, superlota o Sistema de Saúde Público que atende a todos sem muita distinção.

O país está tomado de imigrantes vindos de todos os locais do mundo. Ao todo, no ano de 2007 esta realidade abrangia “166 nacionalidades convivendo em Madrid”<sup>97</sup> e a cada dia chegam mais: em balsas – cayucos da África; ônibus e outros meios de transporte da Romênia; aviões de todos as direções do mundo, com pessoas em busca de novas oportunidade de vida, de trabalho e diversão passageira, ou quiçá, um novo mundo à vista. As novas medidas que as autoridades espanholas estão tomando atualmente, em vista da entrada em massa de imigrantes, também repercutem de forma negativa na entrada e permanência de trans no território espanhol, quando passam a seguir as normas globalizadas dos aeroportos e de seus funcionários apontando a sua condição.

## **5.5 A CIDADE DE MADRID: LUGAR DE PASSAGEM**

Madrid surge como cenário para as travestis enquanto rota, muitas vezes de meio do caminho, intermediária entre muitos lugares onde circulam, e acaba para muitas, principalmente as que saem do Recife, como lugar referência de Europa. Ela desperta o interesse das trans por ser uma

---

<sup>97</sup> Gabriel Fernandes é Representante Conselheiro de Imigração da Comunidade de Madrid. Obtive esta informação em uma reunião para o lançamento da obra “Estudio Sociológico y Jurídico sobre Homosexualidad y Mundo islámico”, de Lola Romero Martin, Manuel Rodenas Pérez e Fernando Villaamil Pérez. Editado em Madrid, por Cogam, Felgt. Em junho de 2007.

cidade capital, em um país que luta por direitos na diversidade, cidade que luta, desde seus primórdios, por renovação e reformas urbanas constantes<sup>98</sup> e, como capital recente de um país pouco acostumado com a democracia e com a diversidade, vive hoje uma explosão cultural, em que lutas políticas de interesses divergentes entram em conflito, acarretando terrorismos e atentados.

A cidade é geograficamente central no país, e por isso rota e lugar de passagem para muitos transeuntes. Assim como são muitos dos destinos das travestis brasileiras, o que reforça sua maneira de inserir-se no mundo e garantir, com isso, o reconhecimento que tanto almejam. Reconhecimento este ratificado pelo tornar-se legítimo – enquanto pessoas de direito (HONNETH, 2003), objetivo a que elas se direcionam: a sociedade representada pelos pares e sua família. Através, principalmente, das posses que a atividade que foram realizar na Europa proporciona.

A história da cidade se entremeia entre o catolicismo forte no país, as festas de touros<sup>99</sup> e as sucessões reais. Mas, estas informações ficam atrás, nas fotografias de parques e monumentos a que Vivian e Érica se dedicam quando estão de folga, como exposto anteriormente.

Para as travestis, conseguir trabalhar na Espanha só é possível porque elas estão de passagem por aquele continente, o mesmo que acontece quando realizam suas viagens pelo Brasil, seja São Paulo, Rio de Janeiro ou outro estado do país. Até mesmo em Campina Grande é vantajoso quando passam um tempo sem aparecer por lá, contanto que não permaneçam muito tempo naquela cidade.

Circulando, elas trazem malas cheias de novidades de um outro mundo e se sentem cada vez mais inseridas no mercado do sexo que as ocupa como trabalhadoras, embora não cidadãs, mas com importância, mesmo sem documentos, como nos prova Érica, em sua trajetória de Espanha, relatada mais à frente.

Desta forma, o que perpetua a mobilidade delas na Europa é a possibilidade de estarem

---

98 Assim como as travestis impõem a seu corpo reformas constantes para melhor se apresentarem e manter-se jovens.

99 Na Espanha há uma diversidade de festas com touros, que vão além das conhecidas touradas, veiculadas nos jornais internacionais. Pamplona mostra a corrida de touros nas ruas, temos também as touradas de Madrid, que se repetem em outras tantas cidades da Espanha e de outros países hispânicos, com suas nuances diferenciadas em termos de geração, de espaço, de cidade e de filosofia de cada Comunidade Autônoma. Por exemplo, Barcelona, no momento em que vivi em Madrid, proibiu a exibição de touradas na cidade, e no espaço destinado às apresentações passaria a funcionar um shopping center.

no mercado de trabalho, aliado ao fato de poderem participar um pouco, pelo menos, da cultura do lugar onde estão circulando, e super dimensionar esta experiência, para circular mais entre países.

## 5.6 AS DESVANTAGENS DA EUROPA

A Europa não aparece apenas como lugar vantajoso para quem migra. Mesmo que no imaginário das travestis brasileiras haja um ideal de perfeição identitária, segundo o qual, para ser uma travesti completa é importante ir para a Europa, as dificuldades aparecem automaticamente ao se pôr os pés fora do Brasil. Desta forma, pensar o lado negativo, das viagens e da estada na Europa é também um ponto importante a ser discutido na trajetória das travestis que para lá se destinam.

As migrações devem acontecer, primeiro porque, segundo Morgan, “*sair da cidade dá status, voltar significa mostrar que venceu na vida*”. Vencer na vida como um sonho que elas perseguem desde que decidem pela travestilidade.

As travestis que não conseguem acessar a Europa, afirmam que lá a experiência não é tão feliz como dizem as que voltaram e apenas exaltam as belezas e novidades do primeiro mundo. Percebe-se que o discurso, principalmente das que não foram ao exterior, tem um certo inconformismo, revelando o desejo de um dia estar naquele continente ou apenas de ressaltar a experiência negativa das colegas. Destaco o segundo caso:

Umás morre na Europa; umas pega doença lá, com medo da família descobrir elas fica por lá mesmo na Europa, se contaminando mais até morrer; umas é assassinada lá, que lá também têm violência que é verdade, né? E muitas fica lá. Fica lá até... até Deus levar. Eu tenho uma amiga minha que viajou pra Suíça, Bina, morreu na Suíça. Ficou lá o corpo dela, porque você sabe, trazer o corpo pra cá, a família sem condições... comprou apartamento lá em Pau Amarelo, não, no Janga, foi, comprou um apartamento no Janga. Tirou a mãe do aluguel, mas também morreu lá. Ela disse a mim: Roberta, eu vou morrer na Europa, eu não quero morrer no Brasil não! (Roberta)

Na fala de Fábria, que viveu oito meses na Itália, temos:

É muita depressão, você fica muito preso, você se sente muito acuado, você não tem a

liberdade que você tem aqui. Pode caminhar na cidade, pode se situar, mas não pode fazer certas coisas que você tem vontade de fazer aqui e também você não encontra as coisas que você encontra aqui. Então você fica assim um pouco frustrada, dá aquela depressão, uma hora você quer tá lá, outra hora você quer aqui no Brasil. E tem aquela cabeça que você teve antes. (Fábia)

São falas como esta que justificam a volta de muitas delas para casa, antes mesmo de conseguirem o almejado sucesso, como no caso de Fábia, que explica seu retorno por causa da saudade de pessoas queridas. É importante afirmar aqui que o retorno, antes de alcançarem o objetivo da viagem, é um fato comum na experiência do migrante, e as travestis não poderiam fugir da regra por se reconhecerem também através desta identificação.

Nas falas de Roberta e Fábia percebe-se um aspecto que pode levar a uma conclusão negativa sobre a experiência da circularidade das travestis brasileiras, principalmente por elas estarem num trânsito que na maioria das vezes é irregular, tanto no sentido de documentação como no fator tempo. O fato de estarem circulando pela Europa tem muitos pontos negativos que se mesclam à atividade que vão realizar por lá: morte, doença, o não retorno; assim como a discriminação que sofrem triplamente por serem garotas de programa, imigrantes ilegais, em sua maioria, e travestis. Uma carga de estigmas que só a própria circulação contribui para que elas arranjem um “*jeitinho*” (DA MATTA, 1989) de driblar as “*saias justas*” (PELÚCIO SILVA, 2007) em que podem se encontrar.

Ou seja, é a circulação das travestis, como produto da discriminação na família, na escola e no mercado de trabalho – discriminação esta que as faz alcançar conquistas menores em relação a outros coletivos considerados minorias, como por exemplo, as lésbicas e os homossexuais –, o que oferece a elas “*uma existência social*” (BUTLER, 1997), ou seja, uma oportunidade de estarem inseridas no mercado que conhecem muito bem desde jovens, e como brasileiras são educadas culturalmente para saírem “*driblando*” quando em situação difícil, o que bem conhece Érica. Por isso, nem sempre escutei vantagens sobre a Europa, mesmo que estas sejam mais prevalentes nas representações, principalmente das trans que ainda almejam circular pela Europa.

Mais sobre aspectos negativos dissertarei no ítem a seguir, que destaca as vantagens e desvantagens da Espanha, analisadas sob a perspectiva de dois espaços de trabalho, o piso e as ruas, o que sugere dois ambientes de análise, o aprisionamento e a liberdade presente nos espaços através da trajetória de Érica e Byanca.

## 5.7 ÉRICA E BYANCA

A única conversa que estas duas interlocutoras tiveram na Espanha, sugerida por Érica e conduzida por mim, foi aqui incluída como fundamento para se entender as vantagens e desvantagens do trajeto e da estada delas naquele país. As informações delas são importantes, porque alimentam o argumento de que a Espanha é um local bom para travestis brasileiras conseguirem melhorar de vida. Todavia, possui variadas formas de inserção do migrante, principalmente em termos de ocupação no mercado do sexo.

O encontro fora combinado às 17 horas, levei um tempinho para chegar ao local, pois ainda buscava Érica na pensão da Hortaleza e caminharíamos até a boca do metrô Tribunal. Chegando lá, Byanca foi logo dizendo que, se dali a 15 minutos não chegássemos, ela iria embora. Nunca costumo atrasar, nem tampouco na Espanha, mas como confiei no atraso das duas, acabei por deixar Byanca um pouco irritada. Pedi desculpas enquanto as apresentava e fomos ao café Gambrinus.

Érica e Byanca trocaram ali histórias, enquanto eu as observava, entrando na conversa de vez em quando.

As duas trans têm trajetórias diferentes, embora sejam brasileiras em Madrid. Ambas as realidades o tempo todo se chocavam em relação à construção da trajetória de vida de cada uma.

Érica foi para Espanha com seu próprio dinheiro, e com um mês mandou buscar Roberto, com quem conjugalmente vive até hoje.

Byanca informou que foi “*cafetinada*” por uma colega, conterrânea sua, que já conhece bem a Espanha, principalmente Barcelona, local de seu desembarque. Ela pagou seis mil euros

(€6.000,00) referentes à viagem, contatos e aprendizado sobre o lugar: as ruas, os pisos e os comportamentos, pois, sem estes, afirma Byanca, não seria possível estar em um país estrangeiro. Essa sua amiga ainda lhe forneceu uma *carta de invitación*, carta-convite escrita por seu companheiro espanhol, que Byanca recebeu no Brasil e levou na bolsa, apresentando para as autoridades na entrada à Espanha:

Elas cobram e você vem se você quiser. Eu vim, eu precisei vim para mudar um pouco e fazer minha vida né? Porque no Brasil a gente não consegue, só dá pra comer e comprar as coisas [básicas] mesmo.

(...) A mesma pessoa que me trouxe me mandou a carta. Ela tem marido espanhol, ela pediu pra ele fazer, pediu e enviou daqui pra lá. Essa carta diz que eu poderia entrar no país dele pra visitar. Ele me convidou pra ficar seis meses na casa deles. É tanto que quando chega lá eles vão olhar a carta, vão ver o nome da pessoa, vai ver o telefone da pessoa e ligam pra pessoa pra ver se é verdade, se a pessoa tiver de acordo comigo ele vai dizer: Não, é. Pode deixar passar! Agora se ele disser não: Não sei nada disso! Ali, dali mesmo eu sou deportada, já nem entro. Mas, como era ela, ele já era casado com ela e tal, ele gostava dela, ela pediu a carta e explicou tudo pra ele: quanto que eu ia pagar e tal... (Byanca)

Infelizmente, Érica não se deixou gravar em entrevista. Conversamos muito, mas, não posso fazer citações dela em destaque. Constantemente ela viaja para outras cidades da Espanha, assim que muda a estação do ano. Nestas cidades continua fazendo trottoir e anúncios em jornal.

Byanca, com exceção de Barcelona, só trabalha em pisos, o que lhe proporciona mais segurança, porque a polícia não vai no piso se não houver denúncia, e, assim como a Espanha, “*é só se comportar que a polícia não toca na gente. Agora as que são devassas, eles pegam e botam presa*”. (Byanca)

Érica está junto com Roberto desde os 13 anos de idade, ou seja, há 10 anos. Ambos foram para a Espanha em 2005, janeiro e fevereiro, respectivamente.

Byanca está solteira. Seu namorado, que também estava na Espanha, como garoto de programa, foi deportado para o Brasil e “*está dando um tempo*” (Byanca) para retornar àquele país. Durante a conversa, ela afirmou que está tentando acordo com uma espanhola, para casamento, o que lhe proporcionará “*los papeles*”.

Érica trabalha na Calle Castellana, uma das vias mais importantes de Madrid, para trottoir. Byanca afirmou categoricamente não ter coragem de fazer *pista* nesta cidade, pois tem receio de estar nas ruas pela possibilidade da polícia nacional lhe prender, devido ao seu prazo de estada ter expirado no passaporte.

Érica fala com uma certa tranquilidade sobre suas cartas de expulsão (ver Anexo C), devido a prisões ocorridas na rua onde faz trottoir, principalmente por saber que quem possui uma delas não pode ser preso por estar irregular, sofrendo, no máximo, com o vencimento de sua carta, o recebimento de outra, que vão se acumulando em sua bolsa e servem de documento para que não seja mais presa. Vale ressaltar sua última prisão, que durou 80 dias, por acusação de Tráfico de Seres Humanos, sendo absolvida por falta de provas que legitimassem o fato de sua prisão (Anexo D).

Ela foi ao encontro marcado com Byanca, que nada sabia sobre os motivos pelos quais Érica buscava sair das ruas de Madrid<sup>100</sup>, pois, de antemão, esta gostaria de conseguir um piso para trabalhar, embora sua situação de companheira de Roberto a faria ter mais gastos do que ficando numa pensão com diária de trinta euros (€30,00), sem direito a comida, e ir às ruas no horário que lhe conviesse, o que não poderia fazer se estivesse em pisos, cujas regras são rígidas, mesmo os que têm mais visibilidade através de sites da internet e do luxo que apresentam. Sem dúvida são regras rígidas para quem está acostumada com a liberdade das ruas; no entanto, é mais seguro para quem, por exemplo, está em situação irregular no país estrangeiro.

### 5.7.1 Prisão ou liberdade?

Uma grande diferença nas duas histórias de vida, o que não ajuda Érica a conseguir um piso nem Byanca a ir para a rua, é a força que as categorias dicotômicas aprisionamento/liberdade ganham com as experiências de ambas. Ser livre é o que buscou Byanca com a sua ida à Espanha. Ser livre é o que também busca Érica, desde que saiu de casa no Maranhão junto com seu

---

<sup>100</sup>Um dos motivos foram as brigas entre travestis brasileiras e espanholas na Calle Castellana, o que fez com que houvesse também um deslocamento delas para a Desengaño, principalmente as espanholas. E algumas brasileiras para a Gran Via.



companheiro aos treze anos de idade para viver “*no meio do mundo*”<sup>101</sup>.

Érica foi para a Espanha porque outras travestis brasileiras lhe informaram que neste país a polícia não persegue, não expulsa e depois de 4 anos você pode obter visto de residência, o que está difícil, haja visto as cartas que obteve com suas prisões. Ela apenas gostaria de conseguir terminar a casa da mãe em Anápolis, o que gerou sua ida àquele país, como acontece a tantas outras, como é o caso de Vívian, aqui demonstrado:



Casa dos pais de Vivian no Ceará, reformada totalmente depois de sua estada na Espanha.



Pais de Vivian em frente ao seu banner exposto na sala de visita de sua casa nova. Foto enviada da Espanha.

Liberdade é o que muitas buscam ao embarcarem para outro país, como defendeu Romero (2007) em estudo sobre homossexualidade de garotos islâmicos na Espanha. Não apenas uma liberdade financeira, ou seja, uma folga no bolso para poder investir no corpo, na compra de sua moradia, no retorno à família, ao país e aos pares.

Liberdade também em relação a se sentirem bem consigo mesmas, pelo fato de terem dado certo na vida e conseguido migrar para um lugar distante, onde os problemas de seu lugar de origem não as atingem mais.

A dicotomia prisão/liberdade aparece o tempo todo nas comparações que fazem acerca dos lugares onde batalham: em pisos não se pode receber visitas, nem morar com o companheiro, a não ser que ele seja também garoto de programa e o piso concorde em admitir os dois. O tempo que

<sup>101</sup>Na verdade, esse “*no meio do mundo*” exatamente significa morar nas ruas, até chegarem em São Paulo, o que depois de um tempo, com a ida da mãe de Érica para Goiás, se concretizou no acolhimento do casal por esta, que já estava separada do marido.

as trabalhadoras de piso têm para ficar fora dele são algumas horas por dia, ou noite, determinado pelo funcionário encarregado do ambiente. Este tempo, segundo Byanca, pode ser de 2 horas até as 10 horas da manhã, período este em que elas vão a boates – local onde conheci Cris Couto e Byanca – bares e revêem as amigas, brasileiras ou espanholas, para novos contatos e dasabafos. Por isso, algumas conversas com travestis brasileiras na Espanha não puderam ser cara-a-cara, apenas por *msn*, como afirmam duas delas:

Aki nao temos vomtade propria. Temos q ficar 21 dias disponiveis a quase tudo (...) Mas, como nao to a procura de liberdade apenas, tmb de euros, rs. [sic] (Grazy)

Nao gostei muito. Tipo. Trabalho 24 horas. Passarela, ou seja, quando chega um cliente, todas as meninas se arrumam e se apresentam a ele, que depois escolhe com quem quer ficar. Nao pode sair, telefonar, conversar alto, ou seja, vc tem de pagar a metade do que fz, e ainda é meio mal tratada (...) dorme num local sujo, horrivel. [sic] (Grazita).

Neste sentido, rua ou piso têm suas especificidades, que pressupõem ora liberdade, ora aprisionamento. Ficar em um piso, ou em locais abertos, como ruas e praças, tem suas regras. Estas sempre indicam que o trabalho realizado ali é passageiro, principalmente fora do país-origem, por isso é tão importante a submissão às regras, principalmente pelo fato de poder naquele espaço retornar para realizar a mesma atividade.

Liberdade é algo que elas procuram, mas, devido ao sonho maior de “fazer a vida” com o dinheiro conquistado na Europa, elas adiam para quando voltarem ao país origem, o Brasil, todo um sonho de viver com o prestígio e a renda obtida aqui.

Estar “presa” em pisos dá a impressão de segurança, e permite, além de ganhos financeiros, circulação dentro das próprias regras estabelecidas em tal atividade e estabelecimento. Assim como estar “livre”, nas ruas, pressupõe estar à mercê da vigilância que prende, estar disponível ao olhar da Polícia e de outras pessoas que cerceiam esta suposta liberdade.

Foi o receio de outros “aprisionamentos” o motivo de Érica não ter ficado animada em continuar sua busca por pisos. Pois, juntou o que ela já escutara de suas colegas com a confirmação

de Bianca sobre o tempo limitado que têm as travestis que trabalham em pisos de estar circulando no espaço da rua, além de seu relacionamento amoroso, para fazer Érica desistir da idéia de mudar o local de trabalho.

Penso que a palavra sarjeta sirva aqui para falar de uma condição de privação de direitos, como, por exemplo, a situação de estar em pisos em Madrid relacionada com a fala de Eline no início do texto. Érica sabe muito bem dos “*truques*” que utiliza para se dar bem no frio das ruas de Madrid, na Calle Castellana ou na Desengaño, em que ela se posicionava já no final da pesquisa, ou mesmo perto da Gran Via, nas proximidades da Telefónica, junto com Yuri.

Truques estes que a torna mais uma na multidão oriunda de todo o mundo, que circula por ali, o que a invisibiliza dentre tantas mulheres de tantas nacionalidades que esperam alguém nas calçadas, nos cafés, nas escadarias do metrô ou mesmo na esquina da rua em que estava localizada o *hostal* onde Érica morava com Roberto.

Truques como, por exemplo, falar ao celular para despistar alguém que desconfia dela estar em trottoir na calçada, quando passa uma ronda da Polícia Nacional; dar uma volta pelo quarteirão para comprar uma coca-cola ou mesmo ir à banca de revista da esquina pegar um periódico que está sendo oferecido gratuitamente, para despistar alguém que possa incomodar seu trabalho diurno ou noturno, já que na Espanha não há horário determinado para estar nas ruas fazendo trottoir; mudar sempre de calçada, de rua, de amigos ou de horário para não ser perseguida pela Polícia que tem *Comisaria* (Delegacia) a duas quadras dali. Truques de quem vive na Sarjeta, como afirmou Eline em sua fala de abertura. Truques que indicam uma liberdade vigiada das travestis que circulam em busca de uma cidadania, no lugar que escolheram para viver e trabalhar, pelo menos por um tempo. Cidadania esta cercada por ameaças de todos os lados.

Ao mesmo tempo que se pode ter toda uma segurança quando se está dentro de um piso, pelo fato da polícia não importunar, a situação configura-se como um aprisionamento, em que as horas para comer, sair, ter seu quarto e seu parceiro fixo são delimitadas pelo responsável pela atividade, pela chegada de clientes e pelo espaço disponível para cada uma<sup>102</sup>. Além de que, em

102Em conversa com Diogo, fico sabendo que no piso em que ele trabalhou apenas o espaço da cozinha era comum aos

pisos, a metade do que se ganha vai para o estabelecimento, enquanto na rua é todo dela.

Mesmo com toda uma suposta liberdade vivenciada nas ruas onde se desenvolve trottoir em Madrid, as travestis brasileiras já iniciaram lá alguns comportamentos característicos das zonas de trottoir no Brasil: as cobranças de taxas de permanência no ponto. Érica me afirmou ter pago mil euros (€1.000,00) a uma outra brasileira, também travesti na Castellana, e creio que foi este o motivo dela ter migrado de zona.

O medo maior de se ficar nas ruas, parques e auto-estradas da Espanha é a falta de documentação, o que pode acarretar encarceramento por horas, como ocorreu com Érica e Yuri, pois quando a Polícia Nacional pediu a documentação que comprovasse a legalidade de ambas, em momentos distintos, não puderam entregar os ditos documentos, por não possuí-los: os passaportes estavam com as datas de retorno vencidas há muito, o que quer dizer que há mais de três meses deveriam ter retornado ao Brasil.

Assim, vão vivendo de “*truques*” para entrar na Espanha e permanecerem tentando despistar a Polícia Nacional, como já relatado anteriormente. O que faz inferir a experiência delas como uma mescla de vantagens e desvantagens que só são justificadas pelo jeitinho e a necessidade de estarem incluídas num mundo globalizado, no que tange ao trabalho e ao que o dinheiro conseguido com a atividade pode proporcionar.

## **5.8 SER EUROPEÁ**

Neste ponto, destacarei como as travestis entendem-se como europeás, identificação que está moldada por um *habitus* travesti, percebido quando elas passam a classificar suas atitudes e descobertas pelo fato de terem ido trabalhar e vivenciar o mundo da Europa.

Ser *europeá* não significa conseguir os documentos de naturalização na Europa. Embora muitas travestis brasileiras<sup>103</sup> persigam este ideal de identidade para melhor circular entre o Brasil e

---

garotos e travestis que ali trabalhavam por um período de 21 dias. Ali eles comiam, quando não havia nenhum cliente na casa, e se reuniam para dormir, já que os quartos eram destinados aos encontros com clientes.

103Principalmente as que firmam residência em Barcelona. Como Thara Wells e Carla Ferri, que mesmo circulando na Europa inteira permanecem mais tempo nesta cidade da Espanha do que em qualquer outra do mundo, até mais do que no Brasil.

os países da União Européia.

*Européas* são as travestis que circulam entre Brasil e Europa, no caso a Espanha, e conseguem trazer de lá as novidades do mundo para as que não foram ainda, principalmente em termos de fotografias, roupas e discursos. Com isso, conseguem “*fazer as cabeças*” das mais jovens, iniciantes na travestilidade, e, através de esquemas de ajuda, conduzir novas travestis para o mercado do sexo europeu enquanto novidade do Brasil.

O fato de ir à Europa gera capital cultural e econômico, não apenas para as travestis brasileiras. Assim como ser amiga de *européa* gera prestígio, constitui um veículo de aprendizado, assim como possibilidade de futuras viagens.

*Européas* são as que se distinguem dentre as demais, não necessariamente as mais jovens, e sim as mais experientes dentre as travestis, porque viajadas e conectadas com um mundo globalizado que lhes confere, pelo menos, o conhecimento da linguagem do mundo europeu em termos de trabalho com o sexo – trottoir, piso ou clube, não há diferenças, pois o importante é, repetindo o que afirmou Morgan anteriormente, “*sair da cidade*” para alcançar “*status, e mostrar que venceu na vida*”. A cidade é apenas uma referência de lugar em qualquer território, seja nacional ou internacional. Como afirma Grazita:

...ser europeia é trabalhar na Europa e ser glamurosa, como algumas acreditam ser !!!  
Acredito que uma vez que vc foi, sera sempre considerada europeia. [sic] (Grazita)

O trabalho é uma das formas de dar certo na vida. Mas, também está implicado nos trajetos o que Urry (1999) definiu como “*experiências prazerosas*”, e Parker (2002) como sendo uma “*busca de excitação, liberdade e modernidade*” (PARKER, 2002: 246), presentes no ideal de se aprimorarem enquanto travestis no universo da qual fazem parte. Liberdade como a que buscou Byanca.

Modernidade exemplificada por Aleika, quando se insere no mercado de concursos de misses no mundo todo. Excitação clara nas falas de Vívian que, além de estar na Espanha

trabalhando e tendo reformado a casa dos pais, junta dinheiro para comprar seu automóvel e participa de eventos, sempre que está no Brasil, demonstrando também que busca satisfação pessoal na atividade sexual praticada com os clientes.

As que vão para a Europa, na maioria das vezes não estão fazendo sua primeira viagem. Gradualmente elas vão percorrendo caminhos, desde suas cidades – pequenas ou não –, para centros maiores no Brasil, seja a capital do estado onde vivem ou cidades de referência no estado. Daí partem para centros maiores no país, como o Rio de Janeiro e São Paulo, no caso das que têm origem no Nordeste, a maioria de minhas interlocutoras. Poucas partem de sua cidade natal direto para a Europa. Como se vê claramente no mapa organizado por Parker (2002: 240), mostrando as rotas de migração inter-regionais, percorridas também por muitas travestis.

Ser *européa* é fazer as viagens entre territórios nacionais, pensadas mesmo antes delas terem a certeza de que um dia poderão e conseguirão embarcar com destino a Europa, assim como desembarcar no lugar almejado.

Isto implica afirmar que viajar é uma prática criada por um *habitus*, anterior mesmo à possibilidade real de concretizarem a viagem. Ao mesmo tempo que cria *habitus*, enquanto “*gerado no contexto social*”, para as travestis. Estes *habitus* são inicialmente propostos como *história incorporada* já desde tenra idade, quando passam a viver a travestilidade e conhecem outras travestis, que passam a ser suas referências no mundo em que se inserem. Ou seja, fazem parte de uma agência pedagógica na qual as travestis estão envolvidas, assim que decidem modificar-se corporalmente e se inserir no universo da travestilidade.

Ser *européa* é adquirir uma nova identidade pelo fato de estar circulando entre países, e, como afirmou Grazita, não é preciso ir muitas vezes à Europa para ganhar tal identificação. Mas, para ganhar *status*, sim. E principalmente para reproduzir *habitus*, disposição já marcada nelas pelo fato da circulação estar imbricada em sua identidade anterior, mesmo sem se perceberem, como figuras que tem na mobilidade (corporal, de gênero e espacial) sua característica mais importante. O que demonstra uma circulação na formação identitária delas quando iniciam suas buscas de

reconhecimento e, para isso, entram em um universo marcado por determinadas estruturas já moldadas, na qual elas pouco podem mexer.

O *habitus* enquanto “*sistema de classificação*” (BOURDIEU, 1994) diz muito sobre elas, quando se apresentam em shows, quando falam e colocam em suas falas termos que não são da língua portuguesa. O que contribui para que elas se classifiquem como travestis e reproduzam um esquema prático de como ser travesti no Brasil e no mundo, além de, com estas estruturas, estabelecerem novos modelos de comportamento para lhes dar maior destaque na sociedade em que vivem: família, amigos e mercado de trabalho.

Pois, o contexto no qual elas estão inseridas ampliou-se muito, abrindo para o transnacional, o que adquire relevância na hora de se diferenciar das travestis que não saem do país, principalmente por não poderem provar que estão idôneas perante a justiça, o que lhes impede até de tirar documentos para realizar simples viagens como turistas.

Ellen afirma que, por não sermos acostumadas com a cultura do outro, sofremos com o choque cultural; seu foco de análise é a educação das pessoas:

Na Europa eu vivia isso, eu tava conversando com as pessoas européias e de repente eu parava de falar, elas começavam a falar, quando eu ia falar eles faziam Enquanto você falou eu fiquei calado então espere eu terminar de falar pra você começar a falar! Então eu entrei em choque de educação. As crianças são assim. Você ta conversando com as crianças ela tão prestando atenção, você pára, depois de 5 minutos ela começar a falar, se você, a gente brasileiro tem a mania de interromper um ou outro falando, você ver que eu tou numa entrevista aqui, sempre eu paro, se fosse um europeu ele parava e esperava ver o que estava acontecendo, saía pra depois vim conversar comigo e aí toda uma educação. Por exemplo, eu esqueci uma sombrinha numa rua da Europa durante 15 dias, quando eu fui lá a sombrinha estava do mesmo jeito onde eu deixei no poste, incrível, isso eu deixei a sombrinha assim no poste e fui embora, esquecimento, quando eu voltei a sombrinha tava lá igual. [sic] (Ellen)

Este depoimento de Ellen mostra o quanto de aprendizado pode ser conseguido na viagem a um outro território nacional. O que de melhor ela absorve em sua fala e guarda como

experiência enquanto européa, o que a diferencia das que não conhecem a Europa, mas também das que não conseguem se apropriar de uma influência enriquecedora em termos culturais, como ela distingue.

Este aprendizado ela trouxe para o Brasil como complemento de sua educação enquanto *européa*. Ellen, com isso, se distingue das demais travestis, por perceber a diferenciação e por posicionar-se, assim como outras colegas suas que viajam com frequência para a Europa e trazem na mala algo que as modificam como pessoas.

Elas conseguem este nome identitário por circularem e por isso permanecerem móveis. Mas, é a internalização das representações o que mais se destaca na construção do habitus das travestis brasileiras *européas*, tal como fica claro na conversa que tive com Roberta, que não se considera européa por ter sido impedida de entrar na Suíça, já desde o aeroporto, o que aponta uma repetição de discurso de colegas suas que foram para a Europa, mas ressaltando o lado negativo do lugar e do que se traz de lá, parecendo uma justificativa pelo fato de não ter dado certo sua tentativa.

Pois, o *habitus*, enquanto “*tendência para conformar e orientar a ação*” (BOURDIEU, 1994, 15), é anterior às viagens das trans à Europa, mas também posterior, porque criado através da experiência concreta das que foram, em conformidade com a orientação destas para levar mais colegas àquele continente. Porque, segundo Bourdieu, determina e é determinado pelas viagens à Europa, o que se configura em *praxis* social.

Assim, ser européia implica na identificação da travesti também como brasileira, pois as características que elas assumem quando estão por lá muito valem na configuração de seu novo status. Sua nova identidade. O que conforma também um novo corpo, o corpo modificado pelo não uso de hormônios “*adequados*”, o que elas tanto reclamam, e um corpo que experimenta mais ainda a ambigüidade, tanto pelo mercado do sexo que pede travestis femininas mais ativas que passivas sexualmente, quanto pelo não controle dos hormônios masculinos, que não são inibidos por falta dos estrogênios conjugados em constante uso, como fazem no Brasil. E, como afirma Bourdieu



(1994):

(...) está dentro do mundo social, mas o mundo social está dentro do corpo. E a incorporação do social que a aprendizagem realiza é o fundamento da presença no mundo social que a ação socialmente bem sucedida e a experiência ordinária desse mundo supõem necessárias. (BOURDIEU, 1994: 40-41)

Para concluir este capítulo, gostaria de afirmar que ser europeia é desenvolver idéias e comportamentos de “*gosto*” na apresentação de si, identificação adquirida através de quem se nomeia e é nomeada enquanto *europeia*, e como sê-lo enquanto travestis brasileiras. Comportamento este que distingue e gera conflito entre as diversas categorias de travestis, principalmente quando se trata de condição sócioeconômica que possibilita estar em dia com as novidades da moda e da tecnologia que se implanta no corpo e na linguagem. Ser *europeia* é conseguir *status* diferenciado ao que se tinha antes de sair do Brasil. E, assim sendo, é permanecer circulando entre países, reforçando lá o estereótipo de brasileira, embora com um diferencial do erotismo no corpo, seja este de virilidade ou de feminilidade, e trazer para cá o que de melhor acessaram no primeiro mundo, mesmo que apenas em fotografias.

## 6. MISSES, EMPRESÁRIAS E FAMOSAS. FAZENDO DA ATIVIDADE UMA DISTINÇÃO

Este capítulo tem como objetivo destacar como algumas travestis alcançam visibilidade e, com isso, distinção (BOURDIEU, 1988; 2007), através de ocupações que realizam e por isso se diferenciam de outras travestis ouvidas neste estudo e no lugar onde vivem e circulam. É um desdobramento do capítulo anterior, no qual discuto como ser *européa* e *brasileira* como identidades adquiridas no trânsito entre países, o que destaca como marca distintiva no habitus de travesti internacional.

São destacadas aqui algumas biografias das interlocutoras, em suas experiências internacionais e nacionais. Indicam uma história de sucesso que remete diretamente ao prestígio que adquirem em seu lugar de origem, a partir do momento em que conquistam outros mundos, seja este o mundo do trabalho reconhecido e almejado pela maioria, ser enfermeira concursada, por exemplo, ou mesmo o acesso ao Primeiro Mundo, com participação em concursos de beleza internacional.

Vale salientar que a grande maioria das entrevistadas se dedicam à prostituição como forma de ocupação e trabalho. Assim, mesmo que o capítulo aponte outras perspectivas de trabalho e ocupações que mostrem que as travestis brasileiras podem estar, e na verdade estão participando de outras atividades profissionais, não devemos fazer vista grossa para a realidade da maioria, nem tampouco usar de ingenuidade quanto a uma possível “*facilidade*” de mudança desta realidade.

Sobre a realidade *difícil*<sup>104</sup>, recordo o alerta de uma das *trans*, quando estava me preparando para escrever este capítulo, depois de quase tudo pronto para análise, o que propôs o mote desta parte:

...fale sobre a falta de oportunidades de emprego que sofremos por conta da enorme discriminação, e que por conta disto a prostituição acaba sendo quase que impossível já que as transex tem portas fechadas na maioria dos setores trabalhistas [sic] (Aleika).

Desta forma, é a busca de conhecimento e reconhecimento que as faz circular e

104 Em contraponto ao que muito se afirma sobre prostituição como sendo uma atividade de ganho fácil, “*vida fácil*”.

participar de eventos que as coloque em destaque no mundo, mesmo que este mundo seja apenas uma fatia do que realizam em meio a tantas histórias e trajetórias pessoais.

Na busca da distinção, é comum se depararem com dificuldades e por isto terão que transpô-las ao longo do caminho tortuoso que escolheram para si, ou que surgem nas poucas oportunidades que aparece, o que proporciona mais distinção ao atingir estas etapas de reconhecimento da própria dificuldade no campo de atuação, pelo fato de perceberem um ambiente de maior destaque e admiração das pares, como é o caso de Aleika, narrado.

### 6.1 AS FAMOSAS DO RECIFE: ALEIKA, ELLEN E ELINE.



Aleika. Concurso Miss Brasil Transex 2002.



Ellen na escada que divide o acervo e as cabines em sua Locadora. 2006.



Eline na UTI de um dos hospitais onde trabalha. Reveillón 2008.

Aleika é uma travesti pernambucana que ganhou o concurso de Miss Brasil Transex em 2002 e o segundo lugar no concurso Miss Internacional Queen 2007 na Tailândia (MIQ). Antes disso, tinha ganho o Miss Gay em Pernambuco, em 1988, e o Miss Norte e Nordeste, em 1999<sup>105</sup>, na Paraíba<sup>106</sup>. Para participar de seu último concurso, na Tailândia, estudou inglês por quase um ano.

No mesmo ano, 2007, Cris Couto obteve um título parecido em Madrid, embora de menor amplitude em termos de preparativos, visibilidade e prêmios, razão por que Aleika não

<sup>105</sup> Dados encontrados no site, blog: [www.casadamaite.com.br](http://www.casadamaite.com.br); [www.aleikasandria.blogspot.com](http://www.aleikasandria.blogspot.com)

<sup>106</sup> Nos concursos de categorias Gays, travestis e transexuais não é necessário ser natural de determinado estado ou país para representar o local, por isso Aleika representou a Paraíba e conseguiu o título. Assim como as misses candidatas da Itália e Suíça, que representavam estes países, mesmo tendo nascido no Brasil, puderam se candidatar a favor daqueles países, com os devidos documentos em dia como italiana e suíça.

concorreu.

Aleika se tornou uma das grandes amigas de Ellen, proprietária-sócia de duas locadoras de vídeo eróticas e Sex Shop na cidade do Recife. Ambas são atendidas ocasionalmente por Eline, enfermeira em dois dos maiores e mais importantes hospitais públicos da Região Metropolitana do Recife. Diga-se de passagem, concursada nos dois empregos e tendo garantido seu trabalho como profissional da saúde. Eline, modificou seu corpo apenas depois de passar pelo estágio probatório nos empregos, o que lhe garante não precisar do trottoir para ganhar o “pão” no fim do mês.

Ellen iniciou seu curso de Biologia na Universidade Católica de Pernambuco, próximo de onde vive e trabalha, a Boa Vista, bairro central do Recife. Embora não o tenha concluído, por ter resolvido “*tentar a vida*” na Itália, ainda se preocupa em retornar os estudos, o que a diferencia de outras travestis na cidade.

Aleika também deseja continuar os estudos, mas pensa em Jornalismo, o que acredita poder lhe garantir voz no meio LGBT no Estado.

Eline estuda o castellano para tentar o doutorado na Espanha, o que conseguirá assim que puder conciliar o projeto Europa com uma licença nos hospitais, pois, segundo explica:

...isso me motiva muito, assim, o fato de eu tá na sociedade, inclusa na sociedade, produzindo. Mas, que eu tenho valores, que eu posso ajudar a salvar vidas, isso pra mim é muito gratificante, não tem dinheiro que pague, sem demagogia. Eu, assim que eu puder associar, assim, essa minha ida a uma licença, que eu tô brigando por isso, eu vou, não tenha nem dúvidas, mas deixar isso, nunca, nunca, nunca, eu posso morrer, se tiver que escolher entre ir pra Europa pra ganhar dinheiro, viver de prostituição, porque eu gosto da prostituição também. [sic] (Eline)

A dificuldade de que Aleika fala no trecho anterior a este, registrada por *msn* na Espanha, contradiz com sua trajetória de vida de sucesso. Desde os 15 anos, ela vem sendo alvo de olhares de todos que freqüentam a travestilidade no Recife.

Eu a conheci em 2001, e naquele momento me encantei com a novidade no mundo das trans. Aleika tem uma facilidade e segurança na feminilidade que foi conquistado aos poucos. Ela

era exuberante e se gabava de ter uma família que a respeitava, e ainda a respeita, pela maneira como vem conduzindo sua vida e influenciando na de tantas outras travestis que vivem no Recife. Nem parecia que a dificuldade de trabalho também a atingia.

A fala de Eline, no entanto, mostra o quanto estar inclusa na sociedade, com importância reconhecida pelo trabalho que realiza, é vital para sua sobrevivência enquanto pessoa.

Aleika não gosta que falem que ela é GP<sup>107</sup>. E, principalmente que realiza esta atividade na Europa. O motivo para tal é a visibilidade negativa que sofre quem faz prostituição. Mas, neste estudo, não posso fugir de uma realidade de trabalho comum a todas as travestis. Por isso, assumo a responsabilidade de expor a atividade de todas, por uma questão de não discriminar o trabalho que realizam, principalmente Aleika.

Ellen, quando estava na Europa, também realizou esta atividade, como algumas das que não praticam mais em Recife, lugar onde moram.

A preocupação de Aleika é que as trans sejam bem vistas pelo que são e não somente pelas práticas sexuais que realizam, principalmente se dizem respeito à prostituição como atividade ligada ao seu sustento. Como exige:

nunca procure abordar profundamente o tema das transex falando assuntos como prostituição que podem dar mal visibilidade de um modo geral à classe.

(...) sempre deixe claro nos seus livros e suas teses que a maioria delas são quase que empurradas a isto pela falta de oportunidades em todos os setores produtivos. Como em outros grandes países, mas, enquanto isto não acontece, melhor tratar deste assunto de maneira que possa trazer pra classe novas oportunidades de trabalho e não de maneira com que a classe possa ficar mal vista, pelo fato da maioria exercer esta atividade como uma forma de sobreviver, vc sabe que de certa forma podemos ficar vistas como eternas prostitutas e rotuladas como submundo (Aleika).

Por isso entendo que, mesmo assim, é importante falar de prostituição com duas vertentes distintas. Uma delas é a atividade de travestis que por falta de oportunidade na escola e no

---

107 A primeira vez que ouvi esta sigla foi conversando com Grasy por msn e significa Garota de Programa. É uma forma de Aleika é a travesti de Recife que mais cobra por um programa. Ver anexo nos Classificados do Jornal do Commercio.

mercado de trabalho se dedicam a esta ocupação de forma a torná-la cada vez mais uma profissão, embora não regularizada pelo governo, mas oficializada como atividade profissional<sup>108</sup>.

Uma outra é a vertente que afirma ser a prostituição uma atividade prazerosa, independente do recebimento de dinheiro ao se realizar programas. Por isso, penso que não é interessante ver quem pratica esta atividade como alvo passível de vigilância e punição, numa atitude de reproduzir pânico morais, o que discutirei melhor no tópico a seguir.

## 6.2 PÂNICO MORAL ACERCA DA PROSTITUIÇÃO

No que se refere a “*pânico moral*” o Grupo da Vida (2005) desenvolve um estudo em que afirma que o conceito de pânico moral vem instigar inquietações populares em escalas maciças sobre determinadas questões sociais, em que o medo se apodera das pessoas, levados por determinados instigantes, que podem ser “*empresários sociais ou a própria mídia*”. O Grupo da Vida sugere que sejam implementadas regras acerca do problema levantado. Regras estas que se moldam em movimentos, cruzadas, “*campanhas políticas em torno de determinadas questões morais e simbólicas, sem levar em conta a resolução justa e democrática do problema focalizado*” (Grupo da Vida: 161-2).

A palavra significa medo, relacionada a prostituição, se coloca na sua variante sexual, na qual assume características de maior ansiedade por parte de movimentos sociais que vem lutar contra a discriminação no sistema sexo/gênero. Refere-se principalmente ao medo da decadência moral e social, o que gera mais ansiedade e confusão na hora de finalizar pesquisas cujas temáticas abordem questões que impliquem circulação internacional e gênero.

Daí, me sinto à vontade para dissertar sobre esta atividade, bem como pelo uso da palavra, devido à noção de não estar julgando negativamente as pessoas que realizam tal atividade e pelo fato das interlocutoras estarem cientes do que estou escrevendo. Embora esta noção de pânico moral esteja presente nas próprias travestis com quem conversei. Vejamos a fala de Aleika:

---

<sup>108</sup> Na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sob categoria de nº 5198-05, a *Prostituição não é crime*, e sim, *uma profissão regulamentada pelo Ministério do Trabalho*, segundo Sérgio Rangel .

Se eu fiz prostituição? Aqui, aqui. Já fiz e também faço isso também, eu também faço. Até hoje eu faço. Faço por anúncio, é, faço por anúncio. Mas assim, faço da forma que me proteja o máximo entendeu? Claro que a gente não tem 100% de chance de tá seguro né? Que a gente sabe que corre vários riscos. Mas assim, o máximo com que eu puder me proteger eu me protejo entendeu? Contra doenças, contra uma série de coisas, contra a violência, contra tudo, de um modo em geral. *Mas, eu também trabalho* [grifo meu], faço outros trabalhos como maquiadora, como cabeleireira entendeu? Também faço, trabalho com penteado e maquiagem, inclusive eu tenho curso pelo Senac. Tenho tanto o curso de maquiagem como de penteado. Tenho diploma do Senac e sempre que aparece trabalho assim eu também faço. [sic]

Aleika, nesta citação, se refere bem a uma dicotomia muito clara entre “*afazer*” e trabalho. Ela faz prostituição e não considera esta atividade um trabalho, e a expressão que utiliza “*mas, eu também trabalho*”, serve para falar do que ela entende como sendo realmente trabalho digno de ser realizado, com formação e titulação para tal. Este momento de sua fala foi a única vez que ela se remeteu à prostituição como atividade assumida em toda as conversas que tivemos durante a pesquisa.

Trabalho, para ela, é produto de formação, tal como defende Bourdieu (1988), mas é por causa do acesso delas à escola, por todo um dispositivo que as discrimina pelo comportamento e pela aparência, muitas vezes ambígua, ou “*andrógina*” (MEJÍA, 2006), que os limites aos acessos a outras possibilidades de profissionalização são maiores, principalmente quando estão com pouca idade e precisam se manter para sobreviver.

Nossas conversas foram cuidadosamente guiadas e tolhidas por ela para que sua atividade como profissional do sexo não aparecesse, embora tenha ciência sobre o trabalho que a sustenta há muito. Ela deixa claro, em suas falas, os cuidados que se deve ter para estar nesta situação, deixando submerso o que mais interessa ser colocado para uma pesquisadora do mundo trans, o que caracteriza o pânico moral que Aleika tem quanto à atividade que realiza, algo que nem deve ser mencionado em sua casa, com os seus.

Está claro que ela não concorda com o estigma que marca a atividade que realiza, principalmente quando pede para não falar de prostituição, porque “*pode dar mal visibilidade de*

*um modo geral a classe*”, embora aparente que não gosta do que faz, o que geraria automaticamente uma questão que parece simples, e, não obstante, é complexa: Por que então não abandonaria a prostituição? Como foi o caso de Paola, que desistiu de se prostituir na Casa de Campo, em Madrid, para realizar serviços domésticos enquanto resolve sua situação legal na Espanha. O destaque nesta vertente é que muitas não se sentem bem com a atividade que exerceram ou que exercem, como afirma Ellen:

Porque eu não me adaptei à prostituição porque eu tenho, como eu tenho uma base forte na faculdade, no estudo, na família, eu achei que não era, não é minha praia, e assim, eu dei de impacto com os próprios travestis, o preconceito de travesti pra travesti, por exemplo, [sobre uma conversa com outra trans](...) ela tem o preconceito, ela não pode entrar, ela não sabe se expressar, ela não sabe abrir uma conta bancária, ela não sabe fazer um empréstimo, lidar com uma empresa, ela não sabe dar uma aula de biologia muito boa, e ela acha que isso que eu sei fazer não vale de nada, pra ela realmente não vale de nada, não vale... (Ellen)

Esta base a que Ellen se refere é a sua formação educacional, juntamente com a situação frustrante que vivenciou em sua estada na Europa, Itália, quando permaneceu apenas o período previsto para turista.

A crítica feita por Ellen refere-se a uma realidade presente na prostituição e na desvalorização de toda sua formação em detrimento de um conhecimento de ethos específico do mercado do sexo.

O trabalho das meninas requer dedicação exclusiva e disposição física para o *habitus* de um mundo estranho, principalmente um mundo em que os códigos de fala são outros, em se tratando de outra língua, mesmo que, ao se aprender os códigos do mundo do mercado do sexo, se perceba que as diferenças entre países são pequenas.

Todas as características que Ellen observara nas travestis brasileiras enquanto estava na Itália distoam do glamour, status e classe da qual passam a pertencer quando realizam a viagem ao Primeiro Mundo, retornam ao Brasil, e são intituladas, e se intitulam, aqui, de *européas*. Os conhecimentos de Ellen, construídos na família, na Faculdade, além de habilidades financeiras adquiridas no trabalho no Recife, já não valem mais ao pisar em solo europeu. Principalmente num



mundo de proxenetas, clientes e cuidados com a estrangeiria, já que ela era o corpo que estava à mostra no mercado do sexo do exterior. Por isso, sua revolta por todo o conhecimento adquirido, ao verificar que esse conhecimento escolar não lhe serve na avenida, principalmente na Europa.

Empresária do mercado erótico e pornô, Ellen não queria mudar de atividade nem voltar à Europa, que lhe trazia más recordações. Mas, acabou por retornar mais uma vez. Ela se ressentia por não ter dado certo em primeira ida àquele continente e se sentia segura, como sócia, no mundo de trabalhadoras do erótico e do pornô no Recife, quando vendia fantasias, concretas, no seu sex-shop e a possibilidade de segurança de seus clientes que pedem sigilo, pelo fato de serem assíduos de seu empreendimento.

A partir das conversas com Ellen e Aleika, como também com Vívian, Eline e Cris Couto, posso constatar que não é o espaço da prostituição o principal, nem *“um dos principais lugares sociais de construção e aprendizado do feminino para as travestis”* (BENEDETTI, 2005: 114). Ele tem a sua importância, e isso não se pode negar, mas nas histórias de vida, destacadas neste capítulo especificamente, o aprendizado com os pares e a aproximação com o feminino beira ao desejo de ser igual, pelo menos no comportamento e na aparência, o que discrimina negativamente continuar insistindo num ethos masculino designado com a determinação do gênero, ao nascer, e a socialização familiar da pessoa. Ser travesti é mais do que ser profissional do sexo.

Creio que o “pânico” que Ellen afirmava ter da atividade prostitucional me aproxima do conceito que Wacquant desenvolve em “Corpo e Alma”, quando afirma ser o corpo do pugilista *“seu instrumento de trabalho – arma de ataque e escudo de defesa – e o alvo do adversário”* (2002: 148). Este último mais temido pelas trans, que tentam se proteger da violência urbana e dos estigmas da atividade que exercem, seja no Recife ou em qualquer cidade do mundo.

Ser alvo do adversário pode significar receber, ao mesmo tempo prazer e dor (FIGUEIREDO, 2008) no corpo, que pode ser *“carimbado”*<sup>109</sup> e elogiado, expressão de um sentido

---

109 Posso utilizar esta palavra em dois sentidos. Um deles é a emblematização do feminino no corpo da travesti, como forma de erotismo e de conquistas de parceiros, ou parceiras, como enfatiza Ellen. Uma outra concepção diz respeito a contrair o vírus HIV, que é denominado ser *carimbado*, principalmente quando elas afirmam que alguém voltou da Europa carimbado, ou seja, com o vírus no corpo. Ao mesmo tempo que une os dois emblemas, européia e Aids, bem e mal, vitória e derrota, signos de classe, status e poder.

prático transgenérico, um *habitus* adquirido através de um comportamento de viagem, mas não apenas de viagem e, sim, de circulação e de prática de trabalho prostitucional que as põe em risco, pelo fato de estarem distintas, negativamente, de tanta gente que faz percursos similares e não se expõe tanto, gerando em algumas delas um medo intenso da atividade longe de casa.

Assim como os pugilistas de Wacquant (2000), Ellen e Aleika são

(...) extremamente conscientes quanto ao fato de ter entrado em um universo de exploração desenfreada em que a mentira, a manipulação, o ocultamento dos fatos e os maus tratos são a regra, e em que os danos ao corpo e o dismantelo da vida pessoal são consequência normais do ofício (2000: 128).

Assim, fica claro que a prostituição é um dos “ídiomas” de exploração corporal levantados por Wacquant:

Do mesmo modo que a prostituta oferece nas ruas, por dinheiro, a capacidade de performance sexual de seu corpo feminino, o lutador vende a varejo a capacidade, resultante de treinamento, que tem o seu corpo masculino de causar e suportar abusos físicos entre as cordas do ringue. Os empresários e patrocinadores, por sua vez, ficam do lado de fora e colhem o grosso do dinheiro gerado por esse comércio e carne masculina (2000: 129).

A consequência da exploração está eivada na idéia de prostituição vinculada com o mal, uma “*doença na sociedade*” (ENGEL, 2004). Desta forma, utilizo aqui o pensamento de Fraser (2003), quando afirma que a “*injustiça econômica está ligada a injustiça cultural*” (In: MATTOS, 2006: 146) e vice-versa. E isto fica bem claro no trabalho exaustivo das travestis fora do país. O que muitas vezes ocorre em situações de vulnerabilidade em que se encontram, mesmo estando em suas cidades, trabalhando no mercado do sexo, em que a exploração e a marginalização do trabalho, assim como a privação de determinados direitos – o direito de freqüentar escola por exemplo –, se estabelece como regra para que possam realizar determinadas inserções no mercado de trabalho.

Desta forma, além de injustiça cultural, as travestis sofrem uma injustiça econômica por

se diferenciarem de garotos de programa, masculinizados, e de mulheres profissionais do sexo, feminilizadas, o que gera uma marca de preconceito e violência de gênero.

Pensar em injustiça cultural e econômica envolve também os princípios de diferença vinculados ao valorar as interlocutoras enquanto migrantes e profissionais do sexo. Por serem diferentes, embora com similaridades fortes com o masculino e o feminino, possuem desvantagens, pela ambigüidade cravada no gênero, representado pelo comportamento no corpo e pelo corpo. Por serem diferentes de outros migrantes na Espanha, sofrem por não conseguirem representação nos coletivos e no acesso à leis daquele país. Por isso, têm menor chance de conseguirem outro trabalho que não seja nas ruas e pisos.

Pensar em reconhecimento é importante aqui para entender as travestis brasileiras e o movimento entre nações. Honneth (2003), analisando Hegel, afirma que o reconhecimento deve ser também intersubjetivo, enquanto “*condição para o desenvolvimento de uma identidade positiva necessária para a participação na esfera pública*”. Ou seja, ligado à auto-realização individual.

As travestis intersubjetivamente reconhecem-se enquanto pessoas que quebram determinadas categorias de gênero, mas isso não exclui o processo de interação que desenvolvem com os seus pares envolvidos na cadeia de redes de relacionamento que sustentam seu modo de vida, seja no trabalho fora do país ou mesmo aqui, quando lutam por sobrevivência.

Esse processo de interação é quase uma obrigatoriedade para que se mantenham circulando entre países, assim como evidentes nos palcos de seu lugar, o que define o reconhecimento da pessoa trans. Quem não acessa os meios desta interação, as pessoas que interligam as redes, não consegue estar em evidência, seja em pisos na Espanha, seja em casas de shows no Brasil, na mídia, em concursos ou mesmo na rua, fazendo trottoir.

Esse reconhecimento intersubjetivo, analisado por Honneth (2003), pode se encaixar no desenvolvimento da identificação enquanto trans, mas vejo como não excludente da categoria de reconhecimento analisada por Fraser (2003). Pois a busca de reconhecimento social pela qual as travestis vêm lutando, quando se trata de mercado de trabalho estigmatizado, acredito estar em

íntima ligação com a luta por justiça social de reconhecimento de sua condição de gênero e de seres humanos que são e que sofrem com “*práticas discriminatórias institucionalizadas*” (MATTOS, 2006: 150. op.cit Fraser & Honneth p. 29) por se dedicarem ao mercado do sexo.

### 6.3 PROSTITUIÇÃO COMO FORMA DE ESTAR NA VIDA DO OUTRO

Uma segunda noção de prostituição vem da idéia da atividade destacada por Eline, quando relata o porquê de gostar do que faz, não apenas como complemento financeiro a seus trabalhos nos hospitais do Recife:

...só que é assim: eu tenho uma visão da prostituição diferente da que a grande maioria tem. Juro, eu vou te dizer aqui, como eu digo aos homens e talvez eles não acreditem, porque acham que é marketing, que eu tô querendo ser a boazinha, tô querendo me divulgar, tô querendo...puxar ele como cliente, mas eu juro, juro que não é. Vê a visão que eu tenho da prostituição...Essa necessidade de importância que eu tenho pro meu paciente, que é meu paciente me vê, gostar de que eu fure, “a dessa doutora aqui eu gosto! não sei que...Essa doutora só fura uma vez. Essa doutora aqui não machuca. Eita, nem furou! Isso eu saio tão feliz, tão feliz! e eu escuto isso com frequência dos próprios médicos. “Não, Eline só contigo mesmo, porque só tu desenrola essa bronca. Então isso pra mim é gostoso escutar isso. Tá entendendo? Na verdade isso é importante, pra mim fazer prostituição é muito mais que dar prazer sexual é você entrar na história de alguém, passar a ser importante na historia de alguém, no lado zen da coisa, por exemplo, um cara que é executivo, que tem mil problemas administrativos, que deve, não sei que, não sei que, ai encontra uma Eline que vai dar carinho, que vai querer escutar o problema se ele quiser dizer, que eu escuto, que vai até opinar se ele permitir, porque eu tenho condição de fazer isso, é minha opinião é, mas é uma opinião, e que vai assim até sugerir assim. Conclusão: Eu gosto quando o cara vai embora e diz *Pô que travesti legal, gostei de ficar com ele!* Que eu tenha sido daquela fatia da vida dele a boa, uma das coisas boas (...) Então a visão que eu tenho da prostituição é essa, é você ser a fatia boa, é o lazer, é você pagar pra ficar com alguém, por exemplo, eu tenho o maior respeito pelo cara que pára o carro, e pergunta o meu preço, que eu digo o meu preço, que ele às vezes não contesta e diz Entre! e quando vai pro Motel trata com carinho, com respeito também. Eu não tenho jamais coragem de quando esse cara vier eu tomar a chave do carro e dizer Oh! você me deu 50, agora eu quero 100! você vai me dar 100! não sei que, e quando o cara abrir pra dar os 100, e você tomar a carteira e me dar tudo...porque sabe que vai ficar impune. [sic] (Eline)

Nesta vertente, a percepção de Eline de poder estar na vida do outro, participar como uma fatia importante que merece ser lembrada e novamente apreciada, e ainda poder pensar-se como podendo ter um momento de reconhecimento pela atividade que exerce, no hospital, dá a esta interlocutora uma distinção diferenciada das demais, que ela mesma aponta no final de sua fala, e eu não preciso repetir novamente o porquê das diferenças.

Esta distinção foi construída por ela como uma “*preferência estreitamente associada ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo)*” (BOURDIEU, 2007: 09), o que ela não conseguiria se esperasse algo de sua origem social<sup>110</sup>.

Eline pensa prostituição como lazer, como estar com alguém e por estar com esta pessoa poder ganhar um dinheiro extra com a relação, e com isso ainda trocar experiências positivas e repetí-las de forma respeitosa, criticando a postura de algumas travestis que desclassificam a atividade, o que faz com que algumas delas acabem por desenvolver o pânico até da identidade própria, como já relatado em capítulo anterior.

Lembro da defesa da prostituição e das prostitutas na sociedade do Brasil Colonial, em prol de uma moral que resguardava e valorizava as outras mulheres (as puras e casadoiras) da sexualidade transgressora e violenta – direcionada para o/a outro/a. Discurso veiculado pela própria Igreja Católica, como afirma Del Priori (2000).

O que me parece estar em embate aqui é o que se passa na cabeça das travestis acerca da prostituição e todo o pânico moral a que a palavra e a atividade remetem, todo um preconceito social que sofre quem assume exercer esta atividade, toda uma carga de conceitos e explicações para justificar o *status* adquirido depois de todo um trabalho de construção de imagem de empresária, como é o caso de Ellen, mas que na Europa “*fez pista*”<sup>111</sup> e não consegue se desvencilhar de um passado recente de frustrações, até então mal resolvidas.

Eline conseguiu ultrapassar a barreira que dividia a profissional do sexo da profissional

---

110 Pois, como tantas outras travestis, além de seu sustento próprio, ainda contribui com a família com ajudas substanciais. O que vem comprometendo seu salário e aumentando seus plantões. Uma das grandes ajudas financeiras para a família é a construção da casa da mãe, o que muitas travestis têm como objetivo de vida ao irem para Europa – cito em outro capítulo o caso de Érica e Vivian.

111 Mais um dos termos êmicos para falar de trottoir.

enfermeira e ser uma pessoa só, enquanto travesti. Ela se distingue das demais, mantendo-se como profissional do sexo nas ruas de Olinda, e em seus plantões atende as colegas vítimas de violência sofrida na própria avenida, onde também *batalha* nas horas vagas. Atendendo também, na avenida, muitos das pessoas que circulam pelos hospitais, agora como clientes.

O fato desta interlocutora ter podido estudar, fazer concursos, ter sido aprovada e modificado seu corpo após a realização profissional conferiu-lhe um equilíbrio financeiro e tornou-a diferente em relação às demais, o que gera comentários maldosos sobre não mais precisar fazer programa; seus pares não compreendem o fato de Eline continuar na prostituição, ter um emprego fixo e ainda estar nas avenidas. Esta visão constitui um bom contraponto frente à noção estigmatizada de prostituição como atividade que deve ser rechaçada pela maioria da sociedade.

São duas visões diferentes, a de Aleika e a de Eline. Perspectivas que se unem à configuração de prostituição como trabalho, porque a definição de Eline não exclui o fato dela ganhar dinheiro com o que realiza nas ruas de Olinda, nas noites de folga dos hospitais em que é enfermeira.

Uma similaridade entre as duas: ambas se dedicam a mais de uma atividade.

Embora com formação no setor de beleza, Aleika é miss e assim se identifica procurando manter uma imagem diferenciada de muitas outras no Recife. Realizou cursos de Línguas, aulas de Postura, curso de Cabeleireiro e Maquiagem para aprimorar sua performance nas passarelas do mundo, já que não se dedica a cuidar da beleza de outras pessoas como forma de ganhar dinheiro.

Atividades que as duas colocam em grau de importância diferenciado, enquanto a prostituição é uma obrigação para Aleika, já que a sustenta, mas não o que faz com gosto, como é afirmado por Eline, como uma possibilidade de estar na vida de alguém. Poder que a prostituição tem de proporcionar contato entre pessoas diferentes, de fazer unir culturas diferentes através da união de corpos em troca de dinheiro e atos sexuais.

Aleika entende como hobby a participação em concursos de beleza:

Sempre adorei participar destes concursos por todo o Brasil, para mim é como um hobby! Adoro e vejo estes eventos de maneira muito positiva, pois mostram a beleza da gente como realmente deveria ser mostrado para a sociedade. Aqui no Brasil já fui eleita Miss Pernambuco Gay em 1988, Miss Norte e Nordeste em 1999, fiquei entre as 5 finalistas em 1999 no Miss Brasil Gay em Juiz de Fora-MG, mas o grande êxito veio mesmo quando venci o famoso concurso "Miss Brasil Transex em 2002, disputando com as mais diversas transex do país, onde representei meu estado Pernambuco e fiquei super feliz com a grande vitória. Acho que sempre deveríamos ser mostradas assim e não como pessoas vulgares e sem nenhum escrúpulo, como vem sendo mostrado nos mais diversos sites e blogs pelo Brasil e exterior, acho uma grande pena que muitas das nossas t-gatas tenham que se expor tanto e por tão pouco para poderem se sustentar do seu próprio corpo. É evidente que eu também tenho clientes, mas de maneira mais discreta e procurando sempre ser mais sensual e sexy nas minhas fotos para os mais diversos sites, mas tudo de maneira equilibrada, sem vulgarização, sem distorções e sem deixar esta imagem de submundo. [sic] (Aleika. In: casadamaite.com.br)

São imagens diferentes que mostram pessoas que habitam o mundo das travestis no Recife. Imagens de identificações diferenciadas dentro de um fenômeno global e super atual que é a travestilidade. Representações que lutam por construir um mundo que não discrimine a atividade que exercem, ou por falta de outra mais lucrativa, ou mesmo por desejo de ser vista e desejada, além de participar da vida das pessoas.

Aleika e Eline fazem parte de um mundo igual, das travestis do Recife que deram certo, por terem se destacado por algo que realizaram na vida, Aleika pelos concursos de que participou e obteve títulos, e Eline por ter feito concurso para dois empregos públicos, o que é quase impossível em termos de cidade, estado e região, quando se trata de travestis e também pela sua origem humilde. Ou seja, além de enfrentar a discriminação por ser nordestina, de pele escura, conseguiu estudar, ser aprovada em seleções públicas e ser competente, ao ponto do bom conceito conquistado no emprego, o que a distingue das demais que não tiveram oportunidade de concluir a escolaridade necessária para isso.

Aleika se destaca pela combinação de beleza e desenvoltura nas passarelas do mundo todo, ao mesmo tempo pela sua dedicação em manter-se em contato com pessoas bem relacionadas e ligadas a concursos de beleza e eventos que lhe dão destaque, como revistas e jornais em que ela







Vívian representando sua coroação. Foto realizada na Espanha, 2006, após seus títulos.

Títulos: Miss Simpatia Gay Ceará 96, Rosa (noiva) de Maio Ceará 96, Musa Gay Maracanaú 98, Top Model Gay Fortaleza 98, Garota Copa do Mundo Gay Maracanaú 98, Miss Gay Itapebussu 99, Miss Gay Maracanaú 99, Rainha Gay do Carnaval de Maracanaú 2004.

Premiações: 3. lugar como melhor transformista conj. José Walter/Fortaleza 94, 2. lugar como melhor transformista de Fortaleza 95, trófeu os 5 melhores do estado no festival de atores transformistas do Ceará (FATCE) 96, Oscar Ceará 98 como o primeiro "travesti" colunista do Ceará e Oscar GLS Maracanaú VALOOK BAR 99 como o Melhor Transformista de Maracanaú. [sic]

Além da coroação de Vívian como garota, musa e miss, outros títulos e premiações foram recebidas por ela, desde sua fase gay, como enfatiza, já que neste momento ainda não possuía as modificações corporais necessárias para se afirmar enquanto travesti, ou trans como atualmente, até o reconhecimento como profissional da comunicação:

V: Antigamente eu trabalhei como colunista de jornal da minha cidade, radialista, já fiz show nos eventos da prefeitura... Mas, jornalista a gente fala assim, trabalhei no jornal da minha cidade, eu não sou jornalista, eu não sou formada, eu tinha uma coluna no jornal que falava da beleza masculina, da beleza feminina, da beleza gay. Trabalhava no programa de rádio da minha cidade também.

C: Já como travesti?

V: Como travesti. E fazia shows na frente da prefeitura em praça pública, que eu fui o primeiro travesti da minha cidade a participar do Cultura em Movimento, do Departamento de Cultura. Já fui Miss Gay da minha cidade. Todo aquele glamour que eu tive na cidade, ganhei como Rainha Gay da minha cidade, fui coroada em praça pública pelo prefeito entendeu? Aí fazia shows, eventos sociais, por exemplo, concurso de mulher, concurso de homem, concurso disso e concurso daquilo, sempre me chamavam para os buffets pra mim fazer os shows entendeu? Porque o pessoal ia muito pelo show. Aí tinha toda aquelas famílias assistindo as filhas concorrendo e ao mesmo tempo assistia o show entendeu? Aí, agora, antes de eu virar travesti eu trabalhei numa companhia de alimentos, numa granja, e trabalhei um mês como cobrador de ônibus, onibus intermunicipal, Fortaleza - interior, entendeu?

C: Entao você começou a trabalhar cedo?

V: Foi. **E estudei né?** Estudei o segundo grau e depois participei do movimento estudantil quando era rapazinho, em meu colégio fui o presidente e fundador do Primeiro Grêmio. E quando eu era meninozinho eu já fazia parte do movimento estudantil do município entendeu? É assim. Até queriam que eu fizesse carreira política mas não era isso não. Eu tava fazendo isso porque era até um incentivo pra eu tá estudando, aquelas coisas entendeu?

Vívian é uma das trans que se tornaram famosas com a atividade que exerceu e que garantiu sua visibilidade através do humor, tão característico das pessoas do Ceará, como ela mesma afirma. Nestes eventos, estar perto e sendo amiga dos políticos locais foi uma estratégia de busca de reconhecimento perante a própria família de origem, que valorizou sua trajetória e reconheceu sua fama, como relatada a seguir:

...eu comecei a trabalhar no jornal, que eles eram muito meus amigos, aí me deu uma coluna e sempre ía me pegar no carro lá em casa pra ir levar pra os eventos da prefeitura, pra fazer cobertura. As vezes pra ir passear mesmo no final de semana, pra ir pro Açude me levava, que eu era, sempre fui palhaça, era a alegria da turma. Aí meu pai viu que o dono do jornal ia me pegar e me levar e então ele já foi ficando mais tranquilo porque eu acho que o medo do pai é o preconceito que o filho sofre. Primeiro porque o pessoal falar de mim pra ele pra pagar a língua dele. Não sei o quê! Teu filho viado! Ah, ah, não sei o quê!. Segundo, é o preconceito das pessoas me jogar pedra, me mandar matar, acho que é essas coisas que o pai tem medo né? Aí quando ele viu que o dono do jornal sempre ia me buscar então pra ele já relaxou, então o dono do jornal já ia me buscar entendeu? e também assim na sociedade eu tava muito bem aceita entendeu? então ele ficou desencucado. [sic]  
(Vivian)

Assim como Eline, Vivian iniciou sua carreira de sucesso através de trabalhos que não estavam ligados à prostituição, e nem inicialmente ao corpo. Ambas utilizaram habilidades próprias. Estudaram, terminaram o Ensino Médio<sup>112</sup> e iniciaram suas carreiras de forma a mostrar que as habilidades poderiam se transformar em trabalhos reconhecidos socialmente. Eline, através da prestação de concursos e Vivian no setor de Comunicação, em que se apoiou no que ela tem de melhor, habilidades na escrita e na oratória que, juntamente com conhecimentos políticos na cidade onde vive sua família, a ajudaram a conseguir um espaço em eventos de apresentação artística e colunas em jornal de Maracanaú, no Ceará, o que lhe proporciona distinção perante muitas travestis, ao ponto dela poder ter sua foto em outdoor disposta em local estratégico:



1º Outdoor de lançamento da II Parada Gay de Maracanaú 2007.

Tanto Vivian como Eline obtiveram reconhecimento de suas competências através da aprendizagem adquirida, enquanto “capital cultural adquirido”, na prática escolar institucional que as fizeram adiar muitos de seus sonhos mais imediatos. Mais uma vez Vivian comenta:

V: Não porque não era assumido, não era gay assumido. ninguém sabia que eu era gay, nem eu mesmo sabia direito. Agora no começo sim, no começo sim porque quando a gente tá virando a gente tá aquela coisa bizarra, nem uma coisa nem a outra aí sim. **Mas isso quando eu fui virar travesti eu já tinha terminado meus estudos né?** Porque assim quando você lembra uma mulher e bonita eles não tem tanto preconceito, mas também depende de seu comportamento, se você andar bem vestido, ser uma pessoa sociável, eles lhe admiram por você ser um homem e parecer uma bela mulher. Agora quando você é da

112 Antigo Segundo Grau.

bagaceira. Se você for o Incrível Huck e querer ser a Mulher Maravilha, aquela coisa assim que nao combina, eles já têm preconceito entendeu? e diz assim Ó aí, viado feio! Essas coisas. Ou então aquelas bichinhas assim de short beira-de-cú, de topzinho, sabe, de chinela. O pessoal vai ter preconceito porque aquilo ali é como se fosse um, assim, uma pessoa de família vai repugnar aquilo. [sic]

Este sucesso se define muito bem através das imagens que elas disponibilizam na internet, como as aqui retratadas.

### 6.5 CONCURSOS DE MISSES: O CASO DO MIQ<sup>113</sup> 2007.

O objetivo deste ítem é apresentar o MIQ 2007. Para isso, utilizo dados obtidos numa das entrevistas realizadas com Aleika, assim como veiculados pela TV tailandesa, que transmitiu o evento ao vivo para os telespectadores que não puderam ir à casa de shows Tiffany's<sup>114</sup>, na cidade de Pattaya.

Para participar de um Concurso de Miss é preciso primeiro querer participar, mas, em segundo lugar, o querer participar fica condicionado ao perfil estipulado para tal, porque se você não tem as medidas designadas pelo padrão determinado do Concurso não é possível nem realizar a pré-inscrição.

As medidas aqui não têm a ver necessariamente com medidas corporais perfeitas, como em um concurso de beleza tradicional, em que 90-60-90<sup>115</sup> são ainda o *máximo*<sup>116</sup> para uma garota. Claro que não é interessante ser gorda, porque senão a desclassificação é imediata, mas é possível ver medidas nada convencionais ao assistir o vídeo disponível, em que as *trans* podem manter suas barriguinhas pouco sequinhas, como demonstrou a candidata Sofia Montana, do México, ou mesmo

113 Miss International Queen. Que ocorre na Tailândia.

114 O Tiffany's é uma casa de shows onde 90% dos funcionários são travestis, além das apresentações de transexuais e travestis do mundo todo. Segundo seu próprio site, está na lista das dez melhores casas de shows do mundo. Apenas perde para o Molin Rouge de Paris, em primeiro lugar, Siegfried & Roy e Mistery de Las Vegas, segundo e terceiro lugares, respectivamente. Mas, na Tailândia, é a maior casa de shows, principalmente quando se refere a shows de travestis, comparada apenas ao Molin Rouge, segundo Aleika.

115 Medidas respectivas para busto, cintura e quadris.

116 Em termos de medidas máximas, não podendo ir além destas.

a Jazmine International, de Porto Rico.

As inscrições foram realizadas via internet. A informação sobre a existência do concurso veio através de duas amigas, contatos importantes nas coisas que elas realizam na Europa. O aviso antecipado do concurso contribuiu para que ela se programasse um ano antes, principalmente na questão de angariar ajuda para financiar as etapas do evento.

O gastos se iniciam com a taxa de inscrição (no valor de duzentos dólares); passagens aéreas e terrestres; traje típico, roupas de gala (duas), roupas de uso diurno (várias), cabelo, maquiagem e maquiador (que foi possível dividir com as misses Suíça e Itália<sup>117</sup>), sapatos, jóias adequadas para cada tipo de roupa, sandálias para cada dia/noite, tipo de evento e local; roupas para apresentação artística, etc.

Na apresentação veiculada pela TV da Tailândia, se percebe que apenas as roupas de banho deveriam ser vermelhas, não interferindo o modelo de tal vestimenta segundo determinada candidata. Algumas roupas de dia me pareceram peças padronizadas, pois eram da mesma cor: blusas verdes com calças brancas, creio que para combinar com a temática do evento diurno, combinando com a preocupação da cidade de Pattaya, assim como do país, está na pauta da vez mundial, a Preservação Ambiental.

Uma semana antes, as 24 candidatas<sup>118</sup> passaram por uma maratona de provas: ensaios de passarela, idas a bosques, parques temáticos, zoológicos, parques ambientais, praias, zonas de preservação e áreas onde o desmatamento está mais a céu aberto foram visitadas pela equipe de candidatas, para passeio e filmagem, o que não foi liberado ainda em vídeo para as trans que

---

117 Foram de grande valia, para Aleika seus conhecimentos de maquiagem do curso que fez no Senac, pois, enquanto Jô estava maquiando as outras candidatas, suas colegas, ela dava um jeito em si mesma, com o que já sabia, o que lhe garantiu uma boa apresentação no evento, mesmo tendo que dividir seu maquiador e cabeleireiro com as duas outras.

118 Bruna Cabral – Suíça, 20. Camila Prynys – Suíça, 28. Natasha Lim – Malasia, 30. Raim Marie – Filipinas, 24. Melania Armenta – Colômbia, 25. Perla Quigaman – Filipinas, 34. Sofia Montana – México, 20. Gresia Rivas – Venezuela, 36. Ruby Bella Cruz – Costa Rica, 27. Francine Garcia – Filipinas, 20. Akanchya Moktan – Nepal, 21. Ai-Haruna – Japão, 30. Tanyarat Jirapatpakon – Tailândia, 21. Anjali Lama – Nepal, 23. Bhumika – Nepal, 19. Aleika Barros – Brasil, 28. Chanel Madrigal – Filipinas, 28. Shima Shyna – Japão, 26. Joana Ingrid – Filipinas, 24. Ireen Sue – Alemanha, 31. Melanie Robles – UK Reino Unido, 26. Patrícia Binotto – Itália, 30. Jazmine International – Porto Rico, 28. Beni Tsukishima – Japão, 32.

ficaram nos três primeiros lugares, por isso não possível de ser analisado aqui.

Durante a semana em que ocorreu o evento, passeios e palestras sobre crimes ambientais foram constantes, mas principalmente ensaios, ou seja, “*treinos*” para saber como se sairiam as candidatas em seus discursos sobre a preservação da natureza. Segundo Aleika, o objetivo era testar o intelecto delas, porque o “*intelecto ajuda muito para participar*”, o que se nota um pouco no vídeo veiculado pela televisão. Que, segundo a interlocutora, teve grande repercussão nacional.

No caso do MIQ 2007<sup>119</sup>, o padrão é ser trans, independente de ter realizado a cirurgia de reassignação sexual, ou seja, a transgenitalização. Nesta versão de 2007 não houve limite de quantidade de inscrições por país, o que poderia ter dado maiores chances às misses das Filipinas, que enviou cinco candidatas, Japão, que enviou três, e Nepal, também três. Suíça enviou duas, embora fossem nascidas no Brasil, mesmo que comprovadamente detentoras de nacionalidade suíça<sup>120</sup>.

O show de apresentação noturna do MIQ 2007 se iniciou com uma apresentação artística da Miss México, ganhadora do título de 2006, figura já contratada da casa. Os apresentadores eram um casal, em que a moça fora a miss do ano anterior. As línguas faladas foram o tailandês e o inglês, segunda língua do país. Uma tela por trás dos apresentadores mostrava os patrocinadores oficiais do evento. As candidatas foram chamadas em seus trajes típicos, mas nem todas foram ao palco, por causa da quantidade díspar entre candidatas e países. Logo após a apresentação das candidatas em trajes típicos foi apresentado o Corpo do Júri.

O traje típico de Aleika caracteriza muito bem a variedade encontrada na natureza do Brasil. Mostra-se, parafraseando Pequeño (2004), como “*folklórica*”, em tudo é aplique.

---

119 Escolho informar sobre este determinado concurso porque foi o único de que obtive informações exatas.

120 O que ocorreu também com a candidata da Itália, de nacionalidade brasileira.



Aleika no MIQ 2007  
Traje Típico

Em homenagem à floresta amazônica, a beleza pernambucana tem em seu vestido borboletas, tigres, sapos, cobras, rosas, flores, folhagens numa base verde, copiada de um modelito da Miss Rio Grande do Sul que representou o Brasil em um dos concursos de Miss Universo.

Em outros blocos, as candidatas apresentaram-se uma a uma, como de costume, aparecendo na tela um quadro no qual estavam colocados seu número, idades, e medidas. Tudo em inglês.

Da mesma forma como em um concurso de garotas e rapazes, o MIQ elege Miss Simpatia<sup>121</sup>, Miss Fotogenia<sup>122</sup>, Melhor Vestido de Noite<sup>123</sup>, Melhor Traje Típico<sup>124</sup>, Miss Voto Popular<sup>125</sup>, Melhor Talento em Show<sup>126</sup>, em concursos realizados na semana do evento e não na noite de gala em que se escolhe as misses propriamente ditas para todo o mundo. Desta forma, as Filipinas saíram ganhando com suas cinco candidatas.

Os shows de todas as concorrentes só pôde ser visto por quem teve acesso via internet ou estava na Tailândia e no Tiffany's nos dias e no momento do evento. Uma ressalva: para se ter acesso à casa de shows na noite final do evento foi preciso desembolsar entre trinta e quarenta dólares (US\$30 ou US\$40) , sem contar com as apresentações das mesmas candidatas em noites anteriores, que valeram pontuação no concurso. Realmente, um negócio muito lucrativo. No evento

121 Ireen Sue – Alemanha.

122 Melania Armenta – Colômbia.

123 Chanel Madrigal – Filipinas.

124 Tsukishima – Japão.

125 Rain Marie – Filipinas.

126 Gresia Rivas – Venezuela.

de Madrid, o valor da entrada foi de vinte e cinco euros (€25) por pessoa, valendo apenas para uma noite. Como o da capital da Espanha é um evento iniciante, creio que o da Tailândia cobrou um valor bem superior àquele, até pelo fato de ter mais patrocinadores de peso.

Vale salientar que o evento da Tailândia é todo financiado pela iniciativa privada (internacional, nacional e local<sup>127</sup>). Assim, trata-se de um “*estratégia de marketing de empresas que as promovem*” (SANT'ANNA, s/d: 03). O que, conseqüentemente, gera publicidade. Primeiro, através da mídia internacional, que disponibiliza na internet as imagens, as votações online e os eventos preparatórios para a noite de gala. Depois, através da divulgação que as próprias candidatas fazem em seus países e nos países em que circulam, a maioria pela Europa.



Brasileiras misses no MIQ 2007

As brasileiras que estavam lá, representando a Suíça, a Itália e o Brasil são as chamadas *européias*: trans brasileiras que circulam pela Europa para trabalhar e, por tanto que permanecem por lá que conseguem, depois de algum tempo, visto permanente. Não sei se este é o intuito de Aleika, mas, foi assim com Bruna Cabral (Suíça), Camila Prynys (Suíça) e Patrícia Binotto (Itália).

O evento se prolonga por mais uma semana, para a realização de atividades que as três primeiro colocadas devem cumprir, como ir a cada patrocinador agradecer formalmente, para encontrar-se com a imprensa divulgadora do evento, e com outros canais de divulgação, conceder entrevistas. Pois, como todos os outros concursos de misses no mundo todo, gera dividendos para o país.

Fazer parte do mundo das misses é ponto para o curriculum. Com isso, se adquire mais distinção. Outras oportunidades aparecem para as candidatas: seja para atuar em filmes eróticos<sup>128</sup>;

127 Dentre elas, Coca-Cola, Sistema de Correios de Tailândia, Caring Heart Aids Foundation, Indústrias de Cosméticos local, USA Pagent, Host of Morning T., LG., dentre outras.

128 O filme “Me Chama Que Eu Vou”, conta com a participação de Myriane Ribeiro, miss Bahia Gay, miss São Paulo Transex e Miss Brasil Transex em 2005, evento este de que Aleika fez parte do Corpo de Jurados. E Monik Lorrán,



participar do corpo de jurados em outros concursos, como tem feito Aleika desde 2002; ou mesmo para introduzir-se em universos antes pouco acessados pelas trans brasileiras, como a internet, território rico para análise da travestilidade atual, e território de passagem para um outro universo de acesso a clientes e pares.

Fazer parte do mundo de misses é uma maneira de construir a identificação de si enquanto trans, e também enquanto brasileira, principalmente porque as que têm como referência a condição de miss participam de forma diferenciada do mundo do espetáculo e do glamour, ficam bem mais visíveis em revistas, filmes e eventos nacionais e internacionais de travestis.

Para Pequeno (2004), o corpo da miss se converte, no concurso, no ícone simbólico da identidade nacional. Neste sentido, o fato de haver uma super valorização, no caso do MIQ 2007, às candidatas brasileiras, assim como de outras nações, embora não representando outros lugares além do seu, parece indicar que estamos vivenciando uma perpetuação da imagem de nação sexualizada. Mas, esta visão só é possível porque, ao analisar o fato, estou sabendo de antemão que as candidatas da Itália e Suíça são brasileiras; mesmo que o pessoal da organização saiba que elas nasceram no Brasil, a platéia e os jurados podem não ter acesso a essa informação, se a obtivera, não se deixaram influenciar pela super representação brasileira.

O que une as brasileiras, embora não concorrendo como candidatas de um só país, não é apenas a nacionalidade. Uma pessoa em comum estabeleceu o contato para que elas participassem participar do MIQ 2007. Assim como, para as que circulam pela Europa, o elo que as une está bem definido por algumas pessoas em comum. Aleika levou do Recife seu cabeleireiro e maquiador, e dividiu o trabalho realizado e os valores gastos com ele com uma das misses Suíça e Itália, estratégia esta que as fez economizar dinheiro, assim como permanecerem solidárias umas com as outras.

Estar participando de concursos de misses proporciona a Aleika e a Cris Couto,

---

miss Piauí Gay e Miss Norte/Nordeste Transex 2005. Das interlocutoras citadas neste capítulo, nenhuma tem participação em produções cinematográficas deste porte.

analisada mais à frente, ultrapassar uma etapa de *status*, e se alçar a outro nível que distingue estas travestis de outras brasileiras que circulam pela Europa, e principalmente das que não conseguem ter distinção, seja de que maneira for.

Poder participar de eventos como representante da *beleza nacional* [grifo meu], como é o caso de Aleika, e por isso ser respeitada, ou mesmo discriminada, entre as demais, pela referência de europeidade, é ganhar reconhecimento de classe, ser distinta. É trazer para casa, seja aquele apartamento que divide com a mãe e o irmão ou mesmo as páginas de jornal que expõem sua beleza trans brasileira, o troféu como “*objeto enclasante*” (BOURDIEU, 1988:13).

O troféu obtido por Aleika fica em local estratégico de sua casa: a mesinha da sala, onde todos, ao entrar, descobrem o que a diferencia das demais, mesmo que seja a mesma sala, os mesmos móveis, a mesma televisão, mas não o mesmo vídeo exibido, nem o mesmo bibelô enfeitando a mesinha.



Reportagem Aleika Folha de Pernambuco

O troféu de Aleika pode ser comparado a uma obra de arte, principalmente quando se percebe o lugar que ele ocupa em sua casa. Obra de arte, porque adquiriu um potencial corporal pelo título de beleza internacional em que ela competiu e representou o nome de uma nação – o

Brasil.

Obra de arte, porque foi produto de um empenho, mesmo não pensado pelo autor da obra, mas incorporado pela candidata que, mesmo em segundo lugar no concurso, dispõe a representação de sua vitória em destaque para a admiração de todos.

Participar destes eventos proporciona, ainda, poder cobrar um valor maior do que as demais *trans* quando na atividade de profissional do sexo, ou seja, o mais novo título aumentou o seu valor como profissional. É uma forma de ser reconhecida pelo trabalho que realiza, pelo tempo de dedicação, a construção e manutenção do corpo, assim como o controle de uma imagem que é pública.

(...) o pessoal de São Paulo souberam que eu ia aí ninguém quis mais participar, foi uma confusão. Ah, se ela vier eu não participo, se ela vier eu não participo que não vale a pena! Que ela já é muito feminina e ela vai ganhar, e quem vai ganhar. Aí a menina falou assim pra mim Então é melhor você não vim porque aqui em São Paulo dá muita confusão quando uma ganha, porque já tá assim mais ou menos sabendo quem é a pessoa. E o concurso de gay é um concurso que é um rapaz, é diferente de concurso de travesti, é um rapaz que se monta, que coloca peruca, que coloca cílio, e até por essa questão que eu já era tão feminina que eu não fiquei em primeiro lugar, eu fiquei entre as cinco, mas não consegui atingir o primeiro lugar. Então a pessoa me indicou: Não, você vem, e vem já pro Miss Brasil Transex. Eu não tinha seio de prótese, eu tinha seio de hormônio, fui e ganhei. E fiquei feliz porque era uma coisa que eu sempre buscava desde muito tempo atrás né? Fazia show em boate, Foi construtivo, não foi nada assim, era uma coisa que eu gostava, foi construtivo por essa parte né? Na parte assim do reconhecimento das pessoas, em eu chegar em um local e as pessoas dizer: Ah, é aquela que foi miss Brasil Transex, e aquela que foi... Então isso é bom pro ego da gente entendeu? É o que eu buscava desde muito tempo, eu já vinha lutando, eu já ganhei vários concursos daqui e ganhar um concurso de nível nacional foi uma coisa interessante por essa parte, foi bom por essa parte. [sic] (Aleika)

Esta fala traduz muito bem o comportamento de Aleika em relação à sua condição de trans brasileira enquanto pessoa pública, já reconhecida pelas pares de outro estado, assim como já vivenciando muito jovem um título de dar inveja a qualquer uma no meio em que ela vive.

Vejo que além de ter adquirido uma outra identidade, a de Miss, Aleika adquiriu um outra postura, e com isso um gosto, tal como afirma Bourdieu (2007), de classe, diferenciado das demais travestis de Recife, e de muitas do Brasil. Gosto este que estabeleceu nela distinção, enquanto

disposição adquirida para 'diferenciar' e 'apreciar' (...), para estabelecer ou marcar diferenças por uma operação de distinção que não é – ou não necessariamente – um conhecimento distinto, (...) já que ela garante o reconhecimento (no sentido comum) do objeto sem implicar o conhecimento dos traços distintivos que propriamente o definem. (BOURDIEU, 2007, 434).

Um objeto, além do troféu, que observo como algo diferente em seu apartamento, em relação ao espaço onde vivem as demais travestis que pude acessar, é o teclado. Uma das vezes que a visitei, questionei quem ali se dedicava às artes musicais. Pensei que seu irmão fora músico ou mesmo tocava na Igreja de que eles fazem parte, mas era Aleika mesma que comprara para adquirir cultura nas artes musicais. Mais um aspecto de distinção que faz da prática de um instrumento musical a determinação de classe que possui esta interlocutora. Mesmo que, na realidade, a prática do instrumento não seja contínua. Ou seja, independente de seu uso, é uma tentativa de encontrar mais uma forma de distinguir-se das demais.

A maioria das citações de Aleika afirma um *habitus* de classe e gosto inerente a um esquema de conhecimento imbricado no seu jeito de ser, como se automaticamente estivesse ali desde sempre, o que parece fazer parte do discurso de todas, quando vão afirmar algo sobre si.

Quem foi coroada como miss tem no curriculum a experiência de ser miss, categoria que ressalta as qualidades do ser pessoa trans nas interlocutoras e as torna visíveis perante a sociedade. Ser miss fica marcado como o fato de ter dado certo na vida, mas ser miss com título e não apenas como candidata, pois, quem é miss o é por toda a vida, como afirma Aleika:

C: Tentasse outras vezes o concurso Transex?

A: Não, porque a primeira vez que eu tentei eu já ganhei né? Da primeira vez.

C: Ou não pode?

A: Não, porque eu já ganhei né? Então não é válido pra mim ganhar uma coisa que eu já

tenho né? Um título que eu já tenho. (...) O que vai valer é o que eu falei, que é o lado de reconhecimento das pessoas e é poder mostrar um outro lado que as pessoas não conhecem. Mas a nível econômico não é uma coisa tão válida entendeu?

É possível aqui fazer uma comparação entre ser miss e presidente de uma nação (DA MATTA, 2007), pois ambos, ao se *apossarem* dos cargos, o assumem por toda a vida. Pelo menos é isso que ocorre no Brasil, como o próprio Da Matta afirma. É isso que eu não tinha entendido ainda, na minha ingenuidade de principiante, ao tratar dos títulos acumulados por Aleika, um mais suntuoso que o outro, e o porquê dela não poder concorrer a determinada categoria, pois, tal como na academia, há hierarquias. Por exemplo, o primeiro Concurso de Beleza Miss Transexual Internacional que ocorreu em Madrid, onde Cris Couto concorreu e foi vitoriosa, foi para Aleika desvantajoso, pois, segundo sua própria opinião, o prêmio final não valeria o investimento para tal evento, ou seja, segundo ela, não houve prêmio final. Assim sendo, Miss e presidente nunca mais voltam ao anonimato.

## 6.6 O CASO DO MISS TRANSEXUAL INTERNACIONAL



Panfleto do Concurso de Beleza Internacional Transexual. Madrid, 2007.

Neste ponto, um outro concurso entra em destaque. É o Miss Transexual Internacional que ocorreu em Madrid, em junho de 2007. Com outra configuração, em termos de organização e

premiações, assim como de divulgação, este evento faz parte de uma série de outros concursos a que as cidades do mundo todo, principalmente as da Europa, aderem, com o objetivo de movimentar o mercado de concursos oficiais, além de mostrar as mais variadas possibilidades de inserção na categoria de concursos chamados universais, ou mundiais, que hoje têm destaque.

Neste evento, Cris Couto inicia sua primeira participação em concursos de beleza de grande porte. E o primeiro, logo após termos conversado. Segundo jornais escritos, de divulgação também pela internet, é assim colocado o assunto:

**Enfim, vitória da miss Brasil**

A brasileira Cristini Couto recebeu na noite desta terça-feira a coroa de Miss Transexual Internacional

MADRI (AFP) - A brasileira Cristini Couto recebeu na noite desta terça-feira a coroa de Miss Transexual Internacional, por ocasião dos festejos da semana do Orgulho Gay na Espanha, país que está na vanguarda das leis em favor dos gays e transexuais.

As dez candidatas desfilaram na passarela em trajes de banho de duas peças, roupa informal e depois vestido de noite, tudo ao som de música tecno-latina. Uma das concorrentes foi mais ousada e chegou a exibir seu busto.

"O nível é muito alto, todas são muito bonitas", comentou Carla Antonelli, coordenadora da seção de transexuais do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE), no poder, e co-organizadora do evento.

Este concurso singular, o primeiro do tipo organizado na Espanha, foi apresentado por "Deborah Ombres", célebre transexual espanhol.

Um dos momentos mais intensos da noite foi a apresentação de Dana Internacional, cantora pop israelense e transexual que, em 1998, venceu o concurso Eurovisión com a canção "Diva".

A brasileira Cristini Couto, emocionada e sorridente, recebeu a faixa, a coroa e um ramo de flores, pouco mais de um mês depois do segundo lugar de Natália Guimarães no concurso de Miss Universo 2007.

"Foi a noite mais bonita de toda minha vida, estou muito agradecida", afirmou Cristini, de 23 anos, no mais puro estilo miss emocionada.

"Como em qualquer concurso de beleza, não pedimos que sejam inteligentes, apenas bonitas", explicou Alaska, uma das juizes e ícone pop espanhol dos anos 80.

Celebrado quatro dias antes do desfile da Europride em Madri, para o qual os organizadores esperam mais de 2,5 milhões de participantes, este concurso também foi a ocasião para recordar que "ainda resta muito por fazer pela integração dos transsexuais na sociedade", afirmou Antonelli.(...)

"Apesar das leis, a mentalidade ainda é atrasada na Espanha, as pessoas são homófobas", queixou-se Satin, um travesti de 37 anos, para quem, no entanto, resta uma grande alegria: "A partir do próximo ano, os transexuais poderão se apresentar no concurso de Miss e Mister Espanha".(Folha de S.Paulo, caderno Mundo. 28.junho 2007)

**Brasileira vence concurso de Miss Transexual Internacional em Madri**

**RAUL JUSTE LORES DA REPORTAGEM LOCAL**

Nascida em Presidente Prudente e criada no interior do Paraná, a cabeleireira Cristini Couto, 23, foi coroada Miss Transexual Internacional, em Madri, na Espanha, na noite de terça-feira. Apesar da torcida organizada pela candidata da Venezuela, desta vez não houve Miss Japão vencendo na última hora, como no passado Miss Universo.

O Brasil tinha três candidatas entre as dez finalistas, a maior representação no concurso. "Estava supernervosa, tremia. Não usei vestido exagerado como as drags. Estava de mulher elegante, como sou", disse Cristini à Folha. Em um momento mais quente, porém, ela tirou as plumas, "bem simplezinhas", e mostrou os seios. "A platéia foi à loucura", conta.

Desde os 14 anos, Cristini é cabeleireira, como a mãe. Mudou-se para Madri há quatro anos, onde vive do salário de 1.500 mensais em um salão de beleza e ainda ganha até 200 por show em várias discotecas locais. Sonha em ser "uma diva, como modelo em capas de revistas". Não pretende voltar ao Brasil. "Na Espanha não escuto piadinhas. As trans não precisam se prostituir pra viver aqui", conta. "No Brasil, ninguém luta pelos seus direitos." Ela mora com o namorado Juan, 21, que é de Goiânia e trabalha na construção em Madri.

As falas de Cris Couto na entrevista para o jornal acima citado mostram a sua profissão oficial – de cabeleireira –, mas não a atividade que exerce na cidade espanhola, como já exerceu em outras cidades européias, a prostituição. E o que une seu discurso com o de Aleika é que elas negam sua atividade no mercado do sexo em que estão envolvidas na Europa e no Brasil.

Isto mostra o estigma da atividade, que não é assumida por parte das interlocutoras, que preferem o glamour que o título de miss oferece. Acredito que as candidatas a miss não admitem, nem o corpo de jurado, nem tampoco a equipe que organiza os eventos de misses no mundo todo, a possibilidade das candidatas poderem ter na prostituição um trabalho.

Quando se trata de concursos de miss transex mundo, o próprio jornal destaca o evento como “*concurso singular*”, embora igual a qualquer outro concurso de beleza, em que não se exige inteligência, embora Aleika tenha afirmado que, no da Tailândia, vale muito o intelecto na hora da competição. Na fala de uma das juradas, e ícone da música origem na Movida madrileña, Alaska: *pedimos (...) que sejam (...) apenas bonitas.*

Cris Couto não quer se comparar a outras candidatas, como as *drags* em seus trajés *exagerados* e pouco femininos, pois, como ela mesma afirma, já passou por esta etapa, quando ainda não tinha modificação corporal alguma.

Em sua representação, fica claro que nos concursos – gays e transex – se encontram

diferentes pessoas, destacadas em diferentes modalidades de gênero e identidade, mas concorrendo a apenas uma categoria, que elege apenas um/a campeã/o. Ser drag-queen é diferente de ser travesti ou transexual, embora nos concursos não importe muito o processo de modificação corporal e construção de cada identificação e pertencimento de pessoa, porque não se desnuda, nem há critérios que possam medir as diferenças ou semelhanças.

Aleika já participou de concurso gay, mesmo como travesti, como também transex<sup>129</sup>.

Contente com o título na Tailândia, afirmou, pela internet:

Somos vices. o Brasil levou segundo lugar com gosto de primeiro no miss universo na Thailandia, arrazamos por aqui... Foi tudo lindo, tinham 24 candidatas e ficamos em 2. lugar no concurso das mas belas, o site da [globo.com](http://globo.com) hoje trazia a seguinte manchete na pagina G1 Rainha- Brasileira leva 2.lugar no miss transexual. Adorei tou super feliz apesar que os comentarios aqui é que as brasileiras sao belas e mereciam o titulo, mas a Thailandesa era linda tambem e arrazamos todas aqui fico agora 8 dias na thailandia pra entrevistas em jornais,tvs e radios por aqui será uma semana super corrida. Depois voce vai ver tudo no DVD que ficou lindissimo. Um beijo grande pra ti... Pois estamos entre as melhores do mundo pela primeira vez aqui. Obrigada pelo seu carinho e pelo seu apoio vc nem imagina como me sinto feliz por tudo. Aqui conheci pessoas de varios lugares do mundo, muito agradaveis e foi maravilhoso, as thailandesas nos receberam muito bem e nos tratavam como rainhas. Pois este evento aqui foi algo fora de serie. [sic] (Aleika. 11 de novembro de 2007)

Esta interlocutora, embora não seja transexual como entendemos aqui no Brasil, concorreu com transexuais do mundo todo, como também com travestis. Cris Couto concorreu com drag-queens, o que é diferente em condição de gênero – identidade –, quando se trata de travestis, como a candidata por mim estudada.

Couto deixa claro para que veio, para chamar a atenção e ser destaque pela sua mais nova aquisição, o corpo recém-modificado<sup>130</sup> e sua beleza de menina recém formada corporalmente e dando entrada ao mundo das misses. Mostra-se ambígua em sua fala, quando afirma que as trans

129 Categoria utilizada nos concursos de beleza, onde travestis, transformistas, top- travesti, tgirl, tgata participam.

130 Quando realizei a entrevista com a candidata, ela já possuía peitos, colocados por uma amiga, em Madrid. Pouco antes do concurso modificou o corpo mais uma vez, o que acredito ter contribuído para que ela ficasse à vontade e os mostrasse ao público do evento.



não precisam se prostituir na Espanha para sobreviver, mais uma estratégia para se destacar como diferente das demais que buscam a fama, o glamour e o reconhecimento pelo que conquistam. No caso de muitas delas, destaque no mundo da beleza. Uma fala de Cris Couto, concedida em entrevista a esta pesquisadora, deixa claro sua situação. É uma entrevista bastante diferente da que concedeu após receber o título de miss:

Quando eu cheguei aqui na Espanha ainda fazia cabelo das trans, ia na casa de alguma amiga minha fazer cabelo, mas também ganhei muito pouco dinheiro, muito pouco, paga muito pouco, a gente não é valorizada. Já que não tem valor, então vou fazer uma coisa que não tem valor? Só tem valor no dinheiro. Em Portugal já fiquei livre um pouco, só que como tinha família eu me sentia mal. Aqui não tem nenhum familiar meu, só tem muitos amigos meus. Depois que eu comecei a trabalhar, trabalhar, depois que eu entrei nessa vida eu fiquei mais liberta entendeu? porque eu era um pouco fechada, eu era um pouco recatada entendeu? eu não conhecia o mundo das trans, que eu não conhecia. No Brasil eu não sabia o que era o mundo das trans. Virei porque tinha uma que eu conhecia, só uma, mas eu não conhecia que eu sou do interior do Paraná, do interior, uma cidadezinha. Aí eu fui pra uma cidade maior, mas eu não conhecia entendeu? (...) Cheguei, fui trabalhar em uma casa, o primeiro lugar onde me prostitui foi aqui. Por que? porque eu trabalhava, ganhava 1.500 euros no salão, pra mim era pouco. E isso é o que eu faço a cada dois dias entendeu? Pra mim não dá. Optei por esse lado, agora eu tô aqui. Trabalho de vez em quando agora, quando eu quero. Não preciso trabalhar todos os dias. Não tenho anúncio mais. Trabalho numa agência de escorte, é uma agencia de escorte, onde tem clientes da Inglaterra, americanos. Ela [a dona da agência] me liga, vou pro hotel com o cliente, fico algumas horas e ganho um bom dinheiro. Não gosto de colocar anúncio, eu já tive muitos anúncios sabe? trabalhei na rua também [Casa de Campo e Castellana]. [sic] (Cris Couto)

Esta sua fala mostra o quão discriminado é a prostituição para as trans, embora constitua uma atividade reconhecida pelas interlocutoras como profissional, mas difícil de ser dita como tal para uma estranha, como eu, que busca os motivos das viagens que elas realizam para a Europa. Ser prostituta ainda é estigma, e como estigma (GOFFMAN, 1963) é algo que quem busca reconhecimento e fama através de sua beleza corporal não ousa admitir.

Vívian se modificou corporalmente quando estava com cerca de vinte anos, bem antes de Eline, mas uma idade superior à da maioria das trans ouvidas neste estudo, que iniciaram suas transformações em torno dos quinze anos de idade, como é o caso de Aleika, e dezessete, como Cris

Couto:

Eu me escondi até eu ter 17 anos, ter uma profissão e sair da minha casa entendeu? Então eu me escondi. Esconder não, porque todo mundo tava vendo que eu era trans, mas eu não podia pôr uma saia, passar um batom. Não, eu era uma coisa meio andrógina, sempre fui andrógina. Fui drag, trabalhei numa discoteca. Trabalhava no salão, no sábado até as 8 da noite. Eu pegava o ônibus, ia pra outra cidade trabalhar na discoteca de drag. Eu trabalhava na cidade pequena e ia pra cidade grande. Depois eu fui morar na cidade grande<sup>131</sup>. Era drag e trabalhava no Salão. Trabalhei em vários salões, vários. [sic] (Cris Couto)

Então, até para as que conquistam valores distintos, como Cris Couto como miss, o fato de “*se esconder*” até os 17 anos, no momento em que ela trabalhava em uma cidade e se apresentava em outra com uma imagem melhor apropriada ao que se identificava no momento, mostra o quanto é árdua a tarefa de se construir enquanto travesti. Da mesma forma aconteceu com Eline, que adiou sua modificação em prol de sua realização profissional, o que lhe gerou a seguinte conclusão:

...20 anos caminhando pra 21, e 9 no [outro hospital]. Concurso todos dois, se não fosse já teria ido pra rua. Não tenha nem dúvida, não tenha dúvida. Sou muito elogiada como profissional, mas eu tenho certeza, pelas coisas que acontece assim, pelas coisas, pelos comentários, Ah, não faça isso! Não use assim! Não sei o quê! Eles não teriam paciência de me ficar pedindo que eu me adequasse ao padrão deles, já teriam... Teriam, meu Deus não tenho a menor dúvida, pelo fato de ser travesti mesmo, é só por isso. Porque problema, funcionário público, todos têm, eu vejo bem mais. Eu quase não tenho nenhum, já por conta dessas coisas. Eu opto por chegar na hora certa. Eu procuro aprender muitas coisas, me adaptar a todas as rotinas em qual setor que eu seja indicada. Eu procuro respeitar meus colegas, participar então, eu quase não gero problemas. Então já, não é que eu sou boazinha não, é um sacrifício isso. Mas já pra num... por que quando vem assim, vem dobrado, é diferente de você, um cara convencional, um cara que, ou uma mulher, que apresentou um problema, pra mim que apresentou um problema. Porque eles atribuem logo a distúrbio de conduta, não sei quê! Não vai se adequar ao sistema, não sei quê! E na verdade eu sou uma pessoa comum, eu sou uma pessoa como qualquer outra que tenho valores como qualquer outro, e imagino também que tenho defeitos como qualquer outra. [sic]

---

131 Cidade de Maringá, Paraná.

Esta fala de Eline mostra o quanto o fato de ser travesti está relacionado com a discriminação no campo do trabalho. Além disso, mostra o esforço extra que ela teve para combater o preconceito na sociedade em que se encontra. Ela mesma avalia que, se não fosse concursada antes de sua modificação corporal, não estaria exercendo a profissão na área de saúde, o que não exclui o fato de possivelmente ela buscar outras atividades que a satisfaçam tanto quanto nos hospitais em que trabalha. Por isso, a opção de estar nas ruas sem grandes ganas, diferente das que não têm outra atividade que lhe renda um salário.

Eline, no momento da entrevista tinha 42 anos (2006) e isso ela fala com a ressalva de que não aparenta nem concorda que tenha um comportamento de quem já tem essa idade.

É porque eu não gosto da minha idade. Eu acho que ela não tem nada a ver comigo, nem com o meu... Eu sou bem mais jovem, nem... eu acho que tô muito, muito aquém dessa idade, tô bem abaixo dela. [sic]

Idades que expressam a travestilidade de maneira diferente para cada uma, em termos de modificação corporal e estética de um corpo já fora da fase de formação, a adolescência.

Piscitelli (2005) afirma que a discriminação à palavra prostituição vem pela marginalidade, uma carga negativa que designa esta atividade. Algumas trans estudadas destacam esta discriminação, justamente pelos perigos por elas vividos nas ruas no Brasil e em outras partes do mundo. A violência é o fator que mais provoca medo, causa mesmo pânico nas interlocutoras que vivenciam a discriminação com a atividade que exercem. Mas, não se trata apenas da violência que ocorre nas ruas, com atitudes de ataque ao corpo através do uso de armas, revólveres, facas, tacos de beisebol ou cacetetes policiais, como também abusos sexuais e violência simbólica dos colegas e familiares. Por isso, Piscitelli (2005) defende o uso de outro termo que substitua prostituição:

As definições correntes da prostituição tampouco contribuem para pensar nos diversos tipos de inserção em um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que, marcado pela mercantilização, não necessariamente assume a forma de um contrato explícito de

intercâmbio entre sexo e dinheiro. Em outras palavras, a inserção no mercado do sexo está longe de restringir-se à realização do que, no Brasil, é popularmente conhecido como programas.

É a categoria mercado do sexo, e “*fazer programas*” para designar o ato de estar sexualmente na vida do outro que mais se destaca na interpretação de Piscitelli (2005). Termos estes abertos a várias interlocuções nas atividades de suas informantes. Eu poderia utilizar este termo, principalmente quando se trata de falar de empresárias, misses, enfermeiras, apresentadoras (locutoras) e cabeleireiras travestis que, juntamente com suas atividades oficiais e mais destacadas em suas identificações enquanto trans, permanecem no mercado do sexo, seja para aumentar a renda no fim do mês e participar da vida das pessoas, ou mesmo como meio de permanecer no mercado de trabalho, mas com segurança, em um ambiente privado, como é o das locadoras eróticas e sex-shops de Ellen, ou ainda como falta de alternativa de ganho constante, como é o caso de Aleika.

Entendo a atividade realizada por elas de diferentes formas, pois nas representações aparecem tanto a prostituição como o trabalho, como entende Aleika. Prostituição entendida como vitimização, próximo do que considera Bandeira (2006, Apud OLIVEIRA, 2007: 1) quando afirma:

É uma instituição marginal gerada pela própria sociedade desde tempos imemoriais, alimentada pelas relações machistas que ainda sobrevivem na crise da modernidade, na era da globalização, cuja mercadoria – o corpo da mulher –, é objeto de consumo descartável na visão dos próprios consumidores, mas ao mesmo tempo necessário e prazeroso. A mulher submetida a estas condições de não-cidadã é anulada socialmente pela sociedade legalmente reconhecida, mas integrada como sociedade periférica que presta serviços à outra (01)

Também percebo, nas representações, um terreno de disputa entre o masculino e o feminino, principalmente em se tratando de duas pessoas diferentes, uma feminina e outra masculina: permanece a presença de órgãos sexuais masculinos, como o pênis, o que algumas vezes afronta a masculinidade do cliente, homem socialmente determinado e mentalmente agredido em sua masculinidade hegemônica, em contraponto à masculinidade subalterna do outro, embora ser de desejo e consumidor assíduo da atividade com travestis.

Prostituição é muito mais do que isto, é também meio de busca de prazer, o que encaixa na definição de Eline e Vívian. E, retomando a representação que Eline faz da prostituição, entendo que sua condição é bem diferenciada das demais interlocutoras, pois é julgada pelas pares como não precisando das ruas para se manter, o que ela tenta contornar, embora saiba que sua condição já está firmada como travesti que vai com frequência para as ruas de Olinda.

Faço e gosto, não tenho nenhum problema contra isso, mas se for pra viver de prostituição exclusivamente eu não tenho, porque tem dia que eu não quero nem ver homem sabe? então eu não viveria bem de prostituição.

(...) às vezes eu me sinto injustiçada na avenida, sabe exatamente por isso. Sofro com elas porque não faço, que elas acham que eu sou metida, que eu sou doutora, que eu não preciso, ai vem também o título né, o meu emprego público, não sei que, elas acham que eu tô tirando o pão da boca delas, -eu não tô tirando o pão da boca de vocês não, eu sou verdadeira, eu gosto de fazer...Agora todas sabem porque eu gosto de fazer prostituição. Ai elas acham que eu vou pra lá para me amostrar. Porque não sei quê! Eu digo Não, gente. Eu venho pra cá primeiro porque eu preciso, ta no meu orçamento, por exemplo, esse mês eu fiz muito pouco! [sic] (Eline)

Segundo Annick Prieur, citada por Fernández (2004) a atividade de prostituição de michês no México é explicada como decorrente da necessidade de uma entrada extra de dinheiro, em complemento a outros trabalhos, o que confere à atividade de garotos e travestis uma diferença marcante, segundo Fernández (2004). Isso distingue, em termos de diferença de estrato social, a travesti do michê, como informa Parker (1990), também citado por Fernández (2004: 99): *“los miché pertenecen a una clase trabajadora que tiene mayor estabilidad social que la correspondiente a las travestis brasileras. El miché, afirma el antropólogo, vende sus servicios sexuales sólo esporadicamente”*.

Nos casos aquí analisados, de Eline e de tantas outras que continuam na atividade de profissional do sexo, conforme esclarece Mejía, antropóloga e advogada hispano-colombiana que publicou sua tese de doutorado em 2006, em Barcelona, trata-se de falar de uma atividade que, além de significou um *extra* no final do mês, também proporciona prazer às pessoas, não só a quem paga por serviços sexuais como também a quem os oferece em diversas circunstâncias. Isso torna

diferenciada a forma como se colocam na atividade que também exercem, se aproximando da figura dos michês, estudados por Parker e Prieur. Fernández complementa: (...) *lo cierto es que las diferencias más notables entre travestismo prostibular y varones en prostitución residen no sólo en que el primero implica siempre intercambio sexual pago sino que, además, es valorado como fuente de autoestima y de poder (2004: 100).*

Esta interpretação desenvolvida por Fernández (2004) interessa na interpretação da atividade na rua, e esporadicamente em seu apartamento, realizada por Eline.

Auto-estima e poder são as características destacadas por quem vive a atividade com prazer, principalmente se tem outra renda mensal que lhe permite se “colocar na avenida” no horário e dia determinado por si própria. Controle de sua própria atividade traz à trabalhadora o poder de decisão e a auto-estima que outras não conseguem em se tratando de trabalho. A relação com o cliente é outra condição que determina poder e fonte de auto-estima, o que muitas, por situações de marginalidade que vivem nas ruas onde fazem trottoir, pela própria condição do tipo de zona em que trabalham, no Recife ou em outras regiões do Brasil e do mundo, não conseguem o reconhecimento dos pares nem da família, de forma positiva. O que não proporciona distinção nem reconhecimento, mesmo dentro do grupo analisado.

Sobre este ponto, gostaria de desenvolver um pouco mais o raciocínio. Está posto neste trecho de Fernández (2004) o quão estigmatizada, entenda-se carimbada, está a prostituição de travestis. Enquanto os garotos de programa, os michês (PERLONGHER, 1993), estão na prostituição como uma atividade esporádica, temporária, as trans sobre as quais Fernández (2004) desenvolve sua tese são consideradas marcadas por esta atividade, de que muitas das minhas interlocutoras tentam desvincular-se, através da participação em outras atividades, como em concursos de beleza, apresentação artística e mesmo uma atividade mais reconhecida socialmente como enfermeira, no caso de Eline, e empresária, como Ellen.

Mais à frente, ainda no texto de Fernández (2004), esta autora aponta uma diferença entre travestis e mulheres em prostituição. A imagem de puta está para a travesti e não para a

mulher que também realiza esta atividade:

Las mujeres en prostitución no se visten como el estereotipo de una prostituta. El estereotipo de una prostituta son las travestis, que sería lo que vos tenés como imagen de prostituta. Las mujeres a veces están en la parada hasta con la bolsa de los mandados. Porque la mujer se crió con el estereotipo de una mujer y la travesti con el de prostituta. (2004: 100).

Esta diferenciação que Fernandez (2004) aponta entre travestis e mulheres em prostituição está muito ligada à noção de performatividade, de postura e representação da figura de quem oferece serviços sexuais, principalmente nas ruas. Ela aponta que, no caso de mulheres, pode-se simular mais facilmente a atividade, enquanto no caso de travestis é quase impossível, sempre em relação à vestimenta que utiliza, e, creio que à disposição de deixar partes do corpo à mostra, como os seios, por exemplo. Acredito que a grande diferença está na presença de uma figura que pode satisfazer, sob todos os aspectos, o desejo do cliente, sendo ao mesmo tempo feminino e masculino, quando se pensa a presença do órgão sexual masculino da travesti, assunto já discutido em capítulo anterior.

Tirando a questão da vestimenta, a opinião de Fernandez (2004) perde um pouco de sentido, pois podemos pensar as variadas nuances em que se exerce a prostituição, seja em pisos, na Espanha, onde mulher e travesti estão em igual patamar, apenas como opções diferenciadas para os clientes que ali se encaminham; seja nas ruas, onde as travestis, mesmo se colocando em espaços diferenciados em alguns lugares, estão sempre transitando nos locais em que as mulheres se localizam, em busca de algo novo, de clientes, transeuntes que podem não circular pela zona de travestis; ou mesmo quando se apresentam em anúncios de jornais, mostrando poucas diferenças com as mulheres, principalmente quando se pensa em Brasil, o que se diferencia do caso da Espanha, já trabalhado em capítulo anterior.

Sobre isso, Vívian, em sua representação do porquê resolveu se tornar travesti, aponta:

E, deixa eu ver, eu queria ser encantada por um homem, então quando eu usava muita peruca, que eu fazia show de transformismo, então eu ficava parecendo uma mulher, então os homens ficavam encantados por mim, então essa é uma maneira que eu tenho de atrair eles pra mim. (...) travesti é uma coisa mais acessível ao homem. Travesti, além de não ter pudor, ela é muito livre, se o cara sabe que agradou ela, ela sai com o cara, faz o que ele quer e já está. Não tem aquele pudor que tem uma mulher entendeu? (...) travesti não, gostou já [bate as mãos uma na outra soltando som] vai e sim. E sabe que o cara sabe que se agradou o travesti já pode chegar junto que já vai, e não tem que ter meias palavras, tudo é sexo, tudo é sexo.

O relato de Fernández (2004) e o que desenvolve Vívian em uma de suas representações sobre travestilidade acaba por confirmar a noção de ambigüidade tão destacada em textos clássicos acerca do tema (SILVA, 1993; 1996; 2007A. OLIVEIRA, 1994; BENEDETTI, 2005). Ambigüidade porque, ao mesmo tempo que praticam a prostituição, a maioria como profissão, outras para poder “*participar da vida de outras pessoas*”, sentem-se discriminadas e rechaçam a atividade, pelo estigma que a própria impõe, principalmente quando se trata de trottoir. Ambigüidade nas falas, na configuração de gênero, com base no masculino e feminino, tão defendidos como modelos únicos de referência de gênero. Ambigüidade que aponta para a possibilidade do duplo, do trânsito e da transgressão do próprio modelo dicotômico de representação de identidades.

A imagem a que Fernández (2004) recorre quando fala de travestis é rechaçado por Cris Couto, salientando aqui a imagem que a brasileira tem fora do país, principalmente as travestis:

(...) porque eu quase não falo que sou brasileira, às vezes eu falo que sou portuguesa, porque? porque eu já falei muitas vezes que eu sou brasileira e eles já comentam com o amigo e falam É puta! muitas vezes, e eu não gosto de mostrar uma imagem de prostituta entendeu? Eu não gosto de tá em um lugar e ser *a puta*. E quando alguém pergunta eu falo que não trabalho.

C – Quando você diz que é portuguesa eles dizem o quê?

Cris – Fala Ai, que bom. Nossa, mas não tem portuguesa bonita! Eu já fui em Portugal e nao vi portuguesa bonita! Eu falo, Não, é porque minha mãe é brasileira! Aí eles falam: Ah, sim! [sic]

Nesta fala, Cris Couto mostra como ser brasileira é se destacar, se distingüir, dentre as



muitas pessoas que estão neste momento na Espanha. A manipulação do discurso de nacionalidade aponta que ser brasileira indica ser puta. Não ser brasileira ameniza a questão da identidade profissional que estigmatiza a comunidade feminina, inclusive as travestis. Mas, ter mãe brasileira não vai estigmatizar ninguém, como aponta a interlocutora ao afirmar sobre sua filiação.

Em um outro momento, foi interessante para ela revelar que é brasileira, no primeiro Concurso de Beleza Miss Transexual Internacional, em Madrid. Primeiro, porque não se tratava de sua condição de profissional do sexo, estigmatizada na Espanha como trabalho de imigrante ilegal, mas, sim, de sua conquista pela imagem, pelo corpo recém re-modificado e sua mais nova condição de *status* perante os pares no lugar do evento, como também no lugar onde realiza trottoir, no site onde anuncia seus serviços, na mídia internacional e nacional (internet) e até no Brasil, onde tem familiares e muitos pares também.

Querer ser vista, não apenas nas ruas, pelos homens e pelos pares. Querer ser apreciada pelo empenho na construção do corpo e pela educação deste corpo, com movimentos cada vez mais femininos, principalmente o movimento da mão da miss quando saúda o público, no momento da coroação. É algo que persegue qualquer uma que vá tentar a vida no território do outro, a Europa.



Cris Couto segurando a coroa no Miss Transexual Internacional. Madrid. 2007.



Cris Couto e a famosa saudação de Miss.

Desta forma, ter destaque enquanto travesti brasileira, no Brasil ou no exterior, é fazer

da atividade uma distinção. Mas, para isso as travestis que ouvi precisaram ultrapassar as barreiras do estigma que a prostituição lhes imprime, e, mais que isso, provar que são competentes ao ponto de alcançarem patamares superiores aos determinados quando se trata de pensar a travestilidade. Eline concursou-se enfermeira, Ellen associou-se com um amigo e abriram uma locadora erótica e sex-shop, o que se ampliou em número. Aleika, Vívian e Cris Couto conseguiram brilhar nas passarelas dos concursos de beleza, nacional e internacional. Com isso, fugiram da marginalidade que ronda a figura da travesti que faz programa.

Conquistando, ou não, a identidade de *européas*, estas travestis se distinguem das demais por se dedicarem a atividades que as diferenciam, pelo fato de terem conquistado outros mundos. Mas, para isso, como vimos até aqui, tiveram que acessar caminhos tortuosos, transgressores, a ponto de construírem suas trajetórias em cima de “*truques*”.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

### APOTEOSE DE WELLS



Glamour, riqueza e muita alegria fizeram o aniversário de Wells, no dia 31 de março de 2007, no Poble Espanyol, Barcelona. Festa que faz parte de tantas outras que bianualmente é promovida pelo mesmo grupo a que ela e outras travestis pertencem.

Uma comemoração da qual participaram mais de 100 travestis de origem brasileira, com apenas algumas poucas pessoas que não se identificavam com esta preferência identitária, como eu, Dudu, Jordi, duas mulheres, uma delas comprometida com um rapaz de nossa mesa e outra acompanhante do Sr. Guillermo, que me chamou a atenção, pelo fato de todos se direcionarem a ele e o cumprimentarem com expansivas saudações. Poucos espanhóis.

Cris Falcão iniciou as apresentações com um *sólo* que agradou a todos, principalmente como um diferencial dos demais shows de transformismo com corpo de bailarinos e cenários próprios, que se iniciaram logo após sua performance mais contida. Em sua fala, mostrou que ali muitas das travestis brasileiras estavam estreando nos palcos da Europa, e por isso seria importante a platéia esquecer as desuniões (MEJÍA, 2006) entre si e prestigiar o trabalho das colegas. Lembro

que uma de suas colocações foi bem clara, ao pedir que evitassem manifestações de discriminação, que aplaudissem os shows, detalhada e onerosamente preparado pelas artistas, e que pelo menos naquele momento se confraternizassem, pois, “*se fôssemos unidas mudaríamos o mundo*”.

Poucos episódios de desentendimentos foram presenciados na comemoração. O que passou despercebido para muitos.

Um pouco antes dos shows, uma das travestis, que nomeio de Sheila, se desentendeu verbalmente com Nice, a moça que estava em minha mesa. Só percebi porque Sheila falou, em alto e bom som, do meio do salão, na frente de todos, a palavra *Basta!* E saiu “*batendo cabelo*”<sup>132</sup>. As duas não estavam na mesma mesa, nem próximas uma da outra quando ocorreu a desavença. Mas, eram os olhares de Nice, perante o que fazia Sheila, que a incomodou.

A atitude me fez entender que Nice a estava repreendendo por algo, poderia ser o seu decote que o tempo todo caía e fazia-nos ver seus peitos, ou mesmo, o jeito como se comportava, falando em tom mais alto, por exemplo, diferente das demais que, como *européas* deveriam fazer jus ao *status* que receberam ao serem convidadas para o evento, principalmente porque estavam sendo registradas por câmeras fotográficas e cenográficas<sup>133</sup>.

Em momento algum, elas se afirmaram como *transexuales*, tal como se nomeia na Espanha. O máximo que pôde diferenciar as apresentações identitárias foi o termo *trans*, utilizado pela aniversariante quando discursou em agradecimento pela presença de todos ali. O que se justifica, pelo fato de Wells estar há mais de 6 anos vivendo naquele país, além de ter seu nome ligado a apresentações artísticas de um grande clube de alterne em Barcelona – a Sala Bagdá – e um site de renome entre as trans que ali se apresentaram, o *travestispain*.

Em outras palavras, o nome travesti não se concretizou como insultante em momento algum. Mesmo podendo pensá-las como tendo corpos diferentes, poderíamos dizer estranhos,

132 Gesto usual entre as travestis quando querem ser vistas. Significa sair de forma repentina jogando os cabelos para os lados em movimentos sinuosos, e ao mesmo tempo bruscos, como se tivesse a intenção de chamar a atenção de alguém para sua pessoa.

133 Não sei ao certo se estas pessoas que gravaram, filmaram e fotografaram a festa foram contratadas pela aniversariante ou pelo responsável pelo site em que elas se encontram. A última possibilidade é mais plausível, haja vista que algumas imagens foram veiculadas pelo site posteriormente, assim como percebi que se tornou costume as festas serem divulgadas pela internet.

quando se pensa identidade unida à categoria dos estudos *queer*, quando assumem *o desconforto da ambigüidade, do 'entre-lugares', do indecível (...), perturba[ndo], provoca[ndo] e fascina[ndo]* (LOURO, 2004: 08), enquanto travestis, o público que as prestigia.

Pois ali, a grande maioria do público presente era constituído por figuras femininas, embora a presença do pênis não seja problema em suas corporalidades, configurando nisso que a identificação apenas condiz com o comportamento e a cultura da travestilidade, que está em constante movimento, sendo inventada, refletida e experienciada para poder ser recordada, discutida e transmitida (HANNERZ, 1997) a um certo número de pessoas que se incluem lentamente no grupo seletivo de Wells, na Espanha.

São, como afirma Burgos (Revista Triunfo, Espanha: 1977), “*imitadoras de estrelas*”. Estrelas de Hollywood, como o tema da festa propôs, espalhado pelas paredes, palco, estilo de premiação e alta costura nos vestidos.

Todas ali chegaram de uma forma específica na Espanha. A maioria foi financiada e encontrou no grupo coeso de Wells o apoio para continuar ficando no país.

O tempo que Wells e Carla Ferri demoram para visitar o Brasil dá uma indicação de sua viagem definitiva, diferente de Cris Falcão, que acessou a Espanha via outros países europeus e sempre está retornando para lá como turista, mesclando, com sua atividade no mercado do sexo, os espetáculos que realiza em Clubes de Alterne e festas particulares promovidas, também, pelo Grupo ali representado. Elas são as mesmas que saem de “*seu lugar e chega [m] no lugar dos outros, na terra dos outros*”. (SAYAD, 1998).

Assim, imigrantes e emigrantes, pensadas assim para podermos entender o próprio fluxo entre países e a identidade fluida que assumem. Desta forma, são “*traduzidas*” pela cultura do outro, “*lidas*”, pelas demais colegas que ficaram no Brasil, como possuindo outra identidade, a de *européas*. Mas, ao habitarem um outro país, falando sua língua e negociando com sua permanência por lá, estão se traduzindo, se reinterpretando como travestis num mundo globalizado.

Todas acessaram a festa via internet e pela amizade que têm com a aniversariante. Este

veículo é, atualmente, e para o grupo, o meio de comunicação que focaliza, agiliza e justifica o movimento delas entre países, primordialmente no processo de globalização em que se inserem, pelo barateamento e facilitação do acesso a novidades de um outro mundo, primeiro mundo de oportunidades (MARTES. 1999: 44; SALES. 1991). Por isso, não são apenas travestis que circulam enquanto trabalhadoras do mercado do sexo; muito mais que isso, transitam com elas, “*sobretudo capitais, mercadorias, serviços e informações*” (MARTES, 1999: 39) importantes para manter, principalmente, este fluxo, o que marca também a “*dependência*” entre os dois países em questão, neste estudo.

Após as apresentações, iniciadas por Cris Falcão, houve a entrega de prêmios<sup>134</sup> a algumas pessoas que contribuíram para a realização pessoal e profissional da aniversariante. O primeiro foi para o Sr. Guillermo, que estava na mesa ao lado da minha. Ele recebeu uma estatueta<sup>135</sup> representando um busto de cavalo.

Somente depois da comemoração descobri que ele é um dos diretores da Editora Primera Linea, responsável pela revista RKMagazín, que dedicou a Aleika quatro páginas de fotos e entrevista. Como também está à frente do site travestispain. Desta forma, o Sr. Guillermo, assim como um dos acompanhantes das convidadas – um senhor branco de cabelo oxigenado – e a Sra. Nice, ambos brasileiros, eram pessoas que se comportavam como facilitadores da presença das travestis brasileiras ali na festa, assim como na Espanha.

Naquele momento, apenas algumas delas, mesmo cumprimentando estas pessoas em destaque, não pareciam lhes dever algum tipo de explicação, como o que ocorreu entre Sheila e Nice. O que pode ser entendido como uma possibilidade de haver um certo controle por parte de Nice, que estava sentada, quieta, mas, parecia ter muito mais poder sobre as travestis dali do que eu pensava, pois, pela vigilância que transparecia na relação dela com as travestis, a função de responsável por algum piso, ou pelo próprio trajeto de muitas é possibilidade para aquela mulher.

Assim como tantas outras travestis que se encontravam na festa, como Cris Falcão e Carla Ferri,

134 Apoio incondicional para Liz; apoio para o Sr. Guillermo; vestido mais bonito para Kelly; Diva das divas para Natasha Dumont; organização para Carla Ferri.

135 As estatuetas eram diferentes umas das outras.

que indicam, ajudam no trajeto de muitas travestis para a Europa. Oferecendo oportunidades para outras se instalarem no mercado de trabalho na Europa.

A festa não continha apenas as que estavam em Barcelona, e isso se comprova com a vinda de Cris Falcão da Itália, especificamente para o festejo. Além do que, as demais meninas ali presentes se dividem entre cidades espanholas, trabalhando em pisos, agências de escorte e, algumas vezes, calles. O que dificulta encontrar algumas delas numa mesma cidade, no intervalo de um mês. Como, por exemplo, quando precisei conversar pessoalmente com algumas e não foi possível, devido ao seu fluido trânsito.

Algumas delas se firmaram no país, como Carla Ferri que, pelo fato de ter casado com espanhol, tem maior segurança para circular por toda a Europa, o que contribui para que outras, de seu raio de amizades, fiquem asseguradas em seu trânsito, principalmente pela concessão da Carta de Invitación que ela ou seu companheiro podem fornecer. Ou seja, ajudas que “*garantem as coberturas para encontrar trabalho e hospedagem*” (SAYAD, 1998). Assim como para obterem a distinção maior na mobilidade: ter passaporte vermelho.

Desta forma, posso concluir que algumas que se firmam na Europa contribuem muito para o aumento do fluxo, delas mesmas e de outras travestis, por este continente, uma das formas de entender *o truque* que elas utilizam para conseguir continuar transitando entre países e terem espaço no mercado de trabalho transnacional, principalmente na Espanha.

Poble Espanyol<sup>136</sup> está localizado no bairro de Montjuïc. O espaço se compõe de uma reconstrução de uma muralha romana para dar lugar a um conjunto arquitetônico, gastronômico e artístico que ali se encontra. Ali foram replicadas várias cidades da Espanha comportando 117 edifícios, ruas e praças. O projeto foi inicialmente realizado para a Exposição Internacional de Barcelona, no ano de 1929, pelos arquitetos Ramon Reventós e Francesc Folguera e pelos artistas Xavier Nogués e Miquel Utrillo. Depois da exposição o local ficou conservado como mais um ponto turístico da cidade.

\_\_\_\_\_  
Chegamos por volta das 23 horas. Entramos pela Puerta Ávila, e lá dentro fomos até o

136 Escrita catalã para Povoado espanhol, ou cidadezinha espanhola.

espaço *7Dreams* (lê-se seven dreams), local onde ocorreu a festa de aniversário. Na entrada havia um grande tapete vermelho, com Natasha Dumont<sup>137</sup> recepcionando os convidados em seus trajes a rigor. Na entrada da sala, pude conhecer a aniversariante, que nos recebia com um longo rosa e uma caixa de presentes ao seu lado. Sempre sendo fotografada e filmada por uma equipe destinada para tal.

O *7Dreams* é dividido em três ambientes: um hall de entrada, que dá acesso ao bar e aos banheiros, um espaço para as mesas e os convidados, e o palco. Todas as paredes estavam decoradas com fundo preto e apliques de grandes estrelas, dentro destas estrelas haviam fotos de atrizes e atores americanos. As cortinas do palco eram vermelhas, e como num teatro, se abriam para dar vez à mais nova atração em seu cenário, cada um mais bonito que o anterior, em luxo e criatividade.

Todos os lugares que Wells nos indicou para ficar estavam reservados pelas que já estavam sentadas e pelas que chegariam mais tarde. Até que encontramos uma mesa na qual um casal, Vivi<sup>138</sup>, a Sra. Nice e alguns rapazes nos receberam.

Aquela noite, enquanto um pedacinho de tempo, foi suficiente para entender como a Europa dos sonhos pode ser acessada por elas, não importando quem está pendente com as legalidades do trânsito internacional. Foi um momento de confraternização. Por isso tantos flashes ao longo da noite. O argumento era uma festa internacional, à qual todos têm acesso através dos meios de comunicação: O Oscar em Hollywood.

Foi importante seguir a organização de premiações, apresentações de travestis e de go-go boys. Concomitantemente, o jantar foi servido em torno de 1 hora da manhã. Regado a vinhos e com todas as etiquetas espanholas de apresentação, esbanjou-se comida e bebida (vinhos de Badajoz), como uma confirmação da riqueza que se quer mostrar, mesmo com o não comparecimento de alguns convidados.

Naquela noite pude perceber que, mesmo entre as *européas*, há diferenciação de *status*,

---

137 Uma das trans mais famosas do Brasil. Miss Brasil Transex 2000 e capa da Revista Brazil Travesti, Ano I, número 02, agosto de 2000.

138 A única travesti da mesa, mas, que mais circulava pela casa do que ficava conosco.



o que indica limitações de muitas delas que não puderam participar da festa, principalmente entre as que foram convidadas e não compareceram. Esbanjar no jantar pode ser entendido como uma demonstração de consumo possível de quem oferece a festa, já que se trata de uma *européa* que se distingue dentre as demais pelos acessos, pelos contatos e pelo poder que assume perante muitas dali.



O desentendimento entre Sheila e Nice também pode ser entendido como diferenciação de *status* e distinção entre elas, que informa sobre o comportamento indesejável de algumas que, mesmo participando de um grupo extremamente seletivo, não alcançaram definitivamente distinção para ser reconhecida totalmente como *européa*, principalmente dentre os pares que são compostos não apenas de travestis.

O Recife estava bem representado na festa, através de Cris Falcão, Carla Ferri, Petkovick e Rayala. Todas elas com referência marcada de sua cidade em seus sites e orkut, através de fotografias. Assim como, com referência da Europa também visível nestes veículos virtuais, mais importantes para designá-las como *européas* porque fornecem mensagem mais rapidamente e provam seu sucesso em outro país.

Pela participação do Recife através das quatro que ali se afirmavam como pernambucanas e pelos sotaques ouvidos pelas duas que puderam usar o microfone – Cris Falcão e Carla Ferri – pode-se confirmar o lugar de origem delas como fazendo “*parte de um sistema interativo*” (PARKER, 2002: 237), como já afirmado no terceiro capítulo, “*que liga diferentes*

*comunidades em locais distintos através do fluxo contínuo e capital, pessoas e idéias”.*

O Brasil se mostra nos shows de transformismo como um país globalizado, onde as apresentações não incluem personagens de nosso panteão artístico nem que marcam a identidade de Brasil oferecida lá fora. Nenhuma delas interpretava artistas brasileiras, nem músicas que falassem do Brasil. As artistas ali, mesmo as três negras que se apresentaram e a própria Wells, de pele mais escura que as demais, não apresentaram sambas em suas performances, desenvolturas que lembrassem o futebol ou a presença de roupas que marcassem nosso país como praieiro, como as roupas que marcam Ellen como brasileira, na Itália. Mas, sim, performances marcadas pelos acessos delas num mundo do espetáculo de língua estrangeira que, até no Brasil, é maioria em boates.

O Brasil que aparece nas identidades representadas pelas participantes da festa não corresponde às representantes brasileiras de que Liz fala em seu anúncio, no capítulo terceiro:

Liz

travestis brasileiras de 18 a 25 años, guapisimas y femeninas con preciosos cuerpos. con pechos grandes y pechos enormes. dotadas y super dotadas. muy potentes, activas y pasivas. piso climatizado, visa horario de 11 a 2h. Salidas y hotel. ([www.travestispain.com](http://www.travestispain.com))

As idades vão além do que se propõe no site. Este anúncio indica as especificações de maioridade, assim como de juventude e variedade de possibilidades de satisfação para o cliente leitor. Mas, com uma ressalva, a propaganda na internet se determina como propaganda e performance pessoal entre o cliente e a que oferece seus serviços como garota de programa. Porque, na comemoração de Wells, as mesmas que se propagandeiam desta maneira, ressaltando aspectos de virilidade, se mostram como as brasileiras fazem questão de se colocar totalmente personalizadas como femininas. Os viris são, na festa, os rapazes contratados para fazer shows para elas, a homenageada e as/os convidadas/os. Por isso, entendo que, naquele espaço, ser travesti brasileira está melhor representado como ser brasileira aqui no Brasil, diferente do ser travesti brasileira na

Espanha, por serem elas as figuras femininas por excelência no 7Drems, e não visivelmente ambíguas, como as informações de sites e jornais indicam, pois, nas apresentações de transformismo, a parte do corpo que algumas poucas colocaram à mostra foi apenas os peitos.

Um dos vestidos mais fotografados foi o de Liz<sup>139</sup>, madrinha da maioria delas ali, principalmente da aniversariante: era uma cópia do modelito que Penélope Cruz vestiu na entrega do Oscar em 2007, só modificado na cor.

Mais uma vez se pode visualizar um objeto enclassante (BOURDIEU, 1988) que, junto com o troféu, estatueta, de Aleika na sala de sua casa, e o microfone que chamou a atenção como mais um detalhe da festa, oferece a quem o possui – manipulando-o, no caso do microfone, vestindo-o, no caso do longo de Liz – status de européa, distinção pelo gosto adquirido para organizar a festa, assim como ser a homenageada, ou para poder estar com um traje que lembra celebridades internacionais e assim se destacar como referência dentre os pares. Objetos estes que dão distinção a quem os possui, porque constituem o troféu, produto de uma carreira bem sucedida, o vestido, produto de um investimento pessoal e acesso a novidades em termos de moda, assim como o microfone, que com ele se pode ser melhor vista, fotografada e *invejada* por todos. Repito, obra de arte é produto de um empenho, principalmente por quem a possui que dintingue provocando a admiração de todos.

Mesmo com diferenciações, todas ali parecem estar muito bem de vida, o que fica claro também quando estas festas têm as imagens disponibilizadas pelo travestispain. Aqui no Recife, as festas não são, nem de longe, similares. Nem pela quantidade de apresentações, nem tampouco pelo excesso em comidas e bebidas para os participantes que, com exceção das roupas e adereços, nada desembolsaram para estar ali.

Foram treze shows de transformismo com direito a corpo de bailarinos da casa. Dois garotos strippers se apresentaram também para os convidados. Um deles foi a nossa mesa e fez uma pequena apresentação para Jordi.

---

139Nome fictício.

Com este evento, percebe-se o quanto é possível alcançar visibilidade, sendo brasileira na Espanha. O que as caracteriza cada vez mais como *européas*. Todos os pontos destacados na festa de Barcelona: uso de vestidos de alta costura; excesso de comida e bebida; equipe de apoio profissional de primeira linha; apresentações de garotos só para elas e alguns convidados; apresentação artística de cada uma que pretendia ali se expor; em um espaço caro, de muita visibilidade e fama para a mídia interessada em divulgar o evento garante a elas o *status* de classe e o reconhecimento dentre os pares e toda a comunidade que as cercam. Assim como as pessoas que vêm o evento repercutir aqui no Brasil, a família e outras travestis que as identificam como *européias*. Pois, elas fazem com que as fotografias cheguem ao seu destino, seja levando na mala quando retornam ao Brasil, ou mesmo disponibilizando na internet as imagens, para que seu sucesso seja reconhecido.

Elas adquirem visibilidade e comprovam que conseguiram “*fazer*” a Europa, numa confirmação de terem dado certo por lá, em termos de poder estar trabalhando, acessando canais de comunicação que no Brasil não lhes era constante, conhecendo a Europa, adquirindo com isso comportamentos diferenciados que só a circulação entre países pode proporcionar.

As limitações não são vislumbradas nas imagens que direcionam ao Brasil, nem tampouco os estigmas por serem travestis, nome que muitas vezes marca negativamente; por terem no corpo marcas de sua constante modificação em prol de uma busca de perfeição enquanto figura feminina. Ou seja, uma carga de estigmas que só a própria circulação contribui para elas darem um *jeitinho* (DA MATTA, 1985; 1989) de driblar as “*saias justas*” (PELÚCIO, 2007) em que se encontram. As restrições nelas só são percebidas quando o trajeto não dá certo, fazendo-as retornar em um período de tempo menor que o necessário para se conseguir algo na vida, ou mesmo quando elas não conseguem realmente realizar as viagens internacionais.

Estas imagens, assim como o acesso da grande maioria das travestis na Espanha, demonstram que é o momento delas se colocarem mais uma vez como turistas, ingressando em

lugares que lhes dêem prestígio porque significam Europa: parques, boates, pessoas, cafés, lojas, grifes de beleza em roupas, jóias, festas e cuidados com o corpo, como demonstrado por Vívian, para confirmar seu sucesso.

Todas as travestis brasileiras na festa eram *européas*, umas mais distintas que outras, mas nenhuma delas desmerecidas do título que a presença e participação naquele mundo oferece. O capital cultural e econômico a que almejavam antes de sair do Brasil, alcançam ao chegar na Espanha e ter acesso a um grupo tão distinto como o de Wells. Ser amiga da aniversariante e de muitas que se destacaram ali gera prestígio, pois o enlace é um veículo de aprendizado, assim como de futuras viagens.

A experiência de Liz, Wells, Cris Falcão e Carla Ferri é modelo de europeidade para as outras que as rodeiam. Suas roupas, em especial a de Liz, como cópia de um vestido da espanhola mais famosa atualmente, é um “*truque*” que as demais devem aprender. Poder conseguir um marido espanhol também é uma conquista que chama a atenção das demais. Conseguir circular por vários países da Europa, como faz Cris Falcão, aponta para um conhecimento que as demais querem adquirir. Ser glamourosa, como afirmou anteriormente Grazita, faz parte do ser *européa*, o que ninguém mais lhe toma. Pois, “*experiências prazerosas*” (URRY, 1999), a “*busca de excitação, liberdade e modernidade*” (PARKER, 2002) são também o que procuram as travestis ao se perceberem desejosas de Europa.

É da experiência de Europa, seja das ruas ou pisos, das lojas, das grifes em roupas, perfumes e jóias que podem consumir, dos lugares de diversão que acessam, que elas podem reproduzir *habitus*, enquanto “*sistema de classificação*” (BOURDIEU, 1994). Estes *habitus* de travesti *européa* dizem muito sobre elas, quando se apresentam em shows, quando conversam e colocam em suas falas termos que não existem em sua linguagem anterior à viagem. Pois, mesmo como travestis brasileiras, com características de apresentação diferente de muitas trans de outros países que estão também na Espanha, a própria viagem ao exterior lhes proporciona novidades e

vantagens que só a experiência pode suprir. Mas, é no retorno que se ressaltam, reproduzindo *habitus*, assim como reforçando-se como européias, porque com provas de seu sucesso.

As que estavam no aniversário de Wells, assim como as que foram convidadas e não puderam comparecer, fazem parte do mercado do sexo transnacional que envolve Brasil e Espanha. Algumas delas iniciaram recentemente, com o acesso que têm à Europa, sua participação em instâncias antes não acessadas, o mundo dos concursos de beleza. Aleika não foi ao aniversário, mas foi por intermédio dela que consegui chegar ao 7Dreams e poder aqui dissertar sobre este evento tão distinto.

Neste ano de 2008, Wells participou do Miss Espanha, para a categoria, e ficou entre as três finalistas do concurso. O primeiro lugar foi conquistado por Beyoncé, uma das que se apresentaram e foram premiadas no aniversário de março. Ambas dividiram o palco com Cris Couto, vencedora do Miss Transexual Internacional de 2007, que pode ser encontrada no escorte de Cibele<sup>140</sup>, em Madrid. E é através de Wells, que forneceu o contato com Aleika, que Beyoncé está se preparando para o MIQ 2009. Todas com o objetivo de obter mais reconhecimento, e, conseqüentemente, distinção, pela obtenção de um troféu de finalista nos concursos em que são candidatas.

O mundo do espetáculo está aberto para as travestis, desde há muito. O mundo dos concursos de beleza tem se ampliado, e a festa de Wells aponta este fato através da lista de suas amigas, os modelos que concorreram e concorrem todos os anos em diferentes lugares do mundo, representando a beleza trans. Pois, mesmo com toda “*a falta de oportunidades de emprego*” formal que Aleika aponta em seu discurso, é a possibilidade de estar num universo diferenciado que as impulsiona para adquirir uma formação específica.

Ou seja, as participações em concursos de beleza e o acesso a festas em Barcelona, por

---

140 Nome fictício.

exemplo, contribuem para as travestis brasileiras adquirirem aprendizado e investir em negócios com as travestis aqui no Brasil, como na Europa, o que significa melhorar a “*visibilidade de um modo geral à classe*” (Aleika) e diminuir a revolta que algumas sentem por todo o conhecimento adquirido, por exemplo, o conhecimento escolar, que não serve muito na avenida, principalmente na Europa, nem tampouco quando vão em busca de empregos relativos à sua formação, como é o caso de Anjo, com o Ensino Médio concluído e alguns cursos de informática no curriculum, mas com exceção dos shows que realiza no Recife, em João Pessoa e cidades próximas, sobrevive do trottoir nestas cidades e na Europa.

Por isso, mais uma vez, é importante acionar os “truques” para melhor circular entre mundos, entre pessoas e entre as leis que limitam seu trânsito e, com isso, poder ter a possibilidade de buscar reconhecimento pelo que conquistam. Afinal, conquistar uma distinção construída por uma “*preferência estreitamente associada ao nível de instrução*” (BOURDIEU, 2007) é algo de difícil acesso para as que estão em idade adulta e têm nas instituições família e escola, o modelo da tradicional conduta discriminatória para com suas diferenças.

Nos quatro pontos dissertados ao longo deste estudo, nomeações, migração internacional, identificação de nação e atividades que distinguem as travestis brasileiras no Brasil e no mundo, ponho como destaque que foi na festa de Wells que pude perceber o quanto uma travesti brasileira, com poucas oportunidades de vivenciar a importância do seu trabalho, do empenho dedicado à produção artística de sua performance, assim como de seu corpo aqui no Brasil, pode vir a ser considerada distinta em termos de reconhecimento, por toda sua produção artística e de seu trajeto migratório.

Elas podem, com a participação em festas como esta, e com as imagens que provam seu gosto e distinção em outro país, ter a possibilidade de alcançar o reconhecimento entre seus pares. Podendo remeter isso ao Brasil com vistas a alcançarem mais respeito dos seus familiares e pares, pelo fato de terem podido acessar um lugar tão glamouroso, tão rico, tão bem conceituado para os

que aqui ficaram, como a Europa.

Thara Wells e sua companheira, pernambucana, retornaram há pouco para o Brasil. Ambas registraram sua visita ao Recife com uma fotografia em frente a uma das boates mais freqüentadas da cidade, a MKB, juntamente com um de seus proprietários. Esta imagem foi veiculada pela internet, no site da própria Wells.

No aniversário de Wells, muitas das travestis presentes, e elas se afirmavam assim o tempo todo, chegaram na Espanha de forma irregular, eu diria que todas inicialmente passaram por um trajeto deste porte: entrada com visto de turista, algumas com *carta de invitación*, outras não, mas, com um único desejo: dar certo na vida e trazer novidades da Europa.

Estão em situação diaspórica, “*em constante movimento*” (HANNERZ, 1997), e por isso precisam de “truques” para poder continuar circulando e, com isso, ser consideradas como novidade num mercado que a cada dia pede caras e performances (BUTLER, 2003) novas. Mercado este que se inclui nas novas configurações da cultura como processo (HANNERZ, 1997).

A maioria das interlocutoras ouvidas neste estudo continuam transitando entre a Europa e o Brasil. Circulando pela Espanha, de cidade em cidade, num esquema de ajudas que as mantém no fluxo, que as indica para pisos e eventos. Fazer parte do grupo de amigas de Wells é estar neste esquema que propicia aparecer na mídia melhor conceituada em termos de qualidade nas imagens, o que as torna bem vistas perante o público consumidor de seus serviços, e invejadas por quem não consegue acessar este mundo, estes lugares e estas amigas, como as que vivenciam apenas o lado negativo das viagens.

Em cada festa se incluem mais brasileiras que estão circulando pela Europa, dando uma passadinha na Espanha para prestigiar e poder obter um pouquinho de sucesso pelo fato de serem vistas, fotografadas, miradas sob o olhar do patrocinador e das responsáveis por pisos, boates e agências de escorte que adotam brasileiras.

A representação das travestis acerca de sua identificação enquanto brasileiras e travestis é produto das viagens que almejam e realizam ao longo de suas vidas. No Brasil, a viagem e os



preparativos para ela têm início antes mesmo delas imaginarem que um dia conseguirão embarcar para a Europa. Na Espanha, se vive a possibilidade de poder participar de um universo antes apenas vislumbrado por elas através de histórias contadas por outras que conseguiram acessar a Europa e converter euros em reais.

Na Espanha, elas sabem que, enquanto imigrantes, não são bem vindas. E isso fica claro nas informações e citações dos capítulos primeiro e segundo. Por isso, elas se preocupam tanto com a segurança no lugar onde vão realizar seu trabalho. Quando estão apenas alojadas em um hostel, como no caso de Érica, que me afirmou presenciar quando os policiais visitam a pensão onde ela e seu companheiro moram, com o intuito de pedir dos moradores e também dos donos do estabelecimento, *los papeles*, ou seja, a documentação em dia, já que se trata de uma pensão de equatorianos, também imigrantes. Ou mesmo quando estão em pisos e decidem nunca ir para as ruas de Madrid, pela falta de segurança que a mesma oferece, como é o caso de Byanca. Neste sentido, se submetem a regras que mais as aprisionam do que libertam, todavia almejam poder ficar mais um pouquinho e poder voltar para o Brasil com a bagagem rica, assim como a conta bancária.

É possível perceber, também, a dicotomia entre aprisionamento e liberdade através da atitude de Nice com Sheila, na festa de Wells, em que a vigilância sobre o comportamento desta travesti foi mote para uma desavença perante todos ali. Fato que pode ser entendido como um cuidado na manutenção do *status* de todas que estavam na comemoração, distintas pelo espaço em que se apresentavam, pelas lentes das câmeras que gravavam todo o movimento, assim como pessoas que podiam lhes abrir caminhos mais promissores em termos de reconhecimento.

As travestis se diferenciam de muitos migrantes por aspectos diversos. Primeiro, elas podem desconhecer o trajeto da primeira viagem que farão à Europa, mas a certeza de Europa é presente no seu trajeto, como no seu discurso; muitas delas entram no esquema de agiotagem na primeira viagem, que se configura na leva de travestis para a Espanha, e mesmo não sabendo o tempo que levarão para pagar os empréstimos realizados têm ciência de que, enquanto estiverem pagando a dívida, não poderão usufruir dos bens que a Europa oferece a quem a visita,

principalmente porque, mesmo com visto de turistas, viajam com o intuito de ganhar dinheiro e garantir novas identidades, a de *européa*, por exemplo.

Elas estão cientes de que, no Brasil, sua identidade de travesti as impede de muitas conquistas. Principalmente de participar de um grupo tão coeso e integrado socialmente como o de Wells, em Barcelona.

Para isso, ou adiam suas modificações corporais, como foi o caso de Eline, ou decidem se firmar no mercado externo para se sustentarem e, depois disso, conquistarem novos espaços de poder, como, por exemplo, sendo vitoriosa em concursos de beleza internacional, como Cris Couto, ou participando de associações de direitos de cidadania de travestis, como Aleika, mas não abrindo mão do mercado do sexo, do qual vem o sustento de muitas delas. Por isso, é importante participar de muitos mundos, o que a circulação entre países pode oferecer.

Neste sentido, o Brasil se afirma, na representação delas, assim como em seus trajetos observados ao longo da pesquisa, enquanto país constituído na relação de dominação (SAYAD, 1998) pois, como afirmo no capítulo segundo, “*a migração prolonga a relação do país, que migra, com a colonização, pois estabelece, através dos migrantes, uma razão de ser através do trabalho que busca quem sai de seu país para se estabelecer em outro, seja por pouco tempo ou pra toda a vida*”.

Eu não poderia informar aqui que há, na Espanha, outras comemorações de outros coletivos de travestis, de outras partes do mundo, como a que foi presenciada em Barcelona, na festa de Wells. Se ocorrem festividades de travestis equatorianas, colombianas, francesas ou romenas, a possibilidade de estar havendo um fenômeno que localiza as travestis de outros países em tribos (Maffesoli), na Espanha é algo a ser investigado. Mas, em se tratando de encontro de travestis brasileiras, o porte da festa mostra o quanto elas almejam, e conseguem, reconhecimento através da manutenção de redes de contato e ajudas que se reproduzem através da internet e dos acessos a outras aqui no Brasil.

Por conta disso, a travesti que freqüenta a Europa acaba por se tornar *habitué* deste

continente, marcado pelo trânsito de turistas que, como elas, estão interessados no mercado de relacionamentos entre pessoas de diferentes países. E trazem, em sua bagagem, nomes novos adquiridos com a vivência na Europa, roupas, jóias, títulos de concursos de beleza, revistas que comprovam sua experiência no mundo da moda (Sol, Apud PATRÍCIO, 2002), sapatos e botas que aqui não poderiam comprar em tão pouco tempo, e fotografias para comprovar seu aprendizado lá fora.

A participação no mundo da Europa oferece às travestis um poder de controlar suas vidas e seus trajetos de forma que fiquem cada dia mais livres das regras do mercado do sexo, que aprisiona. Embora nem sempre consigam alcançar totalmente esta liberdade, por falta de uma formação escolar que as impede de entrar no mercado de trabalho que não seja o sexual. Por isso, as redes de acolhidas, de ajuda e de agiotagem, como afirmou Cris Falcão no segundo capítulo, se ampliam quando se trata das *européas* travestis brasileiras. Principalmente nos dias atuais, em que estão, como Sol em Campina Grande, Aleika e Cris Falcão no Recife, se libertando dos esquemas que as colocam na irregularidade, em termos de trânsito com a Europa, esquemas estes que, a cada dia, se desvinculam da cafetinagem, do tráfico de seres humanos e da marginalidade, dois pontos que identificam o trânsito de muitos brasileiros para a Europa, em especial a Espanha, que se configura hoje como “*país de trânsito*” (Arango, In: VANGUARDIA, 2007).

Considero, finalmente, que esta tese, por mais que tente entender as travestis e suas motivações nas viagens internacionais que lhes proporciona *status* e distinção perante as pessoas que as rodeiam, acaba por trazer de volta uma questão simples que se percebe em qualquer migrante: a busca de reconhecimento na trajetória de vida, a busca de dar certo na vida como pessoa que trabalha e com isso adquire bens, para se sustentar e para cumprir o que a sociedade cobra a todos, uma função reconhecida, uma atividade que renda dinheiro e retorno para outras pessoas, o que elas conseguem com as viagens que realizam.

Por isso, posso concluir que as inquietações em termos de designação que elas enfrentam no caso de pensar Brasil e Espanha, pode ser entendida como o produto da mobilidade e

da confluência de contatos que as fazem pensar as viagens como possíveis e importantes para que consigam um *status* diferente do que estão acostumadas no país onde nasceram. Elas lidam todos os dias com a presença da Europa como ideal máximo de alcance de visibilidade para a pessoa travesti. Contudo, a maioria sofre com os estigmas que a identidade de travesti possui aqui no Brasil, remetendo ao que afirma Carla Antonelli sobre a América Latina. Uma boa parte apenas consegue sair do país utilizando “truques” para ter acesso a outros mundos, como a Espanha e a eventos como o aniversário de Wells, o que gera indicações para outros ambientes de trabalho mais visíveis positivamente, mesmo em relação à prostituição, e a outras pessoas que podem indicá-las para participar de eventos mundiais de beleza, como os concursos de que Aleika, Cris Couto e Beyoncé puderam participar.

**BIBLIOGRAFIA**

AGUSTÍN, Laura Maria. **Trabajar en la industria del sexo**. Madrid: *OFRIM/Suplementos*, Junio 2000, Pp. 155-72.

\_\_\_\_\_, **La industria del sexo, los migrantes ya la familia europea**. In: *Cadernos Pagu*. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: (25) Julho-dezembro de 2005. P.107 a 128.

ALTAMIRANO, Teófilo. **Exodo. Peruanos em el exterior**. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú, 1992.

ALVES, Jorge Fernandes (Coord.). **Os “brasileiros” da emigração**. Seminário no Museu Bernardino Machado. Portugal: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão, 1999.

ANTONELLI, Carla. La Transexualidad y el maltrato mediático. In: RUÍZ, Mercedes García. (Coord.) **Transexualidad. Hombres y Mujeres com todos los derechos**. Asturias: Consejo de la Juventud del Principado de Asturias, 2005. P. 138 a 141.

ARANGO, Joaquín. **Las migraciones internacionales em un mundo globalizado**. In: *Revista Vanguardia Dossier*. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. **Novos migrantes do e para o Brasil: Um balanço da produção bibliográfica**. Brasília. *Cadernos CNPD*, 2000. Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições para Políticas. Brasil. 2000.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares. Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. São Paulo: Papirus, 1994.

BARDIN, Laurence. **Análise do conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUDRILLARD, Jean. **A Sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 1970

\_\_\_\_\_ **A Troca simbólica e a morte.** Lisboa: Ed. 70, 1976.

BALDWIN-EDWARDS, Martin. **La migración en la región del Mediterráneo.** In: Revista Vanguardia Dossier. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2000.

BAZTÁN. A. Aguirre (Ed). **Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural.** Ed. Boixareu Universitária. s/d.

BECERRA-FERNÁNDEZ. **Transexualidad. La búsqueda de una identidad.** Madrid: Díaz de Santos, 2003.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis.** Rio de Janeiro. Garamond Universitária, 2005.

\_\_\_\_\_ **Hormonizada! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis de Porto Alegre.** XXII Encontro Anual da ANPOCS. Grupo de Trabalho 11 – Pessoa, Corpo e Saúde. Caxambu, 1998.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** UNB, 2003.

BOGUS, Lúcia Maria Machado & BASSANEZI, Maria Silvia C. Beozzo. **Brasileiros (as) na Itália: nuovi cittadini ou extracomuntari?** Brasília. Cadernos CNPD, 2000. Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições para Políticas. Brasil. 2000.

BOURDIEU, Pierre. **La Distinción.** Madrid: Taurus, 1988

\_\_\_\_\_ **O poder simbólico.** Portugal: Difel/ Bertrand Brasil. RJ. 1989 a (Coleção Memória e Sociedade.)

\_\_\_\_\_ **A Dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989 b.

\_\_\_\_\_ **Sociologia.** São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais.)

\_\_\_\_\_ **Lições de aula.** São Paulo: Ática, 1994. (Aula inaugural proferida no Collège de France em 23 de Abril 1982).

\_\_\_\_\_ **A Miséria do mundo.** Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_ **A Distinção. Crítica social do julgamento.** São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUTLER, Judith. **Lenguaje, poder y Identidad.** Ed. Sintesis. Madrid. 1997.

\_\_\_\_\_ **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2003.

\_\_\_\_\_ **Deshacer el Género.** Ed. Paidós: Barcelona. 2004

\_\_\_\_\_ **Conferência no Museu de Arte Contemporânea.** Barcelona, Junho de 2007

CACHÓN, Lorenzo. **Diez notas sobre la inmigración en España 2006.** In: Revista Vanguardia Dossier. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. **Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção.** In: Revista de Estudos Feministas. Rio de Janeiro, Volume 7, n 1, 1999.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTEL, Pierre-Henri. **Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995).** CNRS. Texto mimeo.

CASTILLO, Isabel Yépez del; VILLEGAS, Víctor Manuel Méndez. **Las peculiaridades de America Latina y el Caribe.** In: Revista Vanguardia Dossier. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L., 2007.

CASTRO, Mary Garcia. **Algumas provocações sobre cultura política e cidadania.** 2003.

Disponível em <http://www.icd.org.uy/mercosur/forum/castro.html>. Acesso em julho de 2004.

\_\_\_\_\_. **Identities, alteridades, latinidades.** Caderno CRH. Dossiê. Salvador. n. 32, p. 11-29, Jan./Jun., 2000.

\_\_\_\_\_. **Estranhamento e identidades. Direitos humanos, cidadania e o sujeito migrante. Representações em textos diversos.** In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais. São Paulo. Volume 22, n. 1. p. 5-28. Jan./Jun., 2005.

CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco (Ed.). **Teoría Queer. Políticas bolleras, maricas, trans, mestizas.** Madrid: Editorial Egales, 2005.

COUTO, Edvaldo Souza. **Transexualidade. O corpo em mutação.** Salvador: Ed. GGB, 1999.

DA MATTA, Roberto. **A casa e a rua.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **A família como valor: considerações não familiares sobre a família à brasileira.** IN: Carneiro; De Paula; De Almeida (Orgs.). **Pensando a Família no Brasil. Da colônia a Modernidade.** Rio de Janeiro: Espaço Tempo/ Editora da UFRRJ, 1987.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

\_\_\_\_\_. **Da Matta.** Entrevista concedida ao site <http://www2.camara.gov.br/internet/homeagencia/materias.html?pk=98587>. Acessado no dia 26/02/2007 17h57.

DEL PRIORI, Mary. **Mulheres no Brasil colonial.** São Paulo: Contexto, 2000.

DENIZART, Hugo. **Engenharia erótica. Travestis no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997(livro); 1999(vídeo 40').

DICIONÁRIO MICHAELIS. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

DURKHEIM, Émile. In: RODRIGUES, J. Albertino; FERNANDES, Florestan. **Durkheim.** São



Paulo: Editora Ática, 1993. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores. Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro – 1840-1890.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

FERNANDES, Duval. **Fontes de dados para a estimativa do volume de imigrantes na Espanha: notas introdutórias.** Madrid, 2007 (Texto mimeo).

FERNANDEZ, Josefina. **Cuerpos desobedientes. Travestismo y identidad de género.** Buenos Aires: Edhasa, 2004.

FIGUEIREDO, Adriana. **Das narrativas da dor. Um estudo sobre práticas de modificações corporais e afetividades na Experiência da Travestilidade.** Dissertação de Mestrado apresentada a Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2008.

FONSECA, Claudia. **A morte de um gigolô.** In: PISCITELLI, Adriana. **Sexualidades e saberes: Convenções e fronteiras.** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.

FRASER, Nancy. **Iustitia interrupta: Reflexiones criticas desde la posición “postsocialista”.** Santa Fé de Bogotá: Siglo de Hombres editores, 1997. Capítulo 1, p. 17-54.

FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. **Redistribution or recognition? A political -philosophical exchange.** London/ New York: Verso, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** (35ª edição) Rio de Janeiro: Record, 1999.

FRY E MACRAE. **O que é homossexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1991.(Coleção Primeiros Passos).

GAMMELTOFF, Tine. **Women's bodies, Women's worries.** London: Routledge Curzon, 1998.

GARAIZABAL, Cristina. **La transgresión del género. Transexualidades, un reto apasionante.**

In: NIETO, José Antonio. (Comp.) **Transexualidad, transgenerismo y cultura. Antropología, identidad y género.** Madrid: Talasa Ediciones S.L, 1998.

GARCIA, Clarissa. **A família em reconstrução nas camadas médias urbanas.** Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Texto mimeo.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais.** In: BAUER, M.; GASKELL, G. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Mulatas profissionais: raça, gênero e ocupação.** In: Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, PUC, Jan./Abr., 2006.

GIL, Laura Pérez. **Corporalidade, ética e identidade em dois grupos pano.** In: Ilha. Revista de Antropologia. Florianópolis, v. 5, n. 1, 2003.

GIL, Esther Gómez; ANTONIO, Isabel Esteva de. **Ser transexual. Dirigido al paciente, a su familia y al entorno sanitario.** Barcelona: Editorial Glosa, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** Rio de Janeiro: Edições LTC, 1963.

GOLDANI, Ana Maria. **Famílias e gêneros: Uma proposta para avaliar (des)igualdades.** In: Revista PAGU, UNICAMP, 1997.

GRABURN, Nelson. **Tourism. The Sacred journey (1975).** In: COLE, Johneta B. Anthropology for The Nineties. Introductory Readings. Revised and updated, 1988.

\_\_\_\_\_ **Entrevista concedida a Rodrigo Grünwald.** In: Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, a. 14, n. 29, p. 341 -368, Jan./Jun. 2008.

Grupo da Vida. **Prostitutas, “traficadas” e pânico morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”.** In: Cadernos Pagu. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: n. 25, p.153

a 184 Jul./Dez. 2005.

GUIMARÃES Jr, Mário J. L. **De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social *on-line***. In: Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v. 10, n. 21, Jan./Jun., 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_ **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da Antropologia transnacional**. In: Revista Mana, Rio de Janeiro, v. 3, abr. 1997.

HARAWAY, Donna & SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.) **Antropologia do Ciborgue. As vertigens do Pós Humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. São Paulo: Ed 34, 2003.

\_\_\_\_\_ **"Reconnaissance et justice"**. *Revue Le Passant Ordinaire*, 2002. (site <http://www.passant-ordinaire.com/revue/38-94.asp>, visitado em 13/7/2004).

JAYME, Juliana. **Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: Personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa**. Tese de Doutorado apresentado ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, mimeo. 2001.

Jornal **Diário de Pernambuco**. 24 de fevereiro de 1970. 1º Caderno, p.8.

KNAUTH, Daniela; VICTORA, Ceres et. al. **Pesquisa qualitativa em Saúde**. Porto Alegre, 2000.

LEITE, Maria Jaqueline de Souza. **Gênero e turismo sexual. Experiências brasileiras no exterior e de casos no Brasil. Serviço de prevenção**. Brasília. CNPD, 2000. Seminário Internacional Migrações Internacionais – Contribuições para Políticas. Brasil. 2000.

LEHMANN-KARPZOV, Ana Rosa. **Turismo e Identidade. Construção de identidades sociais no contexto do turismo sexual entre alemães e brasileiras na cidade do Recife.** Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco: (Mimeo.) Recife, 1994.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional. Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo. Editora UNESP, 2001.

LOPES, Denilson. **Somos todos travestis. O imaginário camp e a crise do individualismo.** In: Revista Lugar Comum. n. 9-10, UNB, 1999-2000.

\_\_\_\_\_ **O homem que amava rapazes. E outros ensaios.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Igor José de Renó. **Identidade e subordinação ativa: Uma etnografia dos imigrantes brasileiros no Porto.** In: LIMA, Roberto Kant de (Org.) Antropologia e Direitos Humanos. (3) Rio de Janeiro: Niterói/UFF, 2005 (Prêmio ABA/Fundação Ford).

MALINOWSKI, Bronislaw Kasper. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia.** São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os pensadores)

MARTES, Ana Cristina Braga. **Brasileiros nos Estados Unidos. Um estudo sobre imigrantes em Massachusetts.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTINIELLO, Marco. **Integración y diversidad en una Europa multicultural.** In: Revista Vanguardia Dossier. n. 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007

MATTOS, Patrícia. **A Sociologia política do reconhecimento: as contribuições de Charles Taylor, Axel Honneth e Nancy Fraser.** São Paulo: Ed. Annablume, 2006.

- MAUSS, M. **As técnicas corporais**. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.
- MEDINA, C. A de. **Família. Ontem, hoje amanhã**. In: Revista Debates Sociais. Rio de Janeiro: ano XXVI, 1º e 2º semestres, 1991.
- MEJÍA, Norma. **Transgenerismos. Una experiencia transexual desde la perspectiva antropológica**. Barcelona: Edicions Bellaterra, Série general universitaria, 2006.
- MESSEDER, Suely. **“Lá você vai ser um pedaço de carne...” Entrelaçando o ato performativo da masculinidade subalterna com o mercado sexual dos homens pretos na Galícia**. Unicamp, 2007 (V Encontro Nacional de Migrações. Disponível nos anais eletrônicos do evento).
- MORAIS, Grasiela Florêncio. **Ser mulher, pobre e mestiça: repressãopolicial e resistência feminina nos logradouros públicos do Recife oitocentista (1836-1842)**. Trabalho apresentado e publicado nos Anais eletrônicos do I Encontro Regional em História Social e Cultural. Recife: UFRPE/DLCH/GEHISC, 2007.
- MOZO, Ana Gálvez. **Producción de compromiso y sentido de realidad em los entornos virtuales. Un análisis etnográfico**. Universitat Oberta de Catalunya, Revista Athenea Virtual, n. 5, 2004.
- NIETO, José Antonio. **Trangénero/Transexualidad: de la crisis a la reafirmación del deseo**. In: NIETO, José Antonio. (Comp.) **Transexualidad, transgenerismo y cultura. Antropología, identidad y género**. Madrid: Talasa Ediciones, 1998.
- NILO, Alessandra; VELOSO, José Carlos; LINDNER, Liandro; DUDA, Rubens (Org.) **Comunicaids. Políticas públicas e estratégias de controle social**. São Paulo: Ágil, 2005.
- NOGUÉS, Ramon N. **Hormonas y humores**. In: Sexo, cerebro y género. Diferencias y horizontes de igualdad. Barcelona: Ed. Paidós. Buenos Aires – México, p. 177-195, s/d.
- OLIVEIRA, Aurenéa Maria. **Globalização, Multiculturalismo, Pluralismo e Diferença: a intolerância praticada contra as prostitutas adultas e infanto-juvenis no município de Serra Talhada**. Trabalho apresentado e publicado nos Anais eletrônicos do I Encontro Regional em

História Social e Cultural. Recife: UFRPE/DLCH/GEHISC, 2007

OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus – o Jogo aberto dos travestis no espelho da mulher.** Salvador: Centro Editorial e Didático, 1994.

PARELLA, Sònia, SOLÉ, Carlota Y CAVALCANTI, Leonardo. **El empresariado inmigrante en España.** Colección Estudios Sociales, n. 21. Edición electrónica disponible en internet: [www.lacaixa.es/obrasocial](http://www.lacaixa.es/obrasocial). **Fundación La Caixa**, 2007.

\_\_\_\_\_ **Una aproximación cualitativa a las remesas de los inmigrantes peruanos y ecuatorianos en España y su impacto en los hogares transnacionales.** Separata de la “Revista Española de Investigaciones Sociológicas”. Número 116. Octubre-diciembre de 2006. P. 241 a 257.

PARKER, Richard. **Corpos, Prazeres e Paixões — A cultura sexual no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Best-Seller, 1991.

\_\_\_\_\_ **Abaixo do Equador – Cultura do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

PATRÍCIO, Maria Cecília. **Travestismo. Mobilidade e Construção de Identidades em Campina Grande.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, mimeo, 2002.

PEIRANO, Mariza G. S. **Uma Antropologia no plural. Três experiências contemporâneas.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.

PELÚCIO SILVA, Larissa Maués. **Travestis, a (re) construção do feminino - gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo.** In: Revista Antropológicas. Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGA). Recife: Editora da UFPE. ano 8, volume 15 (1): P. 123-154. 2004.

\_\_\_\_\_ **Tudo de Bom para as travestis: uma breve discussão sobre o modelo preventivo em HIV/aids entre um grupo de trabalhadoras do sexo.** Trabalho apresentado no III Enchuman. Campinas, Out. 2004.

\_\_\_\_\_ **Na noite, nem todos os gatos são pardos. Notas sobre a prostituição travesti.** In: **Revista Cadernos Pagu.** Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: n. 25, p. 217 a 248, Jul./Dez., 2005.

\_\_\_\_\_ **“No salto” – trilhas e percalços de uma etnografia entre travestis que se prostituem.** 2006. (mimeo)

\_\_\_\_\_ **Nos nervos, na carne, na pele. Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids.** Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da universidade Federal de São Carlos, mimeo, Junho de 2007.

PEQUEÑO, Andrea. **Historias de misses. Historias de naciones.** Ecuador: ICONOS, número 20. FLACSO, 2004.

PEREIRA, Míriam Halpern. **A política portuguesa de emigração (1850-1930).** Bauru, São Paulo: EDUSC; Portugal: Instituto Camões, 2002.

PERES, Wiliam Siqueira. **Subjetividade em construção permanente.** In: UZIEL, Anna Paula; RIOS, Luís Felipe; PARKER, Richard Guy (Orgs.) **Construção da sexualidade. Gênero, identidade e comportamento em tempos de Aids.** Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2004.

PÉREZ, Carmen; CALLÉN, Blanca; BERTRÁN, Marta; ARDÈVOL, Elisenda. **Etnografia virtualizada: la observación participante y la entrevista semiestructurada em línea.** In: Revista Athenea Virtual. Número 3. 2003

PÉREZ, Fernando Villaamil. **La Transformación de la identidad gay em España.** Madrid: Ed Catarata (Facultad de Ciencias políticas y Sociología), 2004.

PERLONGHER, Nestor. **O negócio do michê: prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Brasiliense, 1993.

PINHEIRO, João Amorim. **Equipamentos de Lazer GLBTS: Um mercado para empreendedores.** Monografia de Especialização. Programa de Pós Graduação em Gestão Empreendedora do Turismo. Faculdade Integrada do Recife – FIR, 2005.

PIRANI, Denise. **Quands les lumières de la ville s'éteignent: minorités et clandestinités à Paris, le cas des travestis**. Paris, École des Hautes Études en Sciences Sociales, 1997 (tese de doutorado).

PISCITELLI, Adriana. “**entre a praia de Iracema e a União européia: turismo sexual internacional e migração feminina**”. In: PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria filomena, CARRARA, Sérgio. (Org.) *Sexualidades e Saberes: Convenções e Fronteiras*. Ed. Garamond. RJ: 2004.

\_\_\_\_\_ **Viagens e sexo on line. A internet na geografia do turismo sexual**. In: **Revista Cadernos Pagu**. Revista semestral do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: (25) Julho-dezembro de 2005. P. 281 a 326.

PRECIADO, Beatriz. **Manifiesto contra-sexual**. Madrid: Opera Prima, 2001.

\_\_\_\_\_ **Revista Multitudes**. Paris. Número 12, 2003.

\_\_\_\_\_ **Devenir bollo-lobo o cómo hacerse un cuerpo queer a partir de *El pensamiento heterosexual***. In: CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco. (Editores) **Teoría queer. Poéticas bolleras, maricas, trans, mestizas**. Madrid: Editorial egales, S.L, 2005.

Revista **Brasileira de Estudos Populacionais**. Campinas, 8 (1/2), 1991.

[Revista Debates Sociais. Rio de Janeiro: ano XXVI, 1º e 2º semestres, 1991.](#)

Revista **Estudos Feministas**. [Entrevista com Judith Butler. “Como os corpos se tornam matéria”](#). [CFC/CCE/UFSC. Número 1. Volume 10, 2002.](#)

[Revista Mana. Rio de Janeiro, v. 3, abr. 1997.](#)

Revista **RKMagazín**. Marbella/Málaga, España, n. 6, Jun. 2007.

[Revista Triunfo. Espanha, 1977.](#)

Revista **Vanguardia. Dossier Inmigrantes. El continente móvil**. Barcelona: La Vanguardia ediciones S. L., n. 22. Enero/Marzo, 2007.

RIPOLL, Erika Masanet. **O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um**



**breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP. Caxambú. MG. 2006.

RODRIGUES, J. Albertino; FERNANDES, Florestan. **Durkheim.** São Paulo: Editora Ática, 1993. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

RODRÍGUEZ, Pepe. **El retrato imposible: la etnografía de grupos cerrados.** In: BAZTÁN, A. Aguirre (Ed.) **Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural.** España: Ed. Boixareu Universitária, s/d.

ROMERO, Dolores Martín. **La Transexualidad, diversidad de una realidad.** Cuadernos técnicos de Servicios Sociales. Madrid: Consejería de Família y Asuntos Sociales, 2006.

\_\_\_\_\_; PÉREZ, Ródenas; PÉREZ, Fernando Villaamil. **Estudio Sociológico y Jurídico sobre homosexualidad y mundo islámico.** Madrid: Cogam, 2007.

RUBIN, Gayle. **“The traffic in Women”, Toward an Anthropology of Women.** Nueva York: Rayna R. Reiter (editora); Monthly Review Press, 1975.

RUBIO, Carlos Junquera. **Los informantes.** In: BAZTÁN, A. Aguirre (Ed.) **Etnografía. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural.** España: Ed. Boixareu Universitária. s/d.

RUÍZ, Mercedes García. (Coord.) **Transexualidad. Hombres y Mujeres com todos los derechos.** Asturias: Consejo de la Juventud del Principado de Asturias, 2005.

SALES, Tereza, **Novos fluxos migratórios da população brasileira.** In: Revista Brasileira de Estudos Populacionais. Campinas, 8 (1/2), 1991.

\_\_\_\_\_ **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Cortez, 1999.

SAMARA, Eni de Mesquita. **A História da Família no Brasil.** In: Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 9, n. 17, p. 07-35, Set. 1988/Fev. 1989.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Concurso de Beleza. Discursos e Sujeitos.** III Colóquio Nacional de

Moda. UDESC. Santa Catarina, Brasil.

SANTILLÁN, Cristina. **El taller de transexualidad y feminismo (Grupo EUS de Genera)**. In: TRUJILLO, Mayte Ayllón (Coord.) **Transexualidad, transgeneridad y feminismo. Dossier de trabajo del Taller**. Madrid: Genera-Transexualia-Cogam-Mujeres y Teología de Madrid: 2003-2004.

SANTOS, Maria de Fátima Lima. **Ni todas las chicas son chicas. Alteridade e Gênero no cinema de Pedro Almodóvar**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração. Ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SCIORTINO, Giuseppe. **Algunos elementos para comprender a los 'irregulares'**. In: Revista Vanguardia Dossier. Número 22. Enero/Marzo. Barcelona: La Vanguardia ediciones S.L. 2007

SESMA, Silvério Sáez. **Identidad y transexualidad**. In: RUÍZ, Mercedes García (coord.). **Transexualidad. Hombres y Mujeres con todos ls derechos**. Asturias, 2005.

SCOTT, Russel Parry. **A família espanhola e a receptividade a migrantes brasileiros**. NEPO. Campinas, Out. 2007.

\_\_\_\_\_ **Turismo, poder y comunidades locales: Fluxos, organização e significados entre Brasil, Europa e os Estados Unidos**. Salamanca, 2006

\_\_\_\_\_ **Antropologias Nacionais: Observando Brasil e os Estados Unidos para pensar a Espanha**. In: ESPINA BARRIO, Angel-B. Poder, Política y Cultura. **Antropología em Castilla y León e Iberoamérica VII**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana, 2005.

SCHEPPER-HUGHES, Nancy. **Bodies for Sale - Whole or in Parts**. In: Body and Society. v. 7 (2-3): 1-8. London, Thousand Oaks and New Delhi: SAGE Publications, 2001a.

---

\_\_\_\_\_ **The Global Traffic in Human Organs.** A Report Presented to the House Subcommittee on International Operations and Human Rights, United States Congress on June 27, 2001b. In: Public Anthropology. ([www.publicanthropology.org](http://www.publicanthropology.org)).

SILVA, Hélio. **Travesti: A invenção do feminino. Etnografia.** Rio de Janeiro: Relume/Dumará/ISER, 1993.

\_\_\_\_\_ **Certas Cariocas. - Arenas do Rio: Travestis e vida de rua no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Relume/Dumará, Prefeitura, 1996.

\_\_\_\_\_ **Travestis. Entre o espelho e a rua.** Rio de Janeiro: Rocco, 2007a.

SILVA, Joseli Maria. **A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade.** Departamento de Geografia - Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR X Coloquio Internacional de Geocrítica. Diez años de cambios en el mundo, en la geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. Universidad de Barcelona. Barcelona, mayo de 2008a.

SILVA, Sandro José da. **Carnaval sem rouge nem batom? A repressão aos travestis de “verdade” nos carnavais do Recife entre os anos de 1970 a 1980.** Trabalho apresentado e publicado nos Anais eletrônicos do I Encontro Regional em História Social e Cultural. Recife: UFRPE/DLCH/GEHISC, 2007. UFRPE, Recife. Outubro, 2007b. (mimeo)

\_\_\_\_\_ **Entre plumas, interdições e reivindicações: discursos e imagens sobre a homossexualidade masculina na cidade do Recife na década de 1970.** Monografia apresentada no Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2008..

SILVERMAN, David. **Interpreting qualitative data: methods for analyzing talk, text and interaction.** London: Sage, 1993

SPINK. Mary. **Caminando sobre huevos: una reflexión construccionista sobre la investigación.** In: Revista Athena Digital, São Paulo: PUC, n. 9, 2006.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária.** São Paulo: Polis, 1980.

TRUJILLO, Mayte Ayllón (Comp.). **Transexualidad, Transgeneridad y Feminismo.** Dossier de

Trabajo del taller. Madrid: Genera-Transexualia-COGAM-Mujeres y Teología de Madrid. 2003-2004.

URRY, John. **O Olhar do Turista. Lazer e viagens nas Sociedades contemporâneas.** São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1999.

VEKSLER, Bernardo. **Del Barquillo a Chueca. Transformaciones y glamour de un barrio madrileño.** Madrid: Editorial Vision Net, 2005.

VELHO, Gilberto. **Família e Subjetividades.** In: CARNEIRO; DE PAULA; DE ALMEIDA (Orgs.) **Pensando a Família no Brasil. Da colônia a Modernidade.** Rio de Janeiro: Espaço Tempo/Ed. UFRRJ, 1987.

\_\_\_\_\_ **“Observando o familiar”.** In: NUNES, Edson O. **A aventura sociológica – Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 36-46, 1978.

VÍCTORA, Ceres Gomes, KNAUTH, Daniela Ríva & HASSEN, Maria de Nazareth Agra. **Pesquisa qualitativa em Saúde. Uma introdução ao tema.** Porto Alegre: Tomo editorial, 2000.

VIDAL, Clécio. **Travestis buscam o anonimato e a visibilidade.** Artigo publicado em Comunicampus. Jornal do Comercio do Recife, nov. 2001. (O artigo trata da pesquisa de PATRÍCIO, 2002).

WACQUANT, Loïc. **Mapeando o habitus.** In: Revista Habitus. Goiana, v. 2, n. 1, p.11-18. Jan./Jun. 2004.

\_\_\_\_\_ **Apontadores sobre Pierre Bourdieu e a política democrática.** In: Revista Habitus. Goiana, v. 2, n. 2, p.361-384, Jul./Dez. 2004..

\_\_\_\_\_ **Corpo e Alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

\_\_\_\_\_ **Putas, escravos e garanhões: Linguagens de exploração e de acomodação entre boxeadores profissionais.** In: Revista Mana. 6 (2), p. 127-146, 2000.

WERNER, Dennis. **Laços sociais e bem-estar entre prostitutas femininas e travestis em**

**Florianópolis.** In: Revista Antropologia em Primeira Mão. Número 15, s/d.

WITTIG, Monique. **A propósito del contrato social.** (1987). Texto disponível em material divulgado através do Congresso Seminari de Judith Butler. Barcelona: MACBA, Jun. 2007.

\_\_\_\_\_ **El pensamiento heterocentrado.** (1978). Texto disponível em material divulgado através do Congresso Seminari de Judith Butler. Barcelona: MACBA, Junho de 2007.

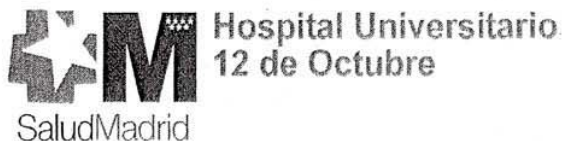
ZAMBRANO, Elizabeth. **Trocando oos documentos. Transexualismo e Direitos humanos.** IN: LIMA, Roberto Kant de (Org.). **Antropologia e Direitos Humanos.** (3) Rio de Janeiro: Niterói/UFF, 2005 (Prêmio ABA/Fundação Ford).

---

# **ANEXO**

---

ANEXO A



The logo of the Comunidad de Madrid, featuring a stylized 'M' with a cross inside, followed by the text 'Comunidad de Madrid'.

*La paciente D<sup>ÑA</sup> PAULA CONSTANZA DE SOUSA DA SILVA, de 45 años, consulta por primera vez el 25 de noviembre de 1998 para tratamiento y seguimiento por disforia de género.*

*Tras anamnesis y exploración se solicita informe Psiquiatría previo a inicio tratamiento hormonal.*

*El 18 de enero de 1999 aporta informe Psiquiatría (Dra de Miguel) en el que no se aprecia ninguna contraindicación para inicio tratamiento hormonal; lo cual se realiza a partir de dicha fecha y hasta la actualidad.*

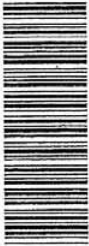
*La paciente ha realizado todas las revisiones periódicas que se le han recomendado y continuado con el tratamiento hormonal indicado.*

*A petición de la interesada. En Madrid, 13 de abril de 2007*

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Josefa Merta Vázquez', written over a circular stamp.  
Cods 1611916010H  
Dr. Josefa Merta Vázquez  
Col 28/23793-7



Hospital Universitario  
12 de Octubre



H5108509

H: 5108509 - 28/463702632 T  
DE SOUSA DA SILVA  
PAULA  
Nac: / DSDS610756076010  
C BARCO, 41 3º-C  
MADRID  
28005 MADRID  
Tel.: 630226544 - AREA: 7  
Clas: 1607140113W  
Cons: 277 SEGOVIA

TRATAMIENTO

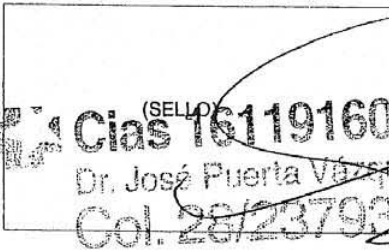
Inspección

Recomiendo derivación  
al Dr. Becerra (Hospital  
Quirón, Capital) - (SIFIDA)  
de Diagnóstico de género,  
para seguimiento tratamiento  
farmacológico y cirugía.

*Dr. Puerta*

9 Julio 07

H.12.X - 6847



Fecha:

Firma:

(SELLO)

Clas 1611916010H

Dr. José Puerta Vázquez

Col. 28/23793/7



Expte. 10T/07

DILIGENCIA.- En Madrid, a 8T/07. La extiendo yo, Secretaria, para dar cuenta a SS<sup>as</sup>. de la se devolución del expediente por el Ministerio Fiscal, emitido preceptivo Informe; doy fe.-

AUTO



En Madrid, a 24/04/07  
dada cuenta y,

ANTECEDENTES DE HECHO

Primero. Con fecha 17/04/07 ante este Registro Civil Único de Madrid se presentó escrito por ANTONIO [REDACTED] DA SILVA, mayor de edad, de nacionalidad española, persona nacida en BRASIL, cuya inscripción de nacimiento consta en el R.C. de CENTRAL, al tomo y página que obran en el expediente, con domicilio en Madrid, con D.N.I.50754857.

En dicho escrito la persona promotora interesaba la incoación de expediente gubernativo con la finalidad de rectificar la mención del sexo en la inscripción de su nacimiento, así como el cambio de su nombre propio por "PAULA [REDACTED]".

Segundo. Se solicita así mismo el traslado total del folio registral, con cancelación del actual asiento de su nacimiento.

Tercero. Se aportan las pruebas que constan, dándose traslado al Ministerio Fiscal a fin de que emitiera el preceptivo Informe, que se formuló en el sentido de acceder a la petición formulada por la persona promotora.

FUNDAMENTOS JURÍDICOS

Primero. Que de conformidad con lo dispuesto en la Ley 3/2007 de 15 de marzo, artículos 1º y 2º, y por haberse acreditado los requisitos expresados en su artículo 4º, procede acceder a lo solicitado.

Segundo. Que, conforme a lo dispuesto en el artículo 98 de la Ley del Registro Civil, procede declarar la gratuidad del expediente.

### PARTE DISPOSITIVA

Vistos los artículos citados y demás de general y pertinente aplicación, don Luis DE LA HAZA RUANO, Magistrado Encargado del Registro Civil Único de Madrid, DIJO:

Que, estimando la pretensión deducida en el presente expediente por la persona promotora del mismo, D/D<sup>a</sup>. ANTONIO [REDACTED] DA SILVA, DEBIA ACORDAR Y ACORDABA:

-LA RECTIFICACIÓN DE LA MENCIÓN DE SU SEXO EN LA INSCRIPCIÓN DE SU NACIMIENTO, OBRANTE EN LA SECCIÓN PRIMERA DEL REGISTRO CIVIL DE CENTRAL, al Tomo 660T y Página 371, POR EL DE "MUJER".

-EL CAMBIO DEL NOMBRE PROPIO QUE LA DICHA PERSONA OSTENTA, "ANTONIO [REDACTED]", POR EL DE : "PAULA [REDACTED]".

-Y, POR HABER NACIDO EN LA LOCALIDAD DE BRASIL, LÍBRESE EXHORTO AL REGISTRO CIVIL DE CENTRAL, A LOS EFECTOS DE QUE SE PROCEDA AL CUMPLIMIENTO DE LO ACORDADO, Y SE RESUELVAN, EN SU CASO, SOBRE LA PETICIÓN DE TRASLADO Y CANCELACIÓN SOLICITADA DEL FOLIO REGISTRAL INTERESADO ( se une testimonio de la solicitud formulada ), ASÍ COMO A LA PRÁCTICA DE LAS NOTIFICACIONES PREVISTAS EN EL ARTÍCULO 217 DEL REGLAMENTO DEL REGISTRO CIVIL.

Se declara la gratuidad del expediente.

Así, por esta Resolución, contra la que cabe RECURSO ante la Dirección General de los Registros y del Notariado en el término de QUINCE DÍAS HÁBILES desde su notificación, lo manda y firma S.S<sup>a</sup>.

COPIA: Que el anterior documento transcrito, coincide fielmente con el original, que me ha sido exhibido, y para que conste, libro el presente en Madrid, a

10 9 MAR 2011





## Abril Pro Mix

Aniversário do Cinemix  
presenteando seus clientes  
durante todo mês, ao preço de  
R\$ 5,00 com várias atrações.

Shows GLS  
Shows ao vivo (hétero)  
Stripper Fem. e Masc.  
Voz e Violão  
Bandas de Pagode  
Brega e Forró

*Não Percam*

Rua da Soledade, 352 - Boa Vista  
Recife/PE - Fone: (81) 3223.7050

Aceitamos Master Card e Rede Shop

## Programação

### Segunda:

Show ao Vivo Hétero

### Terça:

Shows Variados

### Quarta:

Shows Variados

### Quinta:

Show ao Vivo GLS

### Sexta:

Voz e Violão

### Sábado:

Brega e Forró

### Domingo:

Pagode / Brega / Shows

(PRÓXIMO AO EDF. MÓDULO)

Não Jogue este panfleto em via pública



O mais Novo e Moderno  
Cinema do Recife.  
Com 08 ambientes de puro  
prazer a sua disposição.

DE SEGUNDA A DOMINGO - DAS 10h ÀS 0h  
RUA DA SOLEDADE, 352 - BOA VISTA - RECIFE

FONE: (81) 3223.7050

(PRÓXIMO AO EDF. MÓDULO)

E-mail: cinemixnordeste@bol.com.br

- \* Sala de cine hétero
- \* Sala de vídeo GLS climatizada
- \* Área ao ar livre c/Clips e Churrasqueira
- \* American Bar
- \* Bar dançante
- \* Sala VIP
- \* Cabines Free
- \* Dark room c/ Glory Holes

**COPA DO MUNDO  
ALEMANHA - 2006**



FIFA WORLD CUP  
GERMANY  
2006

GRUPO A	GRUPO B	GRUPO C	GRUPO D
Alemanha	Inglaterra	Argentina	México
Costa Rica	Trinidad Tobago	C. do Marfim	Ira
Polônia	Paraguai	Holanda	Angola
Equador		Serv. Mont.	Portugal
GRUPO E	GRUPO F	GRUPO G	GRUPO H
Itália	Brasil	França	Espanha
Rep. Theca	Japão	Togo	Ucrânia
Gana	Austrália	Coreia do Sul	Tunísia
	Croácia	Suíça	Arábia Saudita



MINISTERIO  
DEL INTERIOR



DIRECCIÓN GENERAL  
DE LA POLICÍA Y DE  
LA GUARDIA CIVIL

JEFATURA SUPERIOR DE  
POLICÍA DE MADRID  
COMISARIA DE  
CHAMBERÍ

**NOTIFICACIÓN DE ACUERDO DE INICIO DE EXPEDIENTE DE EXPULSIÓN POR  
EL PROCEDIMIENTO PREFERENTE.**

**N/REF.: 17888**

**FECHA : 01/08/07**

**Hora: 16:00**

**ASUNTO: Notificando acuerdo de expediente sancionador.**

**DESTINATARIO: Luis ██████████ FILHO.**

*El día 01 de agosto de 2007 por el Inspector Jefe, Jefe Accidental de la Comisaría de distrito de Chamberí, se ha dictado Acuerdo, cuyo tenor literal es el siguiente:*

*Vista la denuncia con número de registro de salida 17888, formulada por los funcionarios del Cuerpo Nacional de Policía con carnés profesionales números 89398 y 92941, adscritos a la Comisaría de Chamberí, indicativo Alfa-Chamberí, atendiendo a los hechos que en la misma se mencionan y que son:*

*1.- A las 01:45 horas del día 01/08/2007, en la calle Fortuny nº 29 de Madrid, procedieron a la detención del ciudadano Luis ██████████ FILHO, de nacionalidad BRASILEÑA, por el siguiente motivo:*

*Carecer de documentación que acredite su estancia legal en España, al procederse a su identificación.*

*2.- Que, de los referenciados hechos la persona responsable es Luis ██████████ FILHO, nacido en Quixeramobim, Brasil, el 18-04-1975, hijo de Luis e Isabel, con domicilio en la calle Hortaleza nº 7, 1º de Madrid y número de NIE asignado X-8966425-J.*

*3.- Una vez en la Dependencia Policial se pudo comprobar que le es de aplicación el artículo 53 a) de la Ley Orgánica 4/2000, de 11 de enero, sobre derechos y libertades de los extranjeros en España y su integración social, reformada por la Ley Orgánica 8/2000, Ley Orgánica 11/2003 y Ley Orgánica 14/2003, que textualmente dice: **Encontrarse irregularmente en territorio español, por no haber obtenido la prórroga de estancia, carecer de autorización de residencia o tener caducada más de tres meses la mencionada autorización, y siempre que el interesado no hubiere solicitado la renovación de la misma en el plazo previsto reglamentariamente.***

*De acreditarse la indicada infracción la sanción que puede llegar a imponerse es la de SU EXPULSIÓN DEL TERRITORIO NACIONAL CON PROHIBICIÓN DE ENTRADA POR UN PERÍODO DE TRES A DIEZ AÑOS, conforme a los artículos 57 y 58 de la meritada Ley Orgánica 4/2000 y artículo 139.c del Real Decreto 2393/2004, de 30 de diciembre, por el que se aprueba el Reglamento que desarrolla la Ley de Extranjería. La prohibición de entrada que se establezca como consecuencia de la medida de expulsión, caso de que fuese acordada, se extenderá, no sólo al territorio español, sino también a los territorios de Francia, Alemania, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Portugal, Italia, Austria, Grecia, Dinamarca, Suecia, Finlandia, Noruega e Islandia, en virtud de lo previsto en el artículo 96 del Convenio de Aplicación del Acuerdo Schengen, de 29 de junio de 1990. En el caso de ser titular de una autorización de residencia o tuviera pendiente de resolver un expediente administrativo, de probarse aquella infracción, llevaría aparejada su extinción o archivo.*



CORREO ELECTRÓNICO  
of.m.uci@oficial.dgp.mir.es

C/ Rafael Calvo, nº 33  
28010 - MADRID  
TEL - 91 322 32 68  
FAX - 91 322 32 63



MINISTERIO  
DEL INTERIOR



DIRECCIÓN GENERAL  
DE LA POLICÍA Y DE  
LA GUARDIA CIVIL

JEFATURA SUPERIOR DE  
POLICIA DE MADRID  
COMISARIA DE  
CHAMBERI

4.- De conformidad con lo dispuesto en el artículo 20 de la Ley Orgánica 4/2000, de 22 de 11 de enero, reformada por la Ley Orgánica 8/2000, Ley Orgánica 11/2003 y Ley Orgánica 14/2003 y artículo 112 del Reglamento de Extranjería, el procedimiento aplicable para la imposición de sanciones prevista en la vigente Ley de Extranjería, se ajustará a lo dispuesto en la propia Ley y a las normas previstas en su Reglamento.

5.- Conforme a lo dispuesto en el artículo 61 de la Ley de Extranjería, el Instructor, a fin de asegurar la resolución final que pudiera recaer, podrá adoptar alguna de las medidas cautelares recogidas en dicho artículo.

6.- El Órgano competente para dictar la resolución definitiva del presente procedimiento, conforme el artículo 55.2 de la Ley Orgánica 4/2000, de 11 de enero, reformada por la Ley Orgánica 8/2000, Ley Orgánica 11/2003 y Ley Orgánica 14/2003, es el Delegado del Gobierno en la Comunidad Autónoma de MADRID.

7.- El interesado puede reconocer voluntariamente su responsabilidad, según dispone el artículo 123.1 e) del Reglamento de Ejecución.

Vistos los preceptos reseñados y demás de general y pertinente aplicación en uso de la facultades que me confiere el artículo 115 del Real Decreto 2393/2004, de 30 de diciembre, (B.O.E. núm. 6, del 7 de enero de 2005) según facultad delegada por el Jefe Superior de Policía de Madrid, por resolución de 12 de marzo de 2000, publicada en el Boletín Oficial de la Comunidad Autónoma de Madrid número 81, de fecha 5 de abril de 2000.

**ACUERDO** la iniciación del procedimiento administrativo sancionador contra Luis [REDACTED] [REDACTED] FILHO, nacido en Quixeramohim, Brasil, el 18-04-1975, hijo de Luis e Isabel, con domicilio en la calle Hortaleza nº 7, 1º de Madrid y número de NIE asignado X-8966425-J, conforme a los trámites previstos en el artículo 63 de la Ley de Extranjería y artículos 112 y 131 del Real Decreto 2393/2004, para el ejercicio de la potestad sancionadora.

**NOMBRAR** como Instructor para el presente procedimiento al funcionario del Cuerpo Nacional de Policía, con carné profesional número 98151 su régimen de recusación el contemplado en los artículos 28 y 29 de la Ley 30/1992, de 26 de noviembre, del Régimen Jurídico de las Administraciones Públicas y del Procedimiento Administrativo Común, modificada por la Ley 4/1999, de 13 de enero.

**NOTIFIQUESE** al interesado, del derecho a la asistencia jurídica gratuita, si careciera de recursos económicos suficientes, conforme a lo establecido en el artículo 22 de la meritada Ley y artículo 139 de su Reglamento de Ejecución.

**COMUNIQUESE** el presente acuerdo al órgano instructor, con traslado de todas las actuaciones practicadas, y notifiqueste al interesado, con las menciones expresas legalmente establecidas.

De lo que en cumplimiento de lo dispuesto, se le da traslado para su conocimiento y demás efectos, en aplicación de lo preceptuado en la normativa vigente reguladora de la materia.

Se le advierte que, de conformidad con el artículo 63.1 de la citada Ley Orgánica 4/2000, modificada por la Ley Orgánica 8/2000, y artículo 131 apartados 1 y 3 del Reglamento de Ejecución, aprobado por el Real Decreto 2393/2004, de 30 de diciembre, (B.O.E. núm. 6, de 7 de enero de 2004), dispone de un plazo de **CUARENTA Y OCHO HORAS**, a contar desde la notificación de la presente notificación, para aportar cuantas alegaciones, documentos o informaciones estime convenientes y, en su caso proponer prueba concretando los medios de

CORREO ELECTRÓNICO

of.m.ucr@oficial.dgp.mir.es

C/ Rafael Calvo, nº 33  
28010 - MADRID  
TEL - 91 322 32 68  
FAX - 91 322 32 63



MINISTERIO  
DEL INTERIOR



DIRECCIÓN GENERAL  
DE LA POLICÍA Y DE  
LA GUARDIA CIVIL

JEFATURA SUPERIOR DE  
POLICÍA DE MADRID  
COMISARIA DE  
CHAMBERÍ

que pretenda valerse, significándole que de no efectuar alegaciones sobre el contenido de esta notificación en dicho plazo, y dado que, la transcrita notificación contiene un pronunciamiento preciso acerca de: los hechos imputados, calificación y de la responsabilidad imputada, la notificación de iniciación de expediente de expulsión, será considerado como propuesta de resolución con remisión del expediente a la Autoridad competente para resolver.

Igualmente se le advierte que en cumplimiento con lo regulado en el artículo 121.1 del Real Decreto 2393/2004, si no hubiese recaído resolución transcurridos SEIS MESES desde la incoación del procedimiento sancionador, se producirá la caducidad del procedimiento y se procederá al archivo de las actuaciones, excepto en los casos en que el procedimiento se hubiera paralizado por causa imputable al interesado o en aquellas supuestas en que se hubiere acordado la suspensión del mismo.



EL INSTRUCTOR

*[Firma manuscrita]*

EL/LA ABOGADO/A

*[Firma manuscrita]*

EL INTERESADO

EL INTÉRPRETE

CORREO ELECTRÓNICO  
ofm.uom@oficial.dgp.mir.es

C/ Rafael Calvo, nº 33  
28010 - MADRID  
TEL - 91 322 32 68  
FAX - 91 322 32 63



ADMINISTRACION  
DE JUSTICIA

Procedimiento: Expediente de extradición 1/2007

**JUZGADO CENTRAL DE INSTRUCCIÓN Nº 4  
AUDIENCIA NACIONAL  
MADRID**

**AUTO**

En Madrid a nueve de abril de dos mil siete.

**I.- HECHOS**

**ÚNICO.-** Por auto de fecha 19.01.2007, dictado por este Juzgado Central de Instrucción núm. 4 se decretó la prisión provisional comunicada e incondicional a disposición de este Juzgado Central de Instrucción núm. Cuatro a fines de Extradición a Brasil, del ciudadano brasileño [REDACTED] PAULISTA [REDACTED], al ser objeto de Orden Internacional de detención expedida por las Autoridades Judiciales de Brasil, 11º Juzgado Federal de Goiania/Goias, emitida el 24.03.2006, número 24/06, por delito de trata de mujeres.

**II.- RAZONAMIENTOS JURIDICOS**

**UNICO.-** Habiendo expirado el plazo de ochenta días fijado en la resolución de 24.01.2007, para la presentación de la documentación extradicional por las Autoridades Judiciales de Brasil del ciudadano brasileño [REDACTED] PAULISTA [REDACTED], y no habiéndose presentado ni el Ministerio de Justicia ni en el de Asuntos Exteriores; procede reformar su situación de prisión y en su lugar decretar su libertad inmediata, y ello de conformidad con el Convenio Europeo de Extradición, Ley de Extradición Pasiva y Ley de Enjuiciamiento Criminal.

**III. PARTE DISPOSITIVA**

**S.Sª, ILMA ACUERDA: SE REFORMA EL AUTO DE FECHA DIECINUEVE DE ENERO DE DOS MIL SIETE, POR EL QUE SE DECRETO LA PRISION PROVISIONAL COMUNICADA A FINES DE EXTRADICION A BRASIL DEL CIUDADANO BRASILEÑO [REDACTED] PAULISTA [REDACTED], y en su lugar se acuerda DECRETAR SU LIBERTAD, debiendo fijar domicilio donde poder ser localizado y notificar a este Juzgado los cambios que del mismo pudiera hacer, al no haberse presentado demanda formal de extradición en el plazo de cuarenta días fijado de conformidad con el Convenio Europea de Extradición.**

Librese Exhorto vía fax, al Juzgado de Instrucción de Guardia de Colmenar Viejo, interesando libre el oportuno mandamiento de libertad al



ADMINISTRACION  
DE JUSTICIA

Sr. Director del Centro Penitenciario de esa localidad, Soto del Real (Madrid V).

Notifíqueseles esta resolución con instrucción de sus derechos y recursos que pueden ejercitar, y póngase en conocimiento del Ministerio Fiscal.

Líbrense testimonio de la presente resolución a los Excmos. Sres. Ministros de Justicia, interior y Asuntos Exteriores, así como al Excmo. Sr. Presidente de la Sección Segunda de lo Penal de la Audiencia Nacional.

Esta resolución no es firma y frente a ella cabe interponer recurso de reforma ante este Juzgado en el término de tres días.

Así lo acuerda, manda y firma el Ilmo. Sr. D. Fernando Andreu Merelles, Magistrado- Juez Central de Instrucción número Cuatro de la Audiencia Nacional, con sede en Madrid; doy fe.

**DILIGENCIA.-** Seguidamente se cumple lo ordenado, doy fe.





Administración  
de Justicia

**JUZGADO DE INSTRUCCIÓN Nº 2  
DE COLMENAR VIEJO**

**HABEAS CORPUS Nº. 2/07-A**

**AUTO DENEGANDO HABEAS CORPUS**

En Colmenar Viejo, a 9 de Abril de dos mil siete.

**ANTECEDENTES DE HECHO**

**PRIMERO.-** Por D. ~~XXXXXXXXXX~~ PAUCISTA ~~XXXXXXXXXX~~ se ha formulado escrito solicitando el procedimiento de "Habeas Corpus", manifestando que se encuentra privado de libertad en el Centro Penitenciario de Soto del Real, Madrid V, acordándose examinar la concurrencia de los requisitos para su tramitación y dándose traslado al Ministerio Fiscal.

**SEGUNDO.-** Que por el Ministerio Fiscal se ha emitido informe en el sentido de que no procede la incoación del procedimiento instando por los motivos que constan en dicho informe.

**FUNDAMENTOS JURÍDICOS**

**ÚNICO.-** Que visto lo alegado por el solicitante y el informe emitido por el Ministerio Fiscal y dado que no concurren los presupuestos que para la tramitación del procedimiento de "Habeas Corpus" se prevén en los artículos 2, 3, 4 y 6 de la L.O. 6/1984, de 24 de mayo, no procede la incoación del procedimiento instado.

En atención a todo lo expuesto,

**PARTE DISPOSITIVA**

**DISPONGO.-** No ha lugar a la incoación del procedimiento de "Habeas Corpus" solicitado en virtud de los razonamientos jurídicos contenidos en la presente resolución.

Notifíquese este auto al solicitante y al Ministerio Fiscal, así como al Centro Penitenciario Madrid V.

Así, por este auto, lo acuerda, manda y firma D<sup>a</sup>. SONIA AGUDO TORRIJOS, Magistrado-Juez del Juzgado de Instrucción nº 2 de Colmenar Viejo y su Partido Judicial. Doy fe.

EL/LA MAGISTRADO-JUEZ



EL/LA SECRETARIO JUDICIAL





Procedimiento: EXTRADICION N° 1/07  
 JUZGADO CENTRAL DE INSTRUCCIÓN  
 NUMERO CUATRO  
 AUDIENCIA NACIONAL

ES COPIA

### AUTO

En Madrid, a diecinueve de enero de dos mil siete

### I - HECHOS

**PRIMERO.-** Que por el Servicio de Interpol de la Dirección General de la Policía, se participa a este Juzgado la detención preventiva de [REDACTED] PAULISTA [REDACTED], en el día de hoy, de nacionalidad Brasileña, reclamado en virtud de Orden Internacional de Detención a efectos de extradición expedida por las Autoridades Judiciales de Brasil, en base a los hechos que figuran en la misma

**SEGUNDO.-** Que el detenido [REDACTED] PAULISTA [REDACTED] ha sido puesto a disposición de este Juzgado Central de Instrucción 4, habiéndose llevado a cabo la audiencia y comparecencia a que se refiere el artículo 505 de la Ley de Enjuiciamiento Criminal, con asistencia del Ministerio Fiscal, el reclamado, abogado de éste e intérprete, en su caso, con el resultado que obra en las actuaciones.

### II - RAZONAMIENTOS JURIDICOS

**PRIMERO.-** Dispone la Ley de Enjuiciamiento Criminal, en su «Artículo 502 que:

1. Podrá decretar la prisión provisional el juez o magistrado instructor, el juez que forme las primeras diligencias, así como el juez de lo penal o tribunal que conozca de la causa.
2. La prisión provisional sólo se adoptará cuando objetivamente sea necesaria, de conformidad con lo establecido en los artículos siguientes, y cuando no



ADMINISTRACION  
DE JUSTICIA

- existan otras medidas menos gravosas para el derecho a la libertad a través de las cuales puedan alcanzarse los mismos fines que con la prisión provisional.
3. El juez o tribunal tendrá en cuenta para adoptar la prisión provisional la repercusión que esta medida pueda tener en el imputado, considerando sus circunstancias y las del hecho objeto de las actuaciones, así como la entidad de la pena que pudiera ser impuesta.
4. No se adoptará en ningún caso la prisión provisional cuando de las investigaciones practicadas se infiera racionalmente que el hecho no es constitutivo de delito o que el mismo se cometió concurriendo una causa de justificación.»

Por su parte, el Artículo 503 establece los presupuestos y requisitos para que la prisión provisional pueda ser decretada y en el caso que nos ocupa, nos encontramos en primer lugar, ante unos hechos que revisten inicialmente los caracteres de delito de Estafa que se hallan tipificados en el Código Penal, cumpliéndose de este modo el primer requisito citado.

Por otra parte, se llega a la conclusión de que existen en la causa motivos suficientes para creer presuntamente responsables criminalmente de dichos delitos a los imputados pues existen indicios racionales de criminalidad basados en el contenido de la propia Orden Internacional de Detención extradición 1/07

De esta forma se cumple así el segundo de los requisitos del artículo 503 de la Ley de Enjuiciamiento Criminal, al aparecer en la causa motivos bastantes para creer responsables criminalmente del presunto delito de Trata de personas, a ~~PAULISTA~~ PAULISTA ~~PAULISTA~~

Mediante la adopción de la medida de prisión provisional se persigue: a) **Asegurar** la presencia del imputado en el proceso cuando pueda inferirse racionalmente un riesgo de fuga; b) **Evitar** la ocultación, alteración o destrucción de las fuentes de prueba relevantes para el enjuiciamiento; c) **Evitar** el riesgo de que el imputado cometa otros hechos delictivos.

Debe ponderarse el peligro de fuga y la posible desaparición de fuentes de prueba y el riesgo de que el imputado cometa otros hechos delictivos.

Dicho peligro de fuga es elemento determinante, y sobre ese factor se ha de interpretar el de la gravedad punitiva, pues es lógico pensar que a mayor penalidad el riesgo de fuga aumenta, si bien dicho peligro no puede nunca llegar a subsumirse o identificarse absolutamente con el "fumus boni iuris", pues el Juez siempre ha de ponderar otros estándares, tales como el arraigo, cargas familiares, etc., que puedan acreditar la ausencia del peligro de fuga del



imputado. Para valorar la existencia de este peligro se ha tenido en cuenta en el presente caso conjuntamente a la naturaleza del hecho, la gravedad de la pena que pudiera imponerse al imputado, la situación familiar, laboral y económica de éste, así como el hecho de que el reclamado se ha sustraído a la acción de la Justicia del país que le reclama.

Para valorar la existencia del peligro de ocultación, alteración o destrucción de fuentes de prueba se han de tener en cuenta cuantas circunstancias pueden incidir en la capacidad del imputado para acceder por sí o a través de terceros a las fuentes de prueba o para influir sobre otros imputados, testigos o peritos o quienes pudieran serlo.

En relación a evitar el riesgo de que el imputado cometa otros hechos delictivos, se ha valorado la existencia de este riesgo atendiendo a las circunstancias del hecho, así como a la gravedad de los delitos que se pudieran cometer.

De este modo se produce la concurrencia en las presentes actuaciones del 3º requisito a que se refiere el art. 503 de la Ley de Enjuiciamiento Criminal.

Sin perjuicio de lo expuesto y para mayor abundamiento, hay que señalar que la especialidad de la prisión provisional a efectos extradicionales, venía siendo reconocida constitucionalmente por el máximo garante de la Constitución y de los derechos fundamentales de la persona en España, como es el Tribunal Constitucional; así, las Sentencias del Alto Tribunal, Sala Segunda, 207/2000, de 24 de julio, 147/2000, 29 de mayo; y 305/2000, de 11 de diciembre (Sala Primera) señalaban la especificidad de dicha materia y el riesgo esencial que constitucionalmente debía ser atendido.

Aunque cierto es que la privación cautelar de libertad en esta materia (aseguramiento de la orden internacional de detención), por sus efectos materiales, es idéntica a la que cabe acordar en el proceso penal interno español, mantiene puntos diferenciales que han de ser resaltados. Así, se produce en un proceso judicial dirigido exclusivamente a resolver sobre la petición de auxilio jurisdiccional internacional en que la Orden Internacional de Detención consiste. No se ventila en él la existencia de responsabilidad penal, sino el cumplimiento de las garantías previstas en las normas que rigen dicha materia (Convenio Europeo de Extradición de 13 de diciembre de 1957 y el art. 8.2 de la Ley 4/85, de 21 de marzo, sobre Extradición pasiva) y, por ello, no se valora la implicación del detenido en los hechos que motivan la Orden Internacional de Detención, tampoco se exige el control de los indicios racionales de criminalidad en que se funda la misma, ni son aplicables en bloque las normas materiales y procesales sobre la prisión provisional previstas en la Ley de



Enjuiciamiento Criminal; pues se trata, en definitiva de que, atendiendo a las circunstancias del caso y con la finalidad de asegurar la ejecución de la Orden Internacional de Detención a efectos Extradicionales adoptar las medidas cautelares necesarias para asegurar la efectividad del fin último pretendido con la Orden de Detención, esto es, la entrega material del reclamado al país solicitante si así procede, una vez cumplimentados los trámites previstos legalmente a tal fin.

**TERCERO.-** Teniendo en cuenta los hechos que se imputan a [REDACTED] PAULISTA [REDACTED], y que se contienen en el comunicado recibido, así como las circunstancias reseñadas en el Fundamento anterior y la petición del Ministerio Fiscal, procede decretar la prisión provisional incondicional y comunicada del mismo.

### III – PARTE DISPOSITIVA

**S.Sª ILMA. ACUERDA: SE DECRETA LA PRISION PROVISIONAL INCONDICIONAL Y COMUNICADA DE JOSYEL PAULISTA VIEIRA,** a disposición de este Juzgado Central de Instrucción núm. 4 y a resultas de la presente solicitud de extradición efectuada por las Autoridades de BRASIL, elevando a tal situación la detención efectuada por los funcionarios policiales que se reseña en los Hechos de esta resolución y que quedará sin efecto si no se formaliza la demanda de extradición en el plazo de cuarenta días, a contar desde el día en que se llevó a efecto la detención preventiva.

Fórmese Pieza de Situación con testimonio de esta Resolución, notifíquese la presente al reclamado con instrucción de sus derechos y al Ministerio Fiscal.

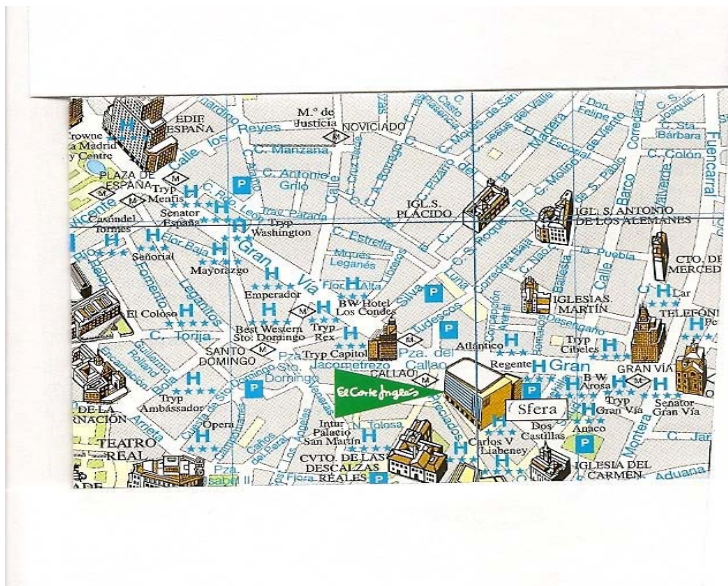
Remítase testimonio literal de la presente resolución a los Excmos. Sres. Ministros de Asuntos Exteriores y de Justicia, Presidente de la Sección Segunda de lo Penal de esta Audiencia Nacional e Ilmo. Sr. Comisario Jefe del Servicio de Interpol; dese cuenta en su día respecto al plazo que se fija para la presentación en forma de la solicitud de Extradición.

Esta Resolución no es firme y contra ella cabe recurso de REFORMA ante este Juzgado en el plazo de TRES días y, en su caso, de APELACION ante la Sala de lo Penal de la Audiencia Nacional, que ha de interponerse en el plazo de CINCO días ante este Juzgado en los términos previstos en el artículo 766 de la L.E.Criminal.



Así lo acuerda manda y firma el Ilmo. Sr. D. FERNANDO ANDREU  
MERELLES, Magistrado Juez del Juzgado Central de Instrucción núm.  
CUATRO

DILIGENCIA.- Seguidamente se cumple lo mandado. Doy fe.



Calle Desengaño. Paralela a Gran Via, Próximo a Telefónica e entrada para Calle Barco.



Mapa da cidade do Recife.

**Patrício, Maria Cecília**

**No truque : transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras / Maria Cecília Patrício. – Recife: O autor, 2008.**

**260 folhas : il., fig., fotos, quadros.**

**Tese (doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2008.**

**Inclui: bibliografia e anexos.**

**1. Antropologia. 2. Travestis – Brasil. 3. Travestis – Mercado de trabalho – Europa. 4. Migração internacional – Europa – Espanha. 5. Transnacionalidade. 6. Identidade nacional. I. Título.**

**39  
390**

**CDU (2. ed.)  
CDD (22. ed.)**

**UFPE  
BCFCH2008/06**



# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)